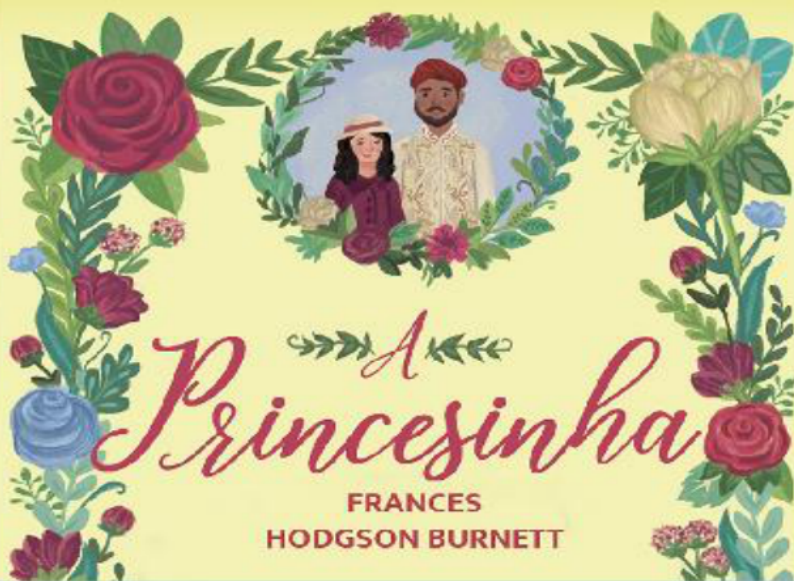
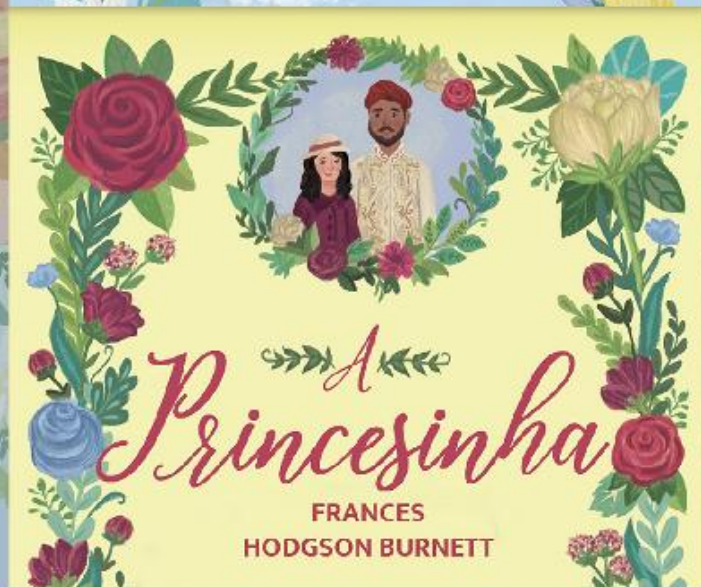




VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM





Heidi

Copyright © 2022 by Novo Século Editora Ltda.

A Princesinha

Copyright © 2022 by Frances Hodgson Burnett

Copyright © 2022 by Novo Século Editora Ltda.

EDITOR: Luiz Vasconcelos

ASSISTENTE EDITORIAL: Amanda Moura

PREPARAÇÃO: Elisabete Franczak Branco

REVISÃO: Luísa Bérigami

CAPA E ILUSTRAÇÕES: Ligia Camolesi

DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO: Manoela Dourado

EBOOK: Sergio Gzeschnik

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Heidi + A Princesinha / Johanna Spyri e Frances Hodgson Burnett – Barueri, SP : Novo Século Editora, 2024.

ISBN 978-65-5561-845-7 (ebook)

Literatura infantojuvenil.



uma marca do
Grupo Novo Século

Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1111 | 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – SP – Brasil | Tel.: (11) 3699-7107 |
atendimento@gruponovoseculo.com.br | www.gruponovoseculo.com.br

PARTE I

*Os anos de aprendizagem e as viagens de
Heidi*

Capítulo 1

Subindo a montanha

A localização do pequeno vilarejo de Maienfeld é encantadora. Há uma trilha que conduz por caminhos repletos de verde e é muito arborizada até o sopé das montanhas, que se erguem de forma imponente sobre o vale. Logo no início da trilha, que é muito íngreme e leva diretamente aos Alpes, é possível sentir o cheiro da relva rasteira da charneca e das plantas pungentes da montanha, que exalam um perfume suave na direção das pessoas que por lá passam.

Em uma manhã ensolarada de junho, uma moça alta, de aparência vigorosa, nativa da região montanhosa, subia pela estreita trilha, levando pela mão uma garotinha cujas bochechas brilhavam tanto que dava para perceber na pele morena, queimada de sol. Mas também, apesar do sol quente de junho, a pequenina, que mal devia ter cinco anos de idade, estava muito agasalhada, como se precisasse se proteger de uma forte geada. Era difícil saber sua silhueta real, pois usava dois, ou talvez até três, vestidos, um por cima do outro. Ainda estava enrolada em um enorme xale vermelho de algodão e calçava botas com solas ferradas, próprias para as montanhas. Com o rosto ardendo, suando e sem fôlego, a pequena figura disforme subia a montanha com muita dificuldade.

As duas devem ter levado uma hora para subir do vale ao vilarejo, que ficava na metade da montanha. Eram saudadas por vozes alegres de quase todas as portas e janelas pelo caminho, pois a moça estava em sua cidade natal. Apesar de responder a todos os cumprimentos e a todas as perguntas enquanto ia passando, ela só parou ao chegar à última casinha que ficava no fim do vilarejo. Ali,

alguém gritou de uma porta:

– Espere um pouco, Dete, se for subir, vou com você.

A moça parou. Imediatamente, a criança soltou da mão dela e se sentou no chão.

– Está cansada, Heidi? – perguntou.

– Não, estou com calor – respondeu a menina.

– Já estamos quase lá. Conseguiremos chegar em uma hora se você der passos grandes e fizer um esforço – comentou, encorajando-a.

Nesse momento, uma mulher gorducha e de aparência bondosa veio ao encontro delas. A menina se levantou e passou a caminhar atrás das duas velhas conhecidas, que logo começaram uma conversa animada sobre os habitantes da vila e das muitas casas da vizinhança.

– Para onde vai levar a menina, Dete? – perguntou a recém-chegada. – É a filha da sua irmã que faleceu?

– É, sim – respondeu Dete. – Vou levá-la para o Tio da Montanha; é com ele que ela vai ficar.

– Como assim? Vai deixar a menina lá em cima, com o Tio da Montanha? Você só pode ter enlouquecido, Dete. Tenho certeza de que o velho vai mandá-la dar meia-volta e nem lhe dará ouvidos.

– Por que ele não me ouviria? Ele é avô dela, já passou da hora de fazer alguma coisa por essa criança. Cuidei dela o verão todo, mas agora recebi uma boa oferta de trabalho e não vou recusar por causa de uma criança, tenha certeza disso!

– Bom, se ele fosse como todo mundo, eu não veria problema. Mas você o conhece. Como ele pode cuidar da menina, ainda por cima tão pequena? Ela nunca vai se dar bem com ele! E onde é esse emprego?

– É em uma casa maravilhosa em Frankfurt. No verão passado, uma família se hospedou no hotel em que trabalho. Eu era responsável por arrumar o quarto deles, e eles já queriam ter me levado naquela ocasião, mas não pude ir. Agora estão aqui de novo e me convenceram a ir com eles.

– Eu não queria estar no lugar dessa criança! – exclamou Bárbara, inconformada. – Ninguém sabe como vive o velho lá em

cima. Ele não conversa com ninguém. Durante o ano todo ele nem sequer pisa na igreja. Quando resolve aparecer, uma única vez ao ano, ninguém ousa se aproximar dele. Com aquelas sobrancelhas grossas e grisalhas, e a barba desgrenhada, parece um velho pagão ou um índio. Todo mundo tem medo de topar com ele quando resolve andar sozinho por aí, com aquela bengala desengonçada.

– Isso não é problema meu – disse Dete, decidida. – Ele não fará mal algum a ela. E, se fizer, é problema dele, e não meu.

– Eu só gostaria de saber que culpa o velho carrega na consciência para estar sempre com aquela cara fechada e viver tão sozinho lá em cima, sem falar com ninguém. As pessoas falam todo tipo de coisas sobre ele. Sua irmã nunca lhe contou nada, Dete?

– Claro que sim, mas não falo nada. Se ele souber que eu disse algo, pode me fazer pagar por isso!

No entanto, fazia muito tempo que Bárbara queria descobrir o que tinha acontecido ao Tio da Montanha para ele ser tão agressivo e viver completamente sozinho lá em cima. Por que será que as pessoas sempre se referiam ao velho de forma reticente, como se temessem algo? Ela também não sabia por que todos o chamavam de “Tio da Montanha”; afinal, não era tio de morador algum do vilarejo. Contudo, como todos o chamavam assim, ela fazia o mesmo.

Bárbara se mudou para o vilarejo quando se casou, havia pouco tempo. Já Dete, sua velha conhecida, tinha nascido e vivido no vilarejo até a morte da mãe, e saiu de casa apenas para trabalhar.

Sendo assim, Bárbara pegou no braço de Dete e disse, em tom confidencial:

– Gostaria que você me contasse a verdade sobre ele, pois você sabe, Dete, e as pessoas aqui só inventam fofocas. Conte-me o que aconteceu com aquele velho para todos ficarem tão avessos a ele. Ele sempre odiou todo mundo?

– Se ele sempre foi assim, não sei dizer ao certo. Tenho vinte e seis anos, e ele certamente já chegou aos sessenta, então não tenho como saber o que aconteceu na juventude dele. Mas, se eu tivesse certeza de que você não vai espalhar para Prättigau inteira,

poderia lhe contar muita coisa. Minha mãe era de Domleschg, e ele também.

– Ah, Dete, como pode falar assim? – rebateu Bárbara, um tanto ofendida. – As pessoas de Prättigau não são fofoqueiras, e eu também sei guardar segredo, se for preciso. Posso garantir que você não vai se arrepender de me contar.

– Está bem, eu conto, mas me dê a sua palavra de que vai ficar quieta! – advertiu Dete, olhando ao redor para ver se a menina não estava perto demais para ouvir o que ela tinha para dizer.

Mas nem dava para ver onde ela estava. Já devia fazer algum tempo que tinha se afastado das duas. Elas estavam tão entretidas com a conversa que não prestaram atenção nela. Dete parou e olhou para todas as direções. A trilha fazia algumas curvas, mas dava para ver quase tudo até o vilarejo lá embaixo.

– Lá está ela! Consegue ver? – disse Bárbara, apontando para bem longe no caminho. – Está subindo um aclave com Pedro das Cabras. Por que será que hoje ele está subindo tão tarde com o rebanho? Mas isso é bom para nós, pois assim ele cuida dela enquanto você me conta a história.

– Pedro não precisa se preocupar muito com ela – comentou Dete. – Ela é bem esperta para uma criança de cinco anos. É atenta e percebe muito bem tudo o que acontece, já notei isso. E vai ser bom para ela, pois o velho não tem nada além das duas cabras e uma cabana.

– Ele algum dia já teve mais? – perguntou Bárbara.

– Sim, já teve mais. Era herdeiro de uma enorme fazenda em Domleschg. Mas só queria desfrutar dos prazeres da vida e acabou perdendo tudo no jogo e com bebidas. Os pais morreram de desgosto e ele sumiu de lá. Depois de muitos anos, reapareceu com um menino já meio crescido, filho dele, Tobias era o seu nome, tornou-se carpinteiro e passou a ficar muito quieto. Houve muitos boatos estranhos sobre o motivo de ele ter saído de Domleschg e ter ido para Dorfli. Somos parentes, pois a avó da minha mãe era prima dele. Como somos parentes de quase todo mundo do vilarejo também por parte de pai, passamos a chamá-lo de Tio também. Quando ele se mudou para o topo da montanha, todo mundo passou a tratá-lo de “Tio da Montanha”.

– Mas o que aconteceu com Tobias? – Bárbara perguntou ansiosa.

– Calma que já chego lá, não posso dizer tudo de uma só vez! – retrucou Dete. – Bom, Tobias estudava em Mels. Quando se formou, voltou para o vilarejo e se casou com a minha irmã, Adelaide. Sempre gostaram um do outro, e viviam muito felizes como marido e mulher. Mas a felicidade durou pouco. Dois anos depois do casamento, quando ajudava na construção de uma casa, uma viga caiu em cima dele, e ele acabou morrendo. Levaram-no para casa, e, ao ver seu corpo desfigurado, Adelaide teve uma febre tão forte por causa da dor da perda e do medo que sentiu, que nunca conseguiu se recuperar. Já não era muito forte, e às vezes ficava de um jeito que não sabíamos se estava acordada ou dormindo. Apenas algumas semanas depois da morte de Tobias, enterramos a pobre Adelaide também.

As pessoas diziam que Deus tinha castigado o tio por seus atos errados. Depois da morte do filho, ele nunca mais falou com ninguém. De repente, passou a morar nas montanhas e já não descia mais, e vive por lá em conflito com Deus e com os homens desde então.

Minha mãe e eu ficamos com o bebê de Adelaide, Heidi, que tinha um ano. Quando minha mãe morreu, no verão passado, descí até Ragaz para ganhar algum dinheiro e levei a menina comigo; porém, no começo da primavera, a família para quem eu trabalhei no ano passado voltou de Frankfurt e me convidou para ir com eles. E estou muito feliz por ter aceitado o emprego.

– E agora quer entregar a menina para aquele velho terrível. Não acredito que esteja fazendo isso, Dete – disse Bárbara em tom de reprovação.

– Fiz o que pude pela menina. Não sei para onde mais poderia levá-la, pois ela é muito pequena para ir comigo para Frankfurt. Mas... aonde você está indo, Bárbara? Já não estamos no meio do caminho?

Dete apertou a mão da acompanhante para se despedir e ficou parada enquanto Bárbara se dirigia a uma cabana pequena marrom-escura, que ficava a alguns passos da trilha, em um pequeno vale.

A cabana situava-se na metade do caminho para o topo da montanha, e, por sorte, estava em um lugar protegido, pois parecia tão frágil e decadente que devia ser até perigoso morar nela quando a ventania chegasse varrendo a montanha, fazendo portas e janelas baterem e estremecendo e estalando as vigas podres. Em dias assim, se a cabana ficasse mais exposta na montanha, seria imediatamente lançada ao vale.

Ali na montanha morava Pedro das Cabras, um menino de 11 anos que todas as manhãs ia buscar os animais no vilarejo e os levava para pastar nas montanhas, onde podiam comer plantas nutritivas nos campos. Então Pedro descia de novo para o vilarejo com as cabras de passos leves, e levava os dedos à boca em um assobio estridente para anunciar sua chegada; assim, os donos de cada cabra iam encontrá-lo para recolhê-las. Na maioria das vezes, quem vinha eram meninos e meninas, pois ninguém tinha medo das cabras, que eram muito mansas.

Aquele era o único momento em que Pedro encontrava seus amigos; do contrário, ficava apenas com os animais. Ele vivia com a mãe e a avó cega, mas só tinha tempo de tomar leite e comer um pedaço de pão pela manhã e, à noite, engolir a mesma comida, antes de se deitar e dormir. Saía bem cedo pela manhã e voltava bem tarde à noite, para aproveitar um pouco mais o tempo com os amigos no vilarejo. O pai, também conhecido como Pedro das Cabras, morrera alguns anos antes, em um acidente. A mãe, que se chamava Brígida, era conhecida como “a mulher do Pedro das Cabras”, e a avó cega era chamada simplesmente de “vovó”, tanto pelos velhos quanto pelos jovens.

Dete esperou cerca de dez minutos e olhou para todos os lados, em busca das crianças. Como não viu nenhuma delas, subiu mais um pouco até um ponto em que pudesse ter uma visão melhor do vale. Dali, olhou para um lado e para outro, com a impaciência estampada no rosto e nos gestos.

Enquanto isso, as crianças vinham lentamente por um grande desvio em zigue-zague, pois Pedro conhecia muitos lugares com todo tipo de arbustos e folhagens para as cabras; por isso, sempre saía do caminho com o rebanho. Ofegante e exausta com o peso das roupas, o calor e o desconforto, a menina o seguia pela encosta com dificuldade. Não dizia nada, mas olhava para Pedro com

inveja, que pulava sem esforço de um lado para outro, descalço e com calças leves. Tinha mais inveja ainda das cabras que pulavam arbustos, pedras e íngremes inclinações com as pernas saltitantes. De repente, a menina se sentou no chão, tirou rapidamente os sapatos e as meias e se levantou. Tirou então o grosso xale vermelho do pescoço, desabotoou e arrancou o vestido que estava por cima de outro, pois a tia a tinha vestido com a roupa de domingo por cima daquela do dia a dia, para não ter que carregá-la. Rapidamente, livrou-se também do outro vestido e ficou apenas com a roupa de baixo, de manga curta, com liberdade para esticar os braços. Depois, juntou tudo em um montinho e saiu pulando atrás das cabras e escalando a encosta ao lado de Pedro, com a maior agilidade. Pedro não tinha prestado atenção ao que a menina fazia quando ficou para trás e, ao vê-la chegar toda feliz com as novas roupas, abriu o maior sorriso, que ficou ainda mais largo quando viu o montinho de roupas que ela havia deixado para trás, mas não disse nada.

Agora que a menina se sentia livre e confortável, começou a conversar com Pedro, que precisou responder a várias perguntas. Ela queria saber quantas cabras ele tinha, para onde as levava e o que fazia quando chegava lá, e coisas assim.

Finalmente, aproximaram-se do topo, perto da cabana, e deram de cara com Dete, que, ao ver os companheiros de escalada, deu um grito:

– Heidi, o que você fez? Isso são modos? Onde estão os seus vestidos e o seu xale? E os sapatos novinhos que eu comprei para você, e as meias que eu fiz? Onde está tudo, Heidi?

Calmamente, a menina apontou para a descida da montanha.

– Estão ali!

A tia seguiu a direção de seu dedo. Era verdade, no lugar havia algo e, por cima, um ponto vermelho, que devia ser o xale.

– Que criança infeliz! – exclamou a tia, muito nervosa. – O que deu em você para tirar toda a roupa? O que significa isso?

– Não preciso das roupas – respondeu a menina, que não pareceu nem um pouco arrependida do que tinha feito.

– Ah, como pode ser tão tola, Heidi, você perdeu o juízo? – a tia continuou a lamentar, falando com a menina em tom de

reprovação. – Quem é que vai descer de novo agora para pegar as roupas? Leva meia hora para chegar até lá! Vamos, Pedro, corra até lá e pegue as coisas, rápido! Não fique aí parado, olhando para mim como se estivesse preso ao chão!

– Mas já estou atrasado – respondeu Pedro, sem sair do lugar, com as mãos nos bolsos, observando o chique da tia de Heidi.

– Se você ficar aí parado com esses olhos arregalados é que não vai a lugar algum! – gritou Dete. – Se descer até lá, vai ganhar isto! – mostrou uma moeda, que brilhou nos olhos do menino.

Pedro deu um salto e desceu correndo pelo caminho mais curto: em pouco tempo, chegou ao lugar em que estava o montinho de roupas. Pegou-as e voltou tão rápido que Dete o elogiou e lhe entregou a moeda. Pedro colocou-a rapidamente no bolso e abriu um largo sorriso, pois não era sempre que ganhava um tesouro como aquele.

– Pode levar tudo para mim até o tio; afinal, você está indo para o mesmo lugar – disse Dete enquanto se preparava para subir a encosta bem inclinada que se erguia logo atrás da cabana de Pedro das Cabras.

O menino obedeceu prontamente e seguiu as duas com as roupas embaixo do braço esquerdo, balançando a vara com o direito. Heidi e as cabras saltitavam alegres ao lado dele.

Após quarenta e cinco minutos, chegaram ao topo da montanha, onde ficava a cabana do velho tio, em um pedaço saliente de rocha, exposta a todo tipo de vento, mas também ao sol, com vista total para o vale. Atrás da cabana, havia três velhos abetos com galhos espessos e longos, que jamais haviam sido podados. Mais atrás, a montanha continuava subindo, primeiro com encostas bonitas e cheias de pastagens férteis, depois coberta por mato e pedras, até finalmente chegar à rocha nua e íngreme.

Na cabana, o tio estava sentado em um banco feito por ele, que ficava virado para o vale. Com o cachimbo na boca e as mãos nos joelhos, olhava calmamente as crianças, as cabras e Tia Dete, que aos poucos foi ficando para trás. Heidi foi a primeira a chegar. Aproximou-se do velho, estendeu a mão para ele e disse:

– Boa tarde, vovô!

– Opa, o que você quer dizer com isso? – perguntou o velho de

forma ríspida, mal apertando a mão da menina e examinando-a por baixo das sobrancelhas espessas.

Heidi retribuiu o longo olhar sem nem piscar. Queria observar direito aquele avô estranho, de barba longa e sobrancelhas grossas e grisalhas, que se juntavam acima do nariz e mais pareciam um matagal.

Nesse meio-tempo, a tia de Heidi chegou com Pedro, que estava ansioso para ver o que aconteceria.

– Bom dia, tio – saudou Dete, aproximando-se. – Esta é a filha de Tobias e Adelaide. Não deve reconhecê-la porque a última vez que a viu ela acabara de fazer um ano.

– E por que você a trouxe aqui? – perguntou o velho ríspidamente. – E você – disse, dirigindo-se a Pedro –, vá embora e leve minhas cabras! Você já está atrasado!

Pedro obedeceu de imediato e desapareceu, pois, pelo jeito como tinha olhado para ele, o tio dera a entender que não o queria por perto.

– Eu a trouxe para ficar com o senhor, tio – respondeu Dete. – Acho que já fiz minha parte ao longo desses quatro anos, agora é a sua vez de cuidar dela.

– Sei – disse o velho, lançando um olhar flamejante de raiva para Dete. – E se a menina começar a chorar e a reclamar, como costumam fazer as crianças desse tamanho? Eu não saberei o que fazer.

– O senhor vai ter que aprender – rebateu Dete. – Aprendi sozinha quando ela veio parar nas minhas mãos, ainda bebê, e eu já tinha muito o que fazer para sustentar a mim e a minha mãe. Ninguém pode me culpar por querer um trabalho melhor agora, e o senhor é o parente mais próximo. Se não puder ficar com ela, faça o que bem entender. Se acontecer algum mal a ela, a responsabilidade será sua. Mas acho que o senhor não precisa de mais um peso na consciência.

Dete não se sentia confortável com o que dizia, pois estava com a própria consciência pesada. Ao ouvir suas últimas palavras, o tio se levantou e olhou para ela, de tal forma que ela até recuou alguns passos. Em seguida, o velho esticou o braço e disse, como que ordenando:

– Vá embora! Suma daqui! Volte para o lugar de onde veio e nunca mais apareça na minha frente!

Não precisou falar duas vezes.

– Adeus ao senhor e a você também, Heidi! – disse Dete rapidamente e desceu correndo a montanha, levada pela agitação interna que a impulsionava como um motor a vapor.

No vilarejo, as pessoas a detiveram bastante tempo para conversar, pois ficaram admiradas ao saber onde ela tinha deixado a menina. Todos conheciam Dete muito bem, sabiam de quem a menina era filha e qual era a sua história. De todas as portas e janelas, ela ouvia:

– Onde está a menina? Onde você a deixou, Dete?

E ela sempre respondia de má vontade:

– Lá em cima, com o Tio da Montanha! Com o Tio da Montanha, não ouviram?

Ficou muito aborrecida, pois as mulheres gritavam de todos os lados:

– Como pôde fazer uma coisa dessas?

– Coitadinha!

– Uma criança indefesa, abandonada lá em cima!

E depois, repetidas vezes:

– Coitadinha!

Dete correu o mais rápido que pôde e ficou feliz quando não ouvia mais as vozes, pois não aguentava ouvir mais nada, para dizer a verdade. Afinal, sua mãe tinha confiado a criança a ela ao morrer. Para se consolar, disse a si mesma que poderia voltar a fazer alguma coisa pela menina quando ganhasse mais dinheiro. Ficou feliz por logo se ver livre de todas aquelas pessoas que se metiam em sua vida, e estava ansiosa para poder se dedicar ao novo emprego.

Capítulo 2

Com o avô

Depois que Dete foi embora, o tio voltou a se sentar no banco e soltou grandes baforadas do cachimbo. Mantinha os olhos fixos no chão e não dizia nada. Enquanto isso, Heidi se divertia explorando os arredores. Descobriu o estábulo das cabras, construído ao lado da cabana, e espiou lá dentro. Vazio. A menina continuou a explorar e foi para trás da cabana, perto dos velhos abetos. Ali, o vento soprava tão forte por entre os galhos que até assobiava e balançava as árvores. Heidi ficou parada, ouvindo. Quando o vento diminuiu, ela voltou para perto do avô. Ao vê-lo na mesma posição em que o tinha deixado, ficou diante dele, com os braços cruzados nas costas, e o encarou. O avô levantou o olhar.

– O que quer fazer agora? – perguntou ele.

– Quero ver o que tem dentro da cabana – respondeu Heidi.

– Então venha!

– O avô se levantou e entrou na frente dela.

– Traga suas coisas com você – ordenou ele.

– Não quero mais essas coisas – respondeu Heidi.

O velho se virou e olhou fundo nos olhos negros da menina, que ardiam de curiosidade para ver as coisas dentro da casa.

– Será que ela tem um parafuso a menos? – murmurou consigo mesmo. – Por que não precisa mais das roupas? – perguntou finalmente.

– Prefiro andar como as cabras, que têm pernas bem leves.

– Você até pode fazer isso, mas vá pegar suas roupas e vamos guardá-las no armário.

Heidi obedeceu. Então o velho abriu a porta, e Heidi entrou atrás dele em uma sala bem grande, que ocupava toda a extensão da cabana. Nela havia uma mesa e uma cadeira. Em um canto, ficava a cama do avô; em outro, uma chaleira pendurada em cima do fogão. Do outro lado, havia uma porta na parede. O avô a abriu; era o armário em que guardava as roupas. Algumas camisas, meias e toalhas estavam em uma prateleira, em outra, havia pratos, xícaras e copos, e, na mais alta, um pão redondo, bacon e queijo. Naquele armário, estava tudo o que o Tio da Montanha possuía, tudo de que precisava para viver.

Assim que ele abriu o armário, Heidi colocou suas roupas bem atrás das do avô, para que não fosse muito fácil encontrá-las. Depois, olhou atentamente ao redor da sala e perguntou:

– Onde vou dormir, vovô?

– Onde você quiser – respondeu ele.

Era o que Heidi queria ouvir. No mesmo instante, começou a examinar cada canto para encontrar um lugar aconchegante em que pudesse dormir bem. Ao lado da cama do avô, havia uma pequena escada. Heidi subiu e chegou ao palheiro, onde havia um monte de feno fresco e cheiroso. Dali, por uma janelinha redonda, avistava-se o vale, ao longe.

– Quero dormir aqui! – exclamou para o avô. – É lindo aqui em cima! Suba e venha ver, vovô!

– Eu sei como é – respondeu o avô lá de baixo.

– Já estou arrumando a minha cama! – exclamou novamente a menina, correndo de um lado para o outro. – Ah, venha me trazer um lençol, porque não dá para deitar em uma cama sem lençol.

– É mesmo? – brincou o avô.

Ele então foi até o armário e, depois de vasculhá-lo um pouco, pegou embaixo de suas camisas um pano comprido e grosso que poderia servir de lençol. Subiu as escadas e, quando chegou ao palheiro, viu que uma caminha tinha sido preparada. Onde deveria ser a cabeceira, o feno estava mais alto, e, deitada, Heidi conseguiria olhar pela janelinha redonda.

O avô ficou muito satisfeito com a arrumação. Para evitar que o piso duro fosse sentido, ele deixou a cama mais espessa, com o dobro da quantidade de feno. Em seguida, ele e Heidi colocaram

juntos o lençol pesado, dobrando bem as pontas. Pensativa, a menina parou para observar seu trabalho e disse:

– Esquecemos de uma coisa, vovô.

– O quê?

– Não tenho coberta. Quando a gente vai dormir, deita no lençol e se cobre com uma coberta.

– E o que faremos se eu não tiver coberta aqui? – perguntou o avô.

– Não tem problema, vovô – disse Heidi para tranquilizá-lo –, posso usar o feno como coberta...

E já estava se dirigindo para o monte de palha quando o avô a impediu.

– Espere um momento.

O avô desceu a escada e foi até a própria cama. Depois voltou e estendeu um pano grande e pesado de linho.

– Não é melhor do que o feno? – perguntou.

Heidi começou a puxá-lo com toda a força para esticá-lo em cima da cama, mas era pesado demais para suas mãozinhas. O avô a ajudou, e depois que foi estendido, a cama pareceu tão boa e resistente que Heidi parou diante dela, dizendo surpresa:

– Que coberta maravilhosa! A cama ficou ótima! Queria que já fosse noite para poder me deitar.

– É melhor comermos alguma coisa antes – disse o avô. – O que acha?

Na agitação de fazer a cama, Heidi tinha se esquecido de todo o resto. Mas, ao pensar em comida, sentiu que estava com muita fome, pois naquele dia só tinha comido um pedaço de pão e tomado um pouco de café pela manhã, antes da longa viagem. Por isso, concordou:

– Acho uma boa ideia, vovô!

– Se está de acordo, então vamos descer – disse o velho, descendo atrás da menina.

Ele foi até o fogão, afastou a grande chaleira e pegou a pequena que estava pendurada. Sentou-se no banquinho de três pernas com assento redondo e acendeu o fogo. Logo, a chaleira começou a ferver, e embaixo dela o velho segurou um longo garfo de ferro

com um grande pedaço de queijo espetado na ponta, que dourava ao ser girado sobre o fogo. Heidi assistia a tudo com muita atenção e subitamente correu até o armário. Quando o avô trouxe uma panela e o queijo tostado para a mesa, ele a encontrou toda posta, com dois pratos e duas facas e o pão no meio. Heidi tinha visto as coisas no armário e sabia que seriam necessárias para a refeição.

– Que bom que tem iniciativa! – elogiou o avô, colocando o queijo no pão. – Mas ainda está faltando uma coisa na mesa.

Heidi ouviu a chaleira fumegar e correu de novo até o armário. Viu apenas uma pequena tigela, mas não hesitou, pois logo atrás havia dois copos. Rapidamente, voltou à mesa, onde colocou a tigela e os copos.

– Muito bem! Estou vendo que sabe se virar. Mas onde quer se sentar?

O avô já estava sentado na única cadeira da casa. Rápida como uma flecha, Heidi disparou até o fogão, pegou o banquinho de três pernas e se sentou.

– Pelo menos agora você já tem um assento, só que é meio baixo – disse o avô. – Da minha cadeira você também não alcançaria a mesa. Mas vamos comer agora!

Dizendo isso, levantou-se, encheu a tigela com leite, colocou-a em cima da cadeira e puxou-a para perto da banquetta, para que Heidi tivesse uma mesa. Deu-lhe também um bom pedaço de pão com queijo dourado e ordenou que ela comesse.

Ele então se sentou em um canto da mesa e começou a comer. Heidi pegou sua tigelinha e bebeu tudo de um só gole, pois toda a sede que tinha sentido durante a longa viagem havia voltado. Parou para recobrar o fôlego, pois, na ânsia de beber tudo, não tinha conseguido respirar, e colocou a tigela na cadeira.

– Gostou do leite? – perguntou o avô.

– Nunca tinha bebido um leite tão gostoso! – respondeu Heidi.

– Então, beba mais!

O avô voltou a encher a tigela e a colocou na frente da menina, que comeu e bebeu com vontade. Ao terminar a refeição, o avô saiu para arrumar o estábulo. Com atenção, Heidi observou-o varrer e espalhar a palha fresca que serviria de cama para os animais; depois, ele foi para o barracão ao lado e fez uma cadeira

alta para Heidi, que ficou absolutamente surpresa.

– O que é isso, Heidi? – perguntou o avô.

– Só pode ser minha cadeira, porque é bem alta. Ficou pronta tão rápido! – disse a menina, ainda surpresa e admirada.

– Ela sabe o que vê, tem os olhos no lugar certo – disse o avô para si mesmo.

Em seguida, ele contornou a cabana e foi bater um prego aqui, outro ali e prender uma porta solta; depois caminhou de um lado para o outro com martelo, pregos e pedaços de madeira, consertando ou limpando tudo o que precisava ser consertado e limpo. Heidi o seguia o tempo todo, acompanhando-o com a maior atenção. Tudo o que ela via lhe parecia muito divertido.

Então anoiteceu. O ventou começou a soprar forte nos velhos abetos, assobiando por entre as espessas copas das árvores. O som pareceu tão bonito aos ouvidos de Heidi que encheu seu coração de alegria. A menina ficou muito contente e começou a dançar e a pular debaixo dos abetos, como se algo maravilhoso tivesse acontecido com ela. O avô a observava da porta do barracão. De repente, ouviu-se um assobio estridente. Heidi parou de pular, e o avô saiu do barracão. Descendo a montanha, as cabras vinham saltando, uma atrás da outra, com Pedro no meio delas. Com um grito de alegria, Heidi correu até eles e ficou no meio do rebanho, então cumprimentou, um por um, os amigos que tinha feito naquela manhã. Ao se aproximarem da cabana, tudo voltou a ficar em silêncio, e do rebanho saíram duas belas cabras, uma branca e outra marrom, que correram até o avô para lambe-la da mão dele o sal que lhes era oferecido todas as noites. Heidi afagou uma e depois a outra cabra e saltitou em volta delas para poder acariciá-las também do outro lado, mal conseguindo conter a alegria.

– Elas são nossas, vovô? As duas são nossas? Vão ficar no estábulo? Vão ficar sempre com a gente? – perguntava Heidi muito animada, e a tantas perguntas seguidas o avô só conseguia responder “Sim, sim, claro”.

Depois que as cabras lambeiram todo o sal de sua mão, o avô disse:

– Vá buscar sua tigelinha e o pão.

Heidi obedeceu e voltou rapidamente. Então, o avô ordenou a

cabra branca, enchendo a tigela com leite; depois, cortou um pedaço de pão e disse a ela que comesse.

– Depois, já pode ir dormir! A tia Dete deixou mais uma sacola de roupas para você, deve ter uma camisola e mais alguma coisa. Está na parte de baixo do armário, caso você precise. Agora tenho que levar as cabras para o estábulo. Durma bem!

– Boa noite, vovô! Ah, por favor, como elas se chamam? – perguntou a menina, correndo atrás do avô.

– A branca se chama Branquinha, e a marrom, Malhadinha – respondeu o avô.

– Boa noite, Branquinha! Boa noite, Malhadinha! – exclamou Heidi, um pouco mais alto, pois as duas já tinham entrado no estábulo.

Então a menina se sentou no banco, comeu o pão e bebeu o leite, mas o vento estava tão forte que quase a levou embora. Por isso, terminou logo de comer, entrou na cabana e subiu em sua cama. E dormiu como uma princesa em sua cama real.

Pouco depois, ainda antes de escurecer, o avô também se deitou, pois sempre se levantava com o nascer do sol, que no verão brilhava cedo no alto das montanhas. Durante a noite, ventou tanto que a cabana tremeu e todas as vigas estalaram. Pela chaminé saíam sons e ruídos que pareciam lamentos, e o vento estava tão furioso entre os velhos abetos que vários galhos se quebraram. No meio da noite, o vovô se levantou.

– Tenho certeza de que ela está com medo – murmurou ele.

Subiu a escada e se aproximou da cama de Heidi. Do lado de fora, a lua brilhava no céu, mas logo as nuvens a encobriram, e tudo ficou escuro de novo. No momento em que o velho chegou, a luz entrava pela janela redonda e iluminava a cama de Heidi. Com a cabeça apoiada nos bracinhos roliços, a menina dormia tranquilamente debaixo da espessa coberta e tinha as bochechas avermelhadas. Devia estar sonhando com alguma coisa agradável, pois seu rostinho parecia muito feliz. O avô ficou observando a menina dormindo até a lua desaparecer de novo atrás das nuvens, e então voltou para a cama.

Capítulo 3

O pasto na montanha

Heidi acordou cedo na manhã seguinte com um assobio alto. Ao abrir os olhos, o sol entrava pela janela redonda, iluminando a cama e o feno ao lado, fazendo tudo brilhar como ouro. A princípio, olhou ao redor, pois não se lembrava de onde estava. Então ouviu a voz rouca do avô do lado de fora e logo se lembrou de tudo. De como tinha vindo para o alto da montanha e de que agora estava morando na casa dele, e não mais com a velha avó Úrsula, que estava sempre tremendo de frio, sentada ao lado do fogão o dia todo. Durante o tempo em que Heidi viveu com a avó Úrsula, era obrigada a ficar dentro de casa, para que a velha não a perdesse de vista, pois era surda e tinha medo de deixar Heidi sair. Às vezes, Heidi se sentia presa naquele lugar, e tinha muita vontade de correr lá fora. Por isso, ficou muito feliz ao acordar na nova casa, e não via a hora de ver as cabras novamente. Pulou da cama e, em poucos minutos, vestiu-se com pouca roupa e desceu rapidamente a escada. Pedro já aguardava do lado de fora com o rebanho, e o avô estava tirando Branquinha e Malhadinha do estábulo para que se juntassem aos outros animais.

– Quer ir até o pasto? – perguntou o avô.

– Sim – gritou Heidi, batendo palmas.

– Mas vá se lavar primeiro, senão o sol vai rir de você ao ver como está toda suja. Veja, já deixei tudo arrumado para você.

O avô mostrou uma bacia grande, cheia de água, que estava esquentando ao sol. Heidi fez o que o avô pedira, e se lavou e esfregou na bacia até ficar com as bochechas brilhando. Enquanto isso, o avô pediu a Pedro que o acompanhasse e trouxesse sua

sacola junto com ele. O garoto seguiu o velho, que ordenou que ele abrisse a sacola em que guardava o mirrado lanche. O avô colocou na sacola um pedaço de pão e uma fatia de queijo com o dobro do tamanho da que ele tinha.

– A tigela também vai – disse o tio –, porque a menina não consegue beber como você, direto da cabra. Ordene uma tigela cheia no almoço, pois ela vai ficar com você até voltar. Preste atenção para ela não cair nas rochas, está ouvindo?

Naquele momento, Heidi entrou correndo na cabana.

– O sol ainda vai rir de mim, vovô? – perguntou.

Com a toalha grossa que o avô pendurara ao lado da bacia, a menina esfregou tanto o rosto, o pescoço e os braços que tinha ficado vermelha como um tomate. Com um sorriso, ele respondeu:

– Não, ele não vai mais rir. Mas, quando você voltar à noite, vai entrar de novo na bacia como um peixinho, pois, quando a gente sai por aí com as cabras, os pés ficam imundos. Agora, vão!

Os dois partiram contentes para a montanha. Durante a noite, o vento tinha levado embora até a última nuvem. O azul intenso do céu se espalhava por toda parte e o sol brilhava, fazendo cintilar as encostas verdes, onde todas as flores azuis e amarelas abriam as pétalas e sorriam. Heidi corria para todos os lados, gritando de alegria, pois de um lado havia canteiros de primulas vermelhas e delicadas, de outro, o brilho azulado de belas gencianas nos gramados, e por toda parte se viam florezinhas douradas que, com as folhas delicadas, pareciam acenar para ela. Encantada por encontrar tantos tesouros, Heidi até se esqueceu das cabras e de Pedro. Foi correndo na frente deles, pois era atraída pelo brilho das flores que se espalhavam por toda parte. E o tempo todo colhia várias flores, colocando-as em seu avental para levá-las para casa.

Pedro tinha de olhar para todos os lados, e seus olhos redondos, que não se moviam com muita rapidez, tiveram muita dificuldade em acompanhá-la, pois as cabras pareciam piores que Heidi naquele dia. Ele tinha que assobiar, chamar e sacudir a vara para conseguir reunir as que escapavam.

– Onde você foi parar agora, Heidi? – gritou bem irritado.

– Estou aqui! – respondeu ela de algum lugar.

Mas Pedro não conseguia vê-la, pois a menina estava sentada em um pequeno monte, coberto de flores perfumadas. O aroma era tão bom que impregnava todo o ar ao redor, e Heidi nunca tinha sentido um perfume tão agradável. Sentou-se em meio às flores e respirou fundo.

– Venha até aqui! – gritou Pedro de volta. – Você não pode cair das rochas, o tio me mandou cuidar de você!

– Onde ficam as rochas? – perguntou Heidi, sem sair do lugar.

– Lá em cima, bem lá em cima. Ainda temos que andar muito. Se você for rápida, vamos conseguir ver a velha águia grasnando.

Heidi ficou empolgada e veio correndo até Pedro com o avental cheio de flores.

– Agora você já tem flores suficientes – disse ele quando voltaram a escalar juntos. – Se ficar parando toda hora para apanhar todas, amanhã não haverá flor alguma para colher.

A última fala foi suficiente para convencer Heidi. Além do mais, o avental já estava cheio. Assim, ela se manteve ao lado de Pedro, e as cabras passaram a caminhar de maneira mais ordenada, sem parar, pois já de longe sentiram o cheiro das plantas do alto da montanha e ficaram ansiosas para chegar lá.

O lugar em que Pedro costumava parar com as cabras para passar o dia ficava no sopé de um penhasco alto, que parecia subir até o céu. De um lado da montanha, a rocha se abria em profundos precipícios, e o avô tinha razão em advertir Pedro do perigo.

Ao chegar ao seu destino, Pedro pegou a sacola que carregava e a colocou com cuidado dentro de um pequeno buraco no chão, pois sabia que às vezes o vento soprava forte por ali, e não queria perder a carga preciosa. Em seguida, deitou-se na grama aquecida pelo sol, pois estava muito cansado.

Enquanto isso, Heidi tirou o avental e enrolou as flores nele, colocando-o no buraco ao lado da sacola de Pedro; depois, sentou-se ao lado do menino e olhou ao redor. Lá embaixo, o vale brilhava com a luz da manhã. À sua frente, erguia-se um vasto campo coberto por neve, que subia até o céu. Heidi sentou-se quietinha por um bom tempo enquanto Pedro dormia ao seu lado e as cabras subiam pelo pasto atrás dos arbustos. Heidi nunca havia se sentido

tão feliz como naquele momento, com a brisa leve soprando em seu rosto. Depois de certo tempo, já tinha olhado tantas vezes para as altas montanhas que era como se todas elas tivessem ganhado um rosto e tivessem se tornado muito familiares. Subitamente, ela ouviu um grasnar alto e agudo acima de sua cabeça. Um pássaro enorme, como nunca tinha visto antes, voava em círculos pelo céu, com as asas bem abertas. Ia, voltava e grasnava alto acima deles.

– Pedro! Pedro! Acorde! – chamou. – É uma águia, veja!

Pedro se levantou e os dois observaram o pássaro, que foi subindo cada vez mais no azul, até finalmente desaparecer atrás das rochas cinzentas.

– Para onde ela foi agora? – perguntou Heidi.

– Voltou para o ninho – respondeu Pedro.

– A casa dela é lá em cima? Nossa, que bonito deve ser morar lá no alto! Mas por que ela grita desse jeito?

– Porque precisa – disse Pedro.

– Vamos até lá para ver onde é a casa dela – Heidi implorou para Pedro, mas ele, expressando total desaprovação no tom de voz, disse:

– Ah, tolinha! Nem pensar! Nem mesmo as cabras sobem até lá, e o tio disse que você não pode cair das rochas, então não iremos.

Pedro começou a assobiar e a chamar bem alto, e logo todas as cabras, uma após a outra, vieram saltitando, até que o rebanho ficou reunido na encosta verde.

Pedro preparava um lanche para ele e para Heidi, colocando as coisas grandes do lado de Heidi, e as pequenas, do seu, pois sabia muito bem quais eram as dela e quais eram as suas. Em seguida, pegou a tigela, ordenhou dentro dela o leite fresco e saboroso da Branquinha e a colocou no meio. Chamou Heidi, mas ela demorou para obedecer ao seu chamado.

– Pare de pular, é hora de comer! – disse Pedro. – Sente-se e coma.

Heidi se sentou.

– Esse leite é para mim? – perguntou, olhando novamente para

o quadrado e para a tigela no centro dele.

– É, sim – respondeu Pedro. – E os dois pedaços maiores de pão e queijo também são seus. Quando terminar de beber, vou lhe dar mais uma tigela de leite da Branquinha, depois será a minha vez.

– De onde você tira o seu leite?

– Da minha cabra, que está ali. Comece a comer – tornou a ordenar Pedro.

Heidi bebeu primeiro o leite e, assim que colocou a tigela vazia no chão, Pedro se levantou e foi ordenhar mais. Depois, a menina deu a Pedro um bom pedaço do próprio pão, que era bem maior do que o do menino. Heidi ofereceu também a ele um pedaço inteiro de queijo.

– Pode comer, já tenho o suficiente – disse ela.

Pedro olhou surpreso para Heidi, pois, para ele, parecia impossível dividir a própria comida. Hesitou um pouco, mal podendo acreditar que Heidi estivesse falando sério, mas a menina colocou a comida perto dos joelhos dele. Então, ele percebeu que ela falava sério. Pegou o presente, agradeceu com um movimento de cabeça e teve a refeição mais suntuosa de sua vida. Enquanto isso, Heidi observava os animais e ia perguntando o nome de cada uma das cabras.

Isso ele sabia de cor, pois os nomes eram a única coisa que guardava na cabeça. Começou a dizer os nomes, apontando para cada uma delas. Heidi ouviu com muita atenção, e não demorou para conseguir distinguir umas das outras e chamá-las pelo nome. Havia a Grande Turca, com seus chifres fortes, que geralmente usava para empurrar as demais. A maioria fugia quando ela chegava e não queria saber da companheira briguenta. Só a destemida Florzinha não fugia dela; ao contrário, às vezes corria três, quatro vezes seguidas na sua direção, com tanta rapidez e agilidade que a Turca ficava surpresa e parava de atacar, pois Florzinha tinha chifres afiados e se mostrava pronta para o combate. Depois, apontou para a Floco de Neve, que era muito branca e sempre balia com tanta insistência que muitas vezes Heidi corria até ela e a abraçava para consolá-la. A menina se levantou para auxiliá-la, pois a cabritinha voltou a chamar, toda chorosa. Heidi a abraçou pelo pescoço e perguntou, preocupada:

– O que foi, Floco de Neve? Por que você sempre chora, pedindo ajuda?

A cabritinha se aproximou de Heidi e, sentindo-se mais segura, apertou-se contra ela e se aquietou. Pedro gritou de onde estava, entre uma bocada e outra, pois ainda não tinha terminado sua refeição:

– Ela está infeliz porque a cabra Velha não vem mais para a montanha, foi vendida em Maienfeld há dois dias.

– Quem é a cabra Velha?

– A mãe dela, claro!

– E onde está a avó dela?

– Ela não tem.

– E avô?

– Também não tem.

– Pobre Floco de Neve! – disse Heidi, abraçando-a com carinho.
– Não precisa chorar mais, virei todos os dias ficar com você, assim não ficará mais sozinha. E, se sentir falta de alguma coisa, pode me procurar.

Satisfeita, Floco de Neve esfregou a cabeça nos ombros de Heidi e baliu, desta vez sem se lamentar. Enquanto isso, Pedro finalmente terminou de comer e foi para junto de Heidi.

A garotinha percebeu que as cabras mais bonitas e limpinhas de todo o rebanho eram Branquinha e Malhadinha, que também se comportavam com certa distinção. Geralmente, seguiam seu caminho e respondiam com indiferença e desprezo às investidas da inoportuna Turca. Ela comentou com Pedro o que tinha observado.

– Eu sei – disse ele. – Claro que são as mais bonitas. O tio lava as duas, dá sal a elas e tem o estábulo mais bonito.

De repente, Pedro se levantou e correu atrás das cabras, e Heidi o seguiu, pois entendeu que devia ter acontecido alguma coisa e ela não podia ficar para trás. Pedro pulava entre os animais na lateral da montanha, bem no local em que a rocha descia inclinada para um abismo. Já tinha visto que a agitada Florzinha estava se aproximando cada vez mais daquele ponto perigoso. Infelizmente, na pressa de pegá-la, Pedro tropeçou em uma pedra

e só conseguiu agarrar uma de suas pernas. Surpresa, Florzinha berrou de raiva por ter sido segurada e impedida de continuar a alegre exploração. Pedro gritou para Heidi ajudá-lo, pois não estava conseguindo se levantar. Heidi aproximou-se e logo percebeu que a situação era grave. Rapidamente, arrancou algumas plantas perfumadas do chão e as segurou embaixo do nariz da cabra, dizendo para tranquilizá-la:

– Venha, venha, Florzinha! Não seja boba! Ali você pode escorregar, quebrar a perna e sentir uma dor imensa!

Logo a cabritinha se virou para devorar as plantas na mão de Heidi. Enquanto isso, Pedro se levantou e dominou a fugitiva com a ajuda de Heidi. Assim, os dois conduziram a cabra de volta ao rebanho em segurança, e então Pedro ergueu a vara para puni-la com uma bela surra. Florzinha se encolheu de medo, pois percebeu o que iria acontecer, mas Heidi gritou bem alto:

– Não, Pedro! Não bata nela! Não vê que está com medo?

– Ela merece! – resmungou Pedro, pronto para bater.

Heidi segurou o braço dele.

– Não faça isso, vai machucá-la! – ordenou ela, indignada. – Solte-a!

Pedro olhou com espanto para a autoritária Heidi, cujos olhos faiscavam tanto que ele baixou a vara mesmo sem querer.

– Não bato se amanhã você me der queijo de novo – disse, cedendo, pois queria ser recompensado pelo susto.

– Pode ficar com tudo, com o pedaço inteiro, amanhã e todos os dias! Não preciso de nada – garantiu Heidi. – Também vou lhe dar uma grossa fatia de pão se você prometer nunca mais bater em cabra alguma.

– Não estou nem aí. – Foi a forma que ele encontrou para dizer que cumpriria a promessa.

O dia passou sem que nem percebessem, e o sol já estava para se pôr atrás das montanhas. Heidi voltou a se sentar no chão e olhou em silêncio para as campânulas azuis e para as rosas selvagens, que brilhavam junto aos últimos raios de sol. As rochas lá em cima também começavam a brilhar e a faiscar. Heidi se levantou de súbito e gritou:

– Pedro! Veja! Tudo está pegando fogo! Todas as montanhas estão pegando fogo, e o céu também. Olhe, a rocha está ardendo! A lua está pegando fogo também. Está vendo as montanhas brilhando ali? Nossa, que neve mais linda! Pedro, olhe, certeza que o ninho da águia está pegando fogo! Veja os abetos ali!

– Sempre foi assim – disse Pedro calmamente, continuando a descascar a vara. – Mas não é fogo.

– O que é, então? – perguntou Heidi ansiosa, pulando para conseguir ver tudo de todos os lados.

– É algo que acontece sozinho.

– Veja! Agora tudo está ficando rosado! Olhe aquela montanha, com a neve e as rochas altas e pontudas! Como é que elas se chamam?

– Montanhas não têm nome – respondeu ele.

– Veja que lindo! Parece que há várias rosas crescendo no penhasco! Nossa, agora estão ficando cinzentas! Que lindo! Agora o fogo se apagou e tudo desapareceu! Que pena! – comentou Heidi, desapontada.

– Amanhã tudo estará aí de novo – explicou Pedro. – Levante-se, precisamos voltar para casa.

O garoto assobiou para chamar as cabras, e os dois iniciaram a viagem de volta.

– Quer dizer que todos os dias serão assim quando estivermos aqui? – perguntou Heidi, ansiosa.

– Geralmente é. – Foi tudo o que ele disse.

– Mas e amanhã? – perguntou Heidi.

– Com certeza estará assim amanhã! – garantiu Pedro.

Então Heidi ficou feliz novamente. Caminhou em silêncio ao lado de Pedro, pensando em todas as coisas que tinha visto. Finalmente, ao chegar à cabana, encontrou o avô sentado em um banco embaixo dos abetos. Heidi saiu correndo na direção dele, seguida pelas cabras, que conheciam o dono. Pedro gritou para Heidi:

– Venha de novo comigo amanhã! Boa noite!

Heidi voltou correndo, apertou a mão de Pedro e garantiu que iria com ele. Em seguida, pulou no meio do rebanho que estava de

partida e abraçou mais uma vez Floco de Neve.

Quando Pedro se foi, ela se virou para o avô e disse:

– Vovô, foi tão lindo! Eu vi o fogo e as rosas nas rochas, e vi muitas, muitas flores. Veja só o que eu trouxe para você!

– E abriu o avental, espalhando todas as flores perto do avô. Mas o que tinha acontecido com elas? Heidi nem mais as reconhecia de tão murchas.

– Ah, vovô, qual o problema com elas? – exclamou assustada. – Não estavam assim antes... Por que ficaram desse jeito?

– Foram feitas para florescer ao sol, e não para ficar dentro do seu avental – respondeu o avô.

– Então não vou colher mais flores. Mas, vovô, por que a água grasna daquele jeito?

– Primeiro, vá tomar banho enquanto eu vou ao estábulo pegar leite. Depois entraremos para jantar e eu lhe contarei.

E assim foi feito. Mais tarde, quando já estava sentada em sua cadeira alta, diante da tigelinha de leite e com o avô ao seu lado, Heidi repetiu a pergunta que havia feito anteriormente e o avô respondeu:

– Porque ela está zombando das pessoas que moram aqui embaixo e ficam sentadas nos vilarejos falando mal dos outros. Por isso, grita, dizendo: “Se cada pessoa conseguisse viver no alto de uma montanha, como eu, estaria bem melhor!”.

O avô disse a última frase quase com raiva, e Heidi ficou ainda mais impressionada ao se lembrar do grasnado da ave.

– Por que as montanhas não têm nome, vovô?

– Mas elas têm nome! E se você me descrever bem alguma delas, posso lhe dizer como se chama.

Então Heidi descreveu várias montanhas e o vovô sabia nomear cada uma delas. Ela contou a ele todos os acontecimentos do dia, principalmente sobre o maravilhoso fogo, indagando como aquilo acontecia.

– É o sol que faz isso quando dá boa noite às montanhas. Lança sobre elas seus raios mais bonitos para que não se esqueçam dele até a manhã seguinte.

Heidi gostou tanto da explicação que mal podia esperar o dia

seguinte para ver de novo o sol dar boa noite às montanhas. Mas primeiro tinha que dormir, e dormiu muito bem a noite inteira, sonhando com as montanhas cintilantes, cobertas por rosas vermelhas e com a pequena Floco de Neve saltitando alegremente.

Capítulo 4

Na cabana da vovó

Na manhã seguinte, Pedro voltou com as cabras e Heidi subiu com ele para o pasto na montanha. Essa passou a ser sua rotina diária, e assim Heidi foi crescendo bronzeada e forte com a vida saudável que levava. Logo chegou o outono, e o vento começou a soprar com mais força pelas montanhas. Vovô costumava dizer o seguinte nesses dias:

– Você tem que ficar em casa, Heidi. Pequena como é, o vento pode lançá-la por cima das rochas até o vale com um só golpe.

Pedro sempre ficava triste quando Heidi não subia com ele, pois o dia não ficava tão alegre. Sem Heidi, ele não sabia o que fazer para passar o tempo. Além disso, acabava ficando sem seu farto lanche também; e as cabras já estavam tão acostumadas com a companhia de Heidi que não seguiam Pedro se ela não estivesse com ele.

Heidi não se importava de ficar em casa, pois amava observar o avô mais que tudo, gostava de vê-lo martelar e serrar. Às vezes, ele preparava pequenos queijos de cabra redondinhos, e era o maior prazer vê-lo mexer a manteiga no caldeirão com os braços nus. Em dias de ventania, Heidi ficava tão fascinada com o balanço e o sussurro dos três velhos abetos atrás da cabana que ocasionalmente largava tudo o que estava fazendo para ir até eles, pois não havia nada mais bonito e maravilhoso do que aquele rugido profundo e misterioso no alto das árvores. O sol já não estava tão quente, e Heidi tinha que calçar meias e sapatos, e usar um vestido.

Estava esfriando cada vez mais, e Pedro aparecia todas as

manhãs assoprando as mãos de tanto frio. Porém, aquilo não durou muito tempo, pois, certa noite, nevou tanto que a montanha amanheceu toda coberta de branco, e Pedro não podia mais subir até lá. Heidi ficou maravilhada olhando a neve cair pela janela. A neve foi caindo até cobrir as janelas, formando um monte tão alto que já não era possível abri-las, e a menina e o avô ficaram fechados dentro de casa. Aquilo durou vários dias, e Heidi achou que logo toda a cabana ficaria coberta.

Mas logo parou de nevar e o avô saiu para limpar a neve ao redor da casa. Ele a juntou em grandes montes, a certa distância uns dos outros. À tarde, os dois estavam sentados perto da lareira quando ouviram passos barulhentos lá fora e a porta foi aberta com tudo. Era Pedro, que tinha vindo ver Heidi.

– Boa noite – disse ele, resmungando.

O avô perguntou a Pedro como ele estava indo na escola e Heidi ficou tão interessada que fez centenas de perguntas ao amigo. Pobre Pedro. Ele sempre teve dificuldade de conversar e achava bem difícil ficar respondendo aos questionamentos da garotinha, mas ao menos teve tempo de secar as roupas na frente da lareira.

O avô ficou o tempo todo em silêncio, mas seus olhos brilhavam, e ele finalmente disse ao garoto:

– Então, general, agora que se aqueceu junto ao fogo, precisa se fortalecer. Venha jantar conosco!

E o velho preparou uma refeição que deixou Pedro com ainda mais apetite. Estava começando a escurecer; era hora de voltar para casa. Ele se despediu e agradeceu; depois virou-se para Heidi e comentou:

– Voltarei no domingo, se puder. A vovó me pediu que lhe dissesse que adoraria ver você.

Heidi ficou muito feliz com a ideia de visitar alguém e não conseguia tirar aquilo da cabeça. Na manhã seguinte, foi a primeira coisa que disse ao avô.

– Vovô, preciso descer para visitar a vovó. Ela está me esperando.

Quatro dias depois, o chão do lado de fora estalava e rangia a cada passo por causa do frio e de toda a camada de neve ao redor

que tinha congelado, mas um sol bonito entrava pela janela, e assim Heidi implorou ao avô que a deixasse fazer a visita.

O avô se levantou da mesa, subiu no palheiro, desceu com o pano grosso que servia de cobertor para Heidi e falou para a menina que o seguisse.

Saltitando de alegria, a menina saiu atrás dele na neve cintilante. Os velhos abetos estavam em silêncio, com os galhos cobertos de neve, e as árvores ao redor brilhavam e faiscavam tanto à luz do sol que Heidi pulou de entusiasmo e não parou de exclamar:

– Venha aqui para fora, vovô, venha! Os abetos estão cobertos de ouro e prata!

O avô havia entrado no barracão e voltou com um largo trenó, com uma haste presa na frente. Depois de olhar os abetos com Heidi, o velho se sentou no trenó, pôs a menina no colo, enrolou-a no pano, para que ficasse bem aquecida, e segurou-a firmemente. O trenó desceu a montanha com tanta velocidade que Heidi gritava de alegria, achando que estivesse voando como um pássaro. De repente, o trenó parou bem na frente da cabana de Pedro, e o avô disse:

– Entre. Quando começar a escurecer, eu venho pegá-la para voltar para casa.

Depois de tirar a coberta dela, virou-se e foi subindo a montanha, puxando o trenó.

Heidi abriu a porta e entrou em um pequeno cômodo muito escuro. Havia ali um fogão e algumas tigelas em uma estante. Era a cozinha. Perto da porta, viu uma mulher sentada à mesa, remendando um casaco que a menina logo reconheceu ser de Pedro. No canto, estava sentada uma velha senhora, e Heidi se aproximou, dizendo:

– Boa tarde, vovó! Vim visitá-la. Espero que não a tenha feito esperar tanto.

A avó levantou a cabeça, procurou a mão de Heidi e, ao encontrá-la, segurou-a por um instante e disse pensativa:

– Você é a menina que mora lá em cima, com o Tio da Montanha, a Heidi?

– Sim – respondeu Heidi. – Acabei de descer a montanha de

trenó com o vovô.

– Como é possível? Sua mão está tão quentinha! Brígida, foi o próprio Tio da Montanha que trouxe a menina?

Brígida, a mãe de Pedro, levantou-se e olhou Heidi da cabeça aos pés com curiosidade.

– Não sei se foi o próprio tio quem desceu com ela, mãe. É difícil de acreditar; a menina deve estar enganada.

Mas Heidi olhou para a mulher com muita determinação, sem demonstrar incerteza.

– Sei muito bem que o vovô me enrolou na coberta e me trouxe de trenó até aqui.

– Então, talvez seja verdade o que Pedro nos disse durante o verão sobre o Tio da Montanha. Mas quem poderia imaginar que algo assim pudesse acontecer? Achei que a menina não fosse aguentar nem três semanas lá em cima. Você pode descrevê-la para mim, Brígida?

– É delicada como Adelaide – respondeu. – Mas tem os olhos negros e os cabelos cacheados do Tobias e do velho lá de cima. Acho que se parece com os dois.

Enquanto isso, Heidi ficou parada. Olhou ao redor e observou bem tudo o que podia ser visto no lugar.

– Olhe lá, vovó – disse a menina –, uma de suas janelas está solta. Se o vovô visse isso, ia logo martelar um prego para prendê-la, senão o vidro vai acabar se quebrando. Veja só como bate!

– Ah, minha querida, ver eu não consigo, mas posso ouvir muito bem, e não é só a janela, a casa inteira estala e range quando o vento sopra, e ele consegue entrar por toda parte. A casa está caindo aos pedaços, e, à noite, quando os dois estão dormindo, às vezes sinto medo de que tudo desabe em cima de nós. Mas não há quem possa fazer nada por nós, e Pedro não sabe fazer esse tipo de serviço.

– Mas por que você não consegue ver a janela batendo, vovó? Veja, vai bater de novo! – Heidi apontou.

– Ah, querida, não consigo enxergar mais nada – queixou-se a avó.

– Mas se eu sair e abrir bem a janela para clarear aqui dentro, a

senhora consegue enxergar, vovó?

– Não, também não. Ninguém pode mostrar a luz para mim novamente.

– Mas, e se a senhora sair na neve toda branca? Com certeza, vai ter bastante claridade. Venha, vovó, vou mostrar para a senhora.

Heidi pegou a avó pela mão e quis puxá-la, pois estava preocupada por ela não conseguir enxergar em lugar algum e isso a deixava mais ansiosa.

– Deixe-me aqui sentada, querida. Só enxergo escuridão. Mesmo com a neve e a claridade, a luz já não entra em meus olhos.

– Mas no verão deve entrar, vovó – disse Heidi, cada vez mais angustiada, tentando encontrar uma saída. – Quando o sol voltar a brilhar com força e disser boa noite às montanhas, e elas arderem como fogo, e todas as florezinhas cintilarem, então a senhora vai enxergar?

– Ah, querida, já não posso ver as montanhas pegando fogo nem as florezinhas douradas lá em cima. Para mim, nunca mais haverá claridade, nunca mais.

Então Heidi desatou a chorar. Cheia de tristeza, não parava de soluçar:

– Quem pode trazer a luz para você de novo? Ninguém? Ninguém?

A avó tentou consolar a menina, mas não foi fácil. Heidi raramente chorava, mas, quando começava, era difícil alguém conseguir fazê-la parar.

– Venha aqui, querida – disse então a avó –, vou contar uma coisa para você. Quando a gente já não consegue enxergar, fica muito feliz ao ouvir uma palavra amiga, e eu gostaria muito que você conversasse comigo. Venha se sentar aqui e me contar o que você e o vovô têm feito lá em cima. Já faz muito tempo que não tenho notícias dele, mas costumávamos ser bons amigos.

Heidi enxugou rapidamente as lágrimas e disse em tom consolador:

– Já sei, vovó! Vou contar tudo ao vovô. Ele vai fazer você ter luz de novo e não vai deixar sua cabana desabar. O vovô consegue

consertar tudo.

A avó se calou, e Heidi começou a falar com grande animação sobre sua vida com o avô. A avó ouvia com muita atenção e, de vez em quando, dizia:

– Está ouvindo, Brígida? Está ouvindo o que ela está contando sobre o tio?

De repente, a descrição foi interrompida por um barulho na porta. Pedro entrou e arregalou os olhos redondos ao ver Heidi ali, e abriu um largo sorriso de alegria quando ela o cumprimentou.

– Boa tarde, Pedro!

– Já voltou da escola? – perguntou a avó, surpresa. – Fazia tempo que a tarde não passava tão rápido para mim! Boa tarde, Pedrinho, como foi a lição de leitura?

– A mesma coisa de sempre – respondeu o menino.

– Ah, querido – disse a avó, suspirando –, achei que você tivesse algo diferente a me dizer; afinal, já tem quase doze anos.

– Por que ele deveria dizer algo diferente, vovó? – quis saber Heidi com muito interesse.

– Temo que ele nunca aprenda a ler – respondeu a avó. – Em cima da estante, tenho um livro de orações com belas canções que há tempos não ouço e já não me lembro mais delas. Esperava que Pedro pudesse ler uma para mim, mas acho que nunca conseguirá aprender.

– Acho que vou acender o lampião; já está ficando escuro – disse a mãe de Pedro, que continuava ocupada em remendar o casaco do filho. – Para mim, a tarde também passou sem eu nem perceber.

Heidi pulou de sua cadeirinha e esticou a mão para a avó, dizendo:

– Boa noite, vovó. Se está escurecendo, preciso voltar para casa.

Depois, deu a mão para Pedro e para sua mãe e foi para a porta. Mas a avó a chamou preocupada:

– Espere, Heidi, espere! Não pode sair sozinha. Pedro acompanhará você, está ouvindo? Vá com ela, Pedro! Não a deixe cair e nem a deixe passar frio, está ouvindo? Ela tem algum xale

grosso no pescoço?

– Não tenho xale, mas não vou sentir frio – respondeu Heidi.

A menina abriu a porta e saiu tão rápido que Pedro mal conseguiu segui-la.

Preocupada, a avó gritou:

– Vá atrás dela, Brígida! A menina vai congelar em uma noite como esta! Pegue meu xale e corra atrás dela! Vá!

Brígida obedeceu. Mas as crianças mal tinham dado alguns passos rumo à montanha quando o avô chegou. Pisando com força, o velho foi até eles.

– Muito bem, Heidi! Você manteve sua palavra! – disse.

Ele enrolou a menina na coberta, pegou-a nos braços e subiu a montanha. Brígida ainda pôde ver o velho carregando a menina toda embrulhada e tomando o caminho de volta. Voltou com Pedro para a cabana e, espantada, contou à avó o que tinha acabado de ver.

– Graças a Deus! Graças a Deus! Tomara que ela venha me visitar de novo! Ela me fez tão bem! Tem um coração muito bom e sabe conversar como ninguém!

A avó não se cansava de elogiar a menina e, quando foi dormir, ainda repetiu:

– Tomara que ele a deixe voltar! Agora tenho alguma coisa no mundo para fazer eu me sentir feliz!

Enquanto isso, enrolada em seu saco, Heidi mal conseguia esperar que chegassem à cabana. Até tentou contar tudo no caminho, mas sua voz era abafada pelo tecido grosso em que estava enrolava, tornando impossível entender o que ela dizia.

Assim que entraram na cabana, ela saiu de seu cobertor.

– Vovô, precisamos voltar amanhã à casa da vovó com o martelo e os pregos grandes para consertar a janela e muitas outras coisas, pois a casa dela não para de estalar e ranger.

– É mesmo? Quem disse que precisamos? – perguntou o avô.

– Ninguém, mas eu sei que precisamos – respondeu Heidi. – É que várias partes estão se soltando na casa, e a vovó fica com medo quando vai dormir, porque pensa que tudo pode desabar em cima deles. E ela também não enxerga mais e acha que ninguém pode

trazer luz para ela, mas você sabe como ajudá-la, vovô. Eu sei que sabe!

Heidi tinha se agarrado ao avô e o olhava cheia de confiança. O velho a observou por um instante.

– Sim, Heidi – disse ele –, vamos consertar a casa da vovó, e então os estalos vão parar. Amanhã vamos até lá.

Heidi ficou pulando de alegria pela cabana.

– Amanhã vamos até lá! Amanhã vamos até lá! – repetia ela.

O avô manteve a promessa. No dia seguinte, fizeram a mesma viagem de trenó, e o vovô deu a Heidi as mesmas instruções do dia anterior. Em seguida, deu a volta na casa e foi inspecioná-la.

A vovó parou o que estava fazendo quando percebeu que Heidi estava lá.

– A menina voltou! A menina voltou! – disse ela com alegria, soltando o fio e a roda de fiar e esticando as mãos para a visitante.

Heidi correu em sua direção, puxou a cadeirinha para perto da avó, sentou-se e já começou a contar e a perguntar muitas coisas. Mas, de repente, ouviu-se uma batida tão forte na casa que a avó pulou de susto, quase derrubando a roda de fiar.

– Ai, meu Deus, agora a casa vai cair! – disse ela, trêmula.

Mas Heidi abraçou-a com força, acalmando-a:

– Não, não, vovó, fique tranquila. É o vovô usando o martelo. Ele vai consertar tudo para você.

– Como pode ser? Será que Deus teve piedade de nós? – indagou a avó. – Você ouviu, Brígida? É verdade, parece mesmo um martelo! Vá lá fora, Brígida, e se for o Tio da Montanha, peça a ele que entre um instante para que eu possa agradecer.

Brígida saiu e foi até onde estava o Tio da Montanha, que pregava vigorosamente novas tábuas de madeira na parede. Ela se aproximou.

– Boa tarde, tio – cumprimentou ela. – Mamãe e eu gostaríamos de lhe desejar boa tarde. Estamos muito agradecidas pelo que o senhor está fazendo e a mamãe gostaria de ver o senhor. Poucas pessoas fariam isso que o senhor está fazendo, como podemos agradecer-lhe?

– Não precisa agradecer – interrompeu o velho –, eu sei o que

pensam a meu respeito. Pode voltar para dentro de casa; eu mesmo verifico o que precisa ser consertado.

Brígida obedeceu, pois não era fácil contrariar o tio, que continuou batendo e martelando ao redor da casinha. Ele até mesmo subiu no telhado, onde havia muito a ser feito, e só parou quando usou todos os pregos que tinha levado.

Quando começou a escurecer, Heidi estava pronta para subir com o avô, toda embrulhada em seus braços.

Assim o inverno passou, e o sol voltou a brilhar na vida da avó cega, tornando seus dias menos escuros e monótonos. Todas as manhãs ela ouvia os passinhos leves de Heidi, e quando a porta se abria, e em seguida a menina se precipitava casa adentro, a avó exclamava com muita alegria:

– Graças a Deus! Ela veio de novo!

Heidi se sentava ao seu lado e contava com tanta graciosidade as suas novidades que a avó nunca sentia o tempo passar, e havia muito já não perguntava: “Brígida, o dia ainda não acabou?”.

Ao contrário, depois que Heidi ia embora, a avó comentava:

– A tarde passou tão rápido, não é mesmo, Brígida?

E a filha sempre assentia, pois a menina também havia conquistado seu coração.

A avó continuava:

– Deus queira que o Tio da Montanha sempre a deixe vir me visitar! A menina parece saudável, Brígida?

E a filha sempre garantia que estava tudo bem com ela.

Heidi também tinha se apegado muito à velha avó, e quando percebeu que ninguém poderia ajudá-la a enxergar, nem mesmo o vovô, ficou novamente muito triste. Seu único consolo era saber que sua presença trazia alegria a ela. O avô logo consertou a casa. Muitas vezes trazia grandes carregamentos de madeira, que usava com bons propósitos. A avó jurava que nunca mais tinha ouvido nenhum estalo e que, graças à bondade do tio, dormira melhor naquele inverno do que nos muitos anos anteriores.

Capítulo 5

Dois visitantes

Quase dois invernos haviam se passado. Heidi estava feliz como os passarinhos no céu, e todos os dias aguardava com ansiedade a primavera, que viria com seu vento suave e delicioso soprando nos abetos que varreria a neve, um indício de que logo ela poderia voltar a passar os dias na montanha com Pedro e as cabras e ver as florezinhas azuis e amarelas que a saudavam por todos os lugares pelos quais passava.

Heidi já estava com quase oito anos e tinha aprendido a cuidar das cabras, que corriam atrás dela como cachorrinhos. Nesse meio-tempo, Pedro já tinha levado ao Tio da Montanha vários recados do professor do vilarejo, dizendo que ele deveria mandar a menina à escola. Mas o velho nem prestava atenção aos recados e deixava Heidi em casa, como sempre fez.

Em uma certa manhã de março, o sol derretia cada vez mais rapidamente a neve nas encostas, e havia gotas de neve no chão, o que indicava que tudo estava se preparando para a primavera. Heidi corria de um lado para outro na frente da porta quando quase caiu de susto ao dar de cara com um senhor todo vestido de preto que a olhou com muita seriedade; ao notar seu temor, porém, ele disse:

– Não precisa ter medo, eu gosto de crianças. Dê-me a sua mão, Heidi, e me conte onde está o seu avô.

– Está ali dentro, fazendo colheres redondas de madeira – explicou a menina, abrindo a porta enquanto falava.

Era o velho pastor do vilarejo, que havia conhecido o vovô muitos anos antes. Ao entrar na cabana, o pastor aproximou-se do

velho e cumprimentou:

– Boa tarde, vizinho!

Surpreso, o velho olhou para cima e respondeu, oferecendo um assento ao visitante.

– Boa tarde, sr. Pastor. Se não se incomodar de se sentar em uma cadeira de madeira, aqui está.

O pastor se sentou.

– Faz tempo que não o vejo, vizinho. Vim conversar com você, e acho que pode imaginar qual seja o assunto.

O pastor se calou e olhou para Heidi, que tinha ficado parada na porta.

– Heidi, vá ver as cabras – disse o avô. – Pode levar um pouco de sal para elas, e fique lá até eu chegar.

Heidi saiu imediatamente.

– A menina já devia estar na escola há um ano; devia ter começado a estudar no último inverno. O professor não mandou avisá-lo? O que pretende fazer com a menina?

– Não pretendo mandá-la à escola – disse o velho, impassível.

– Mas o que você quer que ela seja?

– Quero que ela cresça livre como um pássaro.

– Mas ela é uma menina, e não um animal, e já passou da hora de aprender alguma coisa. Vim aqui só para lhe dizer isso. Este foi o último inverno que a menina passou sem aulas. No próximo, terá que ir à escola todos os dias, lembre-se disso.

– Não vou fazer isso, pastor – foi a resposta dele.

– Não há nenhum modo de eu convencê-lo a mudar de ideia? – indagou o pastor, de forma mais acalorada. – Você conhece o mundo, pois já viajou muito. Achei que fosse mais sensato.

– Você acha que no próximo inverno vou mandar uma menina tão delicada descer a montanha debaixo de neve e de tempestade? É uma caminhada de duas horas até a escola, e teria que voltar à noite, quando o vento está tão forte que poderia enterrar até um adulto na neve? Talvez o pastor ainda se lembre de Adelaide, a mãe dela, que sofria de sonambulismo e desmaiava. E se a menina passar a sofrer do mesmo mal depois de todo esse esforço? Quero ver quem vai me obrigar a fazer isso! Eu entro na justiça. Quero só

ver quem vai me obrigar!

– Você tem razão – respondeu o pastor, em tom mais amigável.
– Seria mesmo impossível mandar a menina para a escola saindo daqui. Por que você não volta a viver entre nós? Que tipo de vida é essa que você leva aqui em cima? Também não consigo entender como consegue manter a menina aquecida aqui no inverno.

– A menina tem sangue jovem e um bom cobertor. Sei onde encontrar madeira boa durante todo o inverno e a lareira fica sempre acesa. Quanto a ir viver lá embaixo, não é para mim. As pessoas me desprezam, assim como eu a elas. Por isso, é melhor ficarmos longe uns dos outros.

– Garanto que está enganado! Faça as pazes com Deus e verá como passará a viver mais feliz.

O pastor se levantou e estendeu a mão ao velho.

– Agora – disse ele com cordialidade –, aperte minha mão e prometa que vai descer e voltar a morar conosco, e fazer as pazes com Deus e com os homens.

O Tio da Montanha apertou a mão do pastor.

– Agradeço sua gentileza – disse ele com firmeza e determinação –, mas não vou fazer o que espera.

– Que Deus esteja com você! – exclamou o pastor, dirigindo-se com tristeza para a porta.

O Tio da Montanha ficou de mau humor naquele dia. À tarde, quando Heidi pediu para visitar a vovó, ele respondeu rispidamente:

– Hoje não.

No dia seguinte, antes de terem tirado da mesa as tigelinhas de leite do almoço, outra visita surgiu à porta. Era a tia Dete. Usava um bonito chapéu com penas e um vestido longo de cauda que varria tudo o que estivesse pelo chão. O tio a olhou da cabeça aos pés e não disse nada enquanto ela elogiava as bochechas vermelhas da menina.

Ela disse ao vovô que nunca tivera a intenção de deixar a menina com ele por tanto tempo e que nunca tinha desistido da ideia de ir buscá-la, pois entendia que a menina devia atrapalhá-lo. Só não ficou com ela antes porque realmente não podia. Disse

ainda que, durante todo aquele tempo, havia pensado em uma maneira de alojar a menina em algum lugar, e por isso estava ali. Tinha ouvido falar de uma oportunidade que seria maravilhosa para Heidi. Parentes muito ricos dos seus patrões, que moravam na casa mais bonita de Frankfurt, tinham uma única filha que não podia andar. A pobre menina estava confinada a uma cadeira de rodas e precisava de companhia nas aulas particulares. Os familiares da menina estavam ansiosos para encontrar uma criança que pudesse brincar com a filha. Ela ficou sabendo que eles queriam uma menina que fosse boazinha. Dete pensou então em Heidi e falou da menina para a governanta dos parentes de seus patrões, que foi quem havia contado a história para ela. A mulher, animada com a ideia, disse a Dete que fosse imediatamente buscar Heidi. E era por isso que ela estava ali, pois era uma imensa sorte para Heidi, já que “nunca se sabe o que pode acontecer em um caso desses, e quem sabe...”

– Já terminou? – o tio a interrompeu finalmente.

– Até parece que vim aqui falar uma asneira. Em toda Prättigau não haveria quem não fosse agradecer aos céus por receber uma notícia como esta!

– Pois leve essa notícia para quem você quiser; não quero saber dessa história! – exclamou o avô friamente.

Mas Dete se levantou como um foguete e gritou:

– Muito bem, se é essa a sua opinião, então também vou lhe dizer o que penso. Essa menina já está com oito anos, não sabe nada, e o senhor não quer deixá-la estudar; me disseram no vilarejo que não quer mandá-la para a escola nem para a igreja. Ela é a única filha da minha irmã, sou responsável por ela, e não vou aceitar isso. Só uma pessoa que não se importa com ninguém e não deseja nada de bom aos outros poderia deixar uma criança como Heidi perder uma chance como essa. É melhor não tentar me impedir, pois as pessoas lá embaixo estão todas do meu lado; não há ninguém no vilarejo que não esteja disposto a me ajudar, e ficar contra o senhor. E, pense bem, tio, se quiser ir à justiça, pois ainda há questões que podem ser levantadas contra o senhor, das quais o senhor não gostaria de ficar sabendo.

– Cale a boca! – esbravejou o tio, com olhos flamejantes. – Pode levá-la daqui e arruinar a vida dela, só não ouse aparecer com ela

aqui de novo. Não quero vê-la com um chapéu de penas como esse aí nem usando um vocabulário como o seu.

Em seguida, saiu da cabana com passos largos.

– Você deixou o vovô irritado – disse Heidi com um olhar furioso.

– Ele vai ficar bem. Agora, venha. Onde estão suas roupas?

– Eu não vou com você – disse Heidi.

– O quê? – enfureceu-se a tia. Depois, mudando o tom, tentou ser um pouco mais gentil: – Venha, venha, você não está entendendo. Vou te levar para o lugar mais lindo que você já viu.

– Vamos, agora. Pegue seu chapéu. Ele não é bonito, mas por enquanto serve – enfatizou, depois de arrumar as roupas de Heidi que estavam no armário.

– Não vou com você – repetiu Heidi.

– Não seja boba e teimosa como uma cabra! Ouça, o vovô está nos mandando embora e devemos obedecê-lo, ou vai ficar mais zangado ainda. Está bravo agora, você ouviu quando ele disse que não quer nos ver na frente; quer que você venha comigo. Não vá deixá-lo mais bravo ainda! Você não imagina como Frankfurt é bonita e quanta coisa há para se ver por lá. Se não gostar, pode voltar para cá. Até lá, o vovô já terá nos perdoado.

– Posso voltar hoje à noite? – quis saber Heidi.

– Ora, já disse que você pode voltar quando quiser. Hoje vamos até Maienfeld, e amanhã cedo vamos pegar o trem, que depois vai trazê-la de volta para casa voando.

Tia Dete segurou a sacola com as roupas e deu a mão para Heidi, e assim as duas desceram a montanha.

No caminho, encontraram Pedro, que não tinha ido à escola naquele dia. O menino achava que era mais útil procurar varas do que aprender a ler, pois sempre precisava delas. Assim, voltou para a cabana carregando nos ombros um bom lote de varas longas e grossas debaixo do braço. Parou ao ver Dete e Heidi, e, quando passaram por ele, perguntou aonde as duas estavam indo.

– Vou a Frankfurt com a tia Dete – respondeu Heidi. – Mas vou entrar para ver a vovó, ela está me esperando.

– Ah, não! Já está tarde! – opôs-se a tia, puxando Heidi pela

mão. – Quando voltar para casa, vai poder visitá-la. Agora, venha!

E continuou a puxar Heidi com força, pois temia que, se a menina entrasse na cabana, pudesse desistir de seguir viagem e fosse ajudada pela velha senhora.

Pedro entrou correndo em casa e jogou as varas com tanta força que a mesa estremeceu. A avó pulou de susto e perguntou o que estava acontecendo.

– Estão levando Heidi embora – disse, com um gemido.

– Quem? Para onde a estão levando? – perguntou a infeliz avó.

Logo todos se deram conta do que estava acontecendo, pois Brígida tinha visto Dete subir a montanha pouco antes. Com a mão trêmula, a avó abriu a janela e gritou o mais alto que podia.

– Dete, Dete, não leve a menina embora! Não tire Heidi de nós! – suplicou ela.

Quando Heidi ouviu a vovó, puxou o braço, para tentar se livrar da tia que a puxava.

– A vovó está me chamando, quero ir até lá!

Mas a tia não permitiu. Tentou tranquilizar a menina dizendo que ela voltaria em breve. Também sugeriu que Heidi poderia trazer algum presente para a avó quando retornasse. Heidi gostou da ideia e prosseguiu com Dete sem resistir.

– O que eu posso trazer para a vovó? – perguntou logo depois.

– Você pode trazer uns pãezinhos bem macios e gostosos. Ela vai adorar! Afinal, o pão preto é duro demais para ela.

– Sim, eu sei, ela sempre devolve para Pedro, dizendo que está muito duro para ela – confirmou Heidi. – Então vamos rápido. Temos que chegar a Frankfurt ainda hoje, assim eu consigo voltar amanhã com os pãezinhos.

Heidi começou a correr tanto que Dete mal conseguia acompanhá-la. Mas a tia ficou feliz por estarem caminhando tão depressa, pois já se aproximavam das primeiras casas do vilarejo, e os conhecidos certamente as parariam para conversar e fazer perguntas que poderiam colocar ideias na cabeça de Heidi. Por isso, passou direto pelo vilarejo, sendo puxada pela menina com tanta força que todos pensaram que estivesse com pressa por causa dela. Assim, às perguntas e aos chamados que saíam das

janelas e das portas, respondia sempre a mesma coisa:

– Não estão vendo? Não posso parar agora; a menina está com pressa e ainda temos um bom caminho pela frente.

– Vai levá-la com você?

– Ela está fugindo do Tio da Montanha?

– É um milagre que ainda esteja viva!

– E ainda por cima com as bochechas tão rosadas!

Essas palavras vinham de todos os cantos, e Dete ficou feliz por não ter que parar, dar satisfação às pessoas, e por Heidi não dizer nada. Só queria seguir em frente para chegar logo.

A partir daquele dia, sempre que descia a montanha e passava pelo vilarejo, o Tio da Montanha tinha a cara mais fechada do que nunca. Não cumprimentava ninguém e parecia tão ameaçador que as mulheres mantinham os filhos longe dele.

Ele raramente descia a montanha, apenas para vender seus queijos e comprar as coisas das quais necessitava. As pessoas sempre comentavam como Heidi tinha tido sorte em deixá-lo, pois a tinham visto sair de lá correndo e concluíram que tinha partido de lá feliz.

Apenas a vovó defendia o Tio da Montanha, e os que subiam até sua cabana para encomendar algum serviço, ou buscar suas encomendas, sempre ouviam como o Tio da Montanha havia cuidado bem da menina e como havia sido bom para ela e Brígida, pois tinha passado muitas tardes trabalhando na casa delas, que já teria desabado havia muito tempo se ele não a tivesse consertado. É claro que tais histórias chegavam aos ouvidos das pessoas do vilarejo, mas a maioria dizia que a avó já estava muito velha e enferma.

Agora, a avó cega voltara a suspirar no começo do dia.

– Ah, toda a alegria foi embora com a menina, e os dias agora são tão longos e vazios! Tomara que eu ainda possa ouvir Heidi de novo antes de morrer! – a pobre senhora lamentava, dia após dia.

Capítulo 6

Um novo capítulo com muitas coisas novas

Em uma linda casa em Frankfurt, vivia uma menina incapacitada que se chamava Clara Sesemann. Estava sempre sentada em sua confortável cadeira de rodas, na qual passava o dia inteiro e era empurrada de um cômodo para o outro. Clara ficava boa parte do tempo em seu quarto de estudos, no qual havia uma bela estante de livros. Era nesse cômodo, o qual também servia como sala de estar, que a menina tinha suas aulas diárias.

Clara tinha um rosto pálido e afilado, no qual se destacavam meigos olhos azuis, que naquele instante estavam voltados para o grande relógio na parede. Clara, que normalmente era muito tranquila, perguntou com impaciência:

– Já não está na hora?

Clara se dirigia à srta. Rottenmeier, uma empregada da casa que usava um uniforme peculiar, com um longo mantô e cloche alto. A mulher ficara responsável por cuidar de Clara e lhe fazer companhia desde que a sra. Sesemann tinha morrido. O pai de Clara estava sempre viajando, por isso deixava a casa em suas mãos, com a condição de que os desejos e as vontades da filha fossem sempre levados em consideração.

Enquanto Clara esperava, Dete chegou com Heidi, e perguntou ao cocheiro que as trouxera se poderia entrar e subir.

– Isso não é comigo – resmungou o cocheiro. – Toque a campainha para chamar o mordomo.

Sebastian, o mordomo da casa, com seu casaco cheio de botões grandes de latão, logo estava diante dela.

– Eu poderia falar com a srta. Rottenmeier? – pediu Dete.

– Isso não é comigo – anunciou o mordomo. – Toque a campainha para chamar Tinette. – E desapareceu em seguida.

Dete tocou a campainha novamente, e logo uma moça com um toucado alvíssimo descia a escada. A criada parou no meio do caminho e perguntou com desdém:

– O que você quer?

Dete repetiu mais uma vez o que desejava. Tinette a mandou esperar e subiu as escadas, mas não demorou muito para as duas serem convidadas a subir.

Elas seguiram Tinette e entraram no escritório. Dete ficou parada junto à porta, segurando Heidi pela mão.

A srta. Rottenmeier se levantou lentamente e se aproximou para observar as recém-chegadas. Não pareceu muito animada com Heidi, que trazia o velho chapéu e o mesmo xale de sempre e olhava com inocente curiosidade para o enorme cloche na cabeça da mulher.

– Como você se chama? – perguntou a srta. Rottenmeier.

– Heidi – disse a criança.

– Como assim? Isso é um nome cristão? Qual o seu nome de batismo? – indagou a srta. Rottenmeier.

– Não me lembro mais – respondeu Heidi.

– Que resposta é essa? O que significa isso? – replicou a mulher, balançando a cabeça negativamente. – Dete, por acaso esta menina é ingênua ou atrevida?

– Se a senhora permitir, gostaria de falar por ela – respondeu Dete, depois de cutucar discretamente Heidi por causa da resposta inadequada. – Ela nunca esteve em uma casa refinada como esta e não sabe como se comportar. Espero que perdoe sua falta de modos. Ela se chama Adelaide, como a mãe, minha falecida irmã.

– Muito bem! Assim está melhor. Mas, srta. Dete, preciso lhe dizer que estou surpresa por ver uma menina tão nova. Pensei ter dito que a companheira de Clara precisaria ter 12 anos, a mesma idade que ela, para que as duas estudassem juntas. Quantos anos tem Adelaide?

– Desculpe, mas receio que ela seja um pouco mais jovem do

que eu pensava. Acho que ela tem por volta de 10 anos de idade.

– O vovô disse que eu tenho 8 – explicou Heidi.

Dete a cutucou novamente, mas Heidi não entendeu o motivo e não se mostrou nada constrangida.

– O quê?! Apenas 8 anos?! – exclamou a srta. Rottenmeier, um tanto indignada. – Como elas poderão se dar bem? E o que você já aprendeu? Que livros leu na escola?

– Nenhum – respondeu Heidi.

– Mas, então, como aprendeu a ler? – continuou a mulher.

– Não sei ler, e Pedro também não sabe – contou Heidi.

– Misericórdia! Não sabe ler? Não sabe mesmo? – exaltou-se a srta. Rottenmeier em sua indignação. – Como isso é possível? O que mais você estudou?

– Nada – disse Heidi com sinceridade.

Após alguns minutos, quando já tinha se recuperado do susto, a srta. Rottenmeier perguntou:

– Srta. Dete, como pôde trazer aqui uma criança como esta? – perguntou a srta. Rottenmeier, depois que conseguiu se recompor.

Mas Dete não se deixou intimidar e respondeu com coragem:

– Se me permite, esta menina é exatamente o que a senhora deseja. Ela é pequena, mas é diferente das outras. Crianças mais velhas são sempre muito mimadas e ela não é assim. Mas agora preciso ir, meus patrões estão me esperando. Assim que possível, voltarei para ver como ela está se saindo.

Com uma reverência, Dete dirigiu-se à porta e precipitou-se rapidamente escadas abaixo.

A srta. Rottenmeier foi atrás dela, pois tinha muitas perguntas a fazer.

Heidi não saiu do lugar em que estava. Até então, Clara apenas observara tudo de sua cadeira, em silêncio. Então a chamou.

– Venha aqui!

Heidi se aproximou da cadeira de rodas.

– Prefere ser chamada de Heidi ou de Adelaide? – perguntou Clara.

– Meu nome é Heidi e pronto – foi sua resposta.

– Então é assim que vou chamá-la. Nunca tinha ouvido esse nome e gostei muito. Seus cabelos são tão cacheados! Sempre foram assim?

– Acho que sim – respondeu Heidi.

– Gostou de vir a Frankfurt? – continuou Clara.

– Ah, não, mas amanhã vou voltar para casa e levar pãezinhos brancos e macios para a vovó – explicou Heidi.

– Você é mesmo estranha! – exclamou Clara. – Você veio para Frankfurt para ficar comigo, sabia? Faremos aulas juntas e acho que será muito divertido quando você aprender a ler. Geralmente, as manhãs parecem não ter fim, pois o preceptor, o sr. Candidate, chega às dez e fica até às duas. É muito tempo, e até mesmo ele boceja de tanto cansaço. Na verdade, a srta. Rottenmeier e ele bocejam juntos atrás dos livros, mas, quando eu faço isso, a srta. Rottenmeier me faz tomar óleo de fígado de bacalhau e diz que estou doente. Então, engulo meus bocejos, pois odeio o óleo. Que divertido será quando você aprender a ler!

Preocupada, Heidi fez que não com a cabeça, confusa com aquelas perspectivas.

– Sim, sim, Heidi, todo mundo precisa aprender a ler! O sr. Candidate é muito paciente e ele vai explicar tudinho a você. Talvez não entenda no começo, pois é difícil compreendê-lo, então espere e não diga nada, do contrário ele vai explicar muitas outras coisas e você vai entender menos ainda. Mas depois que aprender, vai entender tudo o que ele diz.

Quando a srta. Rottenmeier percebeu que não alcançaria Dete, voltou para o quarto. Ela estava visivelmente agitada, pois se sentia responsável pela vinda de Heidi e não sabia como desfazer aquela infeliz confusão. Ela logo se levantou e foi até a sala de jantar, para criticar o mordomo e dar ordens à empregada. Sebastian, não ousando mostrar sua raiva de outra forma, abria ruidosamente as portas sanfonadas. Quando ele subiu até o quarto de estudos, percebeu que Heidi o observava atentamente.

– Você se parece com Pedro – disse, por fim, a menina.

A srta. Rottenmeier ficou horrorizada com o comentário e mandou todos irem para a sala de jantar. Depois que Clara foi colocada em outra cadeira, a srta. Rottenmeier sentou-se ao lado

dela e fez sinal para Heidi se sentar à sua frente. As três estavam distantes uma da outra na enorme mesa. Quando Heidi viu que havia um belo pãozinho branco em seu prato, ela se virou para Sebastian e perguntou:

– Posso pegá-lo?

A semelhança com Pedro despertou na menina uma grande confiança em Sebastian. O mordomo assentiu e mal conseguiu conter o riso ao ver a menina colocar o pãozinho no bolso. Em seguida, ele se aproximou de Heidi com um prato de peixe assado. Por um tempo Heidi não se mexeu, depois olhou surpresa para ele.

– Posso comer isso também? – perguntou ela.

Sebastian assentiu novamente, mas outra pausa se seguiu.

– Então, por que você não me dá um pouco? – perguntou em tom brando, olhando para seu prato.

Sebastian fazia um esforço para manter a expressão impassível, e recebeu ordens para deixar o prato na mesa e se retirar.

Quando ele saiu, a srta. Rottenmeier explicou para Heidi como se portar à mesa, exagerando no gestual. Ela também informou que Heidi jamais deveria dirigir a palavra a Sebastian, a menos que fosse algo muito importante. Depois disso, a menina aprendeu como deveria se dirigir aos empregados e à governanta. Quando surgiu a questão de como ela deveria se dirigir à Clara, a menina mais velha a interrompeu.

– Quero ser chamada de Clara, obviamente.

Então se seguiu uma longa lista de regras de comportamento sobre se levantar, ir para a cama, entrar e sair, manter a ordem, fechar as portas e centenas de outras coisas. Enquanto Heidi ouvia tudo, seus olhos foram se fechando, pois tinha acordado antes das cinco da manhã e feito uma longa viagem. Encostou-se na cadeira e adormeceu. Ao terminar de passar as instruções, a srta. Rottenmeier exclamou:

– Lembre-se bem de tudo o que eu disse, Adelaide! Você me entendeu?

– Heidi está dormindo faz tempo – respondeu Clara, achando graça, pois fazia tempo que não tinham um jantar tão divertido.

– Mas é um absurdo ter que tolerar o comportamento dessa criança! – exclamou a Srta. Rottenmeier.

Furiosa, ela tocou o sino com tanta força que os dois empregados apareceram ao mesmo tempo e tiveram muita dificuldade de acordar Heidi e lhe mostrar onde era o seu quarto.

Capítulo 7

Um dia bem difícil para a srta. Rottenmeier

Quando abriu os olhos na manhã seguinte, Heidi não sabia onde estava. Acordara em uma alta cama branca, em um quarto grande e amplo, cuja luz entrava por longas cortinas brancas, com várias cadeiras e um sofá de cretone. No canto, havia outra mesa com uma bacia e outras coisas em cima que Heidi jamais tinha visto.

Subitamente, Heidi se lembrou de todos os acontecimentos do dia anterior e pulou da cama, arrumando-se rapidamente, pois estava ansiosa para ver o céu e o terreno lá fora, como sempre fazia em casa. Mas ficou desapontadíssima ao constatar que as janelas eram altas demais para ela e tudo o que conseguia ver eram muros e as janelas que ficavam de frente para o quarto. Pulou de uma janela para a outra para tentar abri-las, mas não obteve sucesso. A pobrezinha sentiu-se como um pássaro aprisionado em uma gaiola pela primeira vez. Ela acabou desistindo da ideia e sentou-se em um banquinho, pensando na neve derretendo nas montanhas e nas primeiras flores da primavera que floresciam para o prazer de todos.

Tinette abriu a porta de repente e anunciou:

– O café da manhã está servido!

Heidi não entendeu que se tratava de um convite, pois o rosto zombeteiro de Tinette parecia mais indicar um aviso para não se aproximar do que um convite amigável. Ficou ali, esperando quietinha, e logo a srta. Rottenmeier irrompeu quarto adentro.

– Qual é o problema, Adelaide? Não entendeu que é hora de tomar café? Vamos, venha!

Heidi seguiu-a imediatamente. Na sala de jantar, Clara já estava sentada havia algum tempo em seu lugar e cumprimentou Heidi com um sorriso. Ela parecia mais alegre do que de costume, pois já imaginava todo tipo de novidade que aconteceria naquele dia. Elas tomaram o café da manhã sem perturbações e as duas meninas receberam permissão para irem à biblioteca juntas e logo foram deixadas sozinhas.

– Como faço para ir lá fora ver o terreno? – perguntou Heidi.

– Você só precisa abrir a janela e espiar – respondeu Clara, achando graça.

– Mas é impossível abrir essas janelas – respondeu Heidi com tristeza.

– É verdade! Você não consegue abrir e eu não posso ajudá-la, mas quando Sebastian aparecer, ele pode fazer isso.

Heidi ficou aliviada. A pobre menina ainda se sentia uma prisioneira naquela sala. Clara começou a perguntar como era sua casa e a menina falou com alegria sobre sua vida na cabana.

Nesse meio-tempo, o preceptor chegou, mas ele não foi levado à sala de estudos como sempre, pois a srta. Rottenmeier estava muito agitada com a chegada de Heidi e todas as complicações que se seguiram a esse acontecimento. Ela se sentia responsável pela situação, já que ela mesma tinha arranjado tudo para a vinda da menina, e agora queria a ajuda do preceptor para se livrar dela.

No entanto, o sr. Candidate era cuidadoso em seus julgamentos e não tinha receio de ensinar iniciantes.

Quando a srta. Rottenmeier percebeu que o preceptor não ficaria do seu lado, não o acompanhou até a sala de estudos. Preferiu ficar do lado de fora, pois tinha horror a aulas de alfabetização. Enquanto considerava o que faria para resolver seus problemas, houve um barulho assustador de algo caindo no quarto de estudos, e Sebastian gritou por socorro. Ela entrou correndo no quarto. Havia uma pilha de livros e papéis caídos no chão, e a toalha de mesa por cima de tudo. No assoalho, uma mancha de tinta preta. Heidi não estava mais ali.

– Mas o que houve aqui? – exclamou a srta. Rottenmeier,

torcendo as mãos. – Está tudo manchado de tinta! Isso nunca tinha acontecido antes! Essa criança só nos trouxe infortúnios!

O preceptor estava em pé, com cara de assustado, avaliando o estrago. Clara, por sua vez, parecia achar graça do acontecido e de suas consequências.

– Sim, foi Heidi que fez tudo isso – explicou Clara –, mas não foi de propósito, ela não deve ser punida. Na pressa de sair, acabou tropeçando na toalha e tudo caiu no chão. Havia uma carruagem passando lá fora e acho que ela nunca tinha visto uma, pois saiu correndo como uma louca.

– Eu não disse, sr. Candidate? Essa menina não tem a mínima noção de como se comportar adequadamente. Ela não sabe o que é uma aula, que se deve prestar atenção e ficar sentada em silêncio. Mas onde ela se enfiou? O que o sr. Sesemann vai pensar se ela fugir?

A srta. Rottenmeier desceu a escada correndo. No andar de baixo, diante da porta aberta, Heidi observava a rua.

– O que está fazendo aqui? O que deu em você? Como pôde sair correndo daquele jeito? – a Srta. Rottenmeier a repreendeu em tom ranzinza.

– Ouvi o farfalhar dos abetos, mas não os vejo, e também não os ouço mais – respondeu Heidi, olhando decepcionada rua abaixo. O barulho da carruagem passando lhe parecera o som do vento do sul nas árvores, e foi por isso que saíra toda feliz.

– Abetos! Estamos na floresta, por acaso? Que ideia mais maluca! Venha, suba para ver o que aprontou!

Heidi seguiu a srta. Rottenmeier escada acima e ficou espantada ao encontrar a enorme confusão que causara. Não tinha percebido que havia derrubado tudo no chão ao sair correndo para ouvir os abetos mais de perto.

– Que isso nunca se mais se repita! – advertiu a srta. Rottenmeier, apontando para o chão. – Para estudar, você precisa ficar sentada quietinha. Se não é capaz de se comportar, vou ter que amarrá-la na cadeira. Entendeu?

Heidi entendeu, e prometeu que ficaria quietinha durante as aulas daquele dia em diante. Depois que os criados arrumaram tudo, o preceptor foi embora, pois não mais havia tempo para as

aulas daquele dia. Aquela seria uma manhã sem bocejos!

À tarde, quando Clara descansava, Heidi ficou sozinha. Então, ficou plantada no corredor, esperando o momento em que o mordomo subisse para guardar a prataria.

– Queria perguntar uma coisa – disse ela, quando Sebastian chegou ao topo da escada –, mas não é nada ruim, como o que aconteceu hoje de manhã – acrescentou, para tranquilizá-lo, pois percebeu que ele ainda estava um pouco zangado e achou que fosse por causa da tinta no chão.

– Muito bem, pode dizer, senhorita.

– Meu nome não é senhorita. Por que você não me chama de Heidi?

– A srta. Rottenmeier ordenou que a chamasse de senhorita.

– Ah, é? Então é melhor me chamar assim mesmo. Eu já tenho três nomes até agora – resignou-se Heidi, suspirando.

– O que posso fazer pela senhorita? – quis saber Sebastian.

– Você poderia abrir a janela para mim?

– Certamente – respondeu ele.

Sebastian pegou um banquinho para Heidi, pois o parapeito da janela era muito largo e a impedia de ver a rua. Desapontada, Heidi virou-se para ele.

– Só dá para ver a rua de pedra, mais nada. É assim também do outro lado da casa?

– Sim.

– Mas aonde tenho que ir para ver o vale lá embaixo?

– Na torre de uma igreja, como aquela com a cúpula dourada em cima, do outro lado. De lá, você consegue ver tudo muito bem.

Então, Heidi desceu correndo do banquinho, correu para a porta, desceu as escadas e foi para a rua, mas não conseguiu mais ver a torre. Ela andou de rua em rua e não ousava abordar as pessoas que passavam apressadas. Então, na próxima esquina, viu um menino com um realejo e um estranho animal no braço. Heidi correu até ele.

– Onde fica a torre com a cúpula dourada?

– Não sei – respondeu o menino.

- Você pode me mostrar outra igreja com uma torre?
- Claro que posso.
- Então me mostre.
- O que você vai me dar em troca?

O menino estendeu a mão, e Heidi vasculhou os bolsos. A única coisa que tinha era uma figurinha com a imagem de uma pequena guirlanda de rosas. Olhou-a por alguns instantes, pois estava com pena de se desfazer dela. Clara tinha lhe dado naquela manhã. Mas a tentação de poder olhar o vale e as encostas verdes de cima de uma torre era grande, então ela lhe ofereceu o presente de Clara. O menino balançou a cabeça, para alívio de Heidi.

- O que você quer, então?
- Dinheiro.
- Não tenho, mas Clara tem. Quanto você quer?
- Vinte centavos.
- Então venha.

Os dois andaram por uma rua longa, e no caminho Heidi descobriu o que era um realejo, pois nunca tinha visto um. Quando chegaram a uma igreja com uma torre, Heidi não sabia o que deveria fazer em seguida, mas, assim que descobriu o sino, o puxou com toda a força. O menino concordou em esperar Heidi e levá-la de volta para casa, se ela pagasse o dobro para ele.

Ouviram uma chave girar na fechadura pelo lado de dentro, e a porta se abriu, rangendo. Um senhor de idade apareceu e olhou para eles surpreso, mas logo em seguida com raiva.

- Como ousam tocar o sino? Não sabem ler o que está escrito aqui embaixo? “Para aqueles que querem subir na torre”?
- Mas é justamente na torre que quero subir.
- O que quer lá em cima? Alguém a mandou vir aqui? – perguntou o homem.
- Não – respondeu Heidi. – Quero subir para ver lá de cima.
- Volte para casa e não faça mais essa brincadeira – disse o velho, e se virou para fechar a porta.

Mas Heidi o segurou pelo casaco e suplicou que a deixasse entrar.

O guardião da torre mudou de ideia ao ver os olhos suplicantes e cheios de lágrimas de Heidi. Pegou a menina pela mão e disse com gentileza:

– Se faz tanta questão, então venha comigo!

De mãos dadas com o homem, Heidi subiu muitas escadas, que foram ficando cada vez mais estreitas. No final, havia mais uma escadinha até finalmente chegarem ao topo. O homem pegou Heidi no colo e segurou-a diante da janela aberta.

Heidi viu um mar de telhados, torres e chaminés, e seu coração ficou bem apertado.

– Não é nada do que eu tinha imaginado.

– E o que uma menina como você entende de paisagem? Precisamos descer agora, e você deve me prometer que nunca mais vai tocar o meu sino!

Na volta, os dois passaram por um sótão, onde uma enorme gata cinzenta cuidava de sua nova família em uma cesta. Aquela gata caçava meia dúzia de ratos diariamente, pois a velha torre estava cheia de ratos e camundongos. Heidi olhou para ela com surpresa e ficou encantada quando o velho abriu a cesta.

– Ah, que lindos! Que gatinhos lindos! – ela não se cansava de exclamar quando viu os filhotinhos que se arrastavam, pulavam e caíam uns por cima dos outros.

– Quer um para você? – perguntou o homem.

– Só para mim? Para ser meu? – perguntou Heidi agitada, mal conseguindo acreditar no que ouvia.

– Sim, claro! Pode ficar até com mais, se tiver espaço – disse o homem, contente por encontrar um bom lar para os gatinhos.

Heidi ficou muito feliz. Claro que havia espaço naquela casa enorme e Clara ficaria muito alegre ao ver aqueles filhotinhos tão lindos.

– Mas como vou levá-los comigo? – quis saber Heidi, tentando em vão pegar um dos filhotes.

– Posso levá-los para você, só me diga onde mora – disse o novo amigo de Heidi, afagando a gata, que vivia com ele na torre havia muitos anos.

– Leve-os para a casa grande do sr. Sesemann, tem uma cabeça

de cão dourado na porta, com um anel grosso na boca – explicou Heidi.

O homem nem teria precisado de tantas orientações, pois fazia muito tempo que morava na torre e conhecia todo mundo; além do mais, Sebastian era um velho conhecido seu.

– Sei onde é, mas para quem devo entregar os filhotinhos? Quem devo chamar? Você não é parente do sr. Sesemann, é?

– Não, mas Clara vai ficar muito feliz quando os gatinhos chegarem, tenho certeza. Então, leve-os para ela.

Heidi mal conseguia se separar das criaturinhas, então o velho senhor colocou um gatinho em cada um dos bolsos de seu vestido, para consolá-la. Depois disso, ela foi embora.

O menino ainda estava sentado nos degraus do lado de fora.

– Você sabe onde fica a casa do sr. Sesemann? – perguntou ela, quando o homem da torre fechou a porta.

– Não – foi a resposta.

Ela descreveu a casa da melhor maneira que pôde, até que o menino se lembrou, e em pouco tempo estavam diante da porta com a cabeça de cachorro. Heidi tocou o sino. Sebastian logo atendeu e, ao ver Heidi, gritou:

– Vá imediatamente para a sala de jantar, senhorita – insistiu Sebastian. – Já estão todos à mesa. A srta. Rottenmeier está a ponto de explodir. O que deu em você para sair daquele jeito?

Heidi entrou na sala e sentou-se em silêncio em seu lugar. Ninguém disse uma única palavra. Havia um silêncio incômodo no ar, e a srta. Rottenmeier começou a falar em tom sério, com uma expressão de severidade:

– Adelaide, depois quero falar com você. Como pôde sair de casa sem dizer aonde estava indo? Esse comportamento é inadmissível. E quem disse que pode ficar até tarde na rua?

– Miau! – foi a resposta.

– Eu não... – Heidi começou a dizer.

– Miau!

Sebastian, depois de quase derrubar os pratos da mesa, saiu furtivamente.

– Já chega! – a srta. Rottenmeier quis dizer, mas estava tão nervosa que sua voz quase não saiu. – Levante-se e saia da sala!

Heidi se levantou e ainda tentou explicar:

– Eu fiz...

– Miau! Miau! Miau!

Clara interveio:

– Heidi, não está vendo que está deixando a srta. Rottenmeier nervosa? Por que não para de repetir “miau”?

– Não sou eu, são os gatinhos! – disse Heidi finalmente.

– Como? O quê? Gatos? Gatinhos? – gritou a srta. Rottenmeier. – Sebastian! Tinette! Encontrem esses bichos horríveis e sumam com eles daqui!

Dizendo isso, correu para o quarto de estudos e se trancou lá, pois temia gatos mais do que qualquer coisa no mundo. Sebastian só entrou na sala quando conseguiu controlar o riso. Já tinha previsto a situação, pois percebeu que Heidi trazia os gatinhos no bolso ao entrar. A cena que o mordomo encontrou foi a mais pacífica. Clara segurava os gatinhos no colo, e Heidi estava ajoelhada ao lado dela. As duas, muito alegres, brincavam com os lindos filhotinhos. O mordomo prometeu cuidar dos recém-chegados e preparou para eles uma caminha dentro de um cesto.

Só depois de um longo tempo, quase na hora de ir dormir, a srta. Rottenmeier abriu um pouco a porta e gritou pela fresta:

– Eles já se foram?

– Sim – respondeu o mordomo, procurando os gatinhos rapidamente e sumindo com eles de lá.

O sermão que a srta. Rottenmeier ia dar em Heidi foi adiado para o dia seguinte, pois a governanta ficou exausta depois do susto. Todos foram para a cama em silêncio, e as crianças ficaram felizes, sabendo que os gatinhos estavam numa cama quentinha e confortável.

Capítulo 8

Muitas perturbações na casa dos Sesemann

No dia seguinte, o preceptor mal havia chegado quando a campainha tocou com tanta violência que Sebastian pensou que fosse o próprio sr. Sesemann. Ficou surpreso ao ver parado à porta um garoto de rua maltrapilho que segurava um realejo.

– Quem você pensa que é para tocar a campainha desse jeito? – reclamou o mordomo.

– Quero ver a Clara – foi tudo o que ele disse.

– Seu moleque imundo, não pode ao menos dizer srta. Clara? – advertiu Sebastian rispidamente.

– Ela me deve quarenta centavos – explicou o menino.

– Você deve estar maluco! Aliás, como é que sabe que a srta. Clara mora aqui?

– Ontem eu mostrei o caminho para ela por vinte centavos, depois a trouxe de volta por mais vinte.

– Que bobagem! A srta. Clara nunca sai de casa. Trate de voltar para o lugar de onde veio, antes que eu suma com você!

Mas o menino não se deixou intimidar. Permaneceu imóvel e disse secamente:

– Eu a vi ontem na rua, posso descrevê-la. Tem cabelos curtos, cacheados e pretos, os olhos também são pretos, a saia é marrom e tem um sotaque engraçado.

“Ai, ai, ai!”, pensou Sebastian, “Ele está falando da pequenina”.

Então, puxando o menino para dentro da casa, disse:

– Tudo bem, venha comigo. Espere do lado de fora da porta até eu chamá-lo, então pode começar a tocar seu realejo, a senhorita vai gostar de ouvi-lo.

Seguido pelo menino, Sebastian subiu ao quarto de estudos, bateu à porta e entrou.

– Tem um menino aqui que quer conversar pessoalmente com a srta. Clara – relatou Sebastian.

Clara ficou muito feliz com a interrupção e disse:

– Ele pode subir, sr. Candidate?

Mas o menino já tinha entrado, e começado a tocar. A srta. Rottenmeier estava na sala ao lado quando ouviu a música. De onde vinha? Correu para o estúdio e viu o menino de rua tocando para as animadas meninas.

– Pare! Pare! – exclamou ela em vão, pois sua voz era abafada pela música.

De repente, ela saltou assustada, pois entre seus pés havia uma tartaruga preta. Só quando gritou chamando Sebastian que sua voz foi ouvida. O mordomo entrou imediatamente, pois assistia a tudo atrás da porta, e que magnífica cena era aquela!

– Tire o menino daqui! Tire o menino daqui! – ordenou apavorada a srta. Rottenmeier, grudada a uma cadeira.

Sebastian obedeceu de imediato e puxou o menino.

– Quarenta centavos da srta. Clara e quarenta pela música. Você tocou muito bem – disse o mordomo.

Com isso, ele saiu e fechou a porta atrás de si. A srta. Rottenmeier achou que o mais prudente seria ficar na sala de estudos, para prevenir possíveis novas interrupções. E subitamente houve uma nova batida à porta. Dessa vez, Sebastian entrou trazendo um cesto grande, que tinha sido entregue para a srta. Clara.

– Acho melhor terminarmos a aula primeiro, depois veremos o que há no cesto – disse a srta. Rottenmeier.

Mas Clara virou-se para o preceptor e disse:

– Sr. Candidate, posso dar só uma olhadinha para ver o que é, depois continuaremos, por favor?

– Creio que, se não vir, não pensará em outra coisa...

Mas o preceptor nem conseguiu terminar de falar, pois algo se moveu no cesto, que não estava bem amarrado. De repente, um, dois, três e mais gatinhos pularam para o chão e espalharam-se rapidamente por toda parte, tomando conta do quarto. Pularam nas botas do preceptor, morderam suas calças, escalaram o vestido da srta. Rottenmeier, rastejaram em volta de seus pés, pularam na cadeira de Clara. Miando e correndo, causaram a maior confusão.

– Ah, que lindinhos! – exclamava Clara, absolutamente encantada. – Vejam como pulam! Olhe! Olhe aquele, Heidi! Veja este aqui!

Feliz, Heidi corria atrás deles por todos os cantos. O sr. Candidate conseguiu soltá-los das calças. Quando a srta. Rottenmeier se recompôs do grande susto, chamou os criados. Eles vieram imediatamente, e os gatinhos foram colocados na nova caminha em segurança.

Aquela foi mais uma manhã sem bocejos!

Quando a srta. Rottenmeier, que agora havia descoberto a culpada, ficou sozinha com as crianças à noite, começou a dizer severamente:

– Adelaide, só há uma punição que servirá para você. Vou mandá-la para o porão. Lá, você poderá pensar sobre seus atos terríveis enquanto desfruta da companhia dos ratos.

Heidi ouviu sua condenação em silêncio, pois um porão não era suficiente para deixá-la assustada. No porão do vovô havia leite fresco e um bom queijo guardado, e nenhum rato havia se alojado por lá. Mas Clara protestou:

– Ah, srta. Rottenmeier! Temos que esperar o papai voltar. É ele quem vai dizer o que deve ser feito com Heidi.

A srta. Rottenmeier levantou-se. Ela nada podia fazer contra aquela ordem. Assim, disse meio irritada:

– Está bem, Clara – disse ela, relutante –, mas eu também vou conversar com o sr. Sesemann. – E saiu do quarto.

Desde a chegada da criança tudo virara uma grande confusão, e a srta. Rottenmeier muitas vezes se sentia desanimada, embora nada de extraordinário tivesse acontecido por alguns dias.

Clara, ao contrário, estava feliz. Já não se entediava mais, pois, durante as aulas, Heidi era muito divertida. Fazia a maior

confusão com as letras, não conseguia aprendê-las, exceto quando alguma a fazia se lembrar de cabras e águias. As meninas sempre passavam as tardes juntas, e Heidi animava Clara contando-lhe sobre a vida que levava na montanha. Um dia, sentia que não podia mais conter a saudade.

– Tenho que voltar para casa! Preciso ir amanhã mesmo!

Clara tentou acalmá-la, dizendo que tinha que esperar seu pai chegar. E então poderiam decidir o que fazer. Heidi sempre acabava cedendo, principalmente porque, a cada dia que continuava na casa, conseguia aumentar a reserva de pães brancos que juntava para a vovó, pois sempre guardava no bolso o pãozinho que lhe serviam no almoço e no jantar.

As palavras calmas de Clara, e a possibilidade de conseguir mais pãezinhos para a vovó, conformavam a menina. Diariamente, após o almoço, ela era deixada sozinha em seu quarto por algumas horas, e tinha tempo para imaginar as encostas ficando verdes de novo e as florezinhas amarelas brilhando ao sol. Tudo era reluzente: a neve, as montanhas e o amplo vale. Sentada em seu cantinho imaginando tudo isso, o desejo de ir para casa era quase insuportável. A tia Dete tinha dito que ela poderia voltar para casa quando quisesse. Então, certo dia, Heidi embrulhou rapidamente todos os pãezinhos no grande xale vermelho, colocou o velho chapeuzinho de palha e desceu decidida rumo à saída. Mas a pobre menina não conseguiu ir muito longe. Ao chegar à porta, deu de cara com a srta. Rottenmeier, que a encarou em um espanto mudo.

– O que você está aprontando agora? – explodiu a mulher. – Já não a proibi de ficar saindo por aí? Você está vestida como uma mendiga!

– Só queria voltar para casa – sussurrou a menina, assustada.

– O quê? Você quer fugir desta casa? O que o sr. Sesemann vai dizer? O que não a agrada aqui? Não está recebendo um tratamento bem melhor do que merece? Alguma vez na vida morou em um lugar como este, com mesa farta, bons empregados e um bom quarto? Responda!

– Não – respondeu Heidi.

– Claro que eu sei disso – continuou a mulher, furiosa. – Que

criança ingrata, ociosa e inútil é você!

– Só quero voltar para casa. O que a pobre Floco de Neve fará sem mim? A vovó me espera todos os dias, e Pedro vai bater na Florzinha se não ganhar mais queijo. E eu quero ver novamente o sol dar boa noite às montanhas. Como a águia grasnaria se visse toda essa gente aqui em Frankfurt!

– Misericórdia! A menina enlouqueceu de vez! – exclamou a srta. Rottenmeier.

Ela subiu as escadas, e na pressa acabou se chocando com Sebastian, que vinha descendo.

– Leve aquela infeliz para o quarto dela! – ordenou, esfregando a cabeça.

– Sim, senhora! Imediatamente! – respondeu o mordomo, também esfregando o ponto dolorido. Ambos machucaram a cabeça, mas ele tinha sido atingido por algo bem mais duro do que ela fora.

Quando o mordomo desceu, Heidi ainda estava no mesmo lugar, tremendo de agitação e com os olhos faiscando.

– O que houve, pequenina? – perguntou alegremente. – Não fique tão aborrecida! Vamos lá! Ela quase rachou minha cabeça agora mesmo, mas não podemos desanimar! Não mesmo! Não vai se mexer? Precisamos subir. Ela ordenou.

Heidi subiu as escadas vagorosamente, muito diferente de como costumava fazer. Sebastian ficou com pena e tentou encorajá-la:

– Não desista! Não fique triste! Você foi corajosa até agora! Nunca chorou. Venha, agora. Quando a srta. Rottenmeier estiver longe, vamos ver os gatinhos. Eles pulam como loucos por todo o sótão.

Heidi fez que sim com a cabeça sem demonstrar animação e desapareceu quarto adentro.

Durante o jantar, a srta. Rottenmeier não disse uma palavra, mas vez ou outra lançava olhares atentos a Heidi, como se esperasse que a menina pudesse aprontar alguma coisa de súbito. Mas Heidi ficou sentada, quietinha como um rato; quase não tocou na comida, mas guardou rapidamente seu pãozinho no bolso.

Na manhã seguinte, quando o preceptor subiu as escadas, a srta. Rottenmeier chamou-o, pois queria falar sobre seus receios, mas o preceptor tinha problemas bem maiores, pois Heidi não tinha aprendido a ler ainda.

Heidi tinha perdido muitas roupas, então Clara lhe deu algumas. Certa vez, a srta. Rottenmeier estava no quarto de Heidi arrumando o armário. E logo voltou com uma expressão de horror no rosto.

– Adelaide, sabe o que encontrei? Uma pilha de pão em seu armário. Nunca tinha visto uma coisa dessas! Sim, Clara, isso mesmo.

Então, chamou Tinette e ordenou que ela retirasse todos os pães de lá e sumisse com o chapéu de palha.

– Não! Não! Preciso do meu chapéu, e os pãezinhos são para a vovó! – gritou Heidi desesperada.

– Você fica aqui enquanto jogamos todo aquele lixo fora – disse a srta. Rottenmeier em tom firme.

Heidi jogou-se aos pés da cadeira de Clara em desespero e começou a chorar e a soluçar como se seu coração fosse partir ao meio.

– A vovó vai ficar sem os pãezinhos! Eram para ela! – lamentava.

– Heidi, Heidi, não fique assim! – implorou Clara. – Não chore! Vamos fazer assim. Quando você voltar para casa, prometo que lhe darei a mesma quantidade de pãezinhos ou até mais, e vão estar frescos e macios, ao contrário dos seus, que já devem estar duros. Vamos, Heidi, pare de chorar!

Por um bom tempo, Heidi não conseguiu parar de soluçar. Não fosse a promessa de Clara, talvez chorasse para sempre.

– Vai mesmo me dar a quantidade de pãezinhos que juntei para vovó?

Clara garantiu que sim.

Na hora do jantar, Heidi apareceu à mesa com os olhos ainda inchados de tanto chorar. Sebastian fazia gestos estranhos, que ela não entendia. O que será que ele queria dizer?

Mais tarde, quando Heidi foi para a cama, encontrou seu velho

e adorado chapeuzinho de palha escondido embaixo da coberta. Sebastian tinha guardado para ela, e era isso que estava tentando lhe dizer durante o jantar. Ela o apertou contra o peito, e então o enrolou em um lenço e escondeu-o bem no fundo do armário.

Capítulo 9

O dono da casa fica sabendo dos acontecimentos

Alguns dias depois, uma grande agitação tomou conta da casa, pois o sr. Sesemann acabava de voltar de viagem. Os criados carregaram muitos embrulhos para cima, já que o patrão sempre trazia presentes adoráveis.

Assim que chegou, foi direto ao quarto da filha. Heidi acomodou-se timidamente em um cantinho. Ele cumprimentou carinhosamente a filha, que ficou radiante ao vê-lo, pois amava muito o pai. Em seguida, o sr. Sesemann voltou-se para Heidi.

– Então, essa é a nossa pequena suíça? Venha cá me dar a mão! Isso, assim! Agora, me diga: você e Clara ficaram boas amigas? Ou será que brigam?

– Ah, não, Clara é sempre muito boa comigo – respondeu Heidi.

– E Heidi nunca quis brigar, papai – acrescentou Clara rapidamente.

– Que bom! – disse o pai, levantando-se. – Agora, preciso ir jantar, pois estou faminto. Volto aqui depois para mostrar tudo o que eu trouxe.

Na sala de jantar, o sr. Sesemann encontrou a srta. Rottenmeier inspecionando a mesa posta, com uma expressão trágica no rosto.

– Não parece muito animada com a minha chegada, srta. Rottenmeier. Qual o problema? Clara parece estar muito bem!

– Ah, sr. Sesemann, estamos terrivelmente desapontados.

– O que houve? – perguntou o sr. Sesemann, tomando tranquilamente um gole de vinho.

– Como sabe, tínhamos decidido acolher uma companheira para Clara, e, como sei que o senhor queria que fosse bem-educada e de boa índole, pensei em trazer uma menina da Suíça, e esperava que tivesse crescido no ar puro da montanha sem nunca ter tocado a terra.

– Creio que as crianças suíças têm que tocar a terra se quiserem ir a algum lugar; do contrário, teriam asas em vez de pés – comentou o sr. Sesemann.

– Ah, sr. Sesemann, o senhor entendeu o que eu quis dizer – continuou a srta. Rottenmeier. – Estou muito desapontada! Se o senhor soubesse o que ela andou aprontando! Que tipo de pessoas e animais trouxe para esta casa em sua ausência! O sr. Candidate poderá explicar melhor tudo o que aconteceu.

– A criança não me pareceu terrível. O que quer dizer com isso?

– Não consigo explicar ao certo, mas, às vezes, ela não parece nada bem da cabeça.

O sr. Sesemann assumiu uma expressão preocupada. Naquele instante, o preceptor entrou na sala.

– Ah, aí vem o sr. Candidate. Ele vai ajudar a esclarecer certas coisas! – exclamou o sr. Sesemann, estendendo a mão para o preceptor. – Entre e sente-se! Tome uma xícara de café comigo e me conte qual é o problema da menina que veio fazer companhia à minha filha. Se puder, seja breve, por favor.

Ser breve não era algo assim tão fácil para o sr. Candidate. Primeiramente, ele cumprimentou o sr. Sesemann e então começou seu relato, dizendo que era um bom tutor para a menina, enfatizando a educação acadêmica negligente que tinha recebido até o momento e assim por diante. O preceptor se alongou na descrição do caráter de Heidi, e o pobre sr. Sesemann infelizmente ficou sem as respostas de que gostaria. Ele então se levantou.

– Desculpe, sr. Candidate, preciso ir ver minha filha agora.

O sr. Sesemann encontrou as meninas no quarto de estudos. Ele se voltou para Heidi, que tinha se levantado quando ele entrou,

e disse:

– Você poderia... buscar um copo d'água para mim?

– Água fresca? – perguntou Heidi.

– Sim, isso mesmo! Água fresca! – respondeu o sr. Sesemann.

Heidi saiu e ele se sentou ao lado de Clara.

– Clara – disse ele, segurando a mão da filha –, agora me conte que tipo de animais Heidi trouxe para casa e por que a srta. Rottenmeier acha que ela não é boa da cabeça.

Clara começou a relatar ao pai os incidentes com os gatinhos e com a tartaruga, e explicou as conversas de Heidi que tanto tinham assustado a srta. Rottenmeier. O sr. Sesemann riu com gosto e perguntou a Clara se ela gostaria que Heidi ficasse.

– Claro, papai. Desde que Heidi chegou, todos os dias acontece alguma coisa engraçada. Tudo era tão sem graça antes de eu ter a companhia da Heidi.

– Muito bem! Muito bem, Clara. Ah, veja, sua amiga voltou. Conseguiu água fresca, Heidi? – perguntou o sr. Sesemann.

– Sim, água fresca da fonte – respondeu Heidi.

– Você foi até a fonte, Heidi? – quis saber Clara.

– Claro que sim! A água de lá é bem fresca, mas tive que ir longe porque havia muita gente na primeira e na segunda fonte. Então, desci a rua e consegui pegar água. Um senhor de cabelos brancos mandou lembranças para o sr. Sesemann.

– Nossa! Foi uma bela excursão! – riu o sr. Sesemann. – E quem é o senhor de cabelos brancos?

– Ele passou em frente à fonte, parou e disse: “Já que você tem um copo, deixe-me beber também. Para quem está levando a água?”. Eu respondi que era para o sr. Sesemann. Então, ele riu alto, mandou lembranças e disse que é para o senhor aproveitar bem a sua água.

– Quem será que me mandou esse recado? Como era o homem? – perguntou o sr. Sesemann.

– Tem uma risada amigável, e usa uma corrente grossa de ouro com um pingente dourado, com uma grande pedra vermelha, e uma bengala com uma cabeça de cavalo.

– É o doutor! O velho doutor! – exclamaram Clara e o pai ao

mesmo tempo.

Na mesma tarde, o sr. Sesemann avisou a srta. Rottenmeier que Heidi permaneceria na casa. Disse a ela que achou a criança perfeitamente normal e percebeu que sua companhia estava fazendo muito bem à filha.

– Quero que essa menina seja muito bem tratada e que suas peculiaridades não sejam punidas – acrescentou o sr. Sesemann com determinação. – Minha mãe, que em breve virá passar uma longa temporada aqui em casa, vai ajudá-la com a menina. Como a senhorita sabe, não existe pessoa no mundo que não se dê bem com a minha mãe.

– Ah, sim, claro que sei, sr. Sesemann – respondeu a governanta, nada satisfeita com a decisão do patrão.

O sr. Sesemann ficou apenas duas semanas em casa, e logo precisou voltar a Paris para cuidar dos negócios. Consolou a filha dizendo que a avó chegaria em poucos dias.

Mal o sr. Sesemann partira, chegou uma carta informando o horário exato da chegada da sra. Sesemann no dia seguinte.

Clara ficou muito feliz com a notícia e falou tanto da avó para Heidi que a menina também começou a chamá-la de “vovó”. A srta. Rottenmeier desaprovou essa atitude e repreendeu Heidi, dizendo que tamanha intimidade não era de bom tom.

Capítulo 10

A outra avó

Na tarde seguinte, uma grande expectativa pairava na atmosfera da casa. Tinette usava um toucado novo e Sebastian arrumou vários banquinhos de apoio para os pés em todas as poltronas da casa. A srta. Rottenmeier ia de sala em sala, com seu ar de austeridade, inspecionando tudo.

Quando a carruagem chegou, os criados desceram rapidamente as escadas, seguidos pela srta. Rottenmeier, que caminhava de forma mais solene. Heidi tinha recebido a instrução de ficar aguardando no quarto até ser chamada, mas não precisou esperar muito. Logo Tinette abriu a porta bruscamente, anunciando:

– Você deve ir ao quarto de estudos!

A avó, com seu jeito gentil e afetuoso, imediatamente fez amizade com Heidi, e fez a menina sentir como se a conhecesse havia muito tempo. Para o imenso pesar da srta. Rottenmeier, a avó decidiu que a menina deveria ser chamada de Heidi.

– Se o nome dela é “Heidi”, é assim que vou chamá-la – comentou a sra. Sesemann.

Uma das primeiras coisas que descobrira trabalhando ali era que devia respeitar as opiniões da avó e a forma como ela lidava com tudo. A sra. Sesemann sempre sabia o que estava acontecendo assim que pisava em casa. Na tarde seguinte, Clara descansava ao lado da avó, que havia fechado os olhos por cinco minutos. Mas logo ela se levantou e foi para a sala de jantar. Suspeitando de que a sra. Sesemann provavelmente estivesse dormindo, foi até o quarto dela e bateu com força à porta. Depois de um tempo, houve

uma movimentação lá dentro do cômodo, e logo a srta. Rottenmeier apareceu com uma expressão perplexa ao ver a visita inesperada.

– Rottenmeier, onde está a menina? Como ela passa suas tardes? Gostaria de saber – perguntou a sra. Sesemann.

– Ela apenas fica sentada no quarto, sem mover um dedo. Não tem a menor vontade de fazer algo útil, e é por isso que pensa em coisas tão absurdas que dificilmente poderiam ser mencionadas a um membro da alta sociedade.

– Acho que eu faria o mesmo se tivesse que ficar trancada no quarto como essa criança. Agora, vá buscar a menina e leve-a para o meu quarto. Quero mostrar a ela alguns livros bonitos que trouxe comigo.

– É justamente esse o problema! O que essa menina vai fazer com os livros? Em todo esse tempo, ela nem ao menos aprendeu o alfabeto. É totalmente impossível ensinar qualquer coisa que seja àquela criatura. Se o sr. Candidate não fosse tão paciente, já teria desistido de dar aulas para ela há muito tempo.

– Que estranho! Ela não parece uma menina incapaz de aprender o alfabeto – comentou a sra. Sesemann. – Bem, vá buscá-la; ela poderá pelo menos ver as ilustrações dos livros.

A srta. Rottenmeier estava prestes a argumentar, mas a sra. Sesemann deu meia-volta e retornou ao seu quarto. Ficou pensando no que tinha ouvido sobre Heidi e estava decidida a investigar o assunto.

Logo Heidi chegou. E olhou maravilhada para as lindas ilustrações coloridas nos grandes livros que a avó lhe mostrava. E não conteve um grito quando viu a gravura de um rebanho pastando tranquilamente em um campo verdejante. No meio, um pastor estava em pé, encostado no cajado. O sol poente lançava uma luz dourada sobre tudo. Com olhos brilhantes, Heidi observou atentamente a figura; mas, de repente, começou a soluçar com força.

A avó colocou a mãozinha da menina na sua.

– Venha, meu amor – disse carinhosamente a velha senhora –, não chore. A imagem a fez se lembrar de algo? Se você parar de chorar, vou lhe contar uma história ainda hoje. Há outras lindas

histórias neste livro que posso ler para você. Vamos, agora enxugue o rosto, porque preciso lhe fazer uma pergunta. Fique aqui na minha frente, para que eu possa vê-la melhor. Assim está ótimo, estamos felizes de novo.

Mas ainda demorou um tempo até Heidi conseguir se recompor. A avó esperou com calma, dizendo de vez em quando:

– Pronto, já passou, vamos ficar bem de novo.

Quando a menina finalmente estava mais calma, disse:

– Agora, me conte como estão indo as aulas com o professor. O que você aprendeu? Conte para mim.

– Nada – respondeu Heidi, suspirando. – Mas eu já sabia que nunca aprenderia.

– Por que você não consegue aprender?

– Não consigo, é muito difícil.

– Imagine! Quem disse isso a você?

– O Pedro, e ele sabe disso porque sempre tentou e nunca conseguiu. É muito difícil.

– Bom, esse Pedro deve ser um menino muito estranho! Veja, Heidi, não se deve acreditar em tudo o que Pedro diz. É preciso tentar por si mesma. Com certeza você não ouviu o professor com atenção quando ele lhe mostrou as letras.

– Não adianta! – assegurou Heidi em tom resignado, como se esse fosse o seu destino.

– Heidi, vou lhe dizer uma coisa – disse a boa senhora. – Você ainda não aprendeu a ler porque acreditou em Pedro. Mas acredite em mim agora. Estou dizendo, com toda certeza, que você vai conseguir aprender a ler em pouco tempo, pois muitas crianças são como você, e não como Pedro. Assim que conseguir ler, vou lhe dar este livro. Você viu o pastor no campo verdejante e logo vai poder descobrir todas as coisas estranhas que acontecem com ele. Sim, vai saber a história toda, o que acontece com ele e suas cabras. Você gostaria de saber, não gostaria, Heidi?

Heidi ouviu tudo com muita atenção.

– Ah, se eu já soubesse ler! – lamentou ela, com os olhos brilhando.

– Você vai conseguir, e não vai demorar muito. Tenho certeza

disso, Heidi. Agora, vamos ver Clara. Podemos levar estes belos livros conosco.

Desde o dia em que tentou fugir para voltar para casa, Heidi tinha mudado muito. Ela entendeu que magoaria seus bons amigos se tentasse voltar para casa novamente. Sabia agora que não poderia ir embora quando quisesse, como a tia Dete lhe havia prometido, pois todos eles, principalmente Clara, o pai dela e a vovó, considerá-la-iam uma ingrata. Mas essa percepção deixava seu coração mais pesado a cada dia, e assim ela foi perdendo o apetite e ficando cada vez mais pálida. Não conseguia dormir à noite de tanta saudade de ver o sol brilhar nas montanhas floridas, e só se sentia feliz quando sonhava com isso. Ao acordar pela manhã, sempre se via em sua cama alta e branca, muito longe de casa. Enterrando a cabeça no travesseiro, chorava por muito, muito tempo.

A tristeza de Heidi não passara despercebida à sra. Sesemann, que esperou alguns dias para ver se a situação mudava. Mas tudo permaneceu da mesma forma, e todas as manhãs a avó conseguia perceber se Heidi havia chorado. Por isso, certo dia, levou-a de novo ao seu quarto para conversar.

– Conte para mim o que está acontecendo, Heidi. Está preocupada com alguma coisa?

A menina não queria se mostrar ingrata, e então disse com tristeza:

– Não posso contar.

– Não? Poderia contar à Clara, talvez? – perguntou a avó.

– Não, não posso contar a ninguém – respondeu Heidi, com tanta tristeza que a avó se compadeceu dela.

– Então vou lhe dizer o que fazer, menininha. Quando estamos sofrendo por alguma coisa que não podemos contar a ninguém, conversamos com o Papai do Céu e pedimos ajuda, pois podemos dizer tudo a Ele, e Ele pode aliviar todo e qualquer sofrimento. Você entende isso, meu bem? Você não reza todas as noites? Não agradece a Ele por tudo o que tem e pede que a proteja de todo o mal?

– Não, nunca faço isso – respondeu a menina.

– Nunca rezou, Heidi? Sabe o que isso significa?

– Só rezei com a minha primeira vovó, mas já faz tanto tempo que acabei esquecendo.

– Heidi, agora sei por que você está tão triste! Todos precisamos recorrer a alguém. Pense em como faz bem poder pedir ajuda a Deus quando estamos com o coração apertado, contar tudo a Ele e pedir Sua ajuda quando ninguém mais pode nos ajudar! Ele pode nos devolver a alegria de viver.

Heidi ficou muito feliz com tudo o que ouviu.

– Podemos mesmo contar tudo a Ele?

– Sim, Heidi, tudo.

A menina soltou as mãos da avó.

– Posso ir? – pediu, apressada.

– Sim, claro! – disse a avó.

Heidi foi correndo para o quarto, sentou-se no banquinho, juntou as mãos e disse a Deus tudo o que estava em seu coração que a entristecia. Implorou a Ele que a ajudasse a voltar para a casa do avô.

Pouco mais de uma semana depois disso, o preceptor pediu para falar com a sra. Sesemann, pois queria lhe contar um fato estranho que havia ocorrido. Foi levado ao quarto dela.

– Sra. Sesemann, aconteceu algo que eu não esperava...

E ouvindo o longo relato do sr. Candidate a feliz vovó foi informada de que Heidi tinha aprendido a ler repentinamente e com muita acuidade, o que era raro em iniciantes.

– Acontecem muitas coisas estranhas no mundo – comentou a sra. Sesemann enquanto se dirigiam à sala de estudos para testemunhar a nova conquista de Heidi.

A menina estava sentada perto de Clara, lendo uma história para ela. Parecia maravilhada com o novo e estranho mundo que tinha acabado de se abrir diante dela.

Mais tarde, quando chegou à mesa do jantar, Heidi encontrou o grande livro com as lindas ilustrações sobre seu prato. Olhou para a vovó em dúvida, e a velha senhora confirmou suas suspeitas, assentindo.

– Sim, sim, agora ele é seu.

– Para sempre? Mesmo quando eu voltar para casa? –

perguntou Heidi, feliz e confusa ao mesmo tempo.

– Com certeza, é seu para sempre! – garantiu a avó. – Amanhã vamos começar a lê-lo.

– Mas Heidi, você não poderá ir para casa. Só daqui a muitos anos – interrompeu Clara. – Preciso de você comigo, principalmente quando a vovó for embora.

Heidi ainda olhava seu livro antes de ir para a cama naquela noite, e aquele exemplar se tornou seu tesouro mais precioso. Ela olhava para as belas ilustrações e lia todas as histórias em voz alta para Clara. A vovó ouvia em silêncio e explicava algo em um trecho ou outro, tornando as histórias ainda mais belas. Heidi amava mais do que tudo as ilustrações com o pastor, pois contavam a história do filho pródigo. Ela a lia e relia até quase sabê-la de cor. Como tinha aprendido a ler e conseguido ganhar o livro, a sucessão dos dias se tornou rápida e agradável, e a data marcada para a partida da vovó se aproximava rapidamente.

Capítulo 11

Heidi ganha em alguns aspectos e perde em outros

A vovó mandava buscar Heidi todos os dias depois do almoço, quando Clara estava descansando e a srta. Rottenmeier desaparecia em seu quarto. A boa senhora conversava com Heidi e a entretinha de várias maneiras, mostrando como fazer roupas para as lindas bonequinhas que havia trazido. Heidi havia aprendido facilmente a costurar, e agora fazia os mais adoráveis vestidos e casacos para as bonequinhas com os materiais lindos que a vovó lhe dera. Heidi sempre lia para a vovó, e quanto mais lia as histórias, mais queridas se tornavam para ela. Ela vivia as histórias através dos personagens nos contos e sempre ficava feliz por estar com eles novamente. Mas nunca estava realmente feliz, e seus olhos nunca mais brilharam de alegria como antes.

Na última semana da estada da sra. Sesemann, Heidi foi chamada ao quarto dela. Quando a menina entrou, trazendo seu grande livro debaixo do braço, a avó fez um sinal para que se aproximasse.

– Vamos, querida – disse ela, colocando o livro de lado –, diga-me a razão de estar tão triste. Continua aflita com o mesmo problema?

– Sim – respondeu Heidi.

– Conversou com o Papai do Céu?

– Sim.

– E tem rezado para Ele todos os dias, para que tudo melhore e você volte a ficar feliz?

– Não, não rezo mais.

– Mas o que está me dizendo, Heidi? Por que não reza mais?

– Porque não adianta nada – acrescentou. – Ele não me ouve, e isso nem me admira, com tantas pessoas rezando ao mesmo tempo, todas as noites, em Frankfurt. Não tem como o Papai do Céu dar atenção a todo mundo. Tenho certeza de que Ele não me ouviu.

– É mesmo? E como pode ter certeza disso, Heidi?

– Todos os dias, pedi a mesma coisa durante semanas, e Deus não atendeu ao meu pedido.

– Mas não é assim que funciona, Heidi! Veja bem, Deus é um bom Pai para todos nós, Ele sempre sabe o que é bom para nós quando não sabemos o que fazer. Quando pedimos algo que não é muito bom para nós, Ele nos dá algo muito melhor se confiarmos Nele e não perdermos a confiança em Seu amor. Tenho certeza de que o que você pediu não seria muito bom para você neste momento. Ele a ouviu certamente, pois pode ouvir as orações de todas as pessoas do mundo ao mesmo tempo, porque Ele é o Deus Todo-Poderoso, e não um mortal como nós. Ele ouviu suas orações e disse a si mesmo: “Sim, Heidi receberá o que está pedindo quando chegar a hora certa”. Contudo, enquanto Deus estava olhando para você para ouvir suas orações, você perdeu a confiança e se afastou Dele. Se Deus não ouvir mais suas orações, também se esquecerá de você e vai deixá-la se afastar. Você não quer voltar para Ele, Heidi, e pedir que a perdoe? Ore a Ele todos os dias, e espere Nele, e Ele proverá alegria e felicidade para você.

Heidi ouviu tudo com muita atenção. Cada palavra da avó entrou fundo em seu coração, pois a menina confiava muito na boa mulher.

– Vou agora mesmo pedir perdão a Deus e nunca mais vou esquecê-lo – prometeu, cheia de arrependimento.

– Isso mesmo! Tenho certeza de que Ele vai ajudá-la quando a hora certa chegar – garantiu a avó em tom consolador.

Heidi foi correndo até o quarto e rezou com fervor a Deus para que Ele a perdoasse e atendesse ao seu pedido.

O dia da partida da vovó tinha chegado, mas a sra. Sesemann organizou tudo de maneira que as crianças não percebessem que

ela realmente estava indo embora. Mesmo assim, tudo ficou vazio e silencioso quando ela se foi, e as crianças não sabiam mais como passar o tempo. No dia seguinte, depois da aula, quando as meninas costumavam ficar juntas, Heidi apareceu com seu livro debaixo do braço.

– Posso sempre ler para você a partir de agora, Clara?

Clara concordou, e Heidi começou a ler. Mas a leitura não durou muito, pois Heidi começou por uma história em que a personagem, uma avó, morria.

– Ah, não! A vovó morreu! – e caiu no choro, pois tudo o que lia parecia tão real que Heidi achou que a vovó da montanha tivesse morrido. Chorando muito, lamentou:

– Agora que a vovó morreu, não posso mais ir visitá-la, e ela não vai ganhar nenhum pãozinho!

Clara tentou explicar o mal-entendido, mas Heidi estava muito chateada para entender. Ela imaginou como seria horrível se seu querido avô morresse também enquanto ela estivesse longe. Como a cabana ficaria vazia e silenciosa e como ela se sentiria sozinha!

A srta. Rottenmeier ouviu o que estava acontecendo, aproximou-se da menina, que estava aos prantos, e a repreendeu com impaciência.

– Adelaide, já chega! Se eu ouvir novamente essa choradeira, tiro esse livro de você e nunca mais devolvo!

Heidi ficou pálida com a ameaça, pois o livro era seu tesouro mais precioso. Secando rapidamente as lágrimas, abafou os soluços. Depois desse episódio, Heidi nunca mais chorou. Muitas vezes, ela mal conseguia abafar os soluços, e tinha que fazer todo tipo de caretas para conseguir controlar as lágrimas que insistiam em surgir. Clara sempre olhava para ela com muita surpresa, mas a srta. Rottenmeier não percebia nada, e não teve outra oportunidade de cumprir sua ameaça. No entanto, a pobre menina ia ficando cada vez mais triste, e parecia tão magra e pálida que Sebastian começou a ficar preocupado. Ele tentou encorajá-la a experimentar todos os bons pratos que servia às refeições, mas ela não se interessava por nada e mal tocava a comida. Chorava baixinho todas as noites, com o coração

acelerado de saudades de casa.

E assim o tempo passou. Heidi não sabia se era verão ou inverno, pois a visão dos muros em frente à casa era sempre a mesma. Raramente saíam de casa, pois Clara não aguentava longos passeios. Tudo o que viam ao sair eram ruas, casas e pessoas apressadas. Não havia grama, abetos e nem montanhas. Heidi fazia constantemente muito esforço para conter a tristeza, mas era muito difícil. O outono e o inverno se passaram, e Heidi imaginava que tinha chegado a hora de Pedro subir a montanha com as cabras, onde as florezinhas brilhavam e o sol parecia incendiar tudo com seu esplendor. Ela sentava-se em um cantinho do quarto e cobria os olhos com as mãos, para não ver o brilho do sol. E lá ela ficava, imóvel, com o coração aflito de saudades, até Clara chamá-la novamente.

Capítulo 12

A casa dos Sesemann é assombrada

A srta. Rottenmeier estivera perambulando pela casa em silêncio durante vários dias. Ia de um quarto a outro, atravessando os corredores, e muitas vezes olhava para trás, como se tivesse receio de que alguém a estivesse seguindo. Se ela precisasse ir ao andar superior, onde ficavam os belos quartos de hóspedes, ou ao andar de baixo, onde ficava o grande salão de baile, sempre pedia à Tinette que fosse com ela. O estranho também era que nenhum dos criados ousava ir a lugar algum sozinho e sempre arranjavam desculpas para pedir a companhia de alguém, e os pedidos eram sempre atendidos. A cozinheira, que trabalhava na casa havia muitos anos, costumava balançar a cabeça e resmungar:

– Não acredito que vivi para ver isso!

Algo estranho e esquisito estava acontecendo na casa. Todas as manhãs, quando os criados desciam as escadas, encontravam a porta da frente aberta. Nas primeiras vezes, pensaram que se tratava de furto, mas não deram falta de nada. Era sempre a mesma coisa, apesar das fechaduras duplas que haviam sido colocadas na porta. Por fim, John e Sebastian, tomando coragem, prepararam-se para vigiar a casa durante a noite e assim descobrir quem era o fantasma. Armados e munidos de uma garrafa de bebida forte, eles se esconderam em um quarto no andar de baixo. Inicialmente, ficaram conversando, mas logo, recostados em silêncio nas cadeiras, pegaram no sono. Quando o relógio da velha torre da igreja bateu uma hora, Sebastian acordou, e com muita dificuldade conseguiu despertar o camarada. Por fim, John estava bem acordado, e os dois foram até o corredor. No mesmo instante, uma forte corrente de ar apagou a vela que John levava. Ele voltou

correndo e quase derrubou Sebastian, que vinha atrás dele. Puxando o mordomo de volta para o quarto, ele trancou a porta apressadamente. Quando a vela foi acesa novamente, Sebastian percebeu que John estava mortalmente pálido e trêmulo. Sebastian, que não tinha visto nada, perguntou com ansiedade:

– O que aconteceu? O que você viu?

– A porta estava escancarada e vi uma figura branca subir rapidamente a escada e desaparecer lá em cima.

Sebastian sentiu um arrepio na espinha. Os dois se sentaram lado a lado e não se mexeram até a manhã seguinte, quando saíram juntos, fecharam a porta e subiram para relatar à srta. Rottenmeier o que havia acontecido. A senhorita, que estava ansiosa para recebê-los, logo após o relato dos empregados sentou-se imediatamente para escrever uma carta ao sr. Sesemann. Contou-lhe que o medo havia paralisado seus dedos e que coisas terríveis estavam acontecendo na casa. Em seguida, relatou tudo o que sabia sobre o aparecimento do fantasma.

O sr. Sesemann respondeu que não podia deixar seus negócios e aconselhou a srta. Rottenmeier a pedir que sua mãe, a sra. Sesemann, viesse ficar com eles, pois ela certamente colocaria o fantasma para correr com muita facilidade. A srta. Rottenmeier ficou ofendida com o tom da carta, pois denotava que ela não tinha sido levada a sério. A sra. Sesemann também respondeu que não poderia vir naquele momento e então a srta. Rottenmeier decidiu contar tudo às crianças. Clara, ao saber da história misteriosa, imediatamente exclamou que não ficaria sozinha um único momento e queria que o pai voltasse para casa. A srta. Rottenmeier passou a dormir com a menina assustada, enquanto Heidi, que não sabia o que eram fantasmas, manteve-se impassível. Mais uma carta foi enviada ao sr. Sesemann, contando que toda a agitação relativa à história do fantasma poderia causar sérios efeitos negativos na constituição delicada de sua filha; a srta. Rottenmeier ainda mencionou todos os vários infortúnios que provavelmente poderiam acontecer se ele não aliviasse a família do enorme terror que viviam.

A nova carta trouxe o sr. Sesemann de volta para casa. Ele entrou no quarto da filha assim que chegou e ficou muito feliz em vê-la tão bem como sempre. Clara também ficou encantada ao ver

o pai.

– E o que o fantasma tem aprontado, srta. Rottenmeier? – perguntou então o sr. Sesemann, piscando um olho.

– Não é uma piada, sr. Sesemann – respondeu ela em tom bem sério. – Não creio que amanhã o senhor vá rir, pois o que tem acontecido nesta casa indica que algo terrível, e que foi mantido em segredo, aconteceu aqui no passado.

– É mesmo? Isso é novidade para mim – comentou o sr. Sesemann. – Mas, por favor, não julgue mal meus antepassados. Agora, diga a Sebastian que quero falar com ele a sós.

O sr. Sesemann sabia que Sebastian e a srta. Rottenmeier não se davam muito bem.

– Entre, Sebastian – disse ele, quando o mordomo chegou. – Diga-me, com toda a sinceridade... Por acaso andou brincando de fantasma só para assustar a srta. Rottenmeier?

– Não, senhor, dou a minha palavra! Não pense que foi isso – respondeu Sebastian com inconfundível sinceridade. – Também não gosto dessa situação.

– Bom, se é assim, amanhã vou mostrar a você e ao John como são os fantasmas à luz do dia. Jovens fortes como vocês deveriam se envergonhar de sair correndo de fantasmas! Agora vá levar um recado ao meu velho amigo, o doutor Classen. Diga que mando lembranças e que gostaria que ele viesse aqui hoje, às nove em ponto. Diga que voltei de Paris especialmente para uma consulta com ele. Quero que passe a noite toda aqui. Entendeu, Sebastian?

– Sim, senhor! Perfeitamente, sr. Sesemann!

Com isso, Sebastian se afastou, e o sr. Sesemann voltou para o quarto da filha, para tranquilizá-la.

Às nove em ponto, o doutor chegou. Era um homem de cabelos grisalhos, mas que tinha o rosto ainda jovem e um olhar alegre e gentil. Ao ver o amigo, riu alto.

– Para alguém que precisa da minha companhia a noite toda, você me parece bem saudável.

– Calma, meu amigo – disse o sr. Sesemann. – A pessoa de quem você terá que cuidar vai parecer bem pior quando a pegarmos.

– Como assim? Então há alguém doente nesta casa? O que quer dizer com isso?

– É pior do que isso, doutor, bem pior. Minha casa está assombrada!

O doutor deu uma gargalhada.

– Que bela maneira de demonstrar compaixão, doutor! – continuou o sr. Sesemann. – É uma pena que minha amiga Rottenmeier não esteja aqui para ouvi-lo. Está totalmente convencida de que algum ancestral meu está assombrando a casa, atormentado por algum mal cometido no passado.

– E o que ela disse sobre esse fantasma? – perguntou o doutor, que se divertia com tudo aquilo.

O sr. Sesemann explicou o que estava acontecendo. Disse que talvez fosse uma piada de mau gosto que algum conhecido dos criados estava fazendo em sua ausência, ou uma gangue de ladrões que, depois de intimidar os residentes, certamente passaria a roubar a casa.

Com essas explicações, entraram na sala em que os dois criados haviam feito a vigília da noite anterior. Algumas garrafas de vinho estavam sobre a mesa e dois candelabros brilhantes flamejavam. Havia dois revólveres a postos, prontos para qualquer emergência.

Eles deixaram a porta do quarto parcialmente aberta, pois o excesso de luz poderia afugentar o fantasma, e se sentaram confortavelmente. Ficaram ali, conversando sobre várias coisas, tomando um gole de vinho de vez em quando.

– O fantasma percebeu que estamos aqui e não virá hoje – disse o doutor.

– Calma, ele não costuma aparecer antes da uma hora – respondeu o amigo.

Retomaram a conversa. O relógio bateu uma hora. A casa estava em completo silêncio, e na rua também não se ouvia barulho algum. De repente, o doutor ergueu o dedo.

– Shhh! Sesemann, está ouvindo?

Os dois aguçaram os ouvidos e puderam distinguir o ruído da barra da porta sendo levantada, a chave sendo girada duas vezes

na fechadura e a porta se abrindo. O sr. Sesemann pegou o revólver.

– Espero que não esteja com medo – perguntou o doutor, levantando-se.

– É melhor prevenir – sussurrou o sr. Sesemann, segurando o candelabro na outra mão.

O doutor o seguiu, também armado com o candelabro e o revólver. E assim os dois foram para o corredor.

No limiar da porta havia um pálido luar que iluminava a figura branca parada na soleira.

– Quem está aí? – esbravejou o doutor, aproximando-se.

Ela se virou e deu um grito. Descalça e de camisola branca, Heidi olhou perturbada para a chama das velas e para as armas. Tremendo de medo, olhava estarecida para os homens, que a observavam espantados.

– Sesemann, parece a menina que foi buscar água para você – comentou o doutor.

– Heidi, o que significa isso? O que estava querendo fazer? Por que desceu até aqui? – perguntou o sr. Sesemann.

Branca de medo, Heidi disse num fio de voz:

– Não sei.

Então o doutor interveio:

– Sesemann, esse caso pertence à minha área. Vá se sentar lá dentro que eu levo a menina para o quarto dela.

Dizendo isso, pôs o revólver no chão e foi levando a trêmula menina para o andar de cima.

– Não tenha medo, não tenha medo. Fique tranquila, está tudo bem.

No quarto, o doutor colocou Heidi na cama e a cobriu com cuidado. Depois, sentou-se ao seu lado e esperou até que ela se acalmasse e parasse de tremer. Então pegou a mão dela, tranquilizando-a.

– Agora que está tudo bem, me diga aonde queria ir.

– Não queria ir a lugar algum – garantiu Heidi. – Não percebi que desci as escadas. Quando me dei conta, estava lá.

– Entendo. Diga-me, o que você sonhou?

– Toda noite tenho o mesmo sonho. Sempre acho que estou novamente com o meu vovô e consigo ouvir o barulho do vento nos abetos. Sempre penso como as estrelas devem estar brilhando no céu. Então, saio correndo e abro a porta da cabana para vê-las. É tão bonito! Mas, quando acordo, vejo que ainda estou em Frankfurt – Heidi teve que conter o choro que lhe apertava a garganta.

– Você sente dor nas costas e na cabeça, minha menina?

– Não, só o que sinto é algo como uma pedra grande pressionando bem aqui.

– Como se tivesse comido alguma coisa que não caiu bem?

– Não, é como se quisesse chorar muito.

– Entendo. E você chora então?

– Não. Jamais posso chorar. A srta. Rottenmeier me proibiu.

– Então você engole o choro, é isso? Entendi! Você gosta de morar aqui?

– Sim – respondeu baixinho e com hesitação.

– Onde morava quando estava com seu avô?

– Na montanha.

– Mas não era muito solitário por lá?

– Não, era lindo, muito lindo!

Heidi não conseguiu continuar. A lembrança, a agitação daquela noite e o choro contido por muito tempo superaram suas forças. As lágrimas jorraram violentamente de seus olhos, e ela soluçava compulsivamente.

O doutor se levantou.

– Isso, chorar um pouco não faz mal – disse ele, para tranquilizá-la. – Tente dormir. Amanhã tudo vai estar melhor – e saiu do quarto.

Ao entrar na sala, sentou-se na cadeira ao lado do amigo, que o aguardava ansiosamente.

– Sesemann, em primeiro lugar, a garotinha é sonâmbula e vem inconscientemente assustando seus empregados. Em segundo lugar, morre de saudades de casa e está ficando doente e

perdendo peso por isso. Portanto, você deve ajudá-la imediatamente! O único remédio é enviá-la para sentir o ar da montanha em que vivia. Por isso, leve amanhã mesmo essa menina para casa. Essa é a minha prescrição.

– Sonâmbula! Doente! Saudade de casa! Emagreceu em minha casa! Tudo isso em minha casa! E ninguém viu nem sabia nada a respeito! E você, doutor, acha que devo mandar de volta ao avô a menina esquelética que chegou saudável à minha casa? Não, doutor, peça-me tudo, menos isso. Cuide desse caso e prescreva o que for preciso, mas faça com que ela fique bem antes de ser mandada de volta para casa.

– Sesemann – respondeu o doutor com seriedade –, pense no que está fazendo! Ela não pode ser curada com comprimidos ou pozinhos milagrosos. A menina não é muito forte; se a mantiver aqui, pode ser que jamais se cure. Todavia, se mandá-la agora mesmo para o ar puro da montanha da qual ela sente tanta falta, voltará a ficar perfeitamente saudável.

– Se esse é o seu conselho, devo agir imediatamente, e é isso que farei.

Ele então pegou o amigo pelo braço e caminharam de um lado para o outro conversando mais sobre o assunto. Quando tudo ficou claro, o doutor se despediu, pois já era dia e o sol brilhava pela porta da casa.

Capítulo 13

Subindo a montanha em uma tarde de verão

O sr. Sesemann subiu as escadas todo agitado e bateu à porta do quarto da srta. Rottenmeier. Ele pediu que ela se apressasse, pois havia preparativos de viagem que precisavam ser feitos. Ela obedeceu à ordem com a maior indignação, pois eram apenas quatro e meia da manhã. Nervosa e agitada, vestiu-se às pressas e com grande dificuldade. Todos os outros criados foram chamados da mesma forma, e pensaram que o dono da casa havia sido capturado pelo fantasma e estava tocando o sino para pedir socorro. Quando todos desceram com olhares aterrorizados, ficaram muito surpresos ao ver o sr. Sesemann renovado e alegre, dando ordens a todos. John foi enviado para preparar os cavalos e Tinette foi instruída a preparar Heidi para sua partida, enquanto Sebastian ficou encarregado de buscar a tia de Heidi. O sr. Sesemann instruiu a srta. Rottenmeier a imediatamente arrumar um baú para Heidi.

A srta. Rottenmeier ficou extremamente decepcionada, pois esperava uma explicação para o grande mistério. Mas o sr. Sesemann, evidentemente indisposto para dar muitas explicações, foi até o quarto da filha. Clara já havia acordado com todo aquele barulho fora de hora e ouvia tudo com atenção. O pai contou a ela o que tinha acontecido e que o médico aconselhara que Heidi voltasse para sua casa, porque seu estado era sério e poderia piorar. Disse à filha que Heidi poderia até escalar o telhado ou ser exposta a perigos semelhantes se não fosse curada de uma vez.

Clara ficou dolorosamente surpresa e tentou impedir o pai de levar seu plano adiante. Ele se manteve firme, porém prometeu levá-la pessoalmente à Suíça no verão seguinte se ela fosse boazinha e sensata naquele momento. Então, a menina resignou-se e implorou para que o baú de Heidi fosse arrumado em seu quarto. O sr. Sesemann a encorajou a organizar roupas lindas para a amiguinha.

Nesse meio-tempo, a tia de Heidi havia chegado. Ao ficar sabendo que deveria levar a sobrinha para casa, arrumou inúmeras desculpas, o que mostrava claramente que ela não queria fazer aquilo. Dete se lembrava muito bem das palavras de despedida do tio. O sr. Sesemann a dispensou e mandou chamar Sebastian. O mordomo foi instruído a se preparar para viajar com a menina. Ele deveria ir à Basileia naquele dia e passar a noite em um bom hotel indicado pelo patrão. No dia seguinte, a criança deveria ser levada para casa.

– Ouça bem, Sebastian – concluiu o Sr. Sesemann. – E faça exatamente como eu disse! Conheço o hotel em que vocês vão ficar na Basileia. Mostre meu cartão e eles providenciarão acomodações confortáveis para vocês. Vá ao quarto da menina e verifique se todas as janelas estão bem fechadas, para que ela não as consiga abrir. E quando ela for dormir, tranque a porta por fora, pois ela é sonâmbula, e por isso pode sair durante a noite e correr perigo. Entendeu bem?

– Ah! Então era ela? – exclamou o mordomo.

– Sim, era! Você é um covarde, e pode dizer a John que ele é outro. Vocês não passam de um bando de tolos.

Dizendo isso, o sr. Sesemann foi ao escritório, sentou-se e começou a escrever uma carta para o avô de Heidi.

Envergonhado, Sebastian disse a si mesmo que não devia ter se deixado levar por John; teria sido melhor se tentasse ter descoberto tudo sozinho.

Heidi usava seu vestido de domingo e esperava as orientações do dia.

O sr. Sesemann mandou chamá-la.

– Bom dia, sr. Sesemann – disse Heidi ao entrar.

– E então, o que achou da novidade? – perguntou ele.

Heidi o olhou surpresa.

– Ainda não está sabendo de nada? – perguntou o sr. Sesemann sorrindo.

Tinette não havia lhe contado nada, pois achava que conversar com uma criança vulgar como Heidi era uma indignidade.

– Bem, você vai voltar para casa hoje!

– Para casa? – Heidi perguntou baixinho.

A surpresa foi tão grande que, por um instante, mal conseguiu respirar.

– Quer saber o que mais? – perguntou o sr. Sesemann, sorrindo.

– Ah, quero, sim! – ela conseguiu responder, e seu rosto enrubesceu.

– Ótimo, ótimo – disse o gentil sr. Sesemann. – Agora, vá tomar um bom café da manhã, pois em breve você vai partir na carruagem.

Mas Heidi não conseguia engolir nem uma mordida, mesmo se esforçando para obedecer. Parecia que estava sonhando.

– Fique no quarto de Clara até a carruagem chegar – disse gentilmente o sr. Sesemann.

Era o que ela desejava, e subiu correndo. No meio do quarto de Clara, havia um enorme baú aberto.

– Venha, Heidi, venha – chamou Clara. – Veja o que pedi que colocassem no seu baú. Gostou?

Havia muitas coisas lindas, mas Heidi pulou de alegria ao descobrir uma pequena cesta com doze pãezinhos brancos redondos para a avó. As crianças haviam até se esquecido de que aquele era um momento de despedida, mas então a carruagem foi anunciada. Heidi ainda tinha que pegar todos os seus tesouros em seu quarto. O livro da avó estava cuidadosamente embalado, assim como o xale vermelho, que a srta. Rottenmeier tinha deixado para trás de propósito. Em seguida, vestindo seu lindo chapéu, saiu do quarto para se despedir de Clara. Não havia muito tempo para isso, pois o sr. Sesemann a esperava para colocá-la na carruagem. Quando a srta. Rottenmeier, que estava na escada para se despedir da pupila, viu a trouxa vermelha na mão de Heidi, puxou-a e a

jogou no chão. Heidi olhou suplicante para seu amável protetor, e o sr. Sesemann, percebendo como aquele item era importante para ela, o pegou de volta. Na despedida, a alegre menina agradeceu por toda a sua bondade. Ela também pediu que agradecesse ao bom e velho médico, pois suspeitava de que fosse ele o verdadeiro responsável por sua partida.

Enquanto Heidi era colocada na carruagem, o sr. Sesemann garantiu que Clara e ele nunca se esqueceriam dela. Sebastian entrou logo em seguida com a cesta de Heidi e uma grande sacola com provisões.

– Boa viagem! – exclamou o sr. Sesemann.

E a carruagem partiu.

Somente quando Heidi estava sentada no trem que se deu conta de que estava mesmo voltando para casa. Sabia agora que realmente veria de novo o vovô e a vovó, e também Pedro e as cabras. Seu único medo era que a pobre vovó cega pudesse ter morrido durante a sua ausência.

Ela não via a hora de dar os pãezinhos brancos e macios para a vovó. Enquanto pensava em tudo isso, adormeceu. Quando chegaram à Basileia, foi acordada por Sebastian, pois era lá que deveriam passar a noite.

Na manhã seguinte, partiram novamente, e demorou muito tempo até chegarem a Maienfeld. Quando Sebastian chegou à plataforma da estação, desejou que a viagem de trem tivesse sido mais longa, pois não estava nada animado para escalar uma montanha. A última parte da viagem poderia ser perigosa, pois tudo parecia meio selvagem naquele país. Olhou ao redor e viu uma pequena carroça puxada por um cavalo magro. Um homem de ombros largos carregava algumas malas grandes que tinham acabado de chegar no trem. Sebastian aproximou-se dele e pediu algumas informações sobre a forma menos perigosa de subir até os Alpes. Depois de um tempo, ficou acertado que o homem deveria levar Heidi e seu baú para o vilarejo e providenciar que alguém subisse com ela de lá.

Heidi ficou quietinha durante todo o tempo da negociação até que finalmente comentou:

– Posso ir sozinha, conheço o caminho do vilarejo até a

montanha.

Sebastian ficou muito aliviado por não ter que escalar a montanha. Chamou Heidi de lado e entregou a ela um maço pesado de notas e uma carta para o avô; explicou que o maço era um presente do sr. Sesemann, mas que tinha de ser escondido no fundo da cesta, embaixo dos pães, para que ela não o perdesse de forma alguma.

Heidi prometeu tomar cuidado e ele a colocou na carroça. Os dois velhos amigos apertaram as mãos e se separaram. Sebastian, com a consciência um pouco pesada por ter abandonado a criança antes da hora, sentou-se na estação para esperar o trem de volta.

O motorista era o padeiro do vilarejo, que nunca tinha visto Heidi, mas tinha ouvido falar muito sobre ela. Ele tinha conhecido os pais dela e imediatamente adivinhou que aquela era a criança que morava com o Tio da Montanha. Curioso para saber por que ela voltava para casa, ele iniciou uma conversa.

– Você não é a Heidi que vivia com seu avô, o Tio da Montanha?

– Sim.

– Por que está voltando para casa? Não deu certo lá?

– Não, não é isso; foi tudo muito bom em Frankfurt.

– Mas, então, por que voltou?

– Porque o sr. Sesemann me deixou voltar para casa.

– Eita! Mas se estava tão bem lá, por que voltou?

– Porque prefiro mil vezes morar com o vovô na montanha do que viver em qualquer outro lugar do mundo.

– Talvez mude de ideia quando chegar lá em cima – resmungou o padeiro. – Que estranho! Ela devia saber como ele é... – resmungou para si mesmo.

Eles não conversaram mais. Heidi começou a tremer de excitação quando reconheceu todas as árvores na estrada e os altos picos das montanhas. Às vezes, sentia como se não fosse conseguir ficar parada por mais tempo. Tinha que pular e sair correndo com todas as suas forças. Chegaram ao vilarejo às cinco horas. Imediatamente, um grande grupo de mulheres e crianças cercou a carroça, pois o baú e a pequena passageira haviam atraído a

atenção de todos. Quando Heidi desceu da carroça, viu-se encurralada e questionada por todos os lados. Ao perceberem como ela estava assustada, finalmente a deixaram ir. O padeiro ficou lá e contou tudo sobre a chegada de Heidi com o estranho cavalheiro, garantindo a todos que Heidi amava o avô de todo o coração, e o que as pessoas falavam sobre ele não importava nada para ela.

Heidi subiu a montanha o mais rápido que pôde. De vez em quando, tinha que parar um pouco para recuperar o fôlego. A cesta em seu braço ficava cada vez mais pesada, e a subida, cada vez mais inclinada. Apenas um pensamento dominava sua mente: “Será que a vovó vai estar sentada em seu cantinho ao lado da roda de fiar? Será que já morreu?”. Então, avistou a cabana escondida ao fundo da montanha, e seu coração disparou. Heidi correu ainda mais, e sentia o coração bater cada vez mais forte. Chegou na casa, mas tremia tanto que mal conseguiu abrir a porta. Ao entrar correndo, estava tão ofegante que não conseguiu dizer nada.

– Ai, meu Deus! – lamentou uma voz de um canto da casa. – Esse era o modo como nossa Heidi entrava em casa! Ah, se eu pudesse tê-la comigo apenas mais uma vez antes de morrer! Quem está aí?

– Sou eu, vovó, sou eu! – gritou, jogando-se de joelhos aos pés da avó.

Ela agarrou as mãos e os braços e, aconchegando-se a ela, não disse mais nada, tamanha era a sua alegria. A avó ficou tão surpresa que só conseguiu ficar acariciando silenciosamente os cabelos encaracolados da menina.

– Sim, sim, são os cabelos dela, e é a voz dela! Ah, meu Deus! Obrigada por essa alegria! – Dos olhos cegos rolaram algumas lágrimas de alegria na mão de Heidi. – É você mesmo, Heidi? Você voltou?

– Sou eu, sim, vovó! – repetiu. – Não chore! Voltei de verdade, e virei todos os dias visitar a senhora. Não vou embora nunca mais, e a senhora não vai ter que comer pães duros por alguns dias. Veja o que eu trouxe.

Heidi colocou um pãozinho atrás do outro no colo da avó.

– Ah, minha querida! Que benção você trouxe para mim! –

exclamou a avó. – Mas a benção maior é ter você aqui! – E mais uma vez passou a mão nos cabelos da menina e em suas bochechas quentes. – Diga alguma coisa para eu poder ouvi-la!

Quando Heidi estava falando, a mãe de Pedro chegou e exclamou espantada:

– É Heidi! Como pode ser?

A menina se levantou e a cumprimentou. Brígida ficou muito admirada com o novo chapéu e o vestido de Heidi.

– Pode ficar com meu chapéu. Não preciso mais dele. Tenho ainda meu antigo chapéu.

Heidi abriu o embrulhinho vermelho e tirou de lá o velho chapeuzinho de palha. Ela se lembrava do que o avô tinha dito para a tia Dete sobre o chapéu de penas. Era por isso que guardava o chapéu velho com tanto cuidado. Depois de muita resistência, Brígida finalmente aceitou o presente. De repente, Heidi tirou o lindo vestido e se cobriu com o velho xale. Pegando a mão da avó, despediu-se.

– Agora preciso ir para a casa do vovô. Amanhã virei visitá-la. Boa noite, vovó.

– Volte, sim, Heidi, volte amanhã – pediu a avó, apertando a mão dela entre as suas, quase sem conseguir soltar a menina.

– Por que tirou o lindo vestido? – perguntou Brígida.

– Porque prefiro chegar assim à casa do vovô, senão ele pode não me reconhecer. Você também quase não me reconheceu com essa roupa.

Brígida acompanhou Heidi até a porta e disse de forma misteriosa:

– Você podia ter ficado com o vestido, ele a reconheceria de qualquer forma. Mas tenha cuidado, Pedro disse que o Tio da Montanha anda cada vez mais zangado e já não fala com ninguém.

Mas Heidi não se preocupou e, dizendo boa noite, subiu a trilha com a cesta no braço. O sol da tarde brilhava na grama que se estendia diante dela. Heidi ia parando para admirar as montanhas que ficavam para trás. De repente, ela se virou e contemplou uma glória que jamais tinha visto até mesmo em seu sonho mais vívido. Os picos rochosos ardiam sob a luz brilhante,

os campos de neve resplandeciam e nuvens rosadas flutuavam acima de tudo. A grama parecia coberta de ouro, e lá embaixo o vale estava encoberto por uma névoa dourada. Ela ficou parada, e lágrimas de alegria rolaram pelo seu rosto. Cruzou as mãos e, olhando para o céu, agradeceu ao Papai do Céu por tê-la trazido de volta para casa novamente. Ela agradeceu a Ele por tê-la devolvido às suas amadas montanhas. Estava tão feliz que mal conseguia encontrar palavras para orar. Somente quando o brilho diminuiu, Heidi conseguiu continuar a caminhada.

Ela subiu tão rapidamente que logo viu as copas das árvores, depois o telhado e finalmente a cabana. E lá estava o vovô, sentado em seu banco, fumando um cachimbo. Acima da casa, os abetos balançavam suavemente e farfalhavam com a brisa noturna. Por fim, chegou à cabana e, jogando-se nos braços do avô, o abraçou com muita força, repetindo:

– Vovô! Vovô! Vovô!

O avô também não disse nada. Havia muitos anos que seus olhos não se enchiam de lágrimas e precisou enxugá-las. Depois, soltou os braços de Heidi de seu pescoço, sentou a menina nos joelhos e a observou por um instante.

– Então você voltou, Heidi! Mas não está com a aparência de uma senhorita elegante. Por acaso mandaram você embora?

– Não, vovô. Não pense isso! Todos foram muito bons para mim: a Clara, a vovó e o sr. Sesemann. Mas, sabe, vovô, eu já não estava aguentando mais, queria voltar para casa. Às vezes, achava que ia sufocar de saudade. Não contei nada para eles, pois seria ingratidão. Só que, certa manhã bem cedinho, o sr. Sesemann me chamou... Acho que o doutor tem culpa nisso, mas talvez esteja tudo escrito na carta. – Heidi então pulou no chão e pegou a carta e o maço de notas na cesta, colocando tudo nas mãos do avô.

– Isto é seu – disse o avô, colocando o maço no banco ao lado dela.

Depois, pegou a carta e leu. Sem dizer uma palavra, guardou-a no bolso.

– Acha que ainda consegue tomar leite comigo, Heidi? – perguntou o avô quando entraram na cabana. – Mas pegue seu dinheiro. Com ele você vai poder comprar uma cama e roupas por

muitos anos.

– Não preciso disso, vovô – assegurou Heidi. – Já tenho cama, e Clara me deu tantas roupas que certamente nunca mais vou precisar comprá-las.

– Pegue, pegue e guarde no seu armário; um dia você ainda pode precisar.

Heidi obedeceu e entrou na cabana, feliz por ver novamente todas as coisas que amava. Subiu a escada, e de repente parou perplexa, gritando lá de cima:

– Vovô! Minha cama não está mais aqui.

– Vamos fazer outra – respondeu o avô lá de baixo. – Eu não sabia que você voltaria. Agora, venha tomar leite!

Heidi desceu e sentou-se em sua cadeira alta no lugar de sempre, pegou a tigela e bebeu o leite com muita vontade, como se nunca tivesse provado algo tão gostoso. Depois, colocou a tigela na mesa, respirou fundo, e disse:

– Não existe em qualquer outro lugar do mundo um leite tão bom como este, vovô.

Nesse momento, ouviu-se um assobio estridente do lado de fora. Como um relâmpago, Heidi correu para a porta. Era o rebanho de cabras que descia a encosta saltitando, com Pedro no meio. Ao ver Heidi, o menino parou e olhou para ela, surpreso. Então, ela correu para o meio de seus queridos amigos, que também não haviam se esquecido dela. Branquinha e Malhadinha baliram de alegria, e todas as suas cabras preferidas se aproximaram dela. Heidi não cabia em si de tanta alegria. Ela acariciou a pequena Floco de Neve e afagou Florzinha. Ali, no meio das cabras, ela era empurrada para todos os lados.

– Venha aqui me dizer boa tarde, Pedro! – exclamou Heidi.

– Você voltou? – perguntou o menino, finalmente saindo do transe.

Ele se aproximou e pegou a mão de Heidi, que estava estendida havia algum tempo.

– Amanhã você vem comigo? – perguntou ele, como antigamente fazia todas as tardes na volta para casa.

– Não, amanhã, não. Talvez depois de amanhã, porque

amanhã quero visitar a vovó.

Pedro teve muito trabalho com as cabras quando resolveu ir, pois elas se recusavam a segui-lo e ficavam voltando para Heidi, até que ela entrou no galpão com Branquinha e Malhadinha e fechou a porta.

Quando Heidi subiu para ir dormir, encontrou uma agradável e cheirosa cama recém-preparada para ela. Naquela noite, ela dormiu melhor do que tinha dormido havia muitos, muitos meses, pois seu grande e ardente desejo tinha sido realizado. Umas dez vezes o avô se levantou do sofá e foi até lá, vê-la dormindo e ouvir seu ressonar tranquilo. A janela tinha sido tampada com feno, então o luar não mais brilhava sobre Heidi, mas ela dormia tranquilamente, já que naquele dia tinha visto as montanhas reluzentes de sol e ouvido o farfalhar dos abetos.

Capítulo 14

Domingo, quando os sinos da igreja tocam

De baixo dos abetos, Heidi esperava o avô, que iria buscar seu baú no vilarejo enquanto ela visitava a avó. A menina mal podia esperar para rever a avó e saber se ela havia gostado dos pãezinhos.

Era sábado, e nesse dia o avô limpava a cabana, mas logo tudo ficou pronto. Quando chegaram à cabana de Pedro, a menina entrou pulando na casa, e a avó, ao ouvir seus passos, perguntou com carinho:

– É você, querida? Você voltou?

A boa senhora pegou a mão de Heidi e segurou-a com firmeza. E então contou quão deliciosos eram os pãezinhos e que se sentia mais forte agora. Mais tarde, a mãe de Pedro disse a Heidi que a vovó estava com tanto medo de que os pãezinhos acabassem que tinha comido apenas um até o momento. Heidi ouviu Brígida e ficou pensativa.

– Já sei o que fazer, vovó! – disse ela com entusiasmo. – Vou escrever uma carta para Clara, com certeza ela me mandará mais pãezinhos.

– Ah, meu Deus! Que boa ideia! – disse Brígida. – Mas talvez endureçam durante a viagem. Se eu tivesse algum dinheiro, poderia comprar no vilarejo, pois o padeiro também faz pães como esses, mas eu mal consigo comprar o pão preto!

Então, o rosto de Heidi se iluminou de alegria:

– Ah, mas eu tenho muito dinheiro! – exclamou entusiasmada, pulando de alegria. – Já sei o que vou fazer! Todos os dias, a

senhora vai ter um pãozinho fresco, e aos domingos, dois. Pedro pode ir buscá-los no vilarejo.

– Não, não, querida! – respondeu a avó. – Não está certo, você não recebeu o dinheiro para isso, precisa dá-lo ao seu avô; ele vai dizer o que fazer com o dinheiro.

Mas Heidi não se deixou abalar. Pulando entusiasmada, não parava de exclamar:

– Agora a vovó vai poder comer um pãozinho todos os dias e ficar forte de novo! Ah, vovó – disse ela, em sua alegria infantil –, se a senhora ficar saudável, talvez volte a enxergar!

A avó permaneceu calada, pois não queria estragar a alegria da menina. Pulando pela sala, ela logo se deparou com o velho livro de canções da avó e teve outra feliz ideia:

– Vovó, agora eu sei ler muito bem. Posso ler uma canção do livro para você?

– Claro que sim! – respondeu a avó, surpresa. – Você já sabe mesmo ler, querida?

Heidi subiu em uma cadeira e pegou o livro empoeirado em uma prateleira. Limpou-o e então sentou-se em um banquinho ao lado da avó.

– O que quer que eu leia? – perguntou.

– O que você quiser, querida – foi a resposta da vovó.

Virando as páginas, Heidi encontrou uma música sobre o sol e decidiu que leria aquela. Ela lia com muita avidez e entonação enquanto a avó, de braços cruzados, permanecia sentada em sua cadeira. Uma expressão de felicidade indescritível brilhou em seu semblante, embora as lágrimas rolassem por seu rosto. Quando Heidi repetiu várias vezes a estrofe final da canção, a velha senhora exclamou:

– Ah, Heidi! Isso ilumina meu coração! Obrigada, minha criança! Como você me fez bem, querida!

A avó não se cansava de expressar sua alegria, e Heidi, muito feliz, a observava fixamente. Nunca a tinha visto assim. Seu rosto envelhecido, sempre tão triste, agora irradiava alegria e gratidão, como se a pobre senhora pudesse ver com novos olhos os belos jardins celestes.

Nesse momento, alguém bateu à janela, e Heidi viu o avô acenando para ela do lado de fora, chamando-a para voltar com ele para casa. O tempo tinha passado rápido. A menina prometeu à avó que voltaria no dia seguinte. Mesmo que subisse a montanha com Pedro, voltaria na metade do dia, pois não queria perder a chance de ver a avó feliz e com o coração iluminado. Depois que a menina saiu, Brígida correu atrás dela com o vestido que ela havia deixado para trás. Com o vestido em mãos, ela se aproximou do vovô e imediatamente começou a contar tudo o que tinha acontecido.

Ao ouvir o plano de comprar pãezinhos para a avó todos os dias, o avô concordou com relutância.

– Que bom, vovô! – a menina gritou de alegria. – Então a vovó não vai mais precisar comer aquele pão preto tão duro. Tudo agora está maravilhoso! Se o Papai do Céu tivesse atendido ao meu desejo logo no início, não teria acontecido nada disso. Eu teria voltado para casa muito antes e trazido poucos pãezinhos para a vovó, e não teria aprendido a ler para alegrá-la. Tudo aconteceu como a outra vovó me disse que aconteceria, e bem melhor do que eu poderia imaginar! Daqui em diante, vou rezar sempre, para agradecer a Deus, como a outra vovó me ensinou, e se Ele não me conceder o que pedi, vou me lembrar de que tudo sempre dá certo no momento certo. Vamos rezar todos os dias, vovô, não vamos nos esquecer; assim o Papai do Céu também não se esquecerá de nós.

– E se alguém se esquecer de rezar? – murmurou o avô.

– Ah, quem faz isso não pode ficar bem, pois o Papai do Céu também vai se esquecer dessa pessoa. E quando ela estiver em dificuldades, lamentando-se, ninguém se compadecerá dela. Todos vão dizer apenas: “Ela fugiu de Deus, que era o único que podia ajudá-la”.

– É verdade, Heidi. Quem ensinou isso para você?

– A outra vovó.

Por um tempo, o avô caminhou em silêncio.

– Se é assim que acontece, então não há saída. Quem foi esquecido por Deus, estará esquecido para sempre.

– Não, vovô, a vovó também disse que sempre dá para voltar

para Ele. É o que está escrito na bela história do meu livro, que o senhor ainda não viu. Assim que chegarmos em casa, vou ler para você.

O avô tinha levado consigo uma grande cesta, e agora carregava nela metade do conteúdo do baú de Heidi. O baú era grande demais para ser transportado pela subida íngreme. Depois de terem chegado à cabana e organizado a carga que o avô havia trazido, ele sentou-se ao lado de Heidi, que estava pronta para começar a história. Com grande animação, Heidi leu a história do filho pródigo, um rapaz que vivia feliz em casa com as vacas e as ovelhas do pai. A ilustração o mostrava apoiado em seu cajado, observando o pôr do sol. “De repente, ele queria receber a sua parte da herança e ser seu próprio senhor. Exigindo o dinheiro do pai, foi embora e esbanjou tudo. Quando ele não tinha mais nada no mundo, virou criado de um camponês, que não tinha gado de qualidade como seu pai, apenas suínos. Vestia-se com farrapos e só recebia para comer as cascas com que os porcos eram alimentados. Ele sempre pensava no bom lar que tinha deixado e em como tinha sido ingrato, pois o pai sempre fora bom para ele. Chorava de arrependimento e de saudade. Então, disse a si mesmo um dia: ‘Vou até meu pai e pedirei perdão.’ Quando ele se aproximou da antiga casa, o pai veio ao encontro dele...”

– O que o senhor acha que vai acontecer agora? – perguntou Heidi. – O senhor acha que o pai vai ficar bravo e dizer: “Eu não disse que você se daria mal?”, mas ouça só o que acontece: “O pai o viu e se compadeceu dele, e correu para abraçá-lo. E o filho disse: ‘Pai, pequei contra o céu e contra você, já não sou digno de ser chamado de seu filho’. Mas o pai disse aos criados: ‘Tragam a melhor veste para o meu filho; e coloquem um anel em sua mão e sapatos em seus pés; e matem o melhor bezerro que tivermos. Vamos comer e nos alegrar, pois este meu filho estava morto e reviveu; estava perdido e agora foi encontrado.’” E todos ficaram felizes.

– Não é uma linda história, vovô? – perguntou Heidi ao avô, que estava sentado em silêncio ao seu lado.

– É, sim, Heidi, é uma bela história – respondeu o avô, mas tinha o rosto tão sério que Heidi ficou quieta e começou a olhar as ilustrações.

Em silêncio, empurrou o livro na direção do avô.

– Veja como ele está feliz – e apontou a figura do filho pródigo, com roupas limpas ao lado do pai, que o tinha aceitado de volta.

Algumas horas depois, quando Heidi dormia pesado, o avô subiu a escadinha e colocou o lampião ao lado da cama, iluminando a menina. Ela estava com os dedos entrelaçados, pois não tinha se esquecido de rezar antes de dormir. E no rostinho rosado havia uma expressão de paz e confiança. Então, ele também uniu as mãos e, a meia voz e com a cabeça baixa, disse:

– Pai, pequei contra o céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado de teu filho... – E grossas lágrimas rolaram em sua face.

Na manhã seguinte, o Tio da Montanha estava na porta da cabana, observando o vale e as montanhas. Era possível ouvir o badalar de alguns sinos, e no topo dos abetos o canto matinal dos passarinhos.

O avô entrou na cabana e chamou a neta:

– Venha, Heidi! O sol já nasceu! Coloque um vestido bonito porque vamos à igreja!

Heidi obedeceu prontamente. Era a primeira vez que o avô a chamava para ir à igreja, então não podia demorar. Quando desceu, usando o vestido novo, ficou espantada ao ver o avô.

– Nossa, vovô! Eu nunca o tinha visto usar esse casaco de domingo, com botões prateados. Como o senhor está bonito!

O velho sorriu satisfeito para a menina.

– E você também está muito bonita! Agora, vamos!

Ele pegou a mão de Heidi e juntos desceram a montanha. De todos os lados soavam os sinos, cada vez mais altos.

– Está ouvindo, vovô? Parece uma grande festa! – dizia Heidi, encantada, conforme se aproximavam.

Quando entraram na igreja, toda a assistência cantava. Embora tenham se sentado no último banco, as pessoas perceberam sua presença e não paravam de olhar para trás e cochichar. Quando o pastor começou o sermão, suas palavras ecoavam um forte agradecimento que deixou todos os ouvintes comovidos. Depois do culto, o vovô e a menina foram até a casa paroquial. O pastor abriu a porta e os recebeu com palavras

amigáveis.

– Vim pedir que me perdoe por ter sido grosseiro da última vez que nos falamos – pediu o Tio da Montanha. – Quero seguir o seu conselho e passar o inverno aqui embaixo com vocês. Sei que as pessoas vão me olhar com desconfiança, mas o senhor não fará isso.

Os olhos amigáveis do pastor brilharam, e com muitas palavras gentis ele elogiou o tio por tamanha mudança. Afagando os cabelos cacheados de Heidi, conduziu os dois até a porta. Assim, as pessoas, que não paravam de conversar sobre o grande acontecimento do dia, puderam ver o pastor apertar a mão do velho. A porta da casa paroquial mal tinha sido fechada quando toda a assembleia se aproximou com as mãos estendidas e saudações amigáveis. Todos pareciam muito alegres com a resolução do Tio da Montanha. Algumas pessoas até o acompanharam no caminho de volta para casa. Quando finalmente se separaram, o tio olhou para eles, e seu rosto brilhava como se tivesse uma luz interior.

– Vovô, o senhor está mais bonito do que nunca! – disse Heidi.

– Você acha, querida? – perguntou com um sorriso. – Sabe, Heidi, estou mais feliz do que posso acreditar. Fiz as pazes com Deus e com os homens, e isso deixou meu coração mais leve. Deus foi bom para mim, pois a trouxe de volta.

Quando chegaram à cabana de Pedro, o vovô abriu a porta e entrou.

– Como vai, vovó? Acho que já está na hora de fazermos consertos por aqui, antes que os ventos do inverno comecem a soprar com força.

– Meu Deus, é o tio! Que bom que veio aqui! – exclamou a vovó, expressando um misto de surpresa e alegria. – Como estou feliz por poder agradecer o que fez por nós! Obrigada, e que Deus o abençoe!

Trêmula de alegria, a avó estendeu a mão e, quando ele a apertou, ela continuou a falar, sem soltá-la:

– Tenho algo mais a lhe dizer, tio. Se algum dia o magoei, peço que não me castigue mandando Heidi embora de novo antes que eu vá embora deste mundo. Nem sei dizer quanto essa menina

significa para mim! – E abraçou a menina, pois Heidi já estava ao seu lado.

– Não se preocupe, vovó! – o tio tranquilizou-a. – Não vou castigar você nem a mim mesmo fazendo isso. Espero que todos fiquemos juntos por muitos anos ainda.

Então Brígida puxou o tio para um canto, mostrou-lhe o belo chapéu com a pena, contou como tinha ido parar ali e disse que não podia ficar com ele. Mas o tio disse a ela que poderia ficar com o chapéu, já que tinha sido um presente de Heidi.

– Essa menina voltou abençoada de Frankfurt – disse Brígida. – Sempre me pergunto se não seria bom mandar Pedro para lá também. O que acha, tio?

O avô sorriu com o olhar.

– Acho que não faria mal a Pedro; mas é melhor esperar uma oportunidade apropriada.

Nesse instante, Pedro entrou correndo. Trazia uma carta para Heidi, que tinham entregado a ele no correio do vilarejo. Uma carta para Heidi! Imagine só! Todos se sentaram ao redor da mesa e Heidi leu a carta em voz alta. Era de Clara Sesemann. Contava a Heidi que, desde a sua partida, a casa ficara muito monótona. Já não sabia o que fazer para se distrair até que finalmente conseguira convencer o pai a levá-la a Ragaz no próximo outono. A vovó também iria com eles, pois queria visitar Heidi e o avô na montanha. A vovó disse ainda que Heidi tinha feito bem em levar os pãezinhos e, para que a avó não os comesse secos, havia mandado um pacote de café, que já estaria a caminho. Disse também que, quando chegasse à montanha, pediria a Heidi que a apresentasse à avó.

As notícias deixaram todos muito alegres e surpresos. Havia tanto que conversar e perguntar que o vovô nem percebeu que já estava tarde. Aquele dia feliz tinha deixado todos ainda mais unidos.

– O mais bonito – comentou a vovó – é quando um velho amigo vem nos visitar e nos estende a mão, como nos velhos tempos. É reconfortante reencontrar tudo o que amamos um dia. Espero que volte logo, tio. E você, Heidi, virá amanhã, sim?

O avô e Heidi prometeram que voltariam. Enquanto o vovô

subia a montanha com Heidi, o lindo badalo dos sinos parecia acompanhá-los durante o trajeto. Quando finalmente chegaram em casa, a cabana brilhava com a luz do entardecer.

PARTE II

Heidi coloca sua experiência em prática

Capítulo 15

Preparativos para uma viagem

O bom doutor, que havia recomendado o retorno de Heidi às suas amadas montanhas, passava em frente à casa dos Sesemann. Era uma manhã ensolarada de setembro, muito clara e agradável, mas o doutor não fazia questão de erguer os olhos da calçada de pedra para admirar o céu azul acima dele. Havia em seu rosto uma expressão de tristeza, e os cabelos tinham ficado bem mais grisalhos desde a primavera. Alguns meses antes, o doutor havia perdido a única filha, que morava com ele desde a morte prematura da esposa. A jovem menina era a sua única alegria e, desde que ela partira, o pobre doutor, sempre tão feliz, vivia arrebatado pela tristeza.

Quando Sebastian abriu a porta para o médico, fez uma reverência, pois o doutor, muito amigo de todos, era também muito querido pelo mordomo.

– Que bom que veio, doutor! – exclamou o sr. Sesemann ao ver que o amigo entrava em sua casa. – Ainda precisamos conversar sobre a viagem à Suíça. Quero saber se você mantém o mesmo conselho de antes agora que Clara está com a saúde bem melhor.

– Meu caro Sesemann, o que devo fazer com você? – respondeu o médico, sentando-se ao lado do amigo. – Gostaria que sua mãe estivesse aqui. Com ela, tudo fica claro e vai naturalmente entrando nos eixos. Mas você não tem jeito. É a terceira vez esta semana que me faz vir aqui para dizer a mesma coisa.

– Sim, você tem razão, e sei que deve estar impaciente comigo, mas, tente entender, meu caro amigo... – O sr. Sesemann levou a mão ao ombro do doutor, em um gesto de súplica. – É tão difícil

não poder autorizar a viagem de Clara. Eu dei minha palavra, e por causa disso ela está ansiosa há meses! Ela aguentou tudo com paciência na esperança de que viajaria à Suíça para visitar a amiga nas montanhas. E agora tenho que dizer a essa boa menina que vou privá-la desse prazer. A pobrezinha já teve tanto sofrimento, e leva uma vida tão monótona.

– Sesemann, é preciso – disse o doutor com muita determinação. Como o amigo permaneceu em silêncio, continuou: – Lembre-se do verão difícil que Clara teve. Há muito tempo não ficava tão doente. Estamos em setembro e, embora o tempo possa estar bom nas montanhas, com certeza não será muito quente por lá. Os dias estão ficando mais curtos, então ela poderia passar apenas algumas horas lá no alto, pois teria de voltar para dormir. Seriam várias horas para carregá-la de Ragaz até lá. Você percebe como fica inviável? Vamos explicar tudo isso a Clara agora mesmo, você verá como ela é sensata. Vou lhe contar meu plano quanto a ela poder viajar em maio. Primeiro, ela vai até Ragaz para um tratamento no balneário. Quando o tempo estiver mais quente nas montanhas, poderá ser carregada para cima de vez em quando. Ela ficará mais forte então, e assim aproveitará bem mais o passeio do que se fosse agora. Se a intenção é que ela se recupere bem, devemos agir com muito cuidado e cautela, lembre-se disso!

O sr. Sesemann, que tinha ouvido tudo em silêncio e com uma expressão de triste submissão, mostrou-se indignado.

– Doutor, diga com toda a sinceridade. Há alguma esperança de que ela melhore?

Resignado, o médico abaixou a voz:

– Não muita, mas a sua situação é muito melhor do que a minha, Sesemann! Você tem uma filha que o ama e que sempre o acolhe com alegria! Você não tem que voltar para uma casa vazia e fazer as refeições sozinho. Sua filha está bem cuidada. Ao mesmo tempo que enfrenta muitas privações, também tem muitos privilégios. Não vou sentir pena de você, Sesemann, pare para pensar no quão solitário me sinto em casa!

O sr. Sesemann tinha se levantado e caminhava a passos largos de um lado para o outro na sala, como sempre fazia quando estava preocupado e reflexivo. De repente, parou na frente do amigo.

– Doutor, tive uma ideia! Não consigo mais vê-lo assim tão triste. Você deve sair um pouco. Que tal fazer essa viagem e visitar Heidi por nós?

O médico ficou muito surpreso com a proposta e quis recusá-la, mas o sr. Sesemann ficou tão entusiasmado com o novo plano que pegou o amigo pelo braço e o levou ao quarto da filha, sem dar oportunidade para objeções. Clara adorava o médico, pois ele sempre tentava animá-la contando-lhe algo engraçado. Estava triste pela mudança de comportamento dele e queria muito vê-lo feliz novamente. Depois que o doutor cumprimentou Clara, os dois homens aproximaram as cadeiras da cama dela. O sr. Sesemann começou a falar sobre a viagem e sobre como estava triste em ter que adiá-la e rapidamente começou a descrever a ideia que tinha acabado de ter.

Os olhos de Clara se encheram de lágrimas, mas ela sabia que o pai não gostava de vê-la chorando; além disso, tinha certeza de que ele somente a privaria de tal prazer porque era absolutamente necessário fazê-lo.

Dessa forma, lutou bravamente para controlar o choro e pegou a mão do bom amigo. Acariciando-a, pediu:

– Por favor, doutor, vá visitar Heidi e traga-me todas as notícias que puder sobre ela. O senhor também poderá me descrever na volta como é o vovô e o Pedro das Cabras. Sinto como se os conhecesse tão bem! Além do mais, o senhor vai poder entregar todas as coisas que planejei levar para ela. Enquanto isso, vou tomar todo o óleo de fígado de bacalhau que o senhor me prescrever.

Se foi essa promessa que motivou o médico a tomar a decisão, jamais saberemos, mas, de qualquer forma, ele sorriu e disse:

– Então, preciso ir mesmo, Clara, pois assim você vai ficar forte e rechonchuda, como nós dois queremos que fique. Já decidiu também quando devo partir? – perguntou em tom jocoso.

– É melhor ir amanhã mesmo, bem cedo, doutor – respondeu Clara.

– Ela tem razão – interveio o pai. – O sol está brilhando e é preciso aproveitar todos os dias gloriosos como estes na montanha.

– Daqui a pouco vocês vão me repreender por eu ainda estar aqui. Sesemann, irei o mais rápido que conseguir, fique tranquilo.

Clara o incumbiu de entregar vários recados a Heidi. Ela também pediu que prestasse atenção a todos os detalhes, para poder contar tudo a ela em detalhes quando voltasse. Os presentes de Heidi seriam enviados a ele mais tarde, pois a srta. Rottenmeier estava em um de seus longos passeios pela cidade e era ela quem embalaria tudo.

Clara chamou Tinette e, assim que a criada chegou, apontou para uma caixa que já estava pronta para a viagem havia dias.

– Por favor, coloque vários bolos de café frescos nesta caixa.

A criada obedeceu à ordem, mas, assim que saiu, retrucou:

– Que desperdício!

Sebastian, que ouviu alguns trechos da conversa, pediu ao doutor que mandasse lembranças à pequenina – era essa a forma como ele chamava Heidi.

Com a promessa de entregar o recado, o doutor ia saindo apressadamente quando se deparou com um obstáculo. A srta. Rottenmeier estava à porta, após ter sido obrigada a voltar de um passeio por causa do vento forte. Vestia um enorme sobretudo que esvoaçava ao vento de tal forma que mais parecia uma vela içada em uma embarcação. Os dois recuaram educadamente para dar passagem um ao outro. De repente, um forte golpe de vento quase arremessou a jovem em cima do doutor. O pequeno incidente, que deixou a srta. Rottenmeier muito irritada, deu ao médico a oportunidade de acalmá-la, e como ela gostava de ser tranquilizada por aquele homem, a quem ela respeitava mais do que qualquer pessoa no mundo! Ele aproveitou para lhe contar sobre a viagem que faria, e pediu sua ajuda para embalar todas as encomendas para Heidi, com o capricho que lhe era singular.

Clara esperava encontrar certa resistência da srta. Rottenmeier em relação à embalagem de seus presentes, por isso ficou muito surpresa quando ela se mostrou muito amável e solícita e imediatamente organizou todos os itens que deveriam ser embalados! Havia um sobretudo bem grosso para Heidi, com capuz, que seria muito útil para visitar a vovó no inverno. Em seguida, um xale bem grosso e quentinho, além da caixa grande

com os bolinhos que deveriam ser entregues à vovó. O próximo item era um farto pedaço de salsicha para a mãe de Pedro e um pacotinho de tabaco para o vovô. Por fim, inúmeros pacotinhos secretos e caixinhas misteriosas que Clara havia separado para Heidi. Quando terminaram de embalar tudo, contemplaram o imponente pacote no chão, e o coração de Clara se encheu de alegria ao pensar na felicidade da amiguinha ao receber tudo aquilo.

Então Sebastian entrou no quarto. Com um único impulso, ergueu o pacote até o ombro, e saiu para levá-lo imediatamente à casa do doutor.

Capítulo 16

Um hóspede na montanha

A luz do amanhecer dava o seu tom às montanhas, e uma brisa fresca serpenteava por entre os abetos, balançando de um lado para o outro os velhos galhos. Heidi abriu os olhos, despertando com o som de que tanto gostava. O murmúrio do vento sempre a deixava feliz, e a força dos abetos exercia enorme atração sobre ela, deixando seu coração cheio de alegria.

Heidi pulou da cama e vestiu-se, mas não se preocupou em fazer isso com pressa, pois sabia como era importante estar sempre limpa e arrumada, por isso levou o tempo necessário para ficar pronta.

Ao descer a escadinha, viu que o avô não estava mais na cama. Saiu correndo e o encontrou lá fora. Ele examinava o céu, para avaliar como seria o dia. Algumas nuvens rosadas pairavam no céu, que ia ficando cada vez mais azul, enquanto as montanhas e o pasto ganhavam um tom dourado, pois o sol nascia por cima das altas rochas com toda a sua glória.

– Que lindo! Bom dia, vovô! – exclamou Heidi, saltitando.

– Já está bem desperta? – respondeu o avô, acenando para ela.

Heidi correu até seus amados abetos e ficou pulando e dando voltas ao redor, enquanto o vento uivava nos galhos das grandes árvores.

Depois que o avô higienizou e ordenhou Branquinha e Malhadinha, deixou-as pastando por ali até o horário de irem passear na montanha. Ao ver as amiguinhas, Heidi correu até elas e as acariciou com ternura, e as cabras retribuíram todo o carinho. Malhadinha ficava por vezes agitada, e Heidi a repreendia:

– Não, Malhadinha, assim você está parecendo a Grande Turca.

Isso foi suficiente para que ela se acalmasse.

Pedro chegou com o rebanho, e a alegre Florzinha vinha na frente, saltitando. Heidi foi imediatamente cercada pelo rebanho, sendo empurrada de um lado para o outro pelas cabras, que queriam cumprimentá-la.

Pedro assobiou forte, para afastá-las, pois estava ansioso para falar com Heidi.

– Você tem que vir comigo hoje! – disse ele enfaticamente quando se aproximou.

– Não posso, Pedro – respondeu Heidi. – Eles podem chegar a qualquer momento de Frankfurt; preciso estar em casa.

– Você fica toda hora falando isso – resmungou Pedro.

– Mas é verdade – rebateu Heidi. – Você acha mesmo que quero estar longe de casa quando eles chegarem? Como pode pensar uma coisa dessas, Pedro?

– O tio vai estar em casa – retrucou.

E então a voz potente do avô foi ouvida da cabana:

– Por que o exército não está avançando? É culpa do general ou da tropa?

Pedro tratou logo de dar meia-volta e ir subindo a montanha com as cabras sem nem mais um pio.

Desde que Heidi tinha voltado para a casa do avô, fazia coisas que nem imaginava fazer antes. Arrumava a cama todas as manhãs e corria de um lado para o outro na cabana, organizando e limpando tudo. Em seguida, pegava um pano e lustrava a mesa e as cadeiras até que ficassem brilhando. Quando o vovô voltava para casa, olhava para tudo com satisfação.

– Agora todos os dias parecem domingo. Até que foi bom você ter ido para outro país...

Naquele dia, depois que Pedro partiu e Heidi tomou o café da manhã com o avô, a menina ficou ocupada com as tarefas de casa, mas levou muito mais tempo para completá-las. Lá fora, o dia estava glorioso demais, e era preciso um esforço para conseguir ficar dentro de casa. Pela janela aberta, entrava um alegre raio de

sol, que parecia convidar a menina a interromper o trabalho e ir lá para fora. Como podia ficar presa lá dentro com o sol cintilante iluminando tudo em volta da cabana e refletindo nas montanhas e no vale? O chão da encosta parecia tão dourado e seco que Heidi precisou sentar-se um pouco para apreciar a vista.

Subitamente, lembrou-se das tarefas e apressou-se para dentro de casa, mas não demorou muito para o farfalhar dos abetos convidarem-na a sair novamente. O avô, que trabalhava na oficina, aparecia de vez em quando à porta e sorria ao olhar para Heidi. Em uma dessas ocasiões, ela o chamou:

– Vovô, vovô! Venha!

Ele saiu assustado e a viu correndo para a encosta.

– Eles estão chegando! E o doutor vem na frente!

Quando Heidi finalmente alcançou o velho amigo, ele lhe estendeu a mão, e a menina o abraçou.

– Como vai, doutor? – perguntou Heidi, muito feliz. – Mil vezes obrigada por tudo.

– Como vai, Heidi? Mas por que já está me agradecendo? – perguntou o doutor com um sorriso.

– Por ter me ajudado a voltar para casa – explicou a menina.

O rosto do doutor ficou radiante, como se tivesse sido iluminado pelo sol. Não esperava uma recepção tão calorosa quando chegasse à montanha. Muito pelo contrário, havia subido todo o trajeto sem nem se atentar para a beleza do lugar. Foi levando sua tristeza consigo, pois imaginava que Heidi nem se lembraria mais dele; além de tudo, estava ali como portador de más notícias. Mas Heidi irradiava alegria com o olhar, denotando carinho e gratidão. Ela ainda segurava a mão do amigo quando ele disse:

– Vamos Heidi. Leve-me até seu avô. Quero conhecer a sua casa.

Com um amor paternal, o doutor pegou a menina pela mão, mas Heidi ficou parada, olhando para a descida da montanha.

– Onde estão Clara e a vovó? – perguntou.

– Querida, preciso contar uma coisa que vai deixá-la triste, como também me deixou – respondeu o doutor. – Tive de vir sozinho, Heidi. Clara ficou muito doente e não pode viajar ainda; por isso, a vovó também não veio. Mas, na primavera, quando os dias estiverem mais quentes e bonitos, elas virão visitá-la, com certeza.

Heidi ficou muito surpresa. A princípio, não conseguiu entender que tudo aquilo pelo que tinha esperado tanto não aconteceria. Ficou imóvel e confusa por um instante depois de ter recebido a notícia inesperada.

Demorou um tempo até Heidi se lembrar de que tinha saído correndo de casa para encontrar o doutor. Ao olhar para o amigo, ficou admirada ao perceber a expressão de profunda tristeza em seu rosto. Heidi se compadeceu. Como ele havia mudado desde a última vez em que o vira! Ele devia estar assim porque Clara e a vovó não puderam acompanhá-lo, julgou ela. Sendo assim, pensou em uma forma de consolá-lo.

– Ah, com certeza não vai demorar para a primavera chegar e elas virem me visitar. Elas vão poder ficar bem mais tempo aqui em maio. Mas, agora, vamos ver o vovô.

De mãos dadas com o amigo, subiu até a cabana. Heidi queria tanto ver o doutor feliz de novo que não parava de repetir como o verão chegaria logo. Ao chegarem à cabana, chamou o vovô.

– Elas ainda não podem vir, mas em breve virão – disse ela alegremente.

O avô cumprimentou calorosamente o recém-chegado, com a sensação de que ele não lhe era um estranho, pois a menina já havia falado muito a seu respeito. Em seguida, os três sentaram-se no banco do lado de fora da cabana e o doutor explicou o motivo de sua visita. Sussurrou no ouvido de Heidi que em breve ela receberia algo que a deixaria muito mais feliz do que a visita dele. O que poderia ser?

O avô aconselhou o médico a passar os esplêndidos dias de outono na montanha, e, se possível, alugar um quarto no vilarejo em vez de ir a Ragaz. Ele poderia muito bem caminhar todos os dias até a cabana, e, de lá, o avô poderia levá-lo para conhecer toda a região. O doutor achou aquela uma proposta maravilhosa.

O sol estava bem forte e o vento havia cessado. Apenas uma suave e deliciosa brisa acariciava o rosto deles.

Então o avô se levantou e entrou na cabana, trazendo em seguida uma mesa para organizarem um jantar ao ar livre.

– Heidi, vá buscar a comida. Espero que o senhor não se importe de fazer uma refeição simples.

– Aceito o convite com muita alegria. Tenho certeza de que será um jantar delicioso aqui em cima – disse o hóspede, apreciando a vista do vale banhado pelo sol.

Heidi corria de um lado para o outro, pois estava muito feliz em poder servir seu gentil protetor. Enquanto isso, o avô preparou o leite fumegante e o queijo assado, que brilhava como ouro. Em seguida, cortou fatias bem finas da carne rosada que ele mesmo havia colocado para secar ao ar puro. E o doutor saboreou aquela refeição mais do que qualquer outra que fizera ao longo do ano.

– Sim, Clara precisa vir aqui para cima – disse, então. – Ficaria forte aqui, e se comesse por uns tempos o que estou comendo hoje, logo ficaria vigorosa e ganharia peso.

Um homem veio subindo a trilha com um enorme fardo nas costas. Ao chegar à cabana, lançou o peso ao chão e respirou fundo o ar puro da montanha.

– Ah, isto é o que eu trouxe de Frankfurt, Heidi – disse o doutor ao abrir o saco. – Venha ver o que tem aqui.

Heidi observou timidamente o volume, e somente quando o doutor abriu a caixa com os bolos, ela disse alegremente:

– Ah, agora a vovó vai poder comer esses bolos maravilhosos!

Ela pegou a caixa e o lindo xale e já ia descer para entregar os presentes quando os dois a persuadiram a ficar e desembalar o restante dos pacotes. Como ficou feliz ao encontrar o tabaco e todas as outras lindas coisas!

Subitamente, voltou ao banco, plantou-se na frente do visitante e, assim que surgiu uma pausa na conversa, disse com muita determinação:

– Na verdade, gostei muito mais da sua visita do que dos presentes.

Os dois riram.

Quando o sol começou a se pôr atrás das montanhas, o doutor se levantou para iniciar a caminhada até o vilarejo. O avô pegou a caixa com os bolos, a enorme salsicha e o xale, o doutor deu a mão a Heidi, e todos desceram a montanha juntos. Chegando à cabana de Pedro, Heidi se despediu. O avô pediu que ela esperasse lá até ele voltar.

– Gostaria de ir conosco até o pasto amanhã? – perguntou Heidi, quando o doutor lhe estendeu a mão para se despedir.

– Sim, vou com o maior prazer, Heidi – respondeu o doutor.

O avô deixou os presentes na porta antes de partir e Heidi demorou um bom tempo para carregar lá para dentro a pesada caixa com os bolos e a salsicha. Assim que entrou, colocou o xale nos joelhos da avó.

Brígida observou toda a movimentação em silêncio e ficou boquiaberta, pois nunca em sua vida inteira tinha visto uma salsicha tão grande como aquela, e agora era tudo dela, e poderia até fatiar.

– Ah, vovó, veja que bolinhos macios e gostosos – exclamou a menina, que logo ficou surpresa ao ver que o presente que deixara a vovó mais feliz tinha sido o xale, pois agora ficaria aquecida no inverno.

– Clara mandou para a senhora, vovó – comentou Heidi.

– Que pessoas boas! Como foram se lembrar de uma pobre velha como eu! Nunca pensei que um dia eu teria um xale tão lindo como este!

Pedro entrou na cabana aos tropeços:

– O tio vem vindo logo atrás. Heidi, você precisa... – porém não conseguiu mais falar quando viu a enorme salsicha.

Heidi foi logo se despedindo, pois entendeu bem o que ele ia dizer. O avô sempre entrava na cabana, mas ela sabia que já estava muito tarde.

– Heidi, já está na hora de dormir – avisou o avô do lado de fora da cabana, desejando boa noite a todos.

Ele pegou Heidi pela mão e os dois foram para sua tranquila cabana sob o céu estrelado.

Capítulo 17

Retaliação e arrependimento

Na manhã seguinte, logo cedo, o doutor saiu do vilarejo rumo à montanha na companhia de Pedro e suas cabras. O simpático cavalheiro tentou algumas vezes iniciar uma conversa com o menino, mas só conseguiu arrancar dele respostas monossilábicas. Quando chegaram ao topo, Heidi já os esperava, apreciando o frescor da manhã.

– Você vem? – perguntou Pedro, como sempre fazia.

– Claro, se o doutor também for – respondeu Heidi.

O avô chegou e cumprimentou o doutor com muito respeito. Em seguida, pendurou a sacola com o lanche no ombro de Pedro. A sacola estava mais pesada do que de costume.

Quando começaram a caminhar, Heidi tinha que ficar afugentando as cabras que se aglomeravam ao seu redor. Finalmente conseguiu caminhar em paz ao lado do doutor e então começou a contar muitas coisas sobre as cabras e todas as travessuras que faziam; falou ainda sobre as flores, as pedras e os pássaros que viam pelo caminho. Sem nem se dar conta do tempo, logo chegaram ao local em que as cabras pastavam. Pedro lançava constantemente olhares enviesados ao doutor, mas ele estava tão envolvido nas histórias de Heidi que nem percebeu.

Heidi, então, levou o doutor ao seu local favorito. De lá, eles podiam ouvir os sinos das cabras que pastavam logo abaixo. O céu emanava um azul profundo e, acima de suas cabeças, a águia circulava com as asas estendidas. Tudo resplandecia e irradiava luminosidade sobre eles, mas o doutor ficou em silêncio por um longo tempo, até que subitamente olhou para Heidi.

– Aqui em cima é mesmo muito bonito, Heidi – disse ele ao encontrar o olhar expectante da menina. – Mas como uma pessoa pode apreciar toda esta beleza quando está com o coração despedaçado?

– Ah, mas ninguém fica com o coração despedaçado aqui, somente em Frankfurt.

O doutor esboçou um leve sorriso.

– E se alguém não conseguisse deixar toda a tristeza em Frankfurt, o que você diria para consolá-lo?

– A pessoa pode pedir ajuda ao Papai do Céu.

– É verdade, Heidi – observou o doutor. – Mas o que se pode fazer quando foi o próprio Papai do Céu que causou essa aflição?

Heidi refletiu um pouco.

– É preciso esperar com paciência, pois o Papai do Céu sabe como transformar até mesmo as coisas mais tristes na alegria que tanto queremos. Deus tem sempre um plano para nos deixar felizes. Se rezarmos com fervor e esperarmos com paciência, Ele saberá como resolver nossas aflições.

– Espero que você nunca deixe de acreditar nisso, Heidi – disse o doutor.

Por um instante, ele ficou observando em silêncio a imponência do penhasco em que estavam.

– Sabe, Heidi – disse ele –, quando alguém tem dentro de si uma tristeza muito grande, não tem condições de apreciar toda esta beleza que nos rodeia, e isso deixa a pessoa duplamente infeliz. Consegue me entender?

Heidi sentiu um aperto no peito. Não conseguia parar de pensar na vovó. Nunca tinha se conformado com o fato de que ela não podia enxergar nada, e agora, ao ouvir o doutor, toda a angústia que sentia tinha voltado.

– Sim, entendo – disse ela com seriedade. – Mas eu sei o que pode deixar uma pessoa feliz de novo. Basta ouvir as canções que eu leio para a vovó.

– Quais canções, Heidi?

– São canções que falam do sol e do belo jardim, e tem uma outra, com versos bem longos, que a vovó adora, pois ela sempre

me pede que leia três vezes – respondeu Heidi.

– Gostaria que recitasse essas canções para mim, seria muito bom ouvi-las – pediu o doutor.

Heidi entrelaçou as mãos e começou a recitar os versos consoladores, mas parou subitamente, pois parecia que o doutor não estava ouvindo o que ela dizia. Ele estava sentado, imóvel, cobrindo os olhos com as mãos; ela achou que ele estivesse dormindo. Contudo, não era isso o que ele fazia; estava apenas pensando, pois o poema o fez se lembrar da infância. Sentiu como se estivesse ouvindo a mãe, e a imaginava olhando para ele daquele seu jeito amoroso, pois eram exatamente aqueles versos que ela cantara para ele durante toda a sua infância. Ficou muito tempo sentado ali, refletindo, até descobrir que Heidi o observava.

– Que canção linda, Heidi! – disse em tom mais alegre. – Vamos voltar aqui outro dia para você recitá-la de novo para mim.

Durante todo o tempo, Pedro ficou morrendo de raiva. Agora que finalmente Heidi tinha subido a montanha com ele, ficara apenas sentada, conversando com o doutor. Isso o deixou tão aborrecido que ele mal conseguia falar com ela. Postou-se a certa distância atrás do homem e, de punhos cerrados, deu socos no ar, como se estivesse batendo nele. Depois, passou a golpear com os dois punhos, pois, quanto mais tempo Heidi permanecia ao lado do homem, mais furioso ele ficava.

Enquanto isso, o sol chegou ao ponto do céu que indicava a hora do almoço. De repente, o menino gritou bem alto, chamando os dois que estavam do outro lado.

– É hora de comer!

Heidi ia se levantar para pegar a sacola com o lanche quando o doutor disse que preferia beber somente uma tigela de leite; depois, daria mais uma volta pela montanha e talvez subisse mais um pouco. Heidi decidiu que também só tomaria um copo de leite e foi até o pasto contar a Pedro o que pretendiam.

Assim que Pedro descobriu que todo o conteúdo da sacola ficaria apenas para ele, precipitou-se com avidez, mas logo se sentiu culpado. Lembrou que pouco antes tinha cerrado os punhos contra o doutor, e o bom homem agora deixava para ele o próprio almoço. Pedro se arrependeu e elevou as mãos ao céu, para

mostrar que já não estava de punhos cerrados, e assim permaneceu por um tempo, até sentir que tinha se redimido do seu comportamento. Depois disso, estava pronto para saborear o seu banquete.

Heidi e o doutor caminharam por um bom tempo até ele decidir que já era hora de voltar, pois queria que Heidi também ficasse um pouco com as cabras, mas ela insistiu em acompanhá-lo. Durante todo o caminho de volta, mostrou a ele todos os lugares em que havia flores das mais variadas cores e lhe ensinou o nome de todas. Quando se separaram, Heidi ficou acenando para ele. Seguindo seu caminho, ele de vez em quando se virava para olhar para trás, e lá estava a menina, ainda no mesmo lugar. Isso o fez se lembrar da filha, que sempre ficava acenando quando ele saía de casa, até perdê-lo de vista.

Foi um mês claro e ensolarado de outono. Todas as manhãs, o doutor subia a montanha e muitas vezes passava o dia na companhia do Tio da Montanha; outras vezes, eles caminhavam até o alto das rochas, onde ficava o ninho da águia. O tio mostrava ao doutor todas as ervas que cresciam em lugares escondidos e que tinham o poder de fortalecer e curar; ensinava-lhe também todas as peculiaridades sobre os animais que viviam em buracos na rocha ou na terra, e até mesmo nas copas altas das árvores.

À noite, quando se despediam, o médico exclamava:

– Meu caro amigo, nunca me despeço de você sem ter aprendido algo novo.

Contudo, ele passava a maior parte do tempo com Heidi. Eles se sentavam juntos no local favorito de Heidi e Pedro ficava atrás deles, mas não estava mais com raiva. Heidi recitava os versos, como havia feito no primeiro dia, e entretinha o convidado com todas as coisas que sabia.

Assim, o mês de setembro chegou ao fim. Certa manhã, o doutor apareceu com uma expressão mais triste do que antes, pois havia chegado a hora de retornar a Frankfurt. O tio ficou muito triste com a notícia, pois também gostava de conversar com o doutor, e Heidi havia se habituado tanto a ver o querido amigo todas as manhãs que mal podia acreditar que seus encontros chegariam ao fim. O próprio doutor estava triste por ter que ir, pois a montanha havia se tornado um lar para ele. Mas era a hora

de partir. Assim, apertando a mão do avô, ele se despediu.

Heidi decidiu acompanhá-lo por um trecho do caminho, e os dois desceram a montanha de mãos dadas. Após um instante, o doutor parou e afagou os cabelos cacheados da menina.

– Agora preciso ir, Heidi! Quem dera eu pudesse levá-la comigo a Frankfurt para ficar comigo em minha casa!

Ouvindo isso, ela se lembrou da cidade, das fileiras intermináveis de casas, das ruas de pedra, e da srta. Rottenmeier e de Tinette.

– Prefiro que o senhor volte para nos visitar – disse ela, um pouco hesitante.

– Sim, você tem razão, é melhor mesmo. Então, fique bem, Heidi – disse o doutor com simpatia.

Quando apertaram as mãos para se despedirem, os olhos dele estavam cheios de lágrimas. Voltando-se rapidamente, ele apressou o passo e foi se afastando.

Imóvel no mesmo lugar, Heidi ficou observando ele ir. Que olhos bondosos! Mas estavam cheios de lágrimas. De repente, ela começou a chorar amargamente e saiu correndo atrás do amigo, chamando-o o mais alto que conseguia, entre um soluço e outro.

– Doutor! Doutor!

Ele se virou e parou, e então esperou Heidi alcançá-lo. Ela se aproximou soluçando, com lágrimas escorrendo pelas bochechas.

– Vou agora mesmo com o senhor para Frankfurt e quero ficar na sua casa o tempo que desejar. Só preciso avisar o vovô.

– Não, minha querida – disse ele afetuosamente. – Agora, não. Não quero que fique doente de novo. Mas, se algum dia eu ficar doente e sozinho, você viria à minha casa me fazer companhia? Posso partir sabendo que haverá alguém para cuidar de mim e me querer bem?

– Sim, sim, com certeza, irei no mesmo dia! Gosto do senhor tanto quanto gosto do vovô! – garantiu Heidi, entre soluços.

Então, o doutor apertou novamente a mão dela e partiu. Heidi ficou parada, acenando e olhando até ele se tornar apenas um pontinho distante. Então, ele se virou pela última vez e olhou para Heidi e para a montanha ensolarada, e disse para si mesmo:

– Lá em cima é maravilhoso. O corpo e a alma se fortalecem naquele lugar, e a vida parece valer a pena.

Capítulo 18

Inverno no vilarejo

A neve estava tão alta ao redor da cabana que as janelas pareciam estar no nível do chão, e a porta da casa estava tão coberta que até tinha desaparecido. A cabana de Pedro estava do mesmo jeito, e sempre que ele saía para tirar a neve, tinha que se esgueirar pela janela. Quando saltava para fora, afundava na neve fofa e batia os braços e as pernas para conseguir sair de lá. Depois, com uma vassoura, ele tirava toda a neve da porta, para que não entrasse na casa.

O tio manteve a palavra e não passou o inverno na montanha. Assim que a primeira neve começou a cair, ele fechou a cabana e o estábulo e se mudou com Heidi e as cabras para o vilarejo. Perto da igreja e da casa do pastor, havia uma casa bem grande, mas em ruínas. Antigamente, tinha sido o lar de um soldado muito corajoso que havia lutado na guerra da Espanha e construiu uma casa magnífica após ter voltado com muitas riquezas. Ele tinha a intenção de morar nela, mas não aguentou a tranquilidade e o silêncio do vilarejo após ter vivido durante muito tempo em locais barulhentos. Deixou a casa e nunca mais voltou. Após muitos e muitos anos, quando todos já sabiam que ele tinha morrido, um parente distante ficou responsável pela propriedade. Porém, a construção já estava em ruínas e o novo proprietário não quis reconstruí-la. Sendo assim, passou a alugar para pessoas pobres por um valor bem baixo, já que a casa estava literalmente caindo aos pedaços. Quando o tio chegou ao vilarejo com o filho Tobias, havia muitos anos, os dois moraram na casa. Desde então, a construção tinha ficado a maior parte do tempo vazia, pois o inverno ali era rigoroso, e o vento gelado entrava por entre as

fendas, tão forte que apagava as velas, e as pessoas tinham de ficar no escuro, tremendo de frio. Mas o Tio da Montanha sabia como resolver esse problema. Quando decidiu passar o inverno no vilarejo, foi várias vezes à casa durante o outono para deixar tudo arrumado.

Pelos fundos, a entrada da casa dava em uma sala aberta, com quase todas as paredes em ruínas. De um lado, dava para ver o que havia restado de uma capela, agora toda coberta por uma hera densa. Um grande salão vinha logo em seguida, com um lindo piso de pedra cuja grama crescia por entre as fendas. A maioria das paredes e parte do teto já haviam desaparecido. Se alguns pilares grossos não tivessem sobrado para sustentar o restante do ambiente, ele sem dúvida teria caído. O tio tinha feito uma divisória de madeira ali para as cabras e coberto o chão com palha. A maioria dos corredores estavam danificados e levavam a um quarto com uma pesada porta de ferro. Nesse quarto, que ainda estava em boas condições, havia painéis de madeira escura nas quatro paredes que ainda estavam bem firmes. Em um canto, havia uma enorme lareira, que quase chegava ao teto. Nos ladrilhos brancos tinham sido pintados quadros azuis de velhas torres rodeadas por árvores altas e caçadores com seus cães. Também havia uma cena com um lago silencioso em que um pescador descansava sob a sombra dos carvalhos. Ao redor da lareira foi colocada uma bancada. Heidi adorou se sentar ali e, assim que entrou na nova morada, começou a examinar os desenhos na parede. Caminhando sobre a bancada, percebeu que havia uma cama no final dela, entre a parede e a lareira, e então exclamou:

– Ah, vovô, encontrei o meu quarto! Que lindo! Mas onde você vai dormir?

– Seu quarto precisa ficar perto da lareira para você não sentir frio – respondeu o avô. – Mas agora venha até aqui para ver o meu.

E o avô a levou até o quarto dele. No cômodo, havia uma porta que dava para a maior cozinha que Heidi tinha visto na vida, e o vovô teve muito trabalho para deixá-la arrumada. Tinha pregado muitas tábuas nas paredes e prendido a porta com fios grossos, pois a casa estava em ruínas um pouco mais adiante. Uma densa vegetação rasteira crescia por lá, abrigando milhares de insetos e

lagartos. Heidi ficou encantada com a nova casa, e quando Pedro chegou no dia seguinte, ela fez um passeio com ele por todos os cômodos.

Heidi dormia muito bem em seu cantinho ao lado da lareira, mas demorou muitos dias para se acostumar com a nova rotina. Sempre se esquecia de onde estava, ao acordar pela manhã, sem ouvir o chamado dos abetos. Será que a neve estaria muito pesada nos galhos? Será que ela estava longe de casa? Mas, assim que ouvia a voz do avô lá fora, lembrava-se de tudo e pulava alegremente da cama.

Passados quatro dias, Heidi disse ao avô:

– Hoje preciso ir visitar a vovó, ela não pode ficar muito tempo sozinha.

Mas o avô não concordou e explicou o motivo:

– Você não pode ir ainda, querida. A neve está muito alta lá em cima e não para de cair. Pedro mal consegue passar por ela. Uma garotinha como você ficaria encoberta pela neve e se perderia com facilidade. Espere um pouco até a neve congelar e então poderá andar sobre a crosta.

Heidi ficou muito triste, mas estava tão ocupada que os dias pareciam voar. Passava o dia todo na escola, aprendendo avidamente tudo o que era ensinado. Quase nunca via Pedro por lá, pois ele faltava muito. O professor era muito tranquilo e apenas comentava de vez em quando:

– Acho que Pedro vai faltar novamente! A escola faria tão bem para ele! Talvez ele não esteja conseguindo atravessar a neve.

Mas Pedro sempre visitava Heidi quando ela voltava da escola, e a menina estava começando a ficar desconfiada.

Depois de alguns dias, o sol voltou a brilhar ao meio-dia e, na manhã seguinte, a montanha toda já reluzia como cristal. Quando Pedro foi pular a janela, como sempre fazia todas as manhãs, caiu sobre o chão duro e desceu a montanha deslizando tanto que parecia voar. Quando finalmente conseguiu se levantar, pisou no chão com todas as suas forças para verificar se estava mesmo seguro. E o gelo estava duro como pedra. Pedro ficou muito feliz, pois sabia que agora Heidi poderia visitar a vovó, e então colocou o pão no bolso, anunciando:

– Hoje eu vou à escola.

– Sim, vá e estude tudo certinho – disse a mãe.

Então, sentado no trenó, desceu a montanha, mas tão velozmente que não conseguiu frear, e assim acabou passando do ponto de parada no vilarejo. Ele achou que já estava muito tarde para ir à escola; sendo assim, foi sem pressa para a casa de Heidi, chegando apenas na hora do almoço.

– Acabou! – anunciou ao entrar.

– O que foi que acabou, general? – perguntou o tio.

– A neve – informou Pedro.

– Ah, que bom! Agora posso ir visitar a vovó! – disse Heidi com alegria. – Mas, Pedro, por que você não foi à escola? Podia muito bem ter aparecido – acrescentou, em tom de reprovação.

– O trenó parou longe demais e acabou ficando tarde – justificou Pedro.

– Isso se chama “desertar”, e quem faz isso merece um puxão de orelha, está ouvindo? – disse o tio para repreendê-lo.

Pedro ficou bem assustado, pois o tio era a pessoa que ele mais respeitava no mundo.

– Um general como você deveria se sentir duplamente envergonhado ao fugir – continuou o velho. – O que faria se as suas cabras ficassem desobedientes?

– Bateria nelas – foi a resposta.

– E se um menino agisse como uma cabra desobediente e tivesse que apanhar, o que você diria?

– Diria “bem feito!”.

– Então, agora você já sabe, general das cabras; da próxima vez que resolver faltar à escola, pode vir aqui para receber o que merece.

Pedro finalmente entendeu o que o tio estava tentando explicar. Mas o velho mudou o tom e disse com carinho:

– Sente-se e coma alguma coisa; depois Heidi pode subir com você. Traga-a de volta mais tarde e fique para jantar conosco.

A mudança inesperada na conversa deixou Pedro muito feliz e ele não perdeu tempo para saborear o prato inteiro. Heidi lhe deu

a maior parte de sua refeição e depois que terminaram ela foi logo vestindo o casaco novo que Clara tinha enviado. Heidi subiu a montanha falando sem parar, mas Pedro não dizia uma só palavra. Estava tão preocupado que nem prestava atenção ao que ela dizia. Ao alcançarem a cabana, Pedro parou e disse em seu tom de teimosia:

– Prefiro ir à escola do que ver o tio cumprir a promessa!

Eles entraram na casa e encontraram a mãe de Pedro sozinha, trabalhando em seus remendos. Heidi não viu a vovó em lugar algum, e Brígida explicou para ela que a vovó estava ficando na cama naqueles últimos dias tão frios, pois não estava muito forte. Aquilo era novidade para Heidi. A menina correu até o quarto da avó e a encontrou deitada em sua cama estreita, enrolada no xale cinza e debaixo de uma coberta fina.

– Deus seja louvado! – exclamou a avó ao ouvir Heidi entrar.

Durante todo o outono e boa parte do inverno, um medo secreto vinha atormentando o coração da velha senhora. Ela temia que Heidi fosse levada para morar com o cavalheiro de que Pedro tanto falava.

Heidi entrou no quarto e aproximou-se da cama.

– A senhora está muito doente, vovó? – perguntou ela, ansiosa.

– Não, não, querida – respondeu a velha senhora, para acalmá-la –, é que meu corpo fica dolorido por causa do frio.

– A senhora vai ficar boa quando voltar a esquentar? – quis saber Heidi.

– Vou, sim, se Deus quiser. Antes disso quero poder voltar a fiar. Ia tentar começar hoje, mas amanhã tenho certeza de que vou estar bem melhor – disse a avó em tom mais confiante, pois percebeu que a menina ficara assustada.

O que a avó tinha dito deixou Heidi mais feliz. A menina observou a avó um pouco surpresa.

– Em Frankfurt – disse Heidi –, as pessoas usam xale quando saem para passear. A senhora achou que era para usá-lo na cama, vovó?

– Sabe, Heidi, eu uso o xale na cama para não sentir frio. Fico feliz por tê-lo, pois a coberta é um pouco fina – explicou a avó.

– Mas, vovó, sua cabeça está muito baixa, deveria estar mais alta; cama alguma poderia ser tão baixa assim.

– Eu sei, querida – respondeu a avó, tentando acomodar melhor a cabeça no travesseiro, que mais parecia uma tábua fina. – Está vendo? Este travesseiro nunca foi muito alto e acabou ficando fino desse jeito depois de tantos anos.

– Ah, antes eu tivesse pedido à Clara que me deixasse trazer a cama que eu usava em Frankfurt! – lamentou Heidi. – Havia três grandes travesseiros, um em cima do outro. Eu mal conseguia dormir porque ficava escorregando o tempo todo. A senhora conseguiria dormir assim, vovó?

– Com certeza! Os travesseiros aquecem e me ajudariam a respirar melhor – respondeu a avó, e ergueu a cabeça com certa dificuldade, tentando encontrar uma posição mais elevada. – Mas não vamos falar disso agora. Só o que posso fazer é agradecer a Deus por ter tantas coisas que muitas vezes outras pessoas não têm, como os deliciosos pãozinhos que recebo todos os dias e este belo xale tão quentinho. Além disso, tenho você, minha querida! Heidi, não quer ler alguma coisa para mim hoje?

Heidi foi correndo buscar o livro de canções e então leu algumas para a avó. A pobre senhora permaneceu deitada, com as mãos unidas, e em seu rosto, que anteriormente tinha aspecto preocupado, havia agora um alegre sorriso.

Heidi parou de repente.

– Vovó, a senhora está se sentindo melhor?

– Estou, sim, Heidi. Por favor, termine a canção.

Heidi obedeceu, e leu as últimas estrofes.

Quando meu olhar triste e turvo ficar

Que o seu amor possa me iluminar

Para que minha alma triste a vagar

Ao lar possa retornar

– Ah, vovó, eu sei como é voltar ao lar... – disse Heidi. – Já está escurecendo, preciso ir para casa. Fiquei muito feliz por saber que está melhor.

A avó pegou a mão da menina e a segurou com firmeza.

– Eu também voltei a ficar feliz, mesmo tendo que ficar deitada. Fico dias sem falar com ninguém e nem mesmo posso ver o sol brilhar. Pensamentos muito tristes passam pela minha cabeça às vezes e sempre sinto que não vou mais conseguir aguentar. Mas quando ouço versos abençoados como os que você leu para mim, é como se uma luz se acendesse no meu coração, e consigo ficar feliz de novo.

Depois de elas se despedirem, Heidi puxou Pedro consigo, para que fossem logo embora. A lua brilhava tão clara na neve branca que até parecia dia. Os dois desceram a montanha a uma velocidade tão grande que o trenó voava sobre a neve.

Depois que Heidi foi para a cama naquela noite, ficou um tempo acordada, pensando em tudo o que a avó tinha dito, principalmente sobre a alegria que as canções lhe davam. Se ao menos a pobre avó pudesse ouvir essas palavras reconfortantes todos os dias! Heidi sabia que demoraria uma ou duas semanas novamente antes que pudesse visitar a vovó novamente. Ela ficou muito triste ao pensar em como a avó ficaria desconfortável e solitária. Haveria alguma forma de ajudá-la? Subitamente, Heidi teve uma ideia que a deixou tão ansiosa que mal poderia esperar até o amanhecer para poder colocar o plano em ação. Com tanta empolgação, havia se esquecido da oração da noite; então, sentou-se na cama e rezou com fervor ao Papai do Céu.

Em seguida, deitou-se na cama de feno perfumado e dormiu pacífica e profundamente até o amanhecer.

Capítulo 19

O inverno continua

Pedro chegou pontualmente à escola no dia seguinte, trazendo o almoço em uma sacola. Todas as crianças que moravam longe da escola almoçavam lá, as demais voltavam para casa. No fim do dia, ele sempre visitava Heidi.

Nesse dia, assim que ele abriu a porta, Heidi foi correndo ao seu encontro.

– Pedro, tenho que lhe contar uma coisa!

– Diga.

– Você precisa aprender a ler.

– Já aprendi.

– Eu sei, Pedro, mas o que estou querendo dizer é que precisa saber usar o que aprendeu.

– Não consigo – observou o menino.

– Ninguém mais acredita nisso, e eu também não vou acreditar – disse Heidi resoluta. – Quando eu estava em Frankfurt, a outra vovó me disse que isso não é verdade e que eu não devia acreditar no que você diz. Ler não é difícil!

Pedro ficou surpreso com a notícia.

– Vou ensiná-lo a ler de verdade, porque eu sei ler de verdade – continuou Heidi. – Você precisa aprender direitinho para poder ler uma canção ou duas para a vovó todos os dias.

– Não preciso, não – resmungou ele.

A recusa obstinada deixou Heidi muito zangada. Com os olhos faiscando, ela se posicionou na frente dele.

– Então, vou explicar o que vai acontecer se você não quiser aprender as coisas. Sua mãe já disse várias vezes que você também precisa ir a Frankfurt. Clara me mostrou, certa vez, como os meninos que estudam lá são grandes. E você vai ter que ficar lá até crescer, Pedro! E não pense que eles têm um professor só, e que será bonzinho como o nosso. Não mesmo! São muitos, e todos vestem preto, como na igreja. Também usam cartolas pretas muito altas.

Pedro sentiu um arrepio na espinha.

– Quando chegar a sua vez de ler e eles descobrirem que você não sabe nem ler nem soletrar, vão rir muito de você.

– Está bem, então eu aprendo – respondeu Pedro meio chateado, meio irritado.

– Que bom! Vamos começar agora mesmo! – disse animada, puxando Pedro até a mesa.

No grande pacote que Clara tinha enviado, havia também um livrinho de alfabetização com muitas rimas. Ela escolheu esse livrinho para as aulas e Pedro teve dificuldade de soletrar logo na primeira rima.

– Vou ler para você – disse Heidi –, então vai ficar mais fácil. Preste atenção: *Quem não lê o ABC com maestria, vai parar na diretoria.*

– Não vou, não – teimou Pedro.

– Aonde?

– À diretoria.

– Aprenda logo essas três letras que você não precisará ir!

Pedro recomeçou e repetiu as três letras.

– Agora você já sabe essas três – disse Heidi.

Ao perceber o efeito que os versos tiveram sobre Pedro, começou a ler as demais.

– D, E, F você precisa ler, pois é sempre importante aprender.

Se do H, I, J ou K você se esquecer, as adversidades não vai vencer.

Quem no L e no M tropeçar, terá uma multa para pagar.

Se você soubesse como fazer, logo aprenderia N, O, P, Q.

Se ainda derrapa com R, S, T, terá muito trabalho a fazer.

Heidi parou de ler, pois Pedro estava tão assustado com todas as ameaças que ficou bem quietinho. Mas a menina tinha um bom coração.

– Não precisa ter medo, Pedro. É só vir aqui todos os dias no fim da tarde. Se estudar como fez hoje, logo vai aprender todas as letras, e nada de ruim vai lhe acontecer. Mas você tem que vir todos os dias, mesmo quando nevar. Prometa!

Pedro prometeu que faria isso e eles se despediram.

Depois disso, ele obedeceu estritamente às instruções de Heidi, e passou a ir à casa dela todos os dias para ter aulas.

Muitas vezes, o avô estava sentado na sala, fumando seu cachimbo, e dava um leve sorriso, como se tentasse conter o riso.

Ele geralmente convidava Pedro para ficar para jantar, o que era uma recompensa generosa por todo o esforço do rapaz.

Assim o inverno passou. Pedro aparecia regularmente e fazia grandes progressos com as letras, mas ainda tinha muita dificuldade com as rimas.

Quando chegaram à letra U, Heidi leu os seguintes versos:

Quem U e V confundir, o paradeiro não poderá garantir!

Se o W ignorar, a vara lá atrás da porta vai ganhar.

Pedro sempre reclamava e se opunha às punições, mas mesmo assim continuava aprendendo, e logo faltavam apenas três letras para estudar.

Conforme o tempo foi passando, as últimas rimas foram deixando Pedro ainda mais ansioso.

Se do X não se lembrar, ficará sem o jantar.

Se com o Y hesitar, vai passar vergonha até chorar.

Quando Heidi leu os últimos versos:

Quem fizer o Z borrado, a viver com os Hotentotes¹ está destinado.

Pedro respondeu com ironia:

– Ah, mas ninguém sabe onde eles moram!

– Tenho certeza de que o vovô sabe, Pedro. Espere aí que vou perguntar. Ele foi até a casa do pastor.

Ela se levantou e ia na direção da porta.

– Espere! – disse Pedro, já se imaginando sendo transportado para a tribo dos Hotentotes.

Heidi parou.

– Qual é o problema?

– Nenhum. Fique aqui que eu vou aprender – gaguejou ele.

Mas Heidi estava curiosa para saber onde moravam os hotentotes e queria ir perguntar ao avô. Porém, como Pedro havia gritado com tanto desespero, acabou cedendo e voltou.

Agora que Pedro já sabia todas as letras, começou a aprender algumas sílabas. Daquele dia em diante, progrediu rapidamente.

Fazia três semanas desde a última visita de Heidi à vovó, pois tinha nevado muito nesse período. Certa noite, Pedro entrou em casa e disse triunfante:

– Consegui!

– O que você conseguiu, Pedro? – quis saber a mãe, entusiasmada.

– Ler.

– É mesmo? Ouviu isso, vovó? – alegrou-se Brígida.

A avó também ficou curiosa e quis saber como ele tinha conseguido.

– Heidi disse que tenho que ler uma canção para a senhora – continuou Pedro.

E, para a surpresa das duas, Pedro começou a ler. A cada verso, a mãe dizia, admirada:

– Quem poderia imaginar!

A vovó ouviu tudo e ficou em silêncio.

No dia seguinte, na escola, era a vez de Pedro ler.

– Pedro – disse o professor –, vamos pular sua vez, como sempre, ou quer tentar tropeçar em algumas linhas?

Pedro leu três linhas seguidas, sem hesitar nem tropeçar.

O professor colocou o livro de lado e olhou muito surpreso para o menino.

– Que milagre aconteceu com você? Tentei ensiná-lo por tanto tempo e com toda a paciência do mundo, mas você nunca conseguiu nem ao menos soletrar. E agora, quando já havia perdido a esperança, você aprendeu não apenas a soletrar, mas também a ler corretamente. Como isso aconteceu, Pedro?

– Foi a Heidi – respondeu o menino.

O professor olhou surpreso para Heidi e então voltou a falar com Pedro.

– Notei que você mudou, Pedro. Você sempre faltava às aulas, muitas vezes a semana toda, mas nos últimos tempos tem sido assíduo. Qual o motivo dessa mudança?

– O tio.

Agora, todas as noites, Pedro lia uma canção para a avó em casa. Mas nada além disso. Aos elogios frequentes de Brígida, a avó respondia:

– Estou feliz que tenha aprendido alguma coisa, mas vou ficar muito feliz se a primavera chegar logo, assim Heidi virá me visitar, pois, quando ela lê, os versos soam diferentes. É difícil acompanhar a leitura do Pedro, e as canções não me deixam emocionada como as de Heidi!

Também, pudera! Pedro sempre pulava as palavras difíceis, afinal, qual o problema de deixar passar três ou quatro palavrinhas! Sendo assim, havia ocasiões em que quase não havia palavras suficientes nas canções lidas por Pedro.

1 Povo nômade da região do sul da África.

Capítulo 20

Notícias dos amigos distantes

Maio chegou! O sol quente banhava toda a montanha com sua luz gloriosa e era possível ver as primeiras flores da primavera após o último resquício de neve ser derretido. O vento da primavera soprava alegremente enquanto secava todos os cantinhos que ainda estavam úmidos por causa das sombras das árvores. Lá em cima, no céu azul, a águia voava em paz.

Heidi e o avô já tinham voltado à montanha. Ela estava tão feliz por estar novamente em casa que saltitava entre os objetos que tanto amava. Ficou feliz também ao ver botões de primavera florescerem e ao observar insetos e besouros que voavam alegres ao sol.

O avô estava ocupado na oficina e dava para ouvir o som do martelo e da serra. Heidi ficou curiosa para ver o que o avô estava fazendo. Ao entrar na oficina, viu, diante da porta, uma cadeira nova e elegante, e o avô estava ocupado fazendo mais uma.

– Ah, eu sei o que está fazendo! – exclamou a menina com alegria. – São cadeiras para a Clara e para a outra vovó; mas... vai ter que fazer mais uma, vovô – continuou Heidi hesitante. – Ou acha que a srta. Rottenmeier não vem?

– Não tenho como saber – respondeu ele –, mas é mais seguro ter uma cadeira pronta para ela.

Heidi olhou pensativa para as cadeiras sem braços.

– Vovô, acho que ela não vai querer se sentar aí.

– Então a convidaremos para se sentar na sala de estar de grama verde – respondeu tranquilamente o avô.

Enquanto Heidi pensava onde estaria essa sala de estar, Pedro chegou assobiando e chamando-a. Ela saiu correndo e, como sempre, foi cercada pelas cabras, que não paravam de saltitar. Mas Pedro ficou bravo e afugentou todas para o outro lado, pois tinha uma mensagem para Heidi. Ao conseguir chegar perto dela, entregou-lhe uma carta.

– Alguém entregou esta carta para você no caminho para cá? – perguntou surpresa.

– Não.

– De onde veio, então?

– Da minha sacola.

A carta fora entregue a Pedro no dia anterior, mas ele colocou na sacola e se esqueceu dela até abrir a sacola no dia seguinte para colocar o lanche. Heidi imediatamente reconheceu a caligrafia de Clara.

– Chegou uma carta da Clara, vovô, quer que eu leia?

Em seguida, começou a ler para seus dois ouvintes.

Querida Heidi!

Já fizemos as malas e partiremos em dois ou três dias, logo depois que o papai viajar. Ele não virá conosco, pois primeiro tem que ir a Paris. Todos os dias, o doutor vem aqui e diz animado, assim que abre a porta: “Falta pouco para a montanha!”. Ele não vê a hora de irmos. Você não imagina o quanto ele gostou de ter passado o outono aí! Durante o inverno, veio nos visitar quase todos os dias e sempre me falava de você, do vovô, das montanhas e das flores que viu. Ele falava o tempo todo que aí é muito silencioso e o ar é puro e delicioso, e fica distante da cidade e das ruas barulhentas, e que todo mundo fica bem de saúde. Ele ficou bem melhor depois da visita. Está mais jovem e mais feliz. Ah, não vejo a hora de ver tudo isso! O doutor me aconselhou a fazer um tratamento de cerca de seis semanas em Ragaz. Depois, vamos ficar no vilarejo, e, quando fizer tempo bom, vou poder subir a montanha com minha cadeira para visitá-la e passar o dia com você. A vovó também irá e ficará comigo. Também está ansiosa pela viagem. Mas, você não vai acreditar! A srta. Rottenmeier não quer ir. Quando a vovó insiste para que venha conosco, ela

agradece e recusa educadamente. Acho que Sebastian fez uma descrição assustadora da montanha, e contou das rochas enormes e dos precipícios abomináveis dos quais ela tem tanto medo; ele disse ainda que só as cabras conseguem escalar a montanha sem correr perigo. Antes, ela queria tanto conhecer a Suíça, mas agora nem Tinette nem ela querem correr esse risco. Mal posso esperar para vê-la de novo!

Adeus, querida Heidi, a vovó também manda lembranças!

Da sua amiga leal,

Clara

Ao ouvir o que dizia a carta, Pedro agitou a vara para a direita e para a esquerda com tanta brutalidade e raiva que as cabras se assustaram e saíram correndo montanha abaixo.

Heidi foi visitar a vovó na tarde seguinte, pois precisava contar as novidades. A avó estava sentada em seu canto, fiando na roda, como sempre. Contudo, havia uma expressão de preocupação e tristeza em seu rosto, pois Pedro já havia contado que os amigos de Heidi viriam visitá-la em breve e ela tinha muito medo do que poderia acontecer.

Depois que Heidi contou todas as novidades para a vovó, olhou para ela e perguntou preocupada:

– O que foi, vovó? Não ficou feliz com as notícias?

– Fiquei, sim, Heidi, fico muito feliz porque você está feliz.

– Mas, vovó, a senhora parece um pouco ansiosa. Está achando que a srta. Rottenmeier pode aparecer?

– Não, não! Não é nada, não é nada! Me dê a sua mão porque quero ter certeza de que você ainda está aqui. Com certeza, o melhor acontecerá para você, mas acho que não viverei para ver esse momento.

– Se a senhora não estiver viva eu não quero viver o melhor momento – disse.

A avó mal dormiu na noite anterior pensando na chegada de Clara. Será que levariam Heidi para longe dela, logo agora que ela estava bem de saúde e forte novamente? Mas, para o bem da menina, decidiu ser corajosa. – Heidi, você poderia ler para mim aquela canção que começa com “Deus proverá”?

Heidi iniciou a leitura imediatamente; ela já conhecia quase todos os hinos favoritos da vovó e conseguia encontrá-los facilmente no livro.

– Isso me faz tão bem, minha menina – disse a velha senhora, com a expressão mais feliz e menos preocupada. – Por favor, leia mais algumas vezes, querida – pediu a vovó.

Quando a noite caiu, Heidi subiu a montanha. As estrelas iam aparecendo e brilhando no céu, uma após a outra, e Heidi parava a todo instante para olhar para cima, observando como estavam espalhadas por todo o céu. Quando chegou em casa, o avô também contemplava as estrelas e murmurava para si mesmo:

– Que mês maravilhoso! Um dia mais claro que o outro. As ervas vão crescer com toda força este ano.

O mês das flores chegou ao fim e trouxe junho com um sol ainda mais quente e dias mais longos e luminosos. Havia flores por toda parte, enchendo o ar de perfume. Junho também já estava chegando ao fim quando, certa manhã, Heidi saiu correndo da cabana, depois de ter cumprido suas tarefas, e, subitamente, deu um grito tão forte que o avô saiu apressado para ver o que estava acontecendo.

– Vovô! Vovô! Venha aqui! Olhe! Olhe!

Uma estranha procissão subia a montanha. Na frente vinham dois homens, carregando uma liteira aberta, e nela estava sentada uma menina, embrulhada em muitos xales. Em seguida, vinha um cavalo, montado por uma mulher imponente, que olhava animada para todos os lados e conversava entusiasmada com o jovem guia que caminhava ao seu lado. Depois, vinha uma cadeira de rodas vazia, empurrada por outro rapaz e, por fim, um carregador trazendo nas costas um cesto cheio de cobertas, xales e peles, que ultrapassavam a altura da sua cabeça.

– Elas estão chegando! Elas estão chegando! – gritou Heidi, pulando de alegria.

Logo a comitiva chegou ao topo. Como as duas meninas ficaram felizes ao se reencontrarem! Quando a outra vovó também chegou e desceu do cavalo, cumprimentou primeiramente Heidi com carinho e, em seguida, dirigiu-se ao Tio da Montanha, que tinha se aproximado do grupo. Os dois pareciam velhos amigos,

pois já tinham ouvido falar muito um do outro.

Logo após as primeiras palavras, a avó disse com grande animação:

– Querido tio, como é linda a sua casa! Quem poderia imaginar! Deixaria muitos reis com inveja! E como Heidi está bem! Parece uma rosinha! – A boa mulher afagou as bochechas rosadas da menina. – É tudo tão magnífico! O que você acha, Clara?

Clara olhava encantada ao redor.

– Ah, como é maravilhoso! Que glória estar aqui! Nunca, em meus mais belos sonhos, imaginei que fosse tão lindo! Ah, vovó, queria poder ficar aqui!

O vovô já tinha se apressado em pegar a cadeira de rodas para acomodar Clara, depois a cobriu com alguns xales e deixou os pés dela bem agasalhados. Agiu com tanta naturalidade que parecia que nunca tinha feito outra coisa na vida a não ser cuidar de pessoas doentes.

– Meu caro tio – disse a vovó surpresa –, diga-me, por favor, onde aprendeu enfermagem, para hoje mesmo eu mandar para lá todas as enfermeiras que conheço. De onde vem toda essa sua experiência?

O avô sorriu.

– Vem mais da prática do que do estudo.

Seu rosto ficou triste, pois lembrou-se de uma situação vivida no passado. Foi dessa forma que cuidou do seu capitão ferido em uma violenta batalha na Sicília. Somente ele teve permissão de cuidar do capitão até sua morte, e agora usaria seus conhecimentos para cuidar da pobre Clara.

Clara ficou um bom tempo olhando para o céu sem nuvens e para todos os penhascos rochosos.

– Ah, Heidi – disse ela, melancólica –, quem dera eu pudesse andar com você em volta da cabana e dos abetos! Quem dera eu pudesse conhecer tudo o que você já me descreveu!

Então Heidi fez um grande esforço e conseguiu empurrar a cadeira pela grama seca até debaixo dos abetos. Clara nunca tinha visto árvores altas e antigas como aquelas, cujos galhos longos e largos tornavam-se cada vez maiores e espessos e tocavam o chão.

Em seguida, Heidi empurrou a cadeira até o estábulo em que ficavam as cabras.

– Ah, vovó! – exclamou Clara. – Se pelo menos eu puder esperar Branquinha e Malhadinha voltarem com Pedro e as outras cabras! Não vou conseguir vê-los se tivermos que voltar cedo como você disse.

– Minha querida, vamos aproveitar as coisas belas que temos agora – aconselhou a avó, seguindo a cadeira.

– Ah, que flores maravilhosas! – admirou-se Clara. – Arbustos inteiros com florezinhas. Ah, se eu pudesse ir até lá para colher algumas!

Heidi saiu correndo e trouxe um belo ramalhete para a amiga.

– Mas isso não é nada em comparação às flores da pastagem, Clara. Você tem que subir lá pelo menos uma vez para vê-las. Há tantos por lá que até o chão parece dourado com eles. Se você se sentar entre eles, nunca mais vai querer se levantar de lá, de tão lindo que é.

– Ah, vovó, posso ir até lá? Acha que posso subir? – perguntou ela, com olhos expectantes. – Ah, Heidi, eu adoraria poder caminhar e ir a todos os lugares com você!

– Pode deixar que eu levo você – tranquilizou-a Heidi.

E para provar que conseguia, deu um impulso tão grande na cadeira que quase a empurrou montanha abaixo. Felizmente o vovô estava por perto e a segurou a tempo.

Chegou a hora do almoço. A mesa foi arrumada perto do banco de madeira e todos se sentaram alegres para desfrutar da refeição. A avó ficou encantada com a vista, sentindo o vento suave que refrescava a todos.

– Que lugar maravilhoso! – exclamou a avó. – Nunca vi nada igual! Mas, será que estou vendo direito? Você já está no seu segundo pedaço de queijo assado, Clara?

– Ah, está tão gostoso, vovó! Melhor do que toda a tábua de queijos que comemos em Ragaz – assegurou Clara, saboreando a comida com vontade.

– Continue comendo! O ar da montanha faz qualquer comida ficar boa.

Durante o jantar, a avó e o Tio da Montanha travaram uma conversa animada. Tinham opiniões tão parecidas sobre tantas coisas que era como se fossem velhos amigos. Mais tarde, a avó olhou para o oeste.

– Temos que começar a nos organizar para ir, Clara, o sol já está se pondo. Nossos guias estarão aqui a qualquer momento.

Clara mostrou uma expressão de tristeza e insistiu:

– Ah, só mais uma ou duas horas, vovó! Ainda nem vimos a cabana por dentro. Queria que o dia tivesse o dobro de horas!

A vovó concordou com a ideia de ver a cabana por dentro. Porém, a cadeira era larga demais e não passou pela porta. O avô rapidamente pegou Clara no colo e entrou com ela na cabana. A avó olhou com alegria ao redor e ficou feliz por ver tudo tão arrumado. Em seguida, subiu a escadinha que levava ao palheiro e descobriu a cama de Heidi.

– Essa é a sua cama, não é, Heidi? Que aroma agradável! Deve ser muito bom dormir aqui! – exclamou, olhando pela janela.

O avô subiu com Clara nos braços e foi logo seguido pela neta.

Clara ficou encantada.

– Nossa, Heidi! Que lugar adorável para dormir! Ah, Heidi, dá para ver direitinho o céu da sua cama. Que perfume maravilhoso! E dá para ouvir os abetos daqui, não dá? Ah, nunca em minha vida eu vi um quarto tão fantástico quanto este!

O avô olhou para a avó e comentou:

– Eu tive uma ideia que poderia deixar Clara mais forte. Será que ela poderia ficar por uns tempos aqui conosco? A senhora trouxe muitos xales e cobertas; podemos fazer uma cama confortável para ela. E não precisa se preocupar, pois cuidarei muito bem dela. Se a senhora não se opuser, obviamente.

As meninas gritaram de alegria e a avó irradiava satisfação.

– Como o senhor é gentil! – exclamou ela. – Eu estava pensando exatamente que uma estada aqui iria realmente fortalecê-la, mas não queria causar incômodo, pois sei o trabalho que seria cuidar dela. E então o senhor ofereceu esse presente como se não fosse nada demais. Eu realmente não tenho palavras para agradecê-lo.

Depois de apertarem as mãos para selar o acordo, os dois

arrumaram a cama de Clara, que, graças aos cuidados da avó, logo ficou tão fofa que não dava nem para sentir o feno.

O tio carregou a nova paciente de volta para a cadeira de rodas, e lá ela ficou sentada com Heidi ao seu lado. Eles estavam falando ansiosamente sobre todos os planos para as próximas semanas quando foram informados de que Clara poderia ficar por um mês ou mais. Que alegria!

O guia com o cavalo e os carregadores da cadeira chegaram, mas os dois últimos não seriam mais necessários e foram dispensados.

Quando a avó se preparou para ir embora, Clara comentou alegremente:

– Vovó, isso não é uma despedida, pois você vai voltar de vez em quando para ver o que estamos fazendo.

O tio levou o cavalo para a avó pela íngreme encosta e a boa senhora lhe disse que voltaria para Ragaz, pois Dorfli era muito solitário para ela. Ela também prometeu que viria visitá-los de vez em quando.

Antes de o avô voltar, Pedro já tinha chegado correndo com as cabras. Assim que viram Heidi, correram até ela e Clara conheceu Branquinha e Malhadinha e todas as outras.

Contudo, Pedro manteve distância, lançando olhares furiosos às duas meninas. Quando deram boa noite, ele saiu correndo, sacudindo a vara no ar.

Aquele dia feliz chegou ao fim, e as duas meninas foram se deitar em suas camas.

– Ah, Heidi! Há tantas estrelas brilhando! É como se estivéssemos em uma carruagem que nos levasse direto ao céu!

– É verdade. E você sabe por que as estrelas estão brilhando tão alegremente? – perguntou Heidi.

– Não! Conte-me, por favor.

– Porque elas sabem que o Papai do Céu cuida de nós e por isso nunca precisamos ter medo. Veja, elas brilham para nos mostrar como estão felizes. Mas, Clara, não podemos nos esquecer de rezar e pedir ao Papai do Céu para também pensar em nós e nos manter seguras.

Então as duas meninas se sentaram e fizeram suas preces. Em seguida, Heidi se deitou e logo adormeceu. Mas Clara ainda ficou um bom tempo acordada, pois estava maravilhada em poder ver as estrelas de sua cama.

Na verdade, nunca as tinha visto, pois em Frankfurt todas as cortinas eram sempre fechadas muito antes de as estrelas aparecerem e ela nunca saía de casa à noite. Não conseguia ficar de olhos fechados, e os abriu várias vezes para observar as estrelas cintilantes, até que finalmente os fechou e viu duas grandes estrelas brilhantes em seu sonho.

Capítulo 21

Mais acontecimentos na montanha

O sol tinha acabado de nascer atrás das rochas e lançava seus raios sobre a cabana e o vale. Como fazia todas as manhãs, o Tio da Montanha olhava em silêncio a névoa leve que se dissipava nas montanhas e deixava as nuvens da manhã cada vez mais claras.

Em seguida, ele voltou para a cabana e subiu em silêncio a escadinha. Clara tinha acabado de acordar e olhava admirada para os raios de sol que dançavam em sua cama. Onde estava? Mas logo se lembrou ao ver a amiga dormindo ao seu lado e ao ouvir a voz amigável do tio:

– Dormiu bem? Não está cansada?

Clara se sentia muito bem e descansada e disse que nunca tinha dormido tão bem na vida. Heidi logo acordou e foi se sentar ao lado da amiga, que observava o céu.

A brisa fresca da manhã soprava no rosto delas e o frescor dos abetos enchia seus pulmões de ar puro. Clara nunca antes experimentara aquela maravilhosa sensação de bem-estar. Ela nunca tinha respirado o ar puro e fresco da manhã nem sentido o calor agradável de um sol como aquele nos pés e nas mãos. A montanha havia superado todas as suas expectativas.

– Ah, Heidi, queria poder ficar para sempre aqui com você! – disse ela.

– Agora pode ver que tudo é realmente tão lindo como eu havia contado a você – disse Heidi triunfante. – O lugar mais bonito do mundo é a casa do vovô na montanha.

O avô saiu do estábulo trazendo duas tigelinhas de leite fresco e morninho e entregou um para cada uma delas.

– Isso vai fazer bem para você, mocinha. É o leite da Branquinha. Vai deixá-la bem forte. À sua saúde! Beba! – disse, encorajando-a, pois Clara havia hesitado um pouco, já que nunca tinha bebido leite de cabra.

Mas, ao ver Heidi tomar o leite de uma golada só, bebeu tudinho sem parar. Como era bom! Tinha gosto de canela com açúcar.

– Amanhã você vai tomar duas tigelas – disse o avô.

Depois do café da manhã. Pedro apareceu com o rebanho, e enquanto Heidi era cercada e empurrada pelas cabras que baliavam cada vez mais alto, o avô chamou o menino de lado.

– Preste bem atenção – disse o avô –, a partir de hoje, deixe Branquinha ir aonde ela quiser. Ela sabe onde estão as melhores ervas. Mesmo que ela suba mais do que de costume, não a impeça, entendeu? Mesmo que você tenha que escalar um pouco, mal não há. Vai fazer bem até para as outras. Quero que as cabras produzam um leite de ótima qualidade. Por que está com esse olhar furioso?

Pedro não disse nada, e rapidamente foi seguindo seu caminho. De vez em quando, ainda olhava para trás, cheio de raiva. Heidi seguiu com ele um pequeno trecho do caminho.

– Você precisa vir junto – disse Pedro –, pois vou ter que seguir a Branquinha.

– Não posso, e por muito tempo não vou poder, pois Clara está aqui comigo. Algum dia desses vamos todos juntos, o vovô prometeu.

Heidi voltou para casa e Pedro saiu correndo, cerrando os punhos no ar com muita raiva.

As meninas haviam prometido escrever para a vovó diariamente, então começaram as atividades do dia pela carta. Heidi pegou seu banquinho de três pernas e colocou os materiais escolares no colo de Clara para começarem a escrever. Clara fazia uma pausa após cada frase, pois precisava olhar ao redor. Ah, que paz ver os insetos esvoaçando ao sol e poder ouvir o farfalhar das árvores! De vez em quando, o grito de algum pastor ecoava baixinho por entre as rochas.

A manhã chegou ao fim e logo era hora do almoço. Fizeram a

refeição novamente ao ar livre, pois Clara precisava disso para ficar forte. Passaram a tarde sob a sombra dos abetos. Clara tinha muitas coisas para contar sobre Frankfurt e sobre todas as pessoas que Heidi conhecera por lá. Não demorou muito para que Pedro voltasse com o rebanho. As meninas o saudaram, mas ele nem respondeu, e prosseguiu seu caminho com a cara amarrada.

Branquinha estava sendo ordenhada no estábulo.

– Não vejo a hora de tomar meu leite – disse Clara. – A vida toda, eu só comi porque precisava, e tudo o que me davam tinha gosto de óleo de fígado de bacalhau. Várias vezes cheguei a pensar que seria melhor nem comer! E agora sinto tanta fome.

– Sim, eu sei como é – respondeu Heidi, compreensiva, pois se lembrou de que em Frankfurt tudo o que ela comia parecia ficar entalado na garganta.

Quando o avô chegou com as tigelinhas, Clara logo pegou a sua, agradeceu e bebeu todo o leite antes de Heidi terminar o dela.

– Posso beber mais um pouco? – perguntou, estendendo a tigelinha para o avô.

Satisfeito, ele assentiu e também pegou mais para Heidi. Ao voltar, trouxe as tigelinhas e fatias de pão com manteiga para as meninas. Tinha ido até outro vilarejo buscar a manteiga, e agora via como o trabalho tinha valido a pena, pois as duas saboreavam a refeição como se fosse o prato mais raro do planeta.

Naquela noite, Clara caiu no sono assim que se deitou. Dois ou três dias se passaram da mesma forma agradável e, então, as meninas tiveram uma grande surpresa. Dois carregadores fortes subiram a montanha trazendo duas camas brancas, novinhas. Os homens também trouxeram uma carta. Era da avó, informando que as camas eram para Heidi e Clara. Quando as duas foram dormir naquela noite, encontraram as camas novas exatamente no mesmo lugar das antigas.

Clara estava cada vez mais encantada com a nova vida. Em suas cartas para a vovó, não se cansava de elogiar a bondade e os cuidados do avô e de contar como as histórias de Heidi eram divertidas. Ela também dizia que, todas as manhãs, ao acordar, a primeira coisa que pensava era: “Graças a Deus, ainda estou na montanha!”.

A avó ficava muito feliz ao receber essas boas notícias. Também achou que, como a neta estava bem, poderia adiar um pouco sua ida à cabana, pois a cavalgada pela montanha íngreme a deixava muito cansada.

O avô cuidava muito bem da paciente, e todos os dias ia atrás de alguma erva nova para Branquinha. Era possível ver o efeito desse cuidado extra no modo como a cabritinha erguia a cabeça com vivacidade e no brilho dos seus olhos.

Era a terceira semana de Clara na montanha. Nos últimos dias, depois que Clara acordava, o avô descia com ela nos braços para colocá-la na cadeira de rodas e perguntava:

– Será que a minha Clara quer tentar ficar um pouco em pé?

– Ah, mas dói tanto! – sussurrava Clara, e se agarrava a ele com força.

Mesmo assim, todos os dias ele a fazia tentar um pouco mais.

Havia muito tempo não fazia um verão tão bonito na montanha. Todos os dias, o sol radiante iluminava o céu sem nuvens e à noite projetava sua luz púrpura e rosada nas pontas das rochas e nos campos nevados, mergulhando depois em um mar dourado e flamejante.

Heidi sempre contava a Clara sobre as flores na pastagem, sobre as inúmeras rosas douradas e as flores azuis que cobriam o chão. E tinha acabado de mencionar quão belo era no alto da montanha quando sentiu uma imensa saudade de subir a montanha. Assim, foi correndo procurar o avô, que estava ocupado trabalhando na oficina.

– Vovô! Amanhã você pode nos levar até a pastagem? Deve estar tão bonito lá em cima agora!

– Posso, sim – respondeu o avô. – Mas diga a Clara que ela terá que me fazer um favor. Hoje à noite, precisa tentar ficar em pé por mais tempo.

Saltitando de alegria, Heidi deu o recado a Clara. A menina, claro, prometeu que tentaria, pois era o seu maior desejo ir com Heidi à pastagem. À noite, quando Pedro voltou, Heidi contou a ele, toda feliz, o plano para o dia seguinte. Mas ele respondeu com um resmungo apenas, e descontou toda a sua raiva na pobre Florzinha.

As meninas decidiram ficar acordadas a noite toda. Porém, mal encostaram a cabeça nos confortáveis travesseiros, encerraram repentinamente a conversa. Em seus sonhos, Clara viu um campo enorme que parecia todo azul, encoberto por florezinhas da mesma cor. E Heidi ouvia a águia grasnar lá do alto, como se estivesse chamando: “Venha! Venha! Venha!”.

Capítulo 22

O inesperado acontece

O dia seguinte amanheceu claro e sem nuvens. O avô ainda estava na cabana com as meninas quando Pedro chegou. As cabras iam bem na frente, para evitar a impiedosa vara que as golpeava. A verdade é que o menino estava muito irritado com as mudanças que tinham acontecido e descontava nas pobrezinhas. Quando passava pela cabana de manhã, Heidi estava sempre ocupada com a menina estrangeira e, no fim do dia, a mesma coisa se repetia. Durante todo o verão, não subiu ao topo com ele uma única vez. Aquilo era demais! Naquele dia, ela tinha resolvido subir, porém novamente acompanhada da maldita estrangeira. Enquanto ruminava esses terríveis pensamentos, Pedro viu a cadeira de rodas ao lado da cabana. Depois de olhar cuidadosamente ao redor, correu até o objeto odiado e o empurrou montanha abaixo. A cadeira voou para longe e logo desapareceu.

Contudo, Pedro ficou com a consciência pesada. Subiu correndo a montanha e só parou quando chegou na amoreira, pois lá poderia se esconder, já que não queria ser encontrado pelo tio. Lá de cima, Pedro observou o objeto inimigo tombando e capotando morro abaixo.

Às vezes, elevava-se no ar, para em seguida colidir contra o chão de novo, mais violentamente do que antes, até que se desmantelou no chão e ficou completamente destruída. Havia destroços espalhados por todos os lados. Agora a estrangeira teria que ir embora para sua casa, e Heidi ficaria sozinha novamente. Mas Pedro havia se esquecido de que toda má ação sempre tem uma consequência.

Heidi saiu da cabana. Logo em seguida vinha o avô, com Clara

nos braços. Inicialmente, Heidi ficou parada no lugar, depois correu para todos os lados, e voltou para perto deles sem a cadeira de rodas.

– O que aconteceu? Você deixou a cadeira rolar montanha abaixo? – perguntou o avô.

– Não. Procurei-a em toda a parte. Você disse que estava perto da porta do barracão, mas não a encontrei – respondeu a menina, ainda olhando ao redor, à procura da cadeira.

Nesse momento, um vento muito forte fez a porta do barracão bater com um estrondo.

– Vovô, deve ter sido o vento! – exclamou Heidi ansiosa. – Ah, se a cadeira foi levada pelo vento até o vilarejo, não vamos conseguir recuperá-la a tempo de fazer nosso passeio.

– Se rolou montanha abaixo, não será possível recuperá-la, pois já deve estar em pedaços – concluiu o avô, indo até o canto e olhando para baixo. – Mas acho estranho isso ter acontecido – comentou.

– Ah, que pena! Agora não posso mais conhecer a pastagem! – lamentou Clara. – Se ficar sem minha cadeira, vou ter que voltar para casa. Que pena! Que pena!

– Vovô, você consegue encontrar alguma forma de Clara poder ficar, não consegue?

– Vamos até a pastagem hoje, como tínhamos planejado; depois veremos o que fazer.

As meninas ficaram muito felizes e o avô não perdeu mais tempo. Primeiro, pegou uma pilha de cobertas e fez Clara se sentar sobre elas, depois foi buscar o lanche que preparara.

– Por que será que Pedro está atrasado hoje? – perguntou o avô ao tirar as cabras do estábulo.

Depois, ele pegou Clara em um dos braços e colocou todas as cobertas no outro, dizendo:

– Vamos lá! As cabras vêm conosco.

Era exatamente o que Heidi queria ouvir. Com um braço no pescoço de Branquinha e outro no de Malhadinha, a menina pegou o rumo da montanha. Suas amiguinhas ficaram tão felizes de sair com ela que quase a espremeram, demonstrando todo o seu

carinho. Ao chegarem ao local em que as cabras costumavam pastar, ficaram surpresos ao ver que Pedro já estava lá, com o rebanho pastando tranquilamente.

– Por que passou direto e não nos chamou? Você vai me pagar!
– ralhou o tio.

Assim que reconheceu a voz do tio, Pedro estremeceu.

– Ninguém tinha acordado ainda – retrucou.

– Por acaso você viu a cadeira?

– Que cadeira? – resmungou Pedro.

O tio não disse mais nada. Estendeu as cobertas e colocou Clara sentada sobre elas. Certificando-se de que estava bem acomodada, preparou-se para voltar para casa. Os três ficariam por lá até o fim do dia. Heidi prepararia o almoço e daria a Clara uma tigela de leite da Branquinha.

O céu estava lindo, de um azul profundo, e a neve cintilava nos picos dos alpes. As meninas estavam muito felizes. De vez em quando, alguma cabra se aproximava delas. Geralmente era a delicada Floco de Neve, que adorava se esfregar em Heidi.

Ficaram ali sentadas tranquilamente por algumas horas, apreciando a beleza do lugar, até que Heidi pensou em ir até o local em que havia muitas flores. No fim do dia seria muito tarde para vê-las, pois elas fechavam os botões.

– Ah, Clara – disse hesitante –, você ficaria chateada se ficasse sozinha um pouco? Eu queria ver umas flores. Mas, espere...

Heidi saiu correndo e arrancou umas ervas perfumadas, trazendo-as para Clara. Em seguida, pegou Floco de Neve e também a deixou perto de Clara.

– Pronto, agora você não vai ficar sozinha – disse.

Quando Clara garantiu que seria um prazer ficar um pouco sozinha com as cabras, Heidi iniciou a caminhada. Clara ofereceu punhadinhos de plantas a Floco de Neve, e a simpática cabra, confiante, aninhou-se à nova amiga e começou a comer em sua mão. Era possível ver como Floco de Neve estava contente por poder ficar deitada em paz e protegida, pois, no meio do rebanho, tinha sempre que suportar as perseguições das cabras maiores e mais fortes. Clara estava adorando ficar sentada sozinha na

montanha, pois era uma experiência nova para ela. E naquele momento um grande desejo invadiu seu coração. Queria ser independente, e assim poder ajudar os outros em vez de ser ajudada. Uma infinidade de ideias e pensamentos passou por sua cabeça. Como seria viver ali em cima, sob o sol contínuo? De repente, o mundo parecia um lugar alegre e maravilhoso. Pressentimentos de felicidade futura, jamais imaginada, fizeram seu coração bater mais forte. Estava se sentindo tão bem que abraçou o pescoço da cabritinha.

– Ah, Floco de Neve, como é bonito aqui em cima! Ah, se eu pudesse ficar para sempre aqui com vocês!

Enquanto isso, Heidi tinha chegado ao campo das flores, que, como esperado, estava coberto pelo brilho dourado das rosas amarelas. Arbustos cheios de campânulas azuis balançavam-se sobre elas, e, no ar, pairava um perfume agradável, como se os bálsamos mais preciosos tivessem sido derramados por lá. Mas todo aquele delicioso aroma vinha das florezinhas marrons, que esticavam timidamente os cálices redondos aqui e ali por entre florezinhas douradas. Heidi parou, olhou e respirou fundo o perfume adocicado.

De repente, deu meia-volta e voltou correndo para Clara, gritando ao longe.

– Ah, você precisa ir lá em cima! As flores estão lindas, tudo está lindo, e no fim da tarde talvez já não esteja igual. Será que eu consigo carregá-la?

– Claro que não, Heidi. Você é bem menor do que eu. Ah, se eu pudesse andar!

Então, Heidi pensou um pouco enquanto olhava ao redor. Pedro estava sentado mais para cima. Fazia horas que estava ali, olhando fixamente para baixo, como se não conseguisse entender o que via. Tinha destruído a cadeira de rodas para se livrar da estrangeira, e lá estava ela, sentada no chão, ao lado de Heidi.

Então, Heidi o chamou para que descesse.

– Não vou, não – foi a resposta de mau jeito.

– Mas você precisa vir, não posso fazer isso sozinha, você tem que me ajudar. Venha, rápido! – insistiu Heidi.

– Não quero ajudar – respondeu.

Então, Heidi subiu a encosta na direção dele.

– Pedro – exclamou ela, com os olhos flamejantes –, se você não vier agora mesmo, vou fazer uma coisa de que você não vai gostar!

Sua consciência pesada tornou as palavras de Heidi assustadoras. Rejubilara-se até então de seu feito, mas Heidi falava como se soubesse de tudo. E se o tio ficasse sabendo o que ele tinha feito? Tremendo de medo, resolveu obedecê-la.

– Só vou se prometer não fazer o que disse – disse incisivo.

– Não vou fazer – garantiu a menina. – Agora, venha comigo, não será uma tarefa difícil.

Quando se aproximaram de Clara, Heidi pediu a Pedro que a segurasse de um lado enquanto ela seguraria a amiga do outro e, juntos, a ergueriam. Até ali, foi fácil, mas em seguida viria a parte difícil. Clara não conseguia ficar em pé. Como fazer para segurá-la e levá-la adiante?

– Você precisa colocar o braço ao redor do meu pescoço – disse Heidi, lembrando-se da forma como os guias tinham feito.

Mas Pedro, que nunca tinha colocado o braço ao redor de ninguém, tinha que aprender primeiro como devia fazer. Foi muito difícil. Clara tentou dar alguns passos, mas logo desanimou.

– Tente pressionar os pés no chão, assim, tenho certeza de que vai doer menos – sugeriu Heidi.

– Acha mesmo? – perguntou Clara timidamente.

Ela seguiu a orientação e arriscou dar um passo firme com um pé, depois com o outro, gemendo um pouco de dor entre as passadas.

– Realmente dói menos! – constatou cheia de alegria.

– Tente de novo! – Heidi a incentivou.

Clara tentou repetidas vezes e, de repente, gritou:

– Consegui, Heidi! Meu Deus, consegui! Veja! Veja! Estou conseguindo dar um passo após o outro!

E Heidi também gritou de alegria.

– Ah, Clara! Consegue mesmo dar um passo após o outro? Consegue mesmo andar? Ah, quem dera o vovô já tivesse chegado para ver! Agora você já pode andar sozinha, Clara! – exclamou

várias vezes, explodindo de alegria.

Clara segurava-se firmemente nos amigos, mas, a cada passo, sentia-se mais segura.

– Agora vamos poder vir todos os dias à pastagem e andar por onde quisermos na montanha! – tornou a exclamar. – E você vai poder levar sua vida como eu, sem precisar mais da cadeira, e ficará saudável. Ah, que alegria!

O maior desejo de Clara, ter saúde como as demais pessoas, tinha finalmente se realizado. Logo chegaram ao campo florido. Foi a primeira vez que Clara se sentou diretamente na grama seca e quentinha. Ao redor delas, as flores balançavam com o vento, exalando seu perfume. A cena denotava uma beleza ímpar.

As duas meninas não conseguiam conter a felicidade, e experimentavam tamanha sensação de plenitude que palavras nem se faziam necessárias. Pedro também permaneceu calado e imóvel em meio ao campo florido, pois tinha adormecido.

As horas voaram e já passava do meio-dia. De súbito, todas as cabras apareceram por lá, pois procuravam as crianças. Não era o lugar em que costumavam pastar. Não gostavam de comer flores e ficaram felizes quando Pedro acordou com o som do balido. O pobre menino estava um tanto confuso, tinha sonhado que a cadeira de rodas ainda estava inteira e intocada bem na sua frente. Quando acordou, teve a impressão de ter visto brilharem ao sol os pregos dourados que fixavam o assento, mas então percebeu que eram apenas as florezinhas amarelas no chão. Lembrando do que tinha feito, obedeceu a todas as ordens de Heidi sem reclamar.

Quando voltaram ao antigo lugar, Heidi não perdeu tempo em preparar o lanche. A sacola estava bem mais pesada naquele dia, e Heidi não se esqueceu de cumprir a promessa feita a Pedro de dar todas as sobras para ele. Pedro, que tinha ainda a consciência pesada, não havia entendido que a ameaça se referia ao lanche. Ela dividiu os alimentos em três fartas porções e, quando Clara e ela já estavam satisfeitas, deixaram todas as sobras para Pedro. A refeição farta não o fez sentir o prazer habitual, pois tinha um nó na garganta.

Logo após o almoço tardio, o avô veio buscá-las. Heidi correu ao seu encontro, pois estava ansiosa para contar o grande

acontecimento do dia. O rosto do avô se iluminou com a boa notícia.

– Quer dizer então que você se arriscou e conseguiu? – disse ele, aproximando-se de Clara.

O avô levantou Clara do chão, colocou um braço ao redor da cintura dela e ofereceu o outro como apoio. Com a ajuda dele, Clara caminhou com ainda mais firmeza do que antes. Heidi pulava e gritava de alegria ao lado dela, e o avô parecia estar muito feliz, mas, usando o bom senso de sempre, logo passou a carregar Clara no colo, pois sabia que um esforço exagerado poderia ser perigoso e a menina, exausta como estava, precisava de um bom descanso.

Pedro, chegando ao vilarejo no fim do dia, encontrou uma multidão acalorada. Estavam todos parados perto de um interessante objeto, brigando e se acotovelando por uma chance de chegar mais perto. Era a famigerada cadeira de rodas.

– Vi quando a levaram lá para cima – disse o padeiro. – Aposto que valia pelo menos 500 francos. Só não sei como veio parar aqui embaixo.

– O vento deve tê-la empurrado – observou Bárbara, que não se cansava de admirar as almofadas de veludo vermelho. – Foi o tio que disse.

– É bom que não tenha sido ninguém, senão a pessoa vai pagar caro! – comentou o padeiro novamente. – Quando o cavalheiro de Frankfurt ficar sabendo, vai mandar investigar e punir o culpado. Ainda bem que faz dois anos que não subo a montanha. A suspeita pode recair sobre qualquer um que tenha ido lá para cima.

Muitas opiniões foram dadas, mas Pedro já tinha ouvido o suficiente. Saiu de fininho do círculo e subiu a montanha correndo, como se estivesse sendo perseguido por alguém. E se descobrissem que tinha sido ele? Um policial poderia chegar a qualquer momento e levá-lo para a prisão. Pedro ficou todo arrepiado ao pensar nisso.

Estava tão perturbado quando chegou em casa que não respondeu a nenhuma pergunta e até recusou o prato de batatas. Praticamente se jogou na cama, gemendo.

– O Pedro deve ter comido algo que não lhe caiu bem! Ele

sempre geme quando isso acontece – comentou a mãe.

– Você tem que dar mais pão de manhã para ele, Brígida, pegue um pedaço do meu – disse a compassiva avó.

Quando Clara e Heidi estavam deitadas naquela noite, Heidi comentou, olhando para as estrelas brilhantes:

– Você não pensou, Clara, que o querido Papai do Céu nem sempre nos dá o que pedimos a Ele em fervorosa oração, por que Ele sempre sabe o que é melhor para nós?

– O que você quer dizer, Heidi? – perguntou Clara.

– Porque, veja bem, quando eu estava em Frankfurt, rezei muito para voltar para casa, e como nunca era atendida, achei que o Papai do Céu tivesse se esquecido de mim. Mas, se eu tivesse ido embora muito antes, você nunca teria vindo aqui, e nunca teria sarado.

Clara ficou pensativa.

– Mas, Heidi, então não teríamos que rezar por mais nada, já que Ele sempre sabe o que é melhor para nós.

– Clara, temos que rezar para o Papai do Céu todos os dias para mostrar que não nos esquecemos de que tudo que recebemos vem Dele. A vovó me disse que Ele se esquece de nós se nos esquecermos Dele. Mas, se o nosso desejo não se realiza, devemos mostrar que confiamos Nele, pois ele sabe o que é melhor para nós.

– Como você aprendeu tudo isso, Heidi? – perguntou Clara.

– A vovó me ensinou, mas eu sei que é assim que acontece. Devemos agradecer ao Papai do Céu hoje porque ele fez você andar, Clara.

– Fico feliz por você ter me lembrado, Heidi. De tanta alegria, quase acabei me esquecendo.

Então, as duas meninas rezaram e agradeceram ao Papai do Céu por ter curado Clara.

Na manhã seguinte, o avô sugeriu que elas escrevessem para a avó, convidando-a a subir a montanha na próxima semana, pois estavam planejando surpreendê-la. Clara esperava conseguir andar sozinha até lá, usando Heidi como guia.

Os dias que se seguiram foram ainda mais felizes para Clara.

Todas as manhãs, acordava com uma voz alegre no coração:

– Estou curada! Posso andar como todo mundo!

Então, começaram as caminhadas, que ficavam mais longas a cada dia, e o apetite de Clara foi aumentando de maneira tão surpreendente que todos os dias o avô lhe dava uma fatia mais grossa de pão com manteiga e a observava satisfeito devorar tudo. Tinha também que encher tigela após tigela de leite quentinho para as meninas famintas. Assim, chegou o fim da semana, e estava na hora da visita da vovó.

Capítulo 23

Até o próximo encontro

Um dia antes da visita, a vovó enviou uma carta para as meninas, anunciando sua chegada. Pedro levou a carta na manhã seguinte. O avô e as meninas já estavam do lado de fora da cabana com as cabras. A expressão dele era de orgulho, ora olhando para o rosto rosado das meninas, ora para o pelo brilhante das cabras.

Pedro chegou e aproximou-se do tio lentamente. Assim que entregou a carta, recuou timidamente, como se estivesse assustado com alguma coisa. Dando um salto, saiu correndo montanha acima.

– Gostaria de saber por que o Pedro se comporta da mesma forma que a Grande Turca faz quando vê a vara – disse Heidi, observando o estranho comportamento do menino.

– Talvez porque esteja com a sensação de que merece uma surra de vara – comentou o avô.

Pedro estava atormentado pelo medo. Não conseguia parar de pensar na ideia do policial de Frankfurt vir capturá-lo e levá-lo à prisão.

Heidi esteve ocupada a manhã toda, pois queria deixar a cabana em ordem para receber a visita. E o avô, quando retornou da caminhada, trouxe um grande ramalhete de flores azuis que colhera. As meninas exclamaram de alegria ao ver as lindas flores frescas.

De tempos em tempos, Heidi pulava do banco para ver se havia algum sinal da avó. Então, subitamente, avistou a avó montada no cavalo branco, acompanhada por dois homens. Um deles

carregava um cesto com muitos embrulhos, pois a senhora não ousava fazer uma visita sem trazer lembranças.

O grupo foi se aproximando e logo chegou ao topo.

– Mas o que estou vendo? O que aconteceu com você, Clara? Por que não está sentada na sua cadeira? – perguntou alarmada, descendo apressadamente do cavalo. Mas, antes mesmo de se aproximar das meninas, elevou as mãos ao céu e exclamou animada: – Clara, é você mesmo? Suas bochechas estão tão rosadas e rechonchudas! Quase não a reconheci, minha menina!

A avó ia correr para abraçá-la quando Heidi levantou-se do banco e Clara se apoiou rapidamente em seu ombro; então as duas começaram a caminhar. Espantada, a avó ficou paralisada no lugar. O que era aquilo? Clara estava caminhando firme e ereta ao lado da amiga. Quando vinham se aproximando, a avó observou melhor o viço das faces rosadas, então correu na direção delas e as abraçou forte muitas vezes.

Ao olhar na direção do banco, viu o Tio da Montanha, sentado e sorrindo. A avó deu o braço a Clara e caminhou com a neta, ainda falando sobre o quão feliz estava por fazer aquilo. Ao se aproximar do avô, estendeu-lhe a mão.

– Caro tio! Como podemos lhe agradecer? É tudo obra sua! Foi a sua dedicação e os seus cuidados...

– Mas o brilho do sol e o ar da montanha foram enviados por Deus! – interveio o tio, sorrindo.

– Sim, e o delicioso leite da Branquinha também! – exclamou Clara. – Vovó, você não sabe como adoro beber leite de cabra, como é bom!

– Posso perceber isso pelo tom das suas bochechas, Clarinha! – disse a avó, sorrindo. – Eu mal a reconheço. Está forte e até ganhou peso. Eu nunca poderia imaginar que ficaria alta assim! Não consigo acreditar, Clara! Não me canso de olhar para você! Preciso telegrafar o mais rápido possível para o seu pai e dizer que venha para cá imediatamente. Não vou contar nada. Será a maior alegria da vida dele. Meu caro tio, como podemos fazer isso? O senhor já dispensou os homens?

– Eles já foram – respondeu o avô. – Mas, se estiver com pressa, posso chamar Pedro das Cabras.

Eles decidiram pedir a Pedro que levasse o recado. O tio assobiou bem alto, para que o eco chegasse lá em cima, nas rochas. Não demorou muito para que Pedro descesse correndo. Estava branco de medo, pois achou que tivesse chegado a hora de enfrentar seu destino. Mas o tio apenas lhe estendeu um papel escrito pela avó e explicou que era para ele entregá-lo no correio do vilarejo.

Aliviado momentaneamente, o menino partiu com o papel em mãos. Finalmente, todos puderam sentar-se à mesa posta na frente da cabana e contar à avó como o milagre tinha acontecido. A conversa era sempre interrompida por exclamações de surpresa da avó, que tinha ainda a impressão de que tudo não passava de um sonho. Como aquela menina poderia ser a sua pálida e fraca Clarinha? As meninas estavam em êxtase por ter conseguido surpreender a avó.

Enquanto isso, o sr. Sesemann havia concluído seus negócios em Paris e também preparava uma surpresa. Sem escrever para a mãe, viajou para Ragaz poucas horas depois da partida dela.

A subida da encosta inclinada da montanha pareceu longa e difícil. Mesmo depois de tanto subir, não avistou nenhuma cabana, e sabia que Pedro das Cabras morava no meio do caminho. Por todos os lados dava para ver trilhas que levavam a várias direções. O sr. Sesemann ficou em dúvida se tinha mesmo seguido o caminho certo. Olhou ao redor, à procura de alguém a quem pudesse perguntar, mas o local estava totalmente deserto e, exceto pelo vento que uivava, por alguns insetos que zumbiam no céu ensolarado e um passarinho que cantava em alguma árvore solitária, só havia silêncio.

O sr. Sesemann parou por um instante, para que o vento da montanha refrescasse seu rosto, e viu um garotinho descendo a encosta na maior velocidade. Assim que o menino se aproximou, o sr. Sesemann acenou para ele e o chamou, mas não obteve sucesso, pois o menino mantinha uma tímida distância.

– Vamos, rapaz, venha logo aqui! Poderia me dizer se é por aqui que se chega à cabana onde mora Heidi e umas visitas que vieram de Frankfurt?

A resposta foi um som abafado, cheio de medo, e Pedro precipitou-se montanha abaixo, com tanta rapidez que acabou

dando cambalhotas e rolando pela encosta, tal como havia acontecido com a cadeira de rodas, só que felizmente não se quebrou em pedaços como ela.

– Que camponês engraçado e tímido! – disse o sr. Sesemann para si mesmo, achando que o surgimento de um estranho tivesse impressionado muito aquele simples menino da montanha.

Após observar um pouco a violenta descida de Pedro até o vale, o sr. Sesemann continuou seu caminho. Apesar de todo o esforço, Pedro não conseguiu se segurar e continuou rolando montanha abaixo. Mas o medo e o pavor eram ainda mais aterrorizantes do que o susto e a queda. Tinha certeza de que aquele estrangeiro era o policial! Por fim, após ser arremessado contra um arbusto, agarrou-se a ele com força para poder parar.

– Muito bem, mais um que desce a montanha rolando! – disse uma voz ao seu lado. – Amanhã, quem é que vai ser empurrado lá de cima para descer capotando como um saco de batata mal costurado?

Era o padeiro que brincava com Pedro. Como tinha subido até ali para descansar um pouco depois de um dia quente de trabalho, pôde assistir tranquilamente a descida de Pedro.

O menino se levantou correndo. Como o padeiro também sabia que a cadeira havia sido empurrada? Sem olhar para trás, Pedro tornou a subir a encosta correndo. Queria ir para casa e se esconder em segurança. Mas as cabras ainda estavam lá em cima, e o tio tinha ordenado que voltasse o mais rápido possível. Mesmo gemendo e mancando, teria que subir. Mas como conseguiria correr, depois do susto e das várias cambalhotas, com tanta dor que sentia?

Logo após o encontro com Pedro, o sr. Sesemann chegou à primeira cabana, e então soube que estava no caminho certo. Continuou subindo com coragem renovada e, por fim, após uma longa e difícil caminhada, viu seu destino à sua frente. A cabana ficava no topo; acima dela, as copas dos velhos abetos balançavam. O sr. Sesemann percorreu com alegria o último trecho da jornada, pois tinha pressa em encontrar a adorada filha. Logo foi visto e reconhecido por todos que estavam na frente da cabana, e foi Clara quem preparou uma surpresa que ele jamais imaginaria.

Quando ele deu os últimos passos até o topo, duas pessoas vieram em sua direção. Heidi, irradiando alegria nos olhos castanhos, e uma menina alta, de cabelos louros e rostinho rosado, que se apoiava na menina. O sr. Sesemann parou por um momento, mal acreditando no que via, e grossas lágrimas rolaram de seus olhos. Aquela moça na sua frente lhe inspirava lindas lembranças. A mãe de Clara era igualzinha a ela. O sr. Sesemann não sabia se estava acordado ou sonhando.

– Papai, não está me reconhecendo? – perguntou Clara, com olhos radiantes. – Mudei tanto assim?

O sr. Sesemann correu até a filha e a abraçou.

– Sim, você mudou *muito*! Como é possível? É mesmo verdade? É você mesmo, Clara? – perguntou o pai, radiante de felicidade, abraçando-a repetidas vezes.

Então parou para olhar bem para ela, parada firmemente ao seu lado.

Pouco depois, chegou a avó, que não conseguiu esperar para ver a expressão de felicidade do filho.

– E então, filho, o que me diz? A surpresa que você nos fez foi grande, mas acredito que não seja maior do que esta que tínhamos para você. Venha, meu querido, vamos subir para cumprimentar o tio, o nosso grande benfeitor.

– Claro, e também quero cumprimentar nossa pequena Heidi – disse o sr. Sesemann, apertando a mão da menina. – E então? Tudo bem aqui na montanha? Acho que nem preciso perguntar, não é mesmo? Nenhuma rosa parece mais bonita do que você. Fico muito feliz por vê-la assim, minha menina. Como estou feliz!

Heidi também olhou com alegria para o gentil sr. Sesemann, que sempre fora muito bom para ela. E o fato de ele encontrar tamanha felicidade ali na montanha fazia o coração de Heidi bater mais forte. A avó levou o filho até o tio da Montanha e, enquanto os dois homens se cumprimentavam e conversavam, foi até onde estavam os abetos. Ali, embaixo das copas, havia outra surpresa, um buquê com maravilhosas flores azuis frescas, tão vivas que pareciam ter crescido ali.

– Que lindo! Que magnífico! – exclamou, aplaudindo. – Heidi, minha querida, venha aqui! Foi você que trouxe isso para mim? É

maravilhoso!

As meninas se aproximaram e Heidi garantiu que outra pessoa tinha feito aquela surpresa.

– É assim que elas crescem lá em cima, na pastagem, vovó – interveio Clara. – Mas adivinhe quem acordou bem cedo hoje para ir buscar as flores na pastagem?

Nesse momento, houve um barulho atrás dos abetos. Era Pedro, que tinha acabado de chegar. Ao ver quem estava na frente da cabana do tio, escondeu-se atrás das árvores, evitando se aproximar da cabana. Mas a avó o chamou, pois achou que era ele quem tinha colhido as flores e, por vergonha e modéstia, estava se escondendo. Ela não poderia deixá-lo ir embora sem recompensá-lo.

– Venha aqui, rapaz, pode vir, não tenha medo!

Paralisado pelo medo, Pedro não saiu do lugar. Já tinha perdido toda a coragem depois de tudo o que havia passado. Naquele momento, teve certeza de que teria que encarar seu fim! Seus cabelos se arrepiaram e ele saiu de trás dos abetos com o rosto pálido e desfigurado de pavor.

– Vamos, rapaz, não precisa fugir! – encorajou a avó. – Diga-me uma coisa, foi você?

Pedro não ergueu os olhos, por isso não viu para onde a avó apontava. Só viu o tio sentado no canto da cabana, encarando-o com seu olhar penetrante. Ao lado dele estava a pessoa mais assustadora que o menino conhecia, o policial de Frankfurt. Tremendo da cabeça aos pés, Pedro disse baixinho:

– Sim.

– Ora, mas por que está tão assustado?

– É que... é que... ela se quebrou e já não dá mais para consertar – respondeu Pedro com dificuldade, e seus joelhos tremiam tanto que ele mal conseguia ficar em pé.

Preocupada, a avó foi até a cabana conversar com o tio.

– Caro tio, esse menino não bate muito bem?

– Não, ele é normal – foi a resposta. – É que esse menino é o vento que empurrou a cadeira montanha abaixo, e agora ele está esperando a merecida punição.

A avó não podia acreditar, pois não achava que Pedro fosse um mau menino. Por que ele teria destruído a cadeira? O tio contou que havia observado muitos sinais de raiva nele desde a chegada de Clara à montanha. Ele garantiu que suspeitava do menino desde o começo.

– Meu caro tio, não vamos punir o pobre rapaz. Sejam os justos com ele. Deve ter sido duro ver Clara chegar e roubar Heidi dele, seu maior tesouro. Ao se ver sozinho todos os dias, foi dominado pela raiva e quis se vingar. Foi tolo, mas todo mundo é tolo quando está com raiva.

A avó foi até Pedro, que continuava tremendo de medo. Ela se sentou no banco embaixo dos abetos e disse com ternura:

– Venha, Pedro, vou contar uma coisa para você. Pare de tremer e escute. Você empurrou a cadeira montanha abaixo para destruí-la. Você sabe muito bem que fez uma coisa errada e merece ser punido. Você tentou esconder o que fez de todas as formas, não foi? Mas se alguém pensa que ninguém vai descobrir o mal que fez, essa pessoa está errada; Deus sempre sabe de tudo. Quando alguém tenta esconder um mal que fez, Ele desperta um pequeno vigia em seu coração, que continua espetando a pessoa com um espinho até que ela não tenha mais paz. E isso é como um aviso ao malfeitor, como se estivesse dizendo: “Agora você será descoberto! Agora o seu castigo está próximo!”... A pessoa não se sente mais feliz, pois o medo e o terror a removem por dentro. Não foi isso que aconteceu com você, Pedro?

Pedro assentiu, muito arrependido. Com certeza, era isso que tinha acontecido com ele.

– E você cometeu um erro – continuou a avó – ao achar que magoaria Clara destruindo a cadeira! Acontece que você acabou lhe fazendo um bem enorme. Ela provavelmente nunca teria tentado andar se a cadeira ainda estivesse aqui. Se a cadeira tivesse ficado aqui, Clara até poderia subir à pastagem todos os dias, mas não andaria. Entendeu, Pedro? Deus pode transformar uma má ação em benefício para a pessoa que se pretendia prejudicar, e o ofensor sofrerá as consequências disso. Você me entendeu, Pedro? Lembre-se do pequeno vigia quando sentir vontade de fazer uma maldade novamente. Você vai fazer isso?

– Vou, sim – respondeu Pedro, ainda muito abatido, pois não

sabia como tudo terminaria, já que o policial ainda estava ao lado do tio.

– Então, assunto encerrado – concluiu a avó. – Mas eu gostaria que você tivesse uma boa lembrança das pessoas de Frankfurt. Diga-me, rapaz, há alguma coisa que você gostaria muito de ter? O que seria? Qual presente você gostaria de ganhar?

Pedro ergueu a cabeça e fitou a avó com seus olhos redondos e espantados. Estava esperando uma punição terrível e agora ia ganhar o que quisesse. Ficou bastante confuso.

Sendo novamente motivado a expressar seu desejo, ele entendeu que a boa senhora queria salvá-lo das mãos do policial. Sentiu como se tivesse tirado o maior peso das costas e agora sabia que era melhor confessar imediatamente quando algo errado acontecesse. Então confessou.

– Também perdi o papel.

A avó refletiu um pouco, pois não havia entendido ao que ele estava se referindo, mas logo se deu conta.

– Que bom que disse isso! É sempre melhor confessar logo o que se fez de errado; assim, tudo se ajeita. E então, o que gostaria de ganhar?

Pedro podia pedir o que quisesse. Ficou quase tonto. A feira de Maienfeld brilhou diante de seus olhos com todas as coisas bonitas que lá havia e que ele costumava admirar por horas, mas sem esperança alguma de um dia comprá-las, pois nunca tinha mais do que cinco centavos no bolso, e todos aqueles objetos atraentes custavam sempre o dobro. Na feira, havia os belos apitos vermelhos, que ele poderia usar com as cabras. Havia também facas incríveis com cabos arredondados. Pedro nunca conseguiu juntar dinheiro para comprar tais objetos.

Ele ficou pensando, incapaz de decidir, então, teve uma ideia brilhante.

– Uma moeda de dez centavos – disse ele, em tom resolutivo.

– Não é nenhum pedido extravagante. Venha cá! – disse a senhora sorrindo, pegando no bolso uma bela moeda de prata e mais duas de dez centavos. – Bom, vamos fazer as contas. Vou explicar para você. Nesta moeda de prata cabem tantas moedas de dez centavos quanto todas as semanas do ano! Assim, todo

domingo, você vai poder usar dez centavos durante o ano inteiro.

– Por toda a minha vida? – perguntou Pedro inocente.

Então a avó riu tanto que os homens até pararam de conversar para ouvir o que estava acontecendo.

Ela não parava de rir e disse:

– Sim, meu rapaz – disse ela, ainda rindo –, por toda a sua vida. Vou colocar isso no meu testamento. Ouviu, filho? Você também terá que colocar no seu testamento: uma moeda de dez centavos por semana para o Pedro das Cabras por toda a vida dele.

O sr. Sesemann assentiu.

Pedro olhou mais uma vez para o presente em sua mão, para ter certeza de que era mesmo de verdade.

– Obrigado, meu Deus! – disse ele.

E saiu correndo, dando grandes pulos, mas, dessa vez, seu coração estava tão leve que ele sentia que poderia até voar.

Um pouco mais tarde, todo o grupo sentou-se em volta da mesa para um alegre banquete. Depois do almoço, Clara estava animada como nunca.

– Papai – disse ela –, se você soubesse tudo o que o vovô fez por mim! Foram tantas coisas, todos os dias, que nem dá para contar, mas nunca vou me esquecer. E sempre penso no que eu poderia fazer por ele, em que presente poderia lhe dar que valesse ao menos metade do que ele fez por mim.

Concordando com a filha, o sr. Sesemann foi até o avô e disse:

– Meu caro amigo, queria lhe dizer uma coisa. Você pode muito bem imaginar que há anos eu não sentia uma alegria tão grande. De que adiantava ter tanto dinheiro se não podia curar a minha filha? Com a ajuda de Deus, o senhor a curou, e ela ganhou uma nova vida. Por favor, diga-me como posso mostrar minha gratidão a você. Sei que nunca poderei retribuir tudo o que fez, mas gostaria de ficar à sua disposição para o que precisar. Teria algo que eu pudesse fazer pelo senhor?

O tio ouviu tudo em silêncio e, com um sorriso de satisfação no rosto, disse com determinação:

– Sr. Sesemann, pode ter certeza de que também me sinto recompensado pela grande alegria de ter visto a plena recuperação

de Clara. Agradeço muito sua oferta, mas não preciso de nada. Enquanto eu viver, tenho o necessário para mim e para minha neta. Tenho apenas um desejo, que, se pudesse ser realizado, eu não teria mais preocupação alguma na vida.

– Pode dizer, meu amigo! – disse o sr. Sesemann.

– Estou velho e não vou viver muito... quando minha hora chegar, não tenho o que deixar para a menina, e ela não tem nenhum parente, apenas uma pessoa que só pensaria em tirar proveito dela. Se o senhor puder me garantir que Heidi nunca terá que procurar seu sustento no meio de estranhos, me faria um bem muito maior do que o que eu fiz pelo senhor e por sua filha.

– Meu caro amigo, nem precisa me pedir isso! – exclamou o sr. Sesemann. – Essa menina pertence a nós! Prometo solenemente que cuidaremos dela para que não tenha necessidade de ir atrás de sustento. Todos nós sabemos que ela não nasceu para viver entre estranhos. No entanto, ela fez alguns amigos verdadeiros, e um deles estará aqui em breve. O dr. Classen acaba de concluir seu último negócio em Frankfurt. Ele pretende seguir seu conselho e morar aqui. Ele nunca se sentiu tão feliz como aqui, com o senhor e com Heidi. A menina terá dois protetores por perto, e Deus queira que eles possam viver por muito tempo.

– Deus queira que sim! – interveio a avó que, confirmando o desejo do filho, apertou calorosamente a mão do tio.

Em seguida, pôs os braços sobre os ombros de Heidi.

– Também quero lhe perguntar uma coisa, querida. Você tem algum desejo que gostaria que se realizasse?

– Tenho, sim – respondeu a menina, toda contente.

– Então, pode falar.

– Queria a cama em que eu dormia em Frankfurt, com os três travesseiros altos e a coberta grossa, assim a vovó não vai mais precisar dormir com a cabeça baixa nem ter que ficar toda enrolada no xale para não morrer de frio. Ah, como isso me deixaria feliz!

Heidi falou tudo aquilo de uma vez só, de tão ansiosa que estava para ver seu desejo realizado.

– Ah, minha querida, que bom que se lembrou disso! Quando Deus nos manda uma coisa boa, temos logo que pensar naqueles

que sofrem muitas privações! Vou telegrafar agora mesmo para Frankfurt, pedindo à srta. Rottenmeier que embale a cama e a mande para cá. Deverá chegar em dois dias. Se Deus quiser, logo a avó de Pedro poderá dormir bem!

Heidi, em sua felicidade, mal podia esperar para levar a boa notícia à vovó, e todos acabaram decidindo visitá-la, pois a boa senhora havia ficado sozinha por muito tempo.

Antes de descerem, porém, o sr. Sesemann quis conversar sobre seus planos de viagem. Ele propôs viajar pela Suíça com a mãe e Clara. Passaria a noite no vilarejo e buscaria Clara no dia seguinte para a viagem. De lá, eles iriam primeiro a Ragaz e depois seguiriam viagem. Clara ficou dividida, pois sabia que sentiria muita saudade da montanha, mas ficou muito feliz com a ideia de viajar.

Quando tudo foi resolvido, começaram a descer a montanha e o tio carregou Clara, pois a longa descida representava um risco para ela. Durante todo o caminho, Heidi contou à avó sobre seus amigos na cabana e o frio que tiveram que suportar no inverno e como eles viviam com tão pouca comida.

Assim que chegaram, Brígida pendurava uma camisa de Pedro ao sol. Ela entrou correndo na cabana e foi chamar a mãe.

– Estão todos passando aqui em frente, mãe, até o tio, ele está carregando a menina doente nos braços.

– É mesmo? – suspirou a avó. – Percebeu se eles estão levando Heidi embora? Ah, se pelo menos ela viesse me dar a mão! Se eu pudesse ouvi-la mais uma vez!

A porta foi aberta com ímpeto nesse momento e Heidi a segurou aberta para que todos entrassem.

– Vovó! Olhe o que vai acontecer! A cama, os três travesseiros e a coberta que eu usava em Frankfurt virão para a senhora! Em dois dias estarão aqui, foi o que a outra vovó disse.

Heidi pensou que a vovó não fosse caber em si de alegria. No entanto, ela sorriu com certa tristeza.

– Ah, que mulher generosa! Eu deveria estar feliz por ela estar levando você daqui, mas não vou viver muito tempo sem você por perto, Heidi.

– Mas quem disse que ela vai embora? – perguntou uma voz

amigável, e a avó de Pedro sentiu alguém apertar calorosamente sua mão. Era a avó de Clara, que havia entrado na sala e ouvido a conversa. – Ninguém está pensando em fazer isso! Heidi vai ficar aqui e fazê-la feliz. Todos os anos, subiremos a montanha, pois temos uma boa razão para agradecer a Deus neste lugar.

O rosto da vovó cega se iluminou de alegria e ela chorou de felicidade.

– Como Deus é maravilhoso para mim! Como é possível que haja tantas pessoas generosas que se preocupam com uma pobre velha a ponto de fazerem tudo isso? Não há nada neste mundo que reforce mais nossa crença em Deus, que nunca se esquece nem mesmo da menor das criaturas, do que saber que há pessoas com tanta bondade e misericórdia por uma mulher tão pobre e inútil como eu.

– Minha querida vovó, diante do Pai somos todos pobres e temos as mesmas necessidades. Ele não se esquece de nós. Agora, vamos nos despedir, mas nos veremos em breve, pois, no próximo ano, voltaremos à montanha para visitá-la. A senhora também não vai se esquecer de nós!

A sra. Sesemann apertou mais uma vez a mão da avó de Pedro, mas não conseguiu se desvencilhar tão rápido dela como imaginava, pois a velhinha não parava de agradecer e desejar a ela e à sua família todo o bem que Deus havia posto em suas mãos.

O Sr. Sesemann desceu com a mãe até o vale, enquanto o tio voltou para a cabana com Clara nos braços, para que ela passasse uma última noite com os amigos.

No dia seguinte, um pouco chorosa, Clara disse:

– Mande lembranças para Pedro e todas as cabras, especialmente a Branquinha. Ah, se eu pudesse dar um presente a ela! Essa cabritinha me ajudou tanto que até me curei!

– Mas você pode dar um presente a ela – garantiu Heidi. – Mande um pouco de sal para ela. Ela gosta muito!

– Ah, então com certeza vou mandar cinquenta quilos de sal, para que ela se lembre de mim.

Havia chegado a hora de ir, e Clara conseguiu cavalgar toda orgulhosa ao lado do pai. Parada na beira da encosta, Heidi acenava, e foi seguindo Clara com os olhos até ela desaparecer.

A cama chegou, e agora a vovó podia dormir tão bem todas as noites que logo ficaria bem forte. A boa avó de Clara não tinha se esquecido do inverno rigoroso na montanha e mandou para a cabana de Pedro das Cabras tantos cobertores e xales que a vovó nunca mais tremeria de frio em seu cantinho.

Uma grande obra começou a ser feita no vilarejo. O doutor chegou e se instalou provisoriamente na mesma pensão de antes. Ele seguiu o conselho do tio e comprou a velha casa em que Heidi e o avó ficaram durante o inverno. O doutor mandou reconstruir a casa, uma parte dela seria sua própria residência e outra, moradia de inverno do tio e de Heidi, pois sabia que o amigo era um homem independente e que preferia ter o próprio espaço. Nos fundos, foi construído um estábulo cercado e bem aquecido, onde Branquinha e Malhadinha também poderiam passar o inverno com comodidade.

A amizade entre o doutor e o tio estreitou-se mais a cada dia, e quando percorriam juntos o edifício para acompanhar o andamento das obras, acabavam sempre falando de Heidi, pois a maior alegria de ambos era poder morar na mesma casa com a menina. Eles concordaram em compartilhar o prazer e a responsabilidade de criar Heidi. O coração do tio transbordava de uma gratidão profunda demais sempre que o médico dizia que nunca deixaria faltar nada para a menina. O vovô sentia o coração leve, já que agora não tinha mais essa preocupação. Quando ele faltasse, Heidi teria outro pai para amá-la e cuidar dela.

No momento em que nossa história termina, Heidi e Pedro estão sentados na cabana da avó. A menina tinha tantas coisas interessantes para contar e Pedro queria ouvir tudo com atenção que os dois mal respiravam ao lado da querida vovó. Heidi tinha visitado muito pouco a vovó durante o verão, e agora precisava contar a ela tudo o que tinha acontecido. Era difícil dizer qual dos três estava mais feliz por estarem ali, juntos. Talvez o rosto de Brígida fosse o mais feliz de todos, pois, graças a Heidi, tinha conseguido entender finalmente a história dos dez centavos que Pedro recebia toda semana.

– Heidi – disse por fim a avó –, por favor, leia para mim uma

canção de agradecimento e louvor. Sinto que devo louvar e agradecer a Deus pelas bênçãos que Ele trouxe para todos nós!

Sara

Em um dia escuro de inverno, quando a névoa amarelada caía tão pesada e espessa nas ruas de Londres que os postes estavam acesos com suas cúpulas ardendo a gás como fazem à noite, uma garotinha de aparência esquisita estava sendo levada de táxi, junto ao pai, pelas grandes avenidas, bem lentamente.

Sentada nos pés e encostada no pai, que a abraçava, ela olhou pela janela para os passantes, um ar pensativo antiquado e peculiar em seus olhos grandes.

Ela era uma garota tão pequena que não se esperava ver um olhar daqueles em seu rostinho. Já seria um olhar ancião para uma garota de doze anos, e Sara Crewe só tinha sete. Contudo, ela estava sempre sonhando e pensando em coisas estranhas, e não conseguia se lembrar de uma época em que não pensasse sobre adultos e o mundo a que pertenciam. Ela sentia que já vivera muito, muito tempo.

Naquele momento, ela recordava a viagem que acabara de fazer, vindo de Bombaim¹ com o pai, o capitão Crewe. Pensava no enorme navio, nos marinheiros indianos andando silenciosamente de um lado para o outro, nas crianças brincando no convés quente, e nas esposas de alguns dos marinheiros mais jovens, que puxavam assunto com ela e riam do que dizia.

Principalmente, pensava em como era estranho que, em determinado momento, ela estivesse sob o sol escaldante da Índia e, no seguinte, no meio do oceano, e ainda, depois, em um veículo desconhecido, sendo levada por ruas estranhas onde o dia era escuro como a noite. Ela achou tudo aquilo tão confuso que se

aproximou mais do pai.

– Papai – falou, em uma voz tão baixa, fraca e misteriosa que era quase um sussurro –, papai.

– O que foi, querida? – perguntou o capitão Crewe, a abraçando e olhando para ela. – Em que Sara está pensando?

– É este o lugar? – sussurrou Sara, o abraçando ainda mais. – É aqui, papai?

– Sim, minha pequena Sara, é aqui. Finalmente chegamos.

Mesmo que ela só tivesse sete anos, Sara sabia que, ao dizer aquilo, ele se sentia triste.

Parecia que já fazia muitos anos que ele começara a prepará-la mentalmente para “o lugar”, como ela sempre o chamara. A mãe de Sara morrera no parto, então ela nunca chegou a conhecê-la, nem sentia saudade. Seu pai jovem, belo, rico e carinhoso parecia ser seu único parente no mundo. Eles sempre brincavam juntos e se gostavam muito. Ela só sabia que ele era rico porque ouvira comentários de outras pessoas quando achavam que ela não escutava, e também as ouvira dizer que, quando crescesse, ela também seria rica. Ela não sabia exatamente o que significa a riqueza. Sempre morara em um belo bangalô, e se acostumara a ver muitos criados que a cumprimentavam com *salaams*, a chamavam de “Misse Sahib”, e a deixavam fazer o que quisesse. Ela tinha brinquedos, bichos de estimação e uma aia que a adorava, e aprendera, aos poucos, que pessoas ricas tinham essas coisas. Contudo, era tudo que ela sabia sobre o assunto.

Durante sua breve vida, só uma coisa a perturbava, e era “o lugar” ao qual seria levada um dia. O clima na Índia não era saudável para crianças e, assim que possível, elas eram mandadas embora de lá – normalmente para a Inglaterra e para a escola. Ela tinha visto outras crianças partirem, e ouvido os pais e mães falarem das cartas que recebiam dos filhos. Ela sabia que seria obrigada a partir também e, apesar de, às vezes, as histórias do pai sobre a viagem e o novo país a intrigarem, ela sofria com o fato de que ele não poderia ficar com ela.

– Você não pode ir àquele lugar comigo, papai? – perguntara, aos cinco anos. – Não pode ir à escola, também? Eu o ajudaria com as lições.

– Mas você não precisará ficar por muito tempo, minha pequena Sara – dizia ele. – Você irá para uma bela casa, onde moram várias menininhas, e vocês brincarão juntas, e eu mandarei muitos livros, e você irá crescer tão rápido que não parecerá ter passado nem um ano até estar grande e esperta o bastante para voltar e cuidar do papai.

Ela gostava de pensar naquilo. Em cuidar da casa do pai, viajar com ele e sentar-se à cabeceira da mesa quando ele recebesse amigos para jantar; conversar com ele e ler seus livros – era o que ela mais desejava no mundo e, se fosse necessário ir ao “lugar” na Inglaterra para aquilo, ela deveria se decidir a ir. Ela não gostava muito de outras menininhas, mas, se tivesse muitos livros, poderia se consolar. Ela gostava de livros mais do que tudo e, na verdade, vivia inventando histórias de coisas lindas e as contando para si mesma. Às vezes, ela as contava para o pai, que gostava tanto quanto ela.

– Bem, papai – disse ela baixinho –, se estamos aqui, suponho que devamos nos resignar.

Ele riu da fala antiquada dela e a beijou. Ele próprio não estava nada resignado, mas sabia que deveria fazer segredo. Sua querida e peculiar Sara fora-lhe ótima companhia, e ele acreditava que iria se sentir sozinho quando, ao voltar para a Índia, entrasse no bangalô sabendo que não veria a figurinha de vestido branco correndo para recebê-lo. Assim, ele a abraçou com força enquanto o táxi entrava na praça enorme e monótona na qual se erguia a casa que era seu destino.

Era uma casa grande e sem graça de tijolo, exatamente como todas as outras no quarteirão, exceto pela placa de bronze reluzente na porta, onde havia uma inscrição em letras pretas:

SRTA. MINCHIN,
Internato Seleta para Jovens Moças

– Chegamos, Sara – disse o capitão Crewe, forçando a voz para soar o mais alegre possível.

Ele a tirou do táxi e juntos subiram os degraus e tocaram a campainha. Sara, mais tarde, pensaria com frequência que a casa

era exatamente igual à srta. Minchin: respeitável e arrumada, porém, tudo ali era feio; até as poltronas pareciam feitas de ossos duros. No saguão, era tudo rígido e polido, e mesmo as bochechas coradas da cara da lua no relógio alto do canto tinham uma aparência severa e envernizada. A sala de estar à qual foram conduzidos era revestida com um carpete de estampa quadriculada, as cadeiras eram quadradas e um relógio pesado de mármore decorava a lareira pesada de mármore.

Ao se sentar em uma das cadeiras rígidas de mogno, Sara olhou rapidamente ao seu redor.

– Não gostei, papai – disse ela. – Mas suponho que soldados, mesmo os mais corajosos, não cheguem a gostar de ir à guerra.

O capitão Crewe riu abertamente. Ele era jovem e cheio de humor, e nunca se cansava de ouvir os comentários peculiares de Sara.

– Ah, minha pequena Sara – disse ele. – O que farei quando não tiver quem me diga coisas tão solenes? Ninguém mais é tão solene quanto você.

– Mas por que comentários solenes o fazem rir tanto? – questionou Sara.

– Porque você é muito engraçada quando os diz – respondeu ele, rindo ainda mais.

De repente, ele a pegou em um abraço e a beijou com força, parando de rir subitamente, quase como se estivesse prestes a chorar.

Foi então que a srta. Minchin adentrou a sala. Ela era muito semelhante à casa, na impressão de Sara: alta e sem graça, respeitável e feia. Tinha olhos grandes e frios de peixe, e um sorriso grande e frio de peixe. O sorriso se espalhou e ficou maior ainda quando ela viu Sara e o capitão Crewe. Ela tinha ouvido, da dama que recomendara a escola para ele, muitas coisas admiráveis sobre o jovem soldado. Entre elas, que ele era um pai rico, disposto a gastar bastante dinheiro com sua pequena filha.

– Será um enorme privilégio cuidar de uma menina tão linda e promissora, capitão Crewe – disse ela, pegando e acariciando a mão de Sara. – *Lady Meredith* me contou sobre sua inteligência incomum. Crianças inteligentes são enormes tesouros em

estabelecimentos como o meu.

Sara se manteve quieta, o olhar concentrado no rosto da srta. Minchin. Como de costume, ela pensava em algo estranho.

Por que ela disse que sou uma menina linda?, pensou. Não sou nada linda. A filhinha do coronel Grange, Isobel, é linda. Ela tem covinhas, rosto corado e cabelos compridos da cor do ouro. Eu tenho cabelos pretos e curtos e olhos verdes; além disso, sou uma menina magra, nem um pouco rosada. Sou uma das crianças mais feias que já vi. Ela está começando a contar uma história.

Ela estava enganada, contudo, ao pensar que era feia. Ela não se assemelhava em nada a Isobel Grange, que era a beleza do regimento, mas tinha um charme próprio. Era uma criatura esbelta e esguia, um pouco alta para a idade, e tinha um rostinho intenso e intrigante. O cabelo era pesado, preto, cacheado só nas pontas; os olhos eram de um verde acinzentado, é verdade, mas eram olhos grandes e maravilhosos, com cílios longos e pretos e, mesmo que ela não gostasse da cor, muitas pessoas gostavam. Ainda assim, ela acreditava com firmeza que era uma menininha feia, e não ficou nem um pouco lisonjeada pelos elogios da srta. Minchin.

Eu estaria inventando uma história se dissesse que ela era linda, pensou. E saberia que era uma história. Acredito que eu seja tão feia quanto ela, a meu próprio modo. Por que ela disse isso?

Depois de conhecer a srta. Minchin melhor, ela entendeu por que ela dissera aquilo. Sara descobriu que ela dizia o mesmo para todos os pais e mães que levavam suas filhas à escola.

Sara esperou ao lado do pai e escutou a conversa dele com a srta. Minchin. Ela fora levada ao internato porque as duas filhinhas de lady Meredith tinham sido educadas lá, e o capitão Crewe tinha enorme respeito pela experiência de lady Meredith. Sara seria o que chamavam de “interna particular”, e teria privilégios ainda maiores do que as internas particulares comuns. Ela teria um belo quarto próprio com uma bela sala, um pônei e uma carruagem, e uma criada para substituir a aia que fora sua babá na Índia.

– Não estou nem um pouco preocupado com a educação dela – disse o capitão Crewe, com uma gargalhada alegre, segurando e

acariciando a mão de Sara. – A dificuldade será impedi-la de aprender muito rápido e demais. Ela está sempre com o narizinho enfiado em livros. Ela não os lê, srta. Minchin, ela os devora como se fosse um lobinho e não uma menininha. Está sempre faminta por novos livros para devorar, e gosta de livros grandes, grossos e recheados, e também em outros idiomas, como francês e alemão, de história, biografia e poesia, todo tipo de coisa. Arranque os livros dela se ela estiver lendo demais. Faça ela andar de pônei pela avenida ou sair para comprar uma boneca. Ela devia brincar mais com bonecas.

– Papai – disse Sara –, entenda, se eu sair e comprar uma boneca nova a cada poucos dias, terei mais bonecas do que posso gostar. Bonecas devem ser amigas íntimas. Emily será minha amiga íntima.

O capitão Crewe olhou para a srta. Minchin e a srta. Minchin olhou para o capitão Crewe.

– Quem é Emily? – perguntou ela.

– Conte, Sara – disse o capitão Crewe, sorrindo.

O olhar verde acinzentado de Sara tornou-se muito solene e bastante suave ao responder.

– É uma boneca que ainda não tenho – disse ela. – É uma boneca que o papai vai comprar para mim. Vamos juntos encontrá-la. Eu a chamarei de Emily. Será minha amiga quando o papai se for. Quero falar dele com ela.

O sorriso grande de peixe da srta. Minchin se tornou bem lisonjeiro.

– Que criança original! – disse ela. – Que criaturinha adorável!

– Sim – disse o capitão Crewe, abraçando Sara. – Ela é uma criaturinha adorável. Cuide bem dela para mim, srta. Minchin.

Sara ficou no hotel do pai por vários dias; na verdade, ficou lá até ele zarpar de volta para Índia. Eles saíram e visitaram grandes lojas juntos, e compraram muitas coisas. Compraram, na verdade, muito mais do que Sara precisava; mas o capitão Crewe era um homem inocente e inconsequente que queria que sua filha tivesse tudo que ela admirava e que ele também admirava, então, juntos, montaram um enxoval grandioso demais para uma menina de sete anos. Havia vestidos de veludo com detalhes em pele, vestidos

de renda e vestidos bordados, e chapéus com enormes plumas macias de avestruz, e casacos e luvas de arminho, e caixas de luvinhas e lenços e meias de seda em quantidades tão abundantes que as educadas balconistas cochichavam entre si, especulando que a menininha estranha de olhos grandes e solenes deveria ser, no mínimo, alguma princesa estrangeira, talvez a filha de um rajá indiano.

Por fim, encontraram Emily, mas não sem antes visitarem várias lojas de brinquedo e examinarem várias bonecas.

– Quero que ela não pareça bem uma boneca – disse Sara. – Quero que ela pareça ouvir quando falo com ela. O problema das bonecas, papai – falou, inclinando a cabeça de lado e refletindo –, o problema das bonecas é que elas nunca parecem escutar.

Então eles viram bonecas grandes e pequenas, de olhos pretos e azuis, de cachos castanhos e tranças louras, com vestidos e sem.

– Veja – disse Sara, examinando uma boneca despida. – Se, ao encontrá-la, ela não tiver roupas, podemos levá-la a uma costureira e mandar fazer vestidos sob medida. Vão caber melhor se forem experimentados.

Depois de uma série de decepções, decidiram caminhar e olhar as vitrines, sendo seguidos pelo táxi. Passaram por duas ou três lojas sem entrar, até que, aproximando-se de uma loja que nem era tão grande, Sara de repente parou e apertou o braço do pai.

– Ah, papai! – gritou. – Ali está Emily!

Um rubor tomara seu rosto e a expressão em seus olhos verdes acinzentados era a de quem reconhecera uma amiga íntima, de quem gostava muito.

– Ela está bem ali, esperando por nós! – disse ela. – Vamos buscá-la.

– Minha nossa – disse o capitão Crewe. – Sinto que alguém deveria nos apresentar.

– Você me apresentará e eu o apresentarei – disse Sara. – Mas eu a reconheci no minuto em que a vi, então talvez ela também tenha me reconhecido.

Talvez tivesse. Ela certamente tinha uma expressão bem inteligente naqueles olhos quando Sara a pegou no colo. Era uma boneca grande, mas não a ponto de dificultar ser carregada; tinha

o cabelo castanho dourado com ondas naturais, caindo como uma capa, e seus olhos eram de um azul acinzentado profundo e límpido, com cílios grossos e macios, cílios de verdade, não meros fios pintados.

– Claro – disse Sara, olhando para o rosto da boneca apoiada em seu colo –, claro, papai, esta é a Emily.

Então Emily foi comprada e levada a uma loja de roupas infantis, e teve suas medidas tiradas para um guarda-roupa tão maravilhoso quanto o de Sara. Ela também tinha vestidos de renda, de veludo e musselina, e chapéus, casacos e anáguas lindas e rendadas, e luvas, lenços e peles.

– Gostaria que ela sempre parecesse uma criança com uma boa mãe – disse Sara. – Sou a mãe dela, apesar de tomá-la como companhia.

O capitão Crewe teria desfrutado tremendamente daquelas compras, mas um pensamento triste não parava de fisgar seu coração. Aquilo tudo significava que ele seria separado de sua camaradinha querida e peculiar.

Ele saiu da cama no meio da noite e foi olhar para Sara, adormecida e abraçada à Emily. O cabelo preto estava espalhado no travesseiro, misturado ao cabelo dourado de Emily. As duas vestiam camisolas rendadas de babados, e tinham os cílios compridos repousados nas bochechas. Emily era tão parecida com uma menina de verdade que o capitão Crewe ficou feliz por sua presença. Ele suspirou profundamente e ajeitou o bigode com uma expressão jovial.

– Ai, ai, minha pequena Sara! – murmurou para si. – Não creio que você saiba quanta saudade o papai sentirá.

No outro dia, ele a levou para a casa da srta. Minchin e a deixou lá. Ele partiria na manhã seguinte. Explicou à srta. Minchin que seus advogados, os senhores Barrow e Skipworth, eram responsáveis por seus negócios na Inglaterra e dariam a ela qualquer assistência necessária, e iriam pagar as contas que ela enviasse para as despesas de Sara. Ele escreveria para Sara duas vezes por semana, e ela deveria ter tudo que desejasse.

– Ela é uma menininha muito sensata, e nunca quer nada que não seja seguro ter – disse ele.

Finalmente, ele acompanhou Sara até sua salinha e eles se despediram. Sara sentou no colo dele, segurou as lapelas do paletó nas mãozinhas pequenas, e olhou por muito tempo, com atenção, para seu rosto.

– Está me aprendendo de cor, minha pequena Sara? – disse ele, acariciando seu cabelo.

– Não – respondeu ela. – Já o conheço de cor. Você está no meu coração.

Eles se abraçaram e se beijaram como se nunca fossem se separar.

Quando o táxi se afastou da porta, Sara estava sentada no chão da salinha, as mãos sob o queixo, os olhos seguindo o veículo até virar a esquina da praça. Emily estava sentada a seu lado, e ela também acompanhava o trajeto. Quando a srta. Minchin mandou a irmã, a srta. Amélia, para ver o que a menina fazia, ela não conseguiu abrir a porta.

– Eu tranquei – disse uma voz fina, educada e peculiar lá de dentro. – Quero ficar sozinha, por favor.

A srta. Amélia era gordinha e atarracada, e vivia na sombra da irmã. Ela era a mais bondosa das duas, mas nunca desobedecia à srta. Minchin. Ela desceu de novo, quase assustada.

– Nunca vi uma menina tão engraçada e antiquada, irmã – disse. – Ela se trancou no quarto e não fez um barulho sequer.

– Muito melhor do que se ela berrasse e esperneasse, como algumas fazem – respondeu a srta. Minchin. – Imaginei que uma criança mimada como ela faria um estardalhaço pela casa toda. Se existe uma criança que ganhou tudo que quis, é ela.

– Eu estava desfazendo as malas dela e guardando tudo – disse a srta. Amélia. – Nunca vi nada assim... casacos de pelo de marta e arminho, e renda original de Valenciennes nas anáguas. Você viu algumas das roupas. O que acha delas?

– Acho perfeitamente ridículas – respondeu a srta. Minchin, ríspida –, mas ficarão muito bonitas na frente da fila quando levarmos as crianças à igreja no domingo. Ela foi mimada como se fosse uma princesinha.

Lá em cima, no quarto trancado, Sara e Emily ficaram sentadas no chão, olhando para a esquina na qual o táxi

desaparecera, enquanto o capitão Crew olhava para trás, acenando e mandando beijos com a mão como se não conseguisse parar.

¹ O nome atual da cidade é Mumbai, mas, na época em que o livro se passa, ainda era conhecida como Bombay/Bombaim.

Uma aula de francês

Quando Sara entrou na sala de aula no dia seguinte, todo mundo a observou com olhos arregalados e interessados. Todas as pupilas – de Lavínia Herbert, que já tinha quase treze anos e se achava bem adulta, a Lottie Legh, que, aos quatro, era a mais nova da escola – já tinham ouvido muito sobre ela. Sabiam com certeza que ela era a pupila predileta da srta. Minchin, considerada uma honra para o estabelecimento. Uma ou duas tinham até vislumbrado sua babá francesa, Mariette, que chegara na noite anterior. Lavínia conseguira passar na frente do quarto de Sara quando a porta estava aberta, e tinha visto Mariette abrir uma caixa que chegara atrasada de alguma loja.

– Estava cheia de anáguas com babados de renda... babados e mais babados – cochichou com a amiga Jessie, curvada sobre o livro de geografia. – Eu a vi sacudi-las. Ouvi a srta. Minchin falar para a srta. Amélia que as roupas são tão pomposas que chegam a ser ridículas para uma criança. Minha mãe diz que crianças devem se vestir com simplicidade. Ela está usando uma das anáguas agora. Vi quando ela sentou.

– Ela está vestindo meias de seda! – cochichou Jessie, também debruçada sobre o livro de geografia. – E que pezinhos! Nunca vi pés tão pequenos.

– Ah – fungou Lavínia, com rancor –, é o modelo dos sapatos. Minha mãe diz que até pés grandes podem parecer pequenos nas mãos de um bom sapateiro. Não acho ela nada bonita. Os olhos dela têm uma cor esquisita.

– Ela não é bonita como outras pessoas bonitas – disse Jessie,

olhando de relance para o outro lado da sala –, mas dá vontade de olhar para ela de novo. Ela tem cílios tremendamente compridos, mas os olhos são quase verdes.

Sara estava sentada, quieta, esperando receber ordens. Ela fora posicionada perto da mesa da srta. Minchin. Não sentia vergonha nenhuma dos tantos olhos atentos a ela. Estava interessada e olhava de volta, discretamente, para as crianças que a olhavam. Ela se perguntou sobre o que estariam pensando, se gostavam da srta. Minchin, se gostavam das aulas, e se alguma tinha um pai parecido com o dela. De manhã, ela tivera uma longa conversa com Emily sobre o papai.

– Ele está no mar agora, Emily – dissera. – Devemos ser ótimas amigas e contar tudo uma para a outra. Emily, olhe para mim. Você tem os mais belos olhos que já vi... mas queria que soubesse falar.

Ela era uma criança cheia de imaginação e ideias curiosas, e achava muito reconfortante fingir que Emily estava viva, ouvindo e entendendo de verdade. Depois que Mariette a vestira com o uniforme azul-marinho da escola e prendera seu cabelo com uma fita azul-marinho, ela fora até Emily, sentada em sua própria cadeira, e entregara um livro à boneca.

– Pode ler enquanto eu estiver lá embaixo – dissera.

Ao ver que Mariette a observava com curiosidade, Sara se voltou para ela com uma expressão muito séria.

– O que acredito sobre bonecas – disse – é que sabem fazer coisas que não nos revelam. Talvez, na verdade, Emily saiba ler, falar e andar, mas só o faça quando não há ninguém no quarto. É o segredo dela. Veja, se as pessoas soubessem que bonecas sabem fazer essas coisas, as obrigariam a trabalhar. Então talvez elas tenham prometido umas às outras que guardariam segredo. Se você ficar no quarto, Emily ficará só sentada, olhando para a frente; mas, se sairmos, ela talvez comece a ler, ou olhe pela janela. E, se ouvir que estamos voltando, poderá correr de volta para a cadeira, fingindo que estivera lá o tempo todo.

“Comme elle est drôle!²”, Mariette disse a si mesma, e ao descer, contou sobre a conversa para a governanta. Contudo, ela já começara a gostar daquela menininha estranha, com um rostinho

tão inteligente e modos tão impecáveis. Ela já havia cuidado de crianças menos agradáveis. Sara era uma criaturinha muito elegante, e tinha um modo gentil e generoso de dizer “Por favor, Mariette”, “Obrigada, Mariette”, que era muito charmoso. Mariette contou à governanta que Sara a agradecia como se estivesse agradecendo a uma dama.

– Elle a l’air d’une princesse, cette petite³ – dissera ela.

De fato, ela estava muito satisfeita com sua nova chefinha e gostava muito de seu posto.

Depois de Sara passar alguns minutos sentada na sala de aula, observada pelas pupilas, a srta. Minchin tamborilou de modo elegante na mesa.

– Senhoritas – disse ela –, quero apresentá-las a sua nova companheira.

Todas as meninas se levantaram, e Sara também.

– Espero que todas tratem a srta. Crewe de forma muito agradável – falou a srta. Minchin. – Ela acabou de chegar de muito longe... da Índia, na verdade. Assim que terminarem as aulas, as senhoritas devem se apresentar.

As pupilas fizeram uma reverência cheia de cerimônia, então Sara fez o mesmo, e depois se sentaram e voltaram a se entreolhar.

– Sara – disse a srta. Minchin, com sua voz professoral –, venha cá.

Ela pegou um livro da mesa e começou a folheá-lo. Sara se aproximou, educada.

– Como seu pai contratou uma babá francesa para você – começou a srta. Minchin –, concluo que ele deseja que você estude especialmente a língua francesa.

Sara sentiu certo constrangimento.

– Acho que ele a contratou – falou – porque... porque achou que eu gostaria dela, srta. Minchin.

– Temo – disse a srta. Minchin, com um sorriso um pouco azedo – que você tenha sido uma menininha muito mimada e que sempre imagine que as coisas acontecem porque você gosta delas. Minha impressão é que seu pai deseja que você aprenda francês.

Se Sara fosse mais velha, ou menos formal em seu trato

educado com outras pessoas, poderia se explicar em poucas palavras. Contudo, naquela situação, sentiu um rubor tomar seu rosto. A srta. Minchin era uma pessoa tão severa e imponente, e parecia ter tanta certeza de que Sara não sabia nem um pingão de francês, que a menina sentiu que seria quase grosseria corrigi-la. A verdade era que Sara nem se lembrava de uma época em que não soubesse francês. O pai frequentemente falava em francês com ela, desde que ela era um bebê. Sua mãe era francesa, e o capitão Crewe amava o seu idioma, então Sara sempre o ouviu e tinha muita familiaridade com ele.

– Eu... eu nunca cheguei a aprender francês, mas... mas... – começou, tentando, timidamente, ser clara.

Uma das maiores frustrações secretas da srta. Minchin era que ela mesma não falava francês, e desejava esconder aquele fato irritante. Portanto, não tinha intenção alguma de discutir o assunto e se abrir para perguntas inocentes de uma pequena pupila novata.

– Já basta – disse, com amargor educado. – Se não aprendeu, deve começar imediatamente. O tutor de francês, *monsieur* Dufarge, chegará em poucos minutos. Pegue este livro e o estude até que ele chegue.

O rosto de Sara estava ardendo. Ela voltou à carteira e abriu o livro. Olhou para a primeira página com expressão séria. Sabia que seria mal-educado sorrir, e estava muito determinada a ser educada. Contudo, era muito estranho esperarem que estudasse uma página que a ensinava que “*le père*” significava “o pai” e “*la mère*”, “a mãe”.

A srta. Minchin olhou para ela minuciosamente.

– Você me parece bem chateada, Sara – falou. – Sinto muito que não goste da ideia de aprender francês.

– Gosto muito – respondeu Sara, querendo tentar de novo –, mas...

– Você não deve dizer “não” quando receber ordens – disse a srta. Minchin. – Volte a estudar seu livro.

Foi o que Sara fez, sem sorrir, mesmo ao ler que “*le fils*” significava “o filho” e “*le frère*”, “o irmão”.

Quando o monsieur Dufarge chegar, posso fazê-lo entender,

pensou.

O *monsieur* Dufarge chegou rápido. Era um francês de meia-idade, muito simpático e inteligente, e demonstrou interesse quando seu olhar recaiu sobre Sara, que tentava, educadamente, se mostrar absorta pelo livrinho de vocabulário.

– É uma nova pupila para mim, *madame*? – perguntou à srta. Minchin. – Espero que eu esteja com sorte.

– O pai dela, capitão Crewe, está muito ansioso para que ela comece a aprender a língua. Mas temo que ela tenha um certo preconceito infantil contra isso. Não parece querer aprender – disse a srta. Minchin.

– Que pena, *mademoiselle* – disse ele a Sara, gentilmente. – Talvez, quando começarmos a estudar juntos, eu possa mostrar que é uma língua encantadora.

A pequena Sara se levantou. Estava começando a sentir certo desespero, como se estivesse à beira da desgraça. Ela olhou para o rosto do *monsieur* Dufarge, com seus olhos grandes e acinzentados, de súplica inocente. Ela sabia que ele entenderia assim que ela falasse. Ela começou a se explicar, com simplicidade, em um francês belo e fluente. *Madame* não entendera. Ela não aprendera francês exatamente, não com livros, mas seu pai e outras pessoas sempre falaram com ela no idioma, e ela lia e escrevia em francês normalmente. Seu papai amava a língua, e ela também amava, por causa dele. Sua querida mamãe, que morrera ao dar-lhe à luz, era francesa. Ela ficaria feliz em aprender qualquer coisa que o *monsieur* ensinasse, mas o que ela tentara explicar à *madame* era que já sabia as palavras daquele livro. Dito isso, estendeu o livrinho de vocabulário.

Quando ela começou a falar, a srta. Minchin levou um susto violento e se sentou, encarando a menina por cima dos óculos, quase indignada, até que acabasse. O *monsieur* Dufarge começou a sorrir, e seu sorriso era de imenso prazer. Ouvir aquela bela voz infantil falar sua própria língua com tanto encanto e simplicidade o fez se sentir quase em sua terra natal – que, em dias londrinos escuros e nebulosos, parecia estar do outro lado do mundo. Quando ela acabou, ele pegou o livro das mãos dela, com um olhar quase afetuosos. Em seguida, ele se dirigiu à srta. Minchin.

– Ah, *madame*, não há muito que eu possa ensinar. Ela não aprendeu francês; ela é praticamente francesa. O sotaque dela é espetacular.

– Você devia ter me contado – exclamou a srta. Minchin, morta de vergonha, virando-se para Sara.

– Eu... eu tentei – disse Sara. – Acho que... que não expliquei bem.

A srta. Minchin sabia que ela tinha tentado, e que não fora culpa dela não ter podido explicar. Quando viu que as pupilas estavam escutando e que Lavínia e Jessie riam por trás dos livros de gramática, ela se enfureceu.

– Silêncio, mocinhas! – falou, severa, batendo a mão na mesa. – Silêncio, imediatamente!

Naquele mesmo minuto, ela começou a sentir um considerável ressentimento por sua pupila predileta.

2 “Como ela é engraçada!”, em francês.

3 “Ela parece uma princesa, essa pequena”, em francês.

Ermengarde

Naquela primeira manhã, quando Sara ficou sentada ao lado da srta. Minchin, ciente de que a sala inteira estava concentrada em analisá-la, ela logo notou uma menina, mais ou menos da sua idade, que a observava muito atentamente com um par de olhos azuis, sem muito brilho. Ela era uma garota gordinha, que não demonstrava ser nada inteligente, mas fazia um biquinho simpático com a boca. O cabelo loiro estava preso em uma trança apertada, amarrada com uma fita, e ela puxava a trança ao redor do pescoço para morder a ponta da fita, com os cotovelos apoiados na mesa, enquanto encarava a nova pupila, fascinada. Quando *monsieur Dufarge* começou a conversar com Sara, ela demonstrou certo medo; e quando Sara se aproximou, olhando para o tutor com olhos inocentes e cativantes, e o respondeu, sem aviso algum, em francês, a menina gordinha teve um sobressalto, e ficou ruborizada de tanto assombro. Tendo chorado lágrimas de desespero em seus esforços para lembrar que “*la mère*” significava “a mãe” e “*le père*”, “o pai”, foi quase insuportável escutar uma menina da mesma idade que não só demonstrava familiaridade com aquelas palavras, como, aparentemente, sabia muitas outras, e as misturava com verbos como se fosse algo trivial.

Ela olhava com tanta atenção e mordiscava a fita da trança com tanta força que atraiu o olhar da srta. Minchin, que, sentindo-se extremamente irritada no momento, imediatamente a repreendeu.

– Senhorita St. John! – exclamou, severa. – O que pretende com essa conduta? Tire os cotovelos daí! Cuspa essa fita! Sente-se

direito!

Com isso, a srta. St. John teve outro sobressalto e, quando Lavínia e Jessie riram, ficou ainda mais vermelha – tão vermelha, na verdade, que quase parecia que lágrimas enchiam seus pobres olhos infantis e sem vida; e Sara a viu e sentiu tanta pena que começou a gostar dela e desejar ser sua amiga. Era seu hábito sempre querer se aproximar quando alguém se sentia desconfortável ou infeliz.

“Se Sara fosse um menino e tivesse vivido alguns séculos atrás”, dizia sempre o pai, “ela teria percorrido o país com a espada em riste, resgatando e defendendo todos que estivessem em perigo. Ela sempre quer lutar ao ver alguém em dificuldade”.

Assim, ela criou certa simpatia pela gordinha, lenta e pequena srta. St. John, e passou o resto da manhã olhando para ela de relance. Viu que as aulas não lhe eram simples, e que não havia perigo algum de ser mimada e tratada como pupila modelo. Na aula de francês, a situação foi patética. A pronúncia dela fez até o *monsieur* Dufarge sorrir, mesmo tentando se conter, e Lavínia, Jessie e as meninas mais afortunadas riram ou a olharam com desprezo. Sara, contudo, não riu. Ela tentou fingir não escutar quando a srta. St. John pronunciou “le bon pain” em vez de “li bong péng”. Seu bom temperamento era também acalorado, e ela sentiu-se furiosa ao escutar as risadinhas e ver a cara da pobre menina angustiada.

– Não é engraçado, na verdade – falou, entredentes, debruçada sobre o livro. – Elas não deveriam rir.

Quando as aulas acabaram e as pupilas se agruparam para conversar, Sara procurou pela srta. St. John e, ao encontrá-la encolhida e desconsolada, sentada próxima à janela, andou até ela e falou. Só falou o tipo de coisa que menininhas dizem umas para as outras para iniciar uma apresentação, mas havia algo de amigável em Sara, que as pessoas sempre notavam.

– Como você se chama? – perguntou.

Para explicar o assombro da srta. St. John é preciso lembrar que novos alunos são, por um curto período de tempo, razoavelmente incertos; e aquela nova aluna tinha sido assunto da escola inteira antes de adormecerem na noite anterior, todas

exaustas de animação e histórias contraditórias. Uma nova aluna com carruagem, pônei e criada, e vindo da Índia, não era uma qualquer.

– Eu me chamo Ermengarde St. John – respondeu a menina.

– Eu me chamo Sara Crewe. Seu nome é muito bonito. Parece de um livro de histórias.

– Gostou? – perguntou Ermengarde, hesitante. – Eu... gostei do seu.

A maior dificuldade da vida da srta. St. John era que seu pai era inteligente. Às vezes, aquilo lhe parecia uma calamidade intransponível. Se você tem um pai que sabe tudo, que fala sete ou oito idiomas, e que tem milhares de livros aparentemente gravados na memória, ele normalmente espera que você conheça bem pelo menos o conteúdo de seus livros didáticos; e não é improvável ele achar que você tem que ser capaz de lembrar alguns acontecimentos históricos e fazer um exercício de francês. Ermengarde era um desafio e tanto para o sr. St. John. Ele não entendia como uma filha sua podia ser uma criatura tão notavelmente e inconfundivelmente parva, que nunca se destacava em nada.

– Nossa! – dissera ele, mais de uma vez, olhando para ela. – Às vezes acho que ela é desprovida de inteligência tanto quanto a tia Eliza!

Tia Eliza era tão lenta ao aprender quanto rápida ao esquecer tudo que aprendera, e Ermengarde e ela eram mesmo muito parecidas. Ela era a garota mais obtusa da escola, e era inegável.

– É preciso obrigá-la a aprender – dissera seu pai à srta. Minchin.

Como consequência, Ermengarde passava a maior parte da vida em desgraça ou em lágrimas. Ela aprendia coisas e as esquecia; ou, se lembrasse, não as compreendia. Portanto, era natural que, ao conhecer Sara, ficasse ali sentada, a encarando com admiração profunda.

– Você fala francês, não é? – perguntou, respeitosamente.

Sara sentou-se junto dela à beira da janela, no sofá grande e fundo, e, encolhendo os pés, abraçou os joelhos.

– Falo porque ouvi francês a vida toda – respondeu Sara. – Você

também falaria, se sempre ouvisse.

– Ah, não, não falaria – disse Ermengarde. – Eu *nunca* falaria!

– Por quê? – perguntou Sara, curiosa.

Ermengarde sacudiu a cabeça, balançando a trança.

– Você me ouviu – falou. – É sempre assim. Não consigo falar as palavras. São tão esquisitas.

Ela parou por um momento, antes de acrescentar, com um toque de admiração na voz:

– Você é inteligente, não é?

Sara olhou pela janela, para a praça suja, onde os pardais pulavam e piavam nas grades úmidas de ferro e nos galhos fuliginosos das árvores. Ela refletiu por alguns momentos. Já ouvira muitas vezes que era “inteligente”, e se perguntou se era verdade; e, se fosse, como acontecera.

– Não sei – respondeu. – Não sei dizer.

Então, ao ver o olhar de lamentação no rosto redondo e rechonchudo, soltou uma pequena gargalhada e mudou de assunto.

– Você gostaria de conhecer Emily? – perguntou.

– Quem é Emily? – perguntou Ermengarde, como a srta. Minchin fizera.

– Venha ao meu quarto para ver – disse Sara, oferecendo a mão.

Elas desceram do sofá juntas e subiram as escadas.

– É verdade... – cochichou Ermengarde, caminhando pelo corredor. – É verdade que você tem uma sala só sua para brincar?

– É – respondeu Sara. – Papai pediu à srta. Minchin para me deixar ter uma sala, porque... bom, é porque, quando brinco, invento histórias e as conto para mim mesma, e não gosto que me escutem. Estraga a brincadeira se eu achar que tem gente ouvindo.

Elas chegaram à passagem que levava aos aposentos de Sara e Ermengarde parou de repente, encarando a nova amiga, sem fôlego.

– Você *inventa* histórias! – ofegou. – Você sabe fazer isso... além de falar francês? Sabe?

Sara a olhou com genuína surpresa.

– Bom, qualquer um sabe inventar coisas – falou. – Você nunca tentou?

Ela pegou a mão de Ermengarde calorosamente.

– Vamos nos aproximar da porta em silêncio – cochichou – e, quando chegarmos, vamos abrir de repente. Talvez assim a gente a pegue.

Sara estava rindo, mas havia um toque de esperança misteriosa em seus olhos que fascinou Ermengarde, por mais que ela não fizesse a mais vaga ideia do que significava aquilo, ou de quem ela queria “pegar”, ou por quê. O que quer que fosse, Ermengarde tinha certeza de que seria algo deliciosamente emocionante. Então, animada pela expectativa, seguiu Sara pela passagem na ponta dos pés. Elas não fizeram ruído algum até chegarem à porta. Então, Sara girou a maçaneta repentinamente, e escancarou a porta, revelando um cômodo bem arrumado e silencioso, com a lareira ardendo em fogo baixo, e uma maravilhosa boneca sentada em uma cadeira ali perto, aparentemente lendo um livro.

– Ah, ela voltou a sentar antes que a víssemos! – explicou Sara.

– Claro, sempre fazem isso. São rápidas como relâmpagos.

Ermengarde olhou de Sara para a boneca e de volta para Sara.

– Ela... ela anda? – perguntou, sem fôlego.

– Anda – respondeu Sara. – Pelo menos eu acredito que sim. Pelo menos faço de conta que acredito que ela ande. E assim parece verdade. Você nunca fez de conta?

– Não – disse Ermengarde. – Nunca. Eu... me conte como é.

Ela estava tão encantada pela estranha nova companheira que encarou Sara em vez de Emily, apesar de Emily ser a pessoa-boneca mais bela que ela já vira.

– Vamos nos sentar – disse Sara – e eu contarei. É tão fácil que, depois de começar, não dá para parar. A gente continua e continua, para sempre. E é lindo. Emily, você precisa escutar. Esta é Ermengarde St. John, Emily. Ermengarde, esta é Emily. Quer segurá-la?

– Ah, posso? – perguntou Ermengarde. – Posso, mesmo? Ela é

linda!

Emily foi colocada em seu colo.

Nunca, em sua vida chata e curta, a srta. St. John havia sonhado com uma hora como aquela que passou com a curiosa nova aluna antes de ouvirem soar o sino do almoço e serem obrigadas a descer.

Sara sentou-se no tapete em frente à lareira e contou coisas estranhas. Ficou sentada bem encolhida, e seus olhos verdes brilhavam e seu rosto corava. Ela contou histórias da viagem, e histórias da Índia; mas o que mais fascinou Ermengarde foi sua fantasia sobre bonecas que andavam e falavam, e faziam o que queriam quando os seres humanos não estavam por perto, mas que precisavam guardar segredo dos poderes que tinham e voavam de volta ao lugar “como um relâmpago” quando as pessoas apareciam.

– A gente não conseguiria fazer isso – disse Sara, séria. – É uma espécie de magia, entendeu?

Em certo momento, enquanto contava a história da busca por Emily, Ermengarde viu o rosto de Sara mudar repentinamente. Uma nuvem pareceu passar por ele, apagando a luz em seus olhos brilhantes. Ela inspirou tão bruscamente que soltou um barulhinho engraçado e triste, e depois fechou a boca e a apertou com força, como se determinada a fazer ou não fazer alguma coisa. Ermengarde pensou que, se Sara fosse como qualquer outra menininha, talvez tivesse chorado e soluçado de repente. Contudo, não o fez.

– Você está... com dor? – arriscou Ermengarde.

– Sim – respondeu Sara, depois de certo silêncio. – Mas não no corpo.

Em seguida, acrescentou algo em voz baixa, tentando manter-se firme:

– Você ama seu pai mais do que qualquer outra coisa no mundo?

Ermengarde ficou um pouco boquiaberta. Ela sabia que seria muito distante do comportamento de uma criança respeitável em um pensionato seletivo dizer que nunca lhe ocorrera que era possível amar o pai, e que ela faria qualquer coisa desesperadamente para

evitar ficar sozinha na companhia dele por dez minutos. Na verdade, ela sentiu um tremendo constrangimento.

– Eu... eu mal o vejo – gaguejou. – Ele está sempre na biblioteca... lendo.

– Eu amo o meu pai mais do que tudo, dez vezes mais – disse Sara. – É por isso que sinto dor. Ele foi embora.

Ela apoiou a cabeça em silêncio nos pequenos joelhos encolhidos, e passou alguns minutos imóvel.

Ela vai chorar, pensou Ermengarde, assustada.

Contudo, Sara não chorou. Seu cabelo curto e preto caiu sobre suas orelhas, e ela ficou parada. Por fim, falou, sem erguer o rosto.

– Prometi a ele que aguentaria – disse. – E é o que farei. É preciso aguentar. Pense no que soldados aguentam! O papai é um soldado. Se houvesse uma guerra, ele teria de aguentar marchas, sede e, talvez, feridas graves. E não diria uma palavra... nem uma palavra sequer.

Ermengarde só conseguiu olhá-la, mas sentiu que começava a amá-la. Sara era tão maravilhosa, tão diferente de todo mundo.

Finalmente, Sara ergueu o rosto e sacudiu as mechas pretas, com um sorrisinho engraçado.

– Se eu falar e falar – disse – e contar histórias de faz de conta, suportarei melhor. Não tem como esquecer, mas dá para suportar melhor.

Ermengarde não soube explicar por que um nó engasgou sua garganta e seus olhos ficaram marejados de lágrimas.

– Lavínia e Jessie são “melhores amigas” – falou, um pouco rouca. – Queria que eu e você fôssemos “melhores amigas”. Você aceitaria ser minha amiga? Você é inteligente, e eu sou a menina mais burra da escola, mas eu... ah, eu gosto tanto de você.

– Fico feliz – disse Sara. – Ser gostada causa gratidão. Sim. Seremos amigas. E vamos fazer o seguinte: eu ajudo você com as lições de francês – falou, com um brilho repentino no rosto.

Lottie

Se Sara fosse uma criança diferente, a vida que levaria no Internato Seletto da Srta. Minchin pelos anos seguintes não lhe teria feito nada bem. Ela era tratada mais como uma hóspede prestigiada do estabelecimento do que uma mera menina. Se fosse uma criança dominadora e presunçosa, talvez tivesse se tornado desagradável a um ponto insuportável, por ser tão favorecida e lisonjeada. Se fosse uma criança preguiçosa, não teria aprendido nada. Intimamente, a srta. Minchin não gostava dela, mas era uma mulher esperta demais para fazer ou dizer qualquer coisa que fizesse uma aluna tão cobiçada querer sair da escola. Ela sabia muito bem que se Sara escrevesse a seu pai dizendo que estava desconfortável ou infeliz, o capitão Crewe a tiraria imediatamente de lá. E na opinião da srta. Minchin, se uma criança fosse sempre elogiada e tivesse permissão para fazer o que quisesse, certamente gostaria do lugar onde era tratada assim. Portanto, Sara era elogiada por sua esperteza em sala de aula, por seus bons modos, por sua simpatia com as colegas, por sua generosidade ao dar uma moedinha, tirada de sua bolsinha cheia, para um pedinte. As coisas mais simples que fazia eram tratadas como virtudes e, se ela não tivesse bastante disposição e uma cabecinha inteligente, talvez tivesse se tornado uma jovem muito arrogante. Contudo, a cabecinha inteligente lhe dizia muitas coisas sensatas e verdadeiras sobre ela própria e suas circunstâncias, e vez ou outra ela conversava sobre essas coisas com Ermengarde.

– As coisas acontecem com as pessoas por acidente – disse. – Muitos bons acidentes me aconteceram. Por acaso, eu sempre

gostei de aulas e livros, e memorizei as coisas ao aprendê-las. Por acaso, eu nasci com um pai bonito, bondoso e inteligente, que pode me dar tudo que eu quero. Talvez meu temperamento não seja nada bom, mas, tendo tudo que quero, com todo mundo me tratando bem, como é possível ter um temperamento ruim? Não sei – continuava, com seriedade – como vou descobrir se sou mesmo uma boa menina ou uma criança horrível? Talvez eu seja pavorosa, e ninguém nunca saberá, só porque nunca fui contrariada.

– Lavínia nunca é contrariada – retrucou Ermengarde, impassível – e ela é bem pavorosa.

Sara coçou a ponta do narizinho, refletindo sobre a questão.

– Bom – disse, finalmente –, talvez... talvez seja porque Lavínia está crescendo.

A conclusão era resultado de uma lembrança bondosa de ter entreouvido a srta. Amélia dizendo que Lavínia estava crescendo tão rápido que aquilo afetava sua saúde e seu temperamento.

Lavínia, na verdade, era rancorosa. Ela tinha uma inveja desmedida de Sara. Até a chegada da nova aluna, ela se sentira como a líder da escola. E liderava porque era capaz de se mostrar extremamente desagradável se não fosse seguida. Ela dominava as meninas menores e assumia uma postura de empáfia com aquelas de idade adequada para serem suas companheiras. Bastante bonita, era a pupila mais bem-vestida do internato quando as alunas seguiam enfileiradas em pares, até que apareceram os casacos de veludo de Sara e suas luvas com punhos de pele, combinando com as plumas pendentes de avestruz, conduzidos pela srta. Minchin na frente da fila. No início, aquilo bastara para causar amargura; mas, com o passar do tempo, tornou-se evidente que Sara também era uma líder, e não por ser capaz de se mostrar desagradável, mas sim por nunca fazê-lo.

– Uma coisa podemos dizer sobre Sara Crewe – disse Jessie, com honestidade, enfurecendo sua “melhor amiga” –, ela nunca é “presunçosa”, nem um pouco, e você sabe que ela poderia ser, Lavvie. Acho que eu não conseguiria me conter, nem ao menos um pouco, se tivesse tantas coisas bonitas e fosse tão mimada. É nojento o jeito que a srta. Minchin a exhibe quando os outros pais visitam a escola.

– “Sara, querida, venha ao salão para conversar com a sra. Musgrave sobre a Índia” – arremedou Lavínia, em sua imitação mais exagerada da srta. Minchin. – “Sara, querida, converse em francês com lady Pitkin. Seu sotaque é tão perfeito.” Ela nem aprendeu francês no internato, no fim das contas. E não tem nada de especial em saber francês. Ela mesma diz que sequer foi ensinada. Aprendeu espontaneamente, porque sempre ouviu o pai falar. E quanto ao pai dela, não há nada de tão especial em ser um soldado indiano.

– Bom – disse Jessie, devagar –, ele já matou tigres. Ele matou o tigre cuja pele está no quarto de Sara. É por isso que ela gosta tanto daquela pele. Ela deita, acaricia a cabeça e fala com ele como se fosse um gato.

– Ela está sempre fazendo alguma tolice – disse Lavínia, irritada. – Minha mãe diz que aquele faz de conta dela é muito bobo. Diz que ela vai virar uma excêntrica quando crescer.

Era bem verdade que Sara nunca se mostrava presunçosa. Ela era uma alma amigável, e dividia os privilégios e pertences livremente. As mais novas, acostumadas a serem desprezadas e expulsas do caminho pelas damas maduras de dez a doze anos, nunca choravam por causa da menina mais invejável. Ela era uma jovem maternal, e quando as crianças caíam e ralavam os joelhos, ela corria para ajudá-las e acariciá-las, tirando do bolso um bombom ou algum outro artigo calmante. Ela nunca as empurrava para que saíssem do caminho, nem mencionava suas idades como humilhação e mácula em suas pequenas personalidades.

– Se você tem quatro anos, tem quatro anos – disse Sara severamente para Lavínia, em uma ocasião em que a menina descaradamente dera um tapa em Lottie e a chamara de “pirralha” –, mas terá cinco no ano que vem, e seis no seguinte. E – continuou, arregalando os olhos em condenação – passados dezesseis anos chegará aos vinte.

– Nossa – disse Lavínia –, que belo cálculo!

Na verdade, não se podia negar que dezesseis mais quatro dava vinte – e vinte era uma idade com a qual nem as mais ousadas arriscavam sonhar.

Então as meninas mais novas amavam Sara. Mais de uma vez,

ela oferecera chá em seu quarto para aquelas criaturinhas desprezadas. Elas brincaram com Emily, e usaram as louças de Emily – as xícaras que continham uma boa quantidade de chá fraco e adoçado, com flores azuis desenhadas. Ninguém nunca antes vira um jogo de louça de boneca tão realista. Bastou uma tarde como essa, e Sara passou a ser vista como deusa e rainha por toda a turma pré-escolar.

Lottie Legh a idolatrava a tal nível que, se Sara não fosse tão maternal, a acharia cansativa. Lottie fora mandada à escola por um pai bastante irresponsável, que não tinha ideia do que fazer com ela. Sua mãe morrera jovem e, por ter sido tratada como uma boneca – ou um cachorrinho de estimação muito mimado –, desde sua primeira hora de vida, ela tornou-se uma criatura bem incômoda. Quando queria alguma coisa, ou não queria alguma coisa, chorava e berrava; e como sempre queria coisas que não podia ter, e não queria o que era melhor para ela, sua voz aguda e estridente era sempre ouvida uivando por todos os cantos da casa.

A arma mais forte de Lottie era que, de alguma forma misteriosa, ela descobrira que uma menininha que perdera a mãe tão cedo era alguém que inspirava piedade e demandava atenção. Ela provavelmente ouvira algum adulto falar aquilo nos primeiros dias após a morte da mãe. Portanto, tornou-se hábito usar aquele conhecimento.

A primeira vez que Sara cuidou dela foi em certa manhã, quando, passando por uma sala, ouviu a srta. Minchin e a srta. Amélia tentarem, juntas, conter o pranto furioso da menina que, evidentemente, se recusava a se calar. Ela se recusava com tanto vigor que a srta. Minchin era obrigada a praticamente gritar – de modo severo e imponente – para ser ouvida.

– Por que ela está chorando? – praticamente gritou.

– Ah... ah... ah! – ouviu Sara. – Não tenho ma-ma-ãe!

– Ah, Lottie! – gritou a srta. Amélia. – Pare, querida! Não chore! Por favor!

– Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! – gemeu Lottie, tempestuosa. – Não... tenho... ma... ma-ãe!

– Ela deveria apanhar – proclamou a srta. Minchin. – Você vai apanhar, menina malcriada!

Lottie berrou ainda mais alto. A srta. Amélia começou a chorar. A voz da srta. Minchin se ergueu, ribombante, até que, de repente, ela saltou da cadeira em indignação impotente e saiu abruptamente da sala, deixando a srta. Amélia cuidar da situação.

Sara estava parada no corredor, se perguntando se deveria entrar na sala, porque recentemente havia começado uma relação cordial com Lottie e talvez pudesse acalmá-la. Quando a srta. Minchin saiu e a viu, demonstrou certa irritação. Percebeu que sua voz, ouvida de dentro da sala, não poderia ter soado digna nem agradável.

– Ah, Sara! – exclamou, tentando forçar um sorriso adequado.

– Parei – explicou Sara – porque notei que era Lottie. E achei que, talvez... quem sabe, eu pudesse aquietá-la. Posso tentar, srta. Minchin?

– Se conseguir, será uma menina muito esperta – respondeu a srta. Minchin, apertando os lábios com força.

Finalmente, vendo que Sara demonstrava certo medo de sua aspereza, mudou de modos.

– Mas você é sempre esperta – falou, com aprovação. – Ouso dizer que você vai conseguir. Pode entrar.

Assim, ela a deixou.

Quando Sara entrou na sala, Lottie estava deitada no chão, berrando e esperneando violentamente com as perninhas rechonchudas, e a srta. Amélia estava debruçada sobre ela, em consternação e desespero, bem vermelha e suada de calor. Lottie notara, ainda no berço, em casa, que berrar e espernear sempre levava a tentativas de aquietá-la por mais que ela insistisse. A pobre e rechonchuda srta. Amélia estava tentando um método atrás do outro.

– Coitadinha – disse ela, em certo momento. – Sei que você não tem mamãe, coita... – Então, em outro tom: – Se não parar, Lottie, vou sacudir você! Anjinha, coitada! Pronto...! Sua menina malvada, ruim e detestável, vou lhe dar uns tapas! Vou mesmo!

Sara se aproximou em silêncio. Ela não sabia o que faria, mas tinha uma vaga convicção interna de que seria melhor não dizer tantas coisas diferentes de forma tão desesperada e agitada.

– Srta. Amélia – disse, em voz baixa –, a srta. Minchin disse que

posso tentar fazê-la parar... Posso?

A srta. Amélia se virou e a olhou, impotente.

– Ah, você *acha* que consegue? – suspirou.

– Não sei se consigo – respondeu Sara, ainda cochichando –, mas tentarei.

A srta. Amélia se levantou com um suspiro pesado, e as perninhas gorduchas de Lottie espernearam ainda mais.

– Se você sair da sala – disse Sara –, eu ficarei com ela.

– Ah, Sara! – disse a srta. Amélia, quase chorando. – Nunca tivemos uma menina tão terrível. Acho que não vamos poder ficar com ela.

Ainda assim, ela saiu da sala, muito aliviada de ter uma desculpa para isso.

Sara passou alguns momentos parada diante da criança chorona e furiosa, olhando para ela, sem dizer nada. Finalmente, ela se sentou no chão e esperou. Exceto pelos gritos raivosos de Lottie, não havia ruído na sala. Era uma nova situação para a pequena srta. Legh, que estava acostumada, ao berrar, a ouvir outras pessoas protestarem, implorarem, ordenarem e persuadirem sem parar. Jogar-se no chão, espernear e gritar, e ver que a única pessoa a seu lado não parecia dar a menor importância, atraiu sua atenção. Ela abriu os olhinhos marejados e apertados para ver quem era a tal pessoa. Era só outra menina. Contudo, era a dona da Emily e de todas aquelas coisas bonitas, e a olhava com firmeza, como se estivesse só pensando. Parando por alguns segundos para entender, Lottie achou que era melhor começar de novo, mas o silêncio da sala e do rosto estranho e interessado de Sara fez seu primeiro gemido sair meio fraco.

– Eu... não... tenho... ma... ma-ãe! – anunciou, mas sua voz não estava mais tão forte.

Sara a olhou com mais firmeza ainda, mas com certa compreensão no rosto.

– Nem eu – falou.

Aquilo era tão inesperado que chegou a ser chocante. Lottie abaixou as pernas, se remexeu e, deitada, a encarou. Uma nova ideia interrompe o choro das crianças, quando mais nada

funciona. Além disso, era verdade que, apesar de Lottie não gostar da srta. Minchin, que se irritava, e da srta. Amélia, que era complacente até demais, ela gostava de Sara, mesmo a conhecendo tão pouco. Ela não queria abandonar a lamentação, mas seus pensamentos tinham se distraído, então ela se remexeu de novo e, depois de um soluço chateado, perguntou:

– Cadê ela?

Sara hesitou por um momento. Ela ouvira que sua mãe estava no céu, e pensara muito no assunto, e seus pensamentos não eram exatamente iguais aos das outras pessoas.

– Ela foi ao céu – falou. – Mas tenho certeza de que ela sai de vez em quando para me ver... mesmo que eu não a veja. A sua também. Talvez as duas estejam nos vendo agora. Talvez estejam nesta sala.

Lottie se sentou em um sobressalto, olhando ao redor. Ela era uma criaturinha bonita, de cabelos cacheados, e seus olhos redondos eram como miosótis molhados. Se a mãe dela a tivesse visto naquela última meia hora, talvez não a considerasse o tipo de criança que deveria ser parente de um anjo.

Sara continuou a falar. Talvez alguém pudesse achar que o que ela dizia era um conto de fadas, mas era tão verdadeiro em sua própria imaginação que Lottie começou a escutar, mesmo que a contragosto. Ela ouvira falar que sua mãe tinha asas e coroa, e vira imagens de moças em lindas camisolas brancas, que diziam ser anjos. Contudo, Sara parecia contar uma história real sobre um belo país onde viviam pessoas de verdade.

– Há campos e mais campos de flores – disse Sara, esquecendo-se de si mesma, como de costume, ao começar, falando como se estivesse sonhando –, campos e mais campos de lírios, e quando a brisa suave sopra por eles, o perfume é espalhado pelo ar, e todo mundo sempre o inspira, porque a brisa suave sopra sempre. E criancinhas correm pelos campos de lírios e colhem punhados enormes, riem e fazem guirlandas. E as ruas cintilam. E ninguém nunca se cansa, por mais que ande. As pessoas podem flutuar para qualquer lado. E há paredes feitas de pérolas e ouro ao redor da cidade toda, mas são baixas o bastante para as pessoas se debruçarem sobre elas, olhando para a terra, sorrindo e mandando lindas mensagens.

Qualquer que fosse a história que Sara começasse a contar, Lottie teria, sem dúvida, parado de chorar para ouvir, fascinada; mas não havia como negar que aquela história era mais linda do que a maioria. Ela se arrastou para mais perto de Sara e sorveu cada palavra até o fim chegar, rápido demais. Quando chegou, ela ficou tão triste que fez um beicinho preocupante.

– Quero ir para lá – resmungou. – Eu... não tenho mamãe nesta escola.

Sara viu o sinal de perigo e saiu do sonho. Ela pegou a mãozinha rechonchuda e a puxou para um abraço, com uma risadinha lisonjeira.

– Eu serei sua mamãe – falou. – Vamos brincar de você ser minha filhinha. Emily será sua irmã.

As covinhas de Lottie começaram a aparecer.

– Será? – perguntou.

– Será – respondeu Sara, levantando-se de um pulo. – Vamos lá contar para ela. Depois vou lavar seu rosto e pentear seu cabelo.

Lottie concordou, alegre, e saiu correndo da sala com ela, subindo para o outro andar, parecendo sequer se lembrar de que toda a tragédia da hora anterior fora causada pelo fato de que ela se recusara a se lavar e pentear o cabelo para almoçar e que a srta. Minchin fora convocada para exercer sua autoridade majestosa.

Dali em diante, Sara tornou-se uma mãe adotiva.

Becky

O grande poder que Sara possuía, e que a levou a ganhar ainda mais admiradoras, mais do que seus luxos ou o fato de ser a “pupila modelo”, e do qual Lavínia e certas meninas mais sentiam inveja, e pelo qual, ao mesmo tempo, sentiam fascínio, mesmo a contragosto, era seu poder de contar histórias e fazer que todos os assuntos sobre os quais falava parecessem uma história, quer fossem ou não.

Qualquer um que tenha convivido na escola com uma contadora de histórias conhece bem o fascínio: a pessoa é seguida por toda parte, ouvindo súplicas cochichadas por grandes histórias românticas, e vive rodeada de grupos que se aglomeram ou pairam ao seu redor, na esperança de poder participar e escutar. Sara não só sabia contar histórias, mas amava contá-las. Quando se encontrava no meio de uma roda de meninas, sentada ou de pé, e começava a inventar coisas maravilhosas, seus olhos esverdeados ficavam maiores e mais brilhantes, sua face corava, e, sem perceber, ela começava a atuar, tornando o que contava adorável ou assustador conforme o elevar e abaixar da voz, a curvatura e o balanço do corpo esguio, ou o movimento dramático das mãos. Ela esquecia que estava falando para crianças atentas; ela via e vivia com as fadas, ou reis, rainhas e belas damas, cujas aventuras narrava. Às vezes, quando acabava uma história, estava sem ar de tanta animação, e pousava a mão no peito magro e ofegante, soltando uma leve gargalhada, como se risse de si mesma.

- Quando estou contando algo - dizia -, não parece só invenção. Parece mais real do que vocês, do que a sala de aula.

Parece que eu sou todas as pessoas da história, uma após a outra. É estranho.

Ela estava na escola da srta. Minchin havia uns dois anos quando, em certa tarde enevoadada de inverno, saindo da carruagem, confortável e embrulhada nos veludos e peles mais aconchegantes, com aparência muito mais grandiosa do que ela notava, ela viu, ao atravessar a calçada, uma figurinha encardida sentada nos degraus que levavam ao subsolo do prédio, o pescoço esticado para os olhos arregalarem e observarem por entre as grades. Algo na avidez e na timidez daquele rosto sujo a fez olhar e, ao olhar, ela sorriu, pois era seu hábito sorrir para as pessoas.

Contudo, a dona do rosto sujo e dos olhos arregalados evidentemente temia não poder olhar diretamente para pupilas importantes. Ela sumiu de vista como um brinquedo de mola e voltou correndo para a cozinha, desaparecendo com tal velocidade que, se não fosse uma coisinha tão desamparada e coitada, Sara teria rido, mesmo tentando se conter. Na mesma noite, quando Sara estava sentada em meio a um grupo de ouvintes em um canto da sala de aula, contando uma de suas histórias, a mesma figura adentrou a sala timidamente, carregando uma caixa de carvão grande demais para seu tamanho, e se ajoelhou no tapete em frente à lareira para reabastecer o fogo e limpar as cinzas.

Ela estava mais limpa do que quando espiara por entre as grades do subsolo, mas parecia igualmente assustada. Evidentemente, temia olhar para as crianças ou demonstrar escutar. Ela acrescentava o carvão no fogo com muito cuidado, para não fazer nenhum barulho incômodo, e varria ao redor da fogueira em gestos muito suaves. Contudo, em dois minutos Sara viu que ela estava profundamente interessada no que acontecia ali, e que fazia o trabalho devagar na esperança de captar uma ou outra palavra. Ao reparar, Sara ergueu a voz e falou mais claramente.

– As sereias nadavam graciosas pela água verde e cristalina, arrastando uma rede de pesca tecida com pérolas do mar profundo – disse. – A princesa, sentada na rocha branca, as observou.

Era uma história maravilhosa sobre uma princesa apaixonada por um príncipe tritão, e que desejava viver com ele nas cavernas

cintilantes submarinas.

A pequena trabalhadora na frente da lareira varreu a área uma vez, e mais uma. Depois da segunda vez, varreu uma terceira e, então, o som da história a atraiu tanto que ela caiu sob seus encantos e chegou a esquecer que não devia nem estar ouvindo, assim como esqueceu todo o resto. Ela se sentou nos pés, ajoelhada no tapete, segurando a vassoura distraidamente. A voz da contadora de histórias continuou e a levou para sinuosas grutas submarinas, iluminadas por uma luz azul clara e suave, com o chão coberto de areia de ouro puro. Flores e gramas submarinas estranhas balançavam ao seu redor, e ouvia-se um eco distante de canto e música.

A vassoura caiu da mão calejada e Lavínia Herbert olhou ao redor.

– Aquela garota estava ouvindo – falou.

A culpada pegou a vassoura e se levantou aos tropeços. Ela pegou a caixa de carvão e simplesmente fugiu da sala como uma coelhinha assustada.

Sara sentiu-se bastante irritada.

– Eu sabia que ela estava ouvindo – falou. – Por que não ouviria?

Lavínia jogou os cabelos com enorme elegância.

– Bom – comentou –, não sei se sua mãe gostaria que você contasse histórias para criadas, mas sei que a *minha* não gostaria.

– Minha mãe?! – contestou Sara, com uma expressão estranha. – Não acredito que ela se importe, de forma alguma. Ela sabe que histórias são para todo mundo.

– Achei – retrucou Lavínia, cruelmente – que sua mãe tinha morrido. Como ela pode saber de alguma coisa?

– Você acha que ela não sabe? – indagou Sara, com voz séria.

Às vezes, ela tinha uma voz bem séria.

– A mamãe da Sara sabe tudo – interveio Lottie. – Minha mamãe também. Quer dizer, Sara é minha mamãe aqui na escola da srta. Minchin, mas minha outra mamãe sabe tudo. As ruas cintilam, há campos e campos de lírio, e todo mundo os colhe. Sara me conta quando me põe para dormir.

– Sua malvada – disse Lavínia, se voltando contra Sara –, inventando contos de fadas sobre o céu.

– Há histórias muito mais esplêndidas no livro do Apocalipse – retrucou Sara. – Pode ler! Como sabe que as minhas histórias são contos de fadas? Mas posso garantir – continuou, com um temperamento nada celestial – que se não passar a ser mais gentil do que é agora, nunca vai saber se são ou não verdadeiras. Venha, Lottie.

Assim, ela saiu marchando da sala, com certa esperança de ver a pequena criada em algum lugar, mas não encontrou sinal dela ao chegar no corredor.

– Quem é aquela menininha que cuida da lareira? – perguntou à Mariette naquela mesma noite.

Mariette irrompeu em um jorro de descrição.

Ah, de fato, *mademoiselle* Sara poderia perguntar. Ela era uma menininha desamparada que acabara de ser contratada como empregada da cozinha; mas, além de trabalhar na cozinha, fazia de tudo. Polia botas e grades, subia e descia escadas com caixas pesadas de carvão, esfregava o chão e lavava as janelas, e recebia ordens de todo mundo. Ela tinha quatorze anos, mas o crescimento estava tão atrasado que parecia ter doze. Na verdade, Mariette tinha pena dela. Era uma menina tão tímida que, se alguém por acaso falasse com ela, parecia que seus olhos apavorados iam saltar das órbitas, coitada.

– Como ela se chama? – perguntou Sara, que se sentara à mesa, o queixo apoiado nas mãos, ouvindo o relato, absorta.

Ela se chamava Becky. Mariette vivia ouvindo os criados no subsolo gritando “Becky, faz isso” e “Becky, faz aquilo” a cada cinco minutos.

Depois de Mariette se retirar, Sara ficou sentada por um bom tempo ainda, olhando para o fogo na lareira e refletindo sobre a menina. Ela inventou uma história em que Becky era uma heroína maltratada. Parecia que ela nunca comia o bastante. Até seus olhos eram famintos. Sara esperava vê-la de novo, mas, apesar de vislumbrá-la subindo e descendo as escadas em várias ocasiões, a criada sempre parecia tão apressada, ou temerosa de ser vista, que era impossível falar com ela.

Algumas semanas depois, contudo, em outra tarde enevoadas, ao entrar em sua sala de estar, Sara se viu diante de uma cena bastante patética. Em sua poltrona preferida na frente da lareira acesa, Becky – com o nariz e o avental manchados de carvão, a touca meio caída da cabeça, ao lado de uma caixa de carvão vazia – encontrava-se em sono profundo, exaurida para além do que seu corpo jovem e trabalhador aguentava. Ela recebera ordens para arrumar os quartos para a noite. Eram muitos quartos, e ela passara o dia às pressas e tinha deixado os aposentos de Sara por último. Os outros quartos eram diferentes, simples e com poucos adereços. Esperava-se que as alunas comuns ficassem satisfeitas com as necessidades mais básicas. Para a criada, a sala de Sara parecia um oásis de luxo, apesar de ser, na verdade, simplesmente uma salinha iluminada e confortável. Contudo, ali havia livros e fotos, e objetos curiosos da Índia; havia um sofá e a poltrona baixa e macia; Emily ficava em sua própria poltrona, com o ar de comando de uma deusa; a lareira estava sempre acesa e a grade, polida. Becky deixava para limpar o local no final da tarde, porque entrar ali a relaxava, e ela sempre tinha esperança de ter alguns minutos para sentar na poltrona macia, olhar ao redor e pensar na maravilhosa sorte da menina que desfrutava daquele ambiente e que, nos dias frios, saía vestindo lindos casacos e chapéus, que dava gosto vislumbrar pela grade do subsolo.

Naquela tarde, no entanto, ao se sentar, o alívio em suas pernas curtas e doloridas fora tão delicioso e maravilhoso que pareceu acalmar todo o corpo, e o calor confortável da lareira a cobrira como um feitiço, até que, olhando para as brasas acesas, um sorriso lento e exausto tomou seu rosto sujo, a cabeça pendeu sem que ela notasse, os olhos se fecharam e ela adormeceu. Fazia uns dez minutos que ela estava no quarto quando Sara chegou, mas seu sono era profundo como o da Bela Adormecida, que dormira por cem anos. Contudo, a pobre Becky não lembrava nem um pouco a Bela Adormecida. Ela era uma mera criada da cozinha, feia, atarracada e abatida.

Sara era tão diferente dela que podiam ser consideradas criaturas de mundos diferentes.

Naquela tarde específica, Sara estivera na aula de dança, e as tardes em que a professora de dança aparecia eram sempre

grandes eventos no internato, mesmo sendo semanais. As alunas se arrumavam com os vestidos mais bonitos e, como Sara dançava especialmente bem, destacando-se das demais, Mariette recebera ordens de deixá-la o mais diáfana e elegante possível.

Um vestido cor-de-rosa fora escolhido para ela, e Mariette colheira alguns botões de rosa no jardim, fazendo uma tiara para que Sara usasse sobre o cabelo preto. Ela aprendera uma nova dança maravilhosa, em que deslizava pela sala, como uma enorme borboleta cor-de-rosa, e a diversão e o exercício tinham trazido ao rosto dela um brilho alegre e luminoso.

Ela entrou no quarto flutuando em passos de borboleta... e ali estava Becky, dormindo e deixando a touca cair da cabeça.

– Ah! – exclamou Sara, baixinho, ao vê-la. – Coitadinha!

Não lhe ocorreu sentir chateação pela poltrona preferida estar ocupada pela figurinha pequena e imunda. Sinceramente, ela ficou bem feliz por encontrá-la ali. Quando a mocinha maltratada de sua história acordasse, Sara poderia conversar com ela. Aproximou-se em silêncio e parou para observá-la. Becky roncou baixinho.

– Queria que ela acordasse – disse Sara. – Não quero acordá-la. Mas a srta. Minchin ficará irritada se descobrir. Vou esperar alguns minutos, só.

Ela sentou-se na beirada da mesa, balançando as pernas magras e rosadas, se perguntando o que deveria fazer. A srta. Amélia poderia chegar a qualquer momento e, se aparecesse, Becky certamente levaria uma bronca.

Mas ela está tão cansada, pensou. Tão exausta!

Um pedaço de brasa flamejante acabou com a perplexidade no mesmo momento. Soltou-se de um pedaço maior e bateu na grade. Becky se sobressaltou, abrindo os olhos com um suspiro assustado. Ela não percebeu que tinha adormecido. Só tinha se sentado por um momento, sentindo o delicioso calor... e ali estava ela, encarando, apavorada, a maravilhosa aluna, sentada bem ao seu lado, como uma fada cor-de-rosa, com olhar interessado.

Ela se levantou de um pulo e agarrou a touca. Sentiu que estava pendendo da orelha, e tentou ajeitá-la. Ah, ela tinha se metido em uma confusão e tanto! Dormira descaradamente na

poltrona de uma mocinha daquelas! Ela seria demitida, sem indenização.

Ela soltou o barulho de um soluço sem fôlego.

– Ah, senhorita! Ah, senhorita! – gaguejou. – Peço seu perdão, senhorita! Ah, por favor, senhorita!

Sara desceu da cadeira e se aproximou.

– Não se assuste – disse Sara, como se falasse com uma menina semelhante a ela. – Não tem importância alguma.

– Foi sem querer, senhorita – protestou Becky. – Foi a lareira quente... e estou tão cansada. Não... NÃO foi impertinência!

Sara soltou uma gargalhada amigável, e levou a mão ao ombro da menina.

– Você estava cansada – falou –, não podia evitar. Você mal acordou.

Como a pobre Becky a encarava! Na verdade, nunca antes ouvira um tom tão agradável e amigável na voz de ninguém. Estava acostumada a receber ordens e broncas, e tapas nas orelhas. E aquela menina, em todo seu esplendor cor-de-rosa da tarde de dança, a olhava, não como se ela fosse culpada de tudo, mas como se tivesse direito de sentir cansaço – e até de dormir! O toque da mãozinha esbelta e macia em seu ombro era a coisa mais maravilhosa que ela já sentira.

– A... a senhorita não está com raiva? – ofegou. – Não vai contar à senhora?

– Não – exclamou Sara. – Claro que não.

O pavor assombroso no rosto imundo de carvão causou tanta piedade em Sara que ela mal suportou. Uma de suas ideias estranhas veio à mente. Ela levou a mão ao rosto de Becky.

– Ora – falou –, somos iguais. Sou só uma menina, como você. É só por acidente que eu não sou você e que você não é eu!

Becky não entendeu nada. Ela não era capaz de conceber pensamentos tão incríveis e “acidente”, para ela, era uma calamidade em que alguém era atropelado ou caía da escada e tinha que ser carregado “ao hospital”.

– Acidente, senhorita – falou, respeitosa e hesitante. – É isso?

– Isso – respondeu Sara, e a olhou, reflexiva, por um momento.

Depois, mudou de tom ao falar. Ela reparou que Becky não sabia do que se tratava.

– Já acabou seu trabalho? – perguntou. – Quer ficar aqui por mais alguns minutos?

Becky perdeu o fôlego de novo.

– Aqui, senhorita? Eu?

Sara correu até a porta, a abriu e olhou lá fora.

– Não tem ninguém por aqui – explicou. – Se já tiver acabado com os quartos, talvez você queira ficar aqui um pouquinho. Achei que... talvez... quisesse um pedaço de bolo.

Os dez minutos seguintes foram para Becky uma espécie de delírio. Sara abriu um armário e ofereceu-lhe uma grossa fatia de bolo. Ela pareceu se rejubilar quando o pedaço foi devorado em mordidas famintas. Ela falou e fez perguntas, e riu até o medo de Becky de fato começar a se aquietar, e uma ou duas vezes a própria Becky juntou coragem de fazer uma pergunta, por mais ousado que considerasse o ato.

– Esse... – tentou, olhando com fascínio para o vestido cor-de-rosa. – É seu melhor vestido? – perguntou, quase sussurrando.

– É um dos meus vestidos de dança – respondeu Sara. – Eu gosto, você não gosta?

Por alguns segundos, Becky ficou quase sem palavras, de tanta admiração. Finalmente, falou, com a voz impressionada:

– Um dia vi uma princesa. Tava na rua com o pessoal lá em Covent Garden, vendo os grã-finos entrarem na ópera. E tinha uma pra quem todo mundo olhou. Disseram “Aquela é a princesa”. Ela era uma moça grande, mas toda cor-de-rosa... vestido, capa, flores e tudo. Pensei nela no minuto que vi você sentada aqui na mesa, senhorita. A senhorita parece com ela.

– Já pensei muito – disse Sara, em sua voz reflexiva – que gostaria de ser uma princesa; eu me pergunto como deve ser. Acho que vou começar a fingir que sou uma delas.

Becky a encarou, admirada, e, como antes, não entendeu uma palavra. Ela olhava para Sara com certa adoração. Logo, Sara abandonou as reflexões e fez outra pergunta:

– Becky, você não estava escutando aquela história?

– Tava, senhorita – confessou Becky, de novo um pouco assustada. – Sei que não devia, mas era linda demais... não resisti.

– Gostei que você tenha ouvido – disse Sara. – Quem conta histórias adora contá-las para quem quer ouvi-las. Não sei qual é o motivo. Gostaria de ouvir o resto?

Becky perdeu o fôlego de novo.

– Eu, ouvir? – exclamou. – Como se fosse uma aluninha, senhorita?! Sobre o príncipe... e a bebê sereia branquinha nadando e rindo... com estrelas no cabelo?

Sara assentiu.

– Você não deve ter tempo agora, imagino – disse –, mas se me disser a que horas exatamente vem arrumar meu quarto, tentarei estar aqui e contar-lhe um pouco todo dia, até acabar. É uma linda e longa história... e estou sempre inventando mais partes.

– Então – suspirou Becky, devotadamente –, não me importarei com o peso das caixas de carvão... ou com o *que* a cozinheira fizer comigo... se puder pensar nisso.

– Pode – disse Sara. – Contarei a história toda para você.

Quando Becky desceu, não era a mesma Becky que subira aos tropeços, sobrecarregada pelo peso do carvão. Ela trazia mais um pedaço de bolo no bolso e fora alimentada e aquecida, e não só pelo bolo e pelo fogo. Outra coisa a alimentara e aquecera, e essa outra coisa era Sara.

Quando ela se foi, Sara sentou-se em seu canto preferido, na ponta da mesa. Apoiou os pés na cadeira, os cotovelos nos joelhos, e o queixo nas mãos.

– Se eu fosse princesa... uma *princesa de verdade* – murmurou –, poderia espalhar riqueza pelo povo. Mas, mesmo sendo só uma princesa de faz de conta, posso inventar coisinhas para ajudar as pessoas. Como essa. Ela ficou feliz como se fosse uma grande riqueza. Fingirei que fazer coisas das quais as pessoas gostam é como espalhar riqueza. Espalharei riqueza.

As minas de diamante

Pouco depois disso, uma coisa muito empolgante aconteceu. Não só Sara, como toda a escola, se empolgou, tornando o acontecimento o assunto principal das conversas por semanas a fio. Em uma de suas cartas, o capitão Crewe contou uma história interessantíssima. Um amigo que estudara com ele na juventude fora visitá-lo inesperadamente na Índia. Era dono de terras extensas onde diamantes haviam sido encontrados, e estava envolvido no desenvolvimento das minas. Se tudo ocorresse como esperava, com confiança, ele passaria a deter uma riqueza atordoante, e pelo afeto que sentia pelo amigo de escola, oferecera a este a oportunidade de compartilhar aquela enorme fortuna tornando-se um parceiro no empreendimento. Pelo menos foi o que Sara entendeu da carta. É verdade que qualquer outro empreendimento financeiro, por mais magnífico que fosse, teria pouca atração para ela e as colegas, mas “minas de diamante” eram tão dignas de *As mil e uma noites* que ninguém ficou indiferente. Sara achou fascinante e discorreu, para Ermengarde e Lottie, sobre túneis labirínticos nas entranhas da terra, onde pedras cintilantes irrompiam das paredes, dos tetos e do chão, e homens estranhos e morenos as arrancavam com picaretas pesadas. Ermengarde se deleitou com a história, e Lottie insistiu para que fosse contada de novo toda noite. Lavínia estava especialmente rancorosa, e disse para Jessie que não acreditava na existência de minas de diamantes.

– Minha mãe tem um anel de diamante que custou quarenta libras – falou. – E não é nem grande. Se existissem minas cheias de

diamantes, as pessoas ficariam ridículas de tão ricas.

– Talvez Sara fique ridícula de tão rica – riu Jessie.

– Ela já é ridícula sem ser tão rica – bufou Lavínia.

– Acho que você a odeia – disse Jessie.

– Não, não odeio – disse Lavínia, irritada. – Mas não acredito em minas cheias de diamantes.

– Bom, os diamantes têm de vir de algum lugar – disse Jessie. – Lavínia – continuou, com mais uma risada –, sabe o que Gertrude disse?

– Não faço a menor ideia, e não ligo, se for sobre aquela Sara insuportável.

– Bom, é, sim. Um dos seus “faz de conta” é que ela é uma princesa. Ela brinca sempre, mesmo na escola. Diz que assim aprende melhor nas aulas. Ela quer que Ermengarde seja princesa, também, mas Ermengarde diz que é gorda demais.

– Ela é mesmo gorda – disse Lavínia. – E Sara é magra demais.

Naturalmente, Jessie riu de novo.

– Ela diz que não tem nada a ver com aparências e posses. Só com pensamentos e ações.

– Provavelmente ela acredita que seria uma princesa mesmo se fosse uma pedinte – disse Lavínia. – Vamos começar a chamá-la de Sua Alteza Real.

As aulas do dia já tinham acabado, e estavam todas sentadas em frente à lareira da sala, aproveitando o momento de que mais gostavam. Era a hora em que a srta. Minchin e a srta. Amélia tomavam chá na sala exclusiva delas. Naquela hora, muitas conversas aconteciam e muitos segredos se espalhavam, especialmente se as alunas mais novas se comportassem e não brigassem ou corressem pelos arredores fazendo barulho, o que, é claro, acontecia muito. Quando elas faziam balbúrdia, as meninas mais velhas interferiam, com broncas e sacudidas. Esperava-se que elas mantivessem a ordem, do contrário, a srta. Minchin ou a srta. Amélia podiam aparecer e acabar com a festa. Bem quando Lavínia falava, a porta se abriu e Sara entrou com Lottie, que tinha o hábito de segui-la por todo canto como um cachorrinho.

– Lá vem ela, com aquela criança horrenda! – exclamou

Lavínia, sussurrando. – Se gosta tanto dela, por que não a guarda no próprio quarto? Daqui a cinco minutos a menina vai começar a berrar.

Na verdade, Lottie fora tomada por um impulso repentino de brincar na sala, e implorara para a mãe adotiva acompanhá-la. Ela se juntou a um grupo de meninas pequenas que brincavam em um canto. Sara se enroscou no banco rente à janela, abriu um livro e começou a ler. Era um livro sobre a Revolução Francesa, e ela logo se perdeu em um retrato aterrador dos prisioneiros da Bastilha – homens que tinham passado tantos anos em masmorras que, ao serem arrastados de lá por aqueles que os resgataram, tinham o rosto quase todo coberto pela barba e pelos cabelos grisalhos e, esquecendo que existia o mundo lá fora, agiam como se estivessem em um sonho.

Ela estava tão distante da escola que não foi agradável ser arrastada de volta repentinamente por um uivo de Lottie. Nada era tão difícil quanto manter-se calma ao ser interrompida abruptamente da leitura absorta de um livro. Pessoas que gostam de ler conhecem bem a irritação que surge em momentos como aquele. A tentação de ser irracional e impertinente não é fácil de conter.

– A sensação é a de que alguém me bateu – confidenciara Sara a Ermengarde um dia – e que quero bater de volta. Tenho que me lembrar das coisas rapidamente, para me impedir de falar alguma grosseria.

Ela precisou se lembrar das coisas rápido ao deixar o livro no sofá e sair do cantinho confortável. Lottie estivera deslizando pelo chão da sala e, após irritar Lavínia e Jessie com o barulho, acabara caindo e machucando o joelho gorducho. Ela estava berrando e esperneando em meio a um grupo de amigas e inimigas, que ao mesmo tempo a acalmavam e repreendiam.

– Pare agora mesmo, sua chorona! Pare já! – ordenou Lavínia.

– Não sou chorona... Não sou! – gritou Lottie. – Sara, Sa-ra!

– Se ela não parar, a srta. Minchin vai ouvir – exclamou Jessie.

– Lottie, querida, eu vou dar a você uma moedinha.

– Não quero sua moedinha – soluçou Lottie, que, olhando para o joelho gorducho e vendo uma gota de sangue, voltou a chorar.

Sara correu para o outro lado da sala e, se ajoelhando, a abraçou.

– Ora, Lottie – falou. – Ora, Lottie, você prometeu a Sara.

– Ela me chamou de chorona – chorou Lottie.

Sara fez carinho nela, mas falou com aquela voz firme que Lottie conhecia bem.

– Mas, se você chorar, vai ser, sim, chorona, Lottie, querida. Você prometeu.

Lottie lembrava que tinha prometido, mas preferia erguer a voz.

– Não tenho mamãe – proclamou. – Não tenho... mamãe... nenhuma.

– Tem, sim – disse Sara, alegre. – Já esqueceu? Não lembra que Sara é sua mamãe? Não quer que Sara seja sua mamãe?

Lottie a abraçou com um chorinho reconfortado.

– Venha sentar comigo perto da janela – continuou Sara –, que eu conto a você uma história sussurrada.

– Conta? – choramingou Lottie. – Você vai... me contar... sobre as minas de diamantes?

– Minas de diamantes? – interrompeu Lavínia. – Que coisinha mimada e abominável, eu gostaria de dar um tapa nela!

Sara se levantou subitamente. É preciso lembrar que ela estivera absorta em um livro sobre a Bastilha, e que teve que voltar a si de uma vez ao notar que deveria cuidar da filha adotiva. Ela não era nenhum anjo, nem gostava de Lavínia.

– Bom – disse ela, com certo fogo na voz –, eu gostaria de dar um tapa em VOCÊ... mas não quero! – continuou, se contendo. – Pelo menos eu quero lhe dar um tapa, e gostaria disso, mas não vou lhe dar um tapa. Não somos bebezinhas na sarjeta. Nós duas temos idade para agir melhor.

Ali estava a oportunidade de Lavínia.

– Ah, claro, sua alteza real – disse ela. – Somos princesas, creio. Pelo menos uma de nós é. A escola deve estar muito em voga agora que a srta. Minchin tem uma aluna princesa.

Sara avançou. Ela parecia prestes a dar um safanão nas orelhas de Lavínia. Talvez fosse mesmo. O truque de faz de conta era a

maior alegria de sua vida. Ela nunca falava daquilo com meninas de quem não gostava. O novo “faz de conta” de princesa era muito especial e querido, e ela se sentia constrangida e vulnerável. Era um certo segredo, e ali estava Lavínia, menosprezando-o na frente da escola toda. Ela sentiu o sangue arder em seu rosto e em suas orelhas. Ela se salvou por pouco. Princesas não se enfureciam. Sara abaixou a mão e ficou imóvel por um momento. Quando voltou a falar, foi com uma voz firme e tranquila; ela manteve a cabeça erguida e todo mundo a escutou.

– É verdade – falou. – Às vezes, finjo ser uma princesa. Finjo ser uma princesa para tentar me comportar como uma princesa.

Lavínia não conseguiu pensar no que dizer. Era comum se dar conta de que não conseguia pensar em uma resposta satisfatória quando tratava com Sara. O motivo era que, de alguma forma, o resto do grupo sempre parecia ter certa simpatia por sua oponente. Ela notou que estavam todas atentas e interessadas. A verdade era que elas gostavam de princesas, e esperavam ouvir mais informações sobre aquela, então se aproximaram de Sara.

Lavínia só conseguiu inventar uma resposta, que saiu fraca.

– Minha nossa – falou. – Espero que, quando subir ao trono, não se esqueça de nós!

– Não esquecerei – disse Sara, e não falou mais nada, só ficou imóvel, encarando com firmeza enquanto Lavínia pegava o braço de Jessie e ia embora.

Depois disso, as garotas que a invejavam passaram a chamá-la de “Princesa Sara” sempre que queriam desdenhá-la especialmente, e aquelas que gostavam dela usavam o mesmo termo, mas de modo carinhoso. Ninguém a chamava de “princesa” em vez de “Sara”, mas suas fãs adoravam a grandiosidade pitoresca do título, e a srta. Minchin, ao ouvir falar, mencionou o fato mais de uma vez para pais em visitas, sentindo que isso dava um ar de aristocracia ao internato.

Para Becky, era a coisa mais adequada do mundo. O convívio que se iniciara na tarde enevoada em que ela acordara assustada do cochilo na poltrona confortável havia crescido e amadurecido, mas era fato que a srta. Minchin e a srta. Amélia desconheciam o que acontecia. Elas notavam que Sara era “gentil” com a criada,

mas não faziam ideia dos momentos deliciosos aproveitados perigosamente, quando, após arrumar com velocidade ímpar os quartos do segundo andar, Becky chegava à sala de Sara e largava a pesada caixa de carvão, alegremente. Naquelas visitas, histórias eram contadas em capítulos e coisas deliciosas podiam ser comidas ou guardadas rapidamente nos bolsos, e devoradas à noite, quando Becky voltava ao próprio quarto, no sótão.

– Mas tenho que comer com cuidado, senhorita – disse ela, certa vez –, porque se deixar migalhas por aí, os ratos aparecem.

– Ratos! – exclamou Sara, horrorizada. – Tem ratos aqui?

– Muitos, senhorita – respondeu Becky, tranquilamente. – Os sótãos são cheios de ratos e camundongos. A gente até se acostuma com o barulho das patinhas deles. Eu nem ligo para eles, desde que não subam no meu travesseiro.

– Eca! – disse Sara.

– Dá para se acostumar com qualquer coisa, depois de um tempo – disse Becky. – É preciso, senhorita, para quem nasce como criada da cozinha. Prefiro ratos a baratas.

– Também prefiro – disse Sara. – Suponho que seja possível desenvolver uma amizade com os ratos, depois de um tempo, mas não acredito que eu pudesse fazer amizade com uma barata.

Às vezes, Becky não ousava passar mais do que alguns minutos naquela sala iluminada e quente, e nesses casos, só algumas palavras podiam ser ditas, e um presentinho enfiado na velha bolsa de pano que Becky carregava sob a saia, amarrada à cintura com fita. A busca e a descoberta de comidas gostosas que podiam ser guardadas em embalagens pequenas acrescentara novo interesse à existência de Sara. Quando ela saía, de carruagem ou a pé, olhava para as vitrines animadamente. A primeira vez que lhe ocorreu comprar duas ou três tortinhas de carne, era como se tivesse feito uma enorme descoberta. Quando as exibiu, os olhos de Becky cintilaram.

– Ah, senhorita! – murmurou. – Vão ser boas e me encher bem. Encher é ótimo. Bolinhos são dos deuses, mas derretem que nem... se é que me entende, senhorita. Essas aqui vão ficar na barriga.

– Bom – hesitou Sara –, não acho que será bom se ficarem para

sempre, mas acredito que serão satisfatórias.

Eram mesmo satisfatórias, assim como os sanduíches de bife comprados em uma padaria, e os pães e a mortadela. Com o tempo, Becky começou a perder a sensação de fome e exaustão, e a caixa de carvão não parecia mais tão pesada.

Qualquer que fosse o esforço, o temperamento da cozinheira, ou a dificuldade do trabalho que pesava sobre seus ombros, ela sempre tinha a possibilidade da tarde a esperar – a possibilidade de a srta. Sara estar em seus aposentos. Na verdade, simplesmente ver a srta. Sara já bastaria, mesmo sem as tortinhas. Se houvesse tempo só para algumas palavras, elas eram sempre amigáveis e alegres, aquecendo seu peito; e se houvesse tempo para mais, havia um capítulo de história a ouvir, ou outra coisa para recordar mais tarde, acordada na cama do sótão, pensando. Sara – que só fazia, inconscientemente, o que mais gostava no mundo, pois a natureza a fizera generosa – não tinha ideia do quanto significava para a coitada da Becky, e que benfeitora maravilhosa lhe parecia. Quem é generosa por natureza nasce com as mãos e o peito abertos; e apesar de haver épocas em que as mãos estão vazias, o peito está sempre cheio, e dali podem sair presentes – presentes calorosos, bondosos e gentis, ajuda, conforto e gargalhadas, e às vezes uma boa gargalhada é a maior ajuda de todas.

Becky mal conhecera uma gargalhada ao longo de sua vidinha triste e difícil. Sara a fazia rir, e ria com ela, e apesar de nenhuma delas pensar assim, a gargalhada “enchia” tanto quanto as tortinhas de carne.

Algumas semanas antes do aniversário de onze anos de Sara, chegou uma carta do pai, que não parecia ter sido escrita com seu bom humor jovial costumeiro. Ele não estava muito bem, e nitidamente sentia-se sobrecarregado pelo trabalho ligado às minas de diamante.

“Veja, minha pequena Sara”, escreveu ele, “seu papai não é nenhum homem de negócios, e números e documentos o incomodam. Ele não os entende, e tudo lhe parece enorme. Talvez se eu não estivesse tão febril, não ficaria acordado me revirando metade da noite, e passando a outra metade com pesadelos preocupantes. Se minha senhorinha estivesse aqui, imagino que me daria bons conselhos solenes. Não daria, senhorinha?”

Uma das muitas brincadeiras dele era chamá-la de “senhorinha”, pois ela tinha ares antiquados.

Ele fizera preparações maravilhosas para o aniversário dela. Entre outras coisas, encomendara uma nova boneca em Paris, cujo enxoval seria, sem dúvida, uma maravilha de perfeição esplêndida. Na resposta à carta que perguntava se a boneca seria um presente aceitável, Sara fora muito singular.

“Estou envelhecendo”, escrevera. “Veja bem, nunca mais ganharei boneca alguma de presente. Esta será minha última boneca. Há algo de muito solene nisso. Se eu soubesse escrever poesia, certamente um poema sobre ‘A última boneca’ seria ótimo. Mas não sei escrever poesia. Tentei, mas me fez rir. Não se assemelhava nada a Watts, Coleridge, nem Shakespeare. Ninguém poderá substituir Emily, mas respeitarei profundamente a Última Boneca; e tenho certeza de que a escola a amará. Todas aqui amam bonecas, apesar de algumas das mais velhas – as de quase quinze – fingirem que são muito adultas.”

O capitão Crewe estava sofrendo de uma dor de cabeça lancinante ao ler aquela carta em seu bangalô na Índia. A mesa à frente dele estava repleta de papéis e cartas que o preocupavam e o enchiam de ansiedade, mas ele riu como não fazia há semanas.

– Ah – disse ele –, ela fica mais engraçada a cada ano de vida. Que Deus permita que esse negócio se acerte e me libere para que eu possa correr para vê-la. O que eu não daria para sentir um abraço dela neste minuto! O que eu não daria!

O aniversário seria comemorado com enormes festividades. A sala de aula seria decorada e haveria uma festa. As caixas contendo presentes seriam abertas com a maior cerimônia, e haveria um banquete reluzente servido na sala sagrada da srta. Minchin. Quando chegou o dia, a casa toda estava alvoroçada de animação. Como a manhã passou, ninguém soube, porque pareciam ser tantas as preparações necessárias! A sala de aula foi decorada com guirlandas de azevinho, as carteiras foram afastadas, e toalhas vermelhas foram dispostas sobre os móveis espalhados pela sala, contra a parede.

Quando Sara saiu para a salinha dela de manhã, encontrou na mesa um embrulho pequeno e feio, feito de papel pardo. Ela sabia que era um presente, e adivinhou de quem era. Abriu o embrulho

com ternura. Era uma almofada para alfinetes quadrada, feita de flanela vermelha que não estava muito limpa, e alfinetes pretos tinham sido espetados com cuidado, formando as palavras “FELIS NIVERSARIO”.

– Ah! – exclamou Sara, com o coração enternecido. – Que trabalho ela teve! Gostei tanto, que me... me deixou triste.

No momento seguinte, contudo, ela ficou confusa. Do lado oposto da almofada estava pregado um cartão, no qual uma caligrafia clara dizia “Srta. Amélia Minchin”.

Sara virou o cartão de novo e de novo.

– Srta. Amélia! – murmurou. – Como assim?!

No mesmo momento, ela ouviu a porta se abrir devagar, e viu Becky à espreita.

Havia um sorriso feliz e carinhoso em seu rosto, e ela se aproximou, nervosa, puxando as pontas dos dedos.

– Gostou, srta. Sara? – perguntou. – Gostou?

– Se gostei? – exclamou Sara. – Becky, querida, você mesma fez o presente.

Becky suspirou, alegre e empolgada, e seus olhos marejaram de felicidade.

– É só uma flanelinha, e nem é nova; mas queria dar uma coisa e fui fazendo à noite. Sei que você pode *fazer de conta* que é de cetim, com alfinetes de diamante. Eu tentei, quando fazia. O cartão, senhorita – falou, hesitante –, não foi errado pegar no lixo, foi? A srta. Amélia tinha jogado fora. Eu não tinha cartão, e sabia que não ia ser bom presente sem cartão, então peguei o da srta. Amélia.

Sara se jogou em Becky e a abraçou. Ela não saberia explicar, nem para si, nem para ninguém, por que havia um nó em sua garganta.

– Ah, Becky! – gritou, com uma gargalhada estranha. – Eu te amo, Becky. Amo, amo, mesmo!

– Ah, senhorita! – suspirou Becky. – Obrigada, senhorita, muito obrigada. Mas não é pra tanto. A... a flanela nem é nova.

As minas de diamante, de novo

Quando Sara entrou na sala de aula, toda decorada de azevinho, naquela tarde, o fez na frente de uma espécie de procissão. A srta. Minchin, em seu melhor vestido de seda, a conduziu pela mão. Um criado seguia, carregando a caixa da Última Boneca, uma criada carregava uma segunda caixa e Becky vinha atrás, trazendo uma terceira caixa e usando um avental limpo e uma touca nova. Sara preferiria entrar ali como de costume, mas a srta. Minchin a convocara e, depois de uma conversa em sua sala particular, expressara seu desejo.

– Não é uma ocasião comum – dissera. – Não desejo que seja tratada como tal.

Assim, Sara foi conduzida cheia de pompa e sentiu vergonha quando, ao chegar, as meninas maiores a encararam e se cutucaram, e as menores se retorceram alegremente nas cadeiras.

– Silêncio, mocinhas! – disse a srta. Minchin, em resposta ao murmúrio que se ergueu. – James, ponha a caixa na mesa e abra a tampa. Emma, ponha a sua em uma cadeira. Becky! – chamou, abrupta e severamente.

Becky se distraíra de tanta empolgação, e sorria para Lottie, que se remexia sem parar com tanta expectativa arrebatadora. Ela quase derrubou a caixa com o susto que a voz de censura lhe causou, e sua reverência assustada e hesitante de desculpas foi tão engraçada que Lavínia e Jessie riram.

– Não é apropriado olhar para as moças – disse a srta. Minchin. – Está se esquecendo. Deixe sua caixa aí.

Becky obedeceu com pressa, apavorada, e voltou correndo para a porta.

– Podem nos deixar – anunciou a srta. Minchin aos criados, acenando com a mão.

Becky deu um passo para o lado, permitindo, por respeito, que os criados superiores saíssem do cômodo antes. Ela não conseguiu deixar de olhar com desejo para a caixa na mesa. Alguma coisa feita de cetim azul espreitava por entre as dobras de papel de seda.

– Por favor, srta. Minchin – disse Sara repentinamente –, a Becky pode ficar?

Foi uma ação ousada. A srta. Minchin sobressaltou-se de leve, pega desprevenida. Então ela ajeitou os óculos e olhou para a pupila modelo, perturbada.

– Becky?! – exclamou. – Sara, querida!

Sara se aproximou dela.

– Quero que ela fique porque sei que ela vai gostar de ver os presentes – explicou. – Ela também é uma menininha, sabe?

A srta. Minchin ficou escandalizada. Ela olhou de uma menina para a outra.

– Sara, querida – disse –, Becky é criada da cozinha. Criadas... não são menininhas.

Nunca lhe ocorrera pensar nelas daquela forma. Criadas eram máquinas de carregar carvão e acender lareiras.

– Mas Becky é, sim – disse Sara. – E sei que ela vai se divertir. Por favor, deixe ela ficar... pelo meu aniversário.

A srta. Minchin respondeu, cheia de dignidade:

– Então, sendo um pedido de aniversário... ela pode ficar. Rebecca, agradeça à srta. Sara por tamanha bondade.

Becky estivera encolhida no canto, retorcendo a barra do avental em deleite e suspense. Ela avançou, fazendo inúmeras reverências, mas, entre o olhar dela e o de Sara, passou-se um brilho de compreensão amigável, enquanto suas palavras saíam aos tropeços.

– Ah, por favor, senhorita! Fico tão agradecida, senhorita! Queria ver a boneca, sim, senhorita. Obrigada, senhorita. E obrigada, senhora – acrescentou, se virando com uma reverência

assustada para a srta. Minchin –, por me permitir tal liberdade.

A srta. Minchin acenou com a mão novamente, apontando um canto perto da porta.

– Vá esperar ali – ordenou. – Não tão perto das moças.

Becky foi para seu lugar. Não ligava para onde era mandada, desde que tivesse a sorte de estar naquela sala, em vez de na cozinha do subsolo, enquanto tantas alegrias ocorriam. Ela nem se importou quando a srta. Minchin pigarreou solenemente e voltou a falar.

– Agora, mocinhas, tenho algumas palavras a dizer – anunciou.

– Ela vai fazer um discurso – cochichou uma das meninas. – Queria que acabasse logo.

Sara sentiu-se bem desconfortável. Visto que era sua festa, o discurso provavelmente era sobre ela. Não é nada agradável ficar parada no meio de uma sala de aula, ouvindo um discurso sobre si.

– As senhoritas estão cientes – começou o discurso, pois era mesmo um discurso – que nossa querida Sara faz onze anos hoje.

– Querida Sara! – murmurou Lavínia.

– Muitas de vocês aqui já tiveram onze anos, mas os aniversários de Sara são diferentes dos de outras menininhas. Quando ela for mais velha, herdará uma grande fortuna, e terá o dever de gastá-la de forma digna.

– As minas de diamante – riu Jessie, cochichando.

Sara não escutou; mas com o olhar verde acinzentado concentrado diretamente na srta. Minchin, se sentiu corar. Quando a srta. Minchin falava de dinheiro, Sara sentia que sempre a detestava – e, claro, detestar adultos era falta de respeito.

– Quando o seu querido pai, capitão Crewe, a trouxe da Índia e a entregou aos meus cuidados – continuou o discurso –, ele me falou, brincando: “Temo que ela se torne muito rica, srta. Minchin”. Minha resposta foi: “A educação dela em meu internato, capitão Crewe, adornará até a maior das fortunas”. Sara se tornou minha aluna mais bem-sucedida. No francês e na dança, ela é um exemplo para o internato. Os modos dela, que levaram vocês a chamá-la de Princesa Sara, são impecáveis. A amabilidade

dela foi demonstrada aqui esta tarde. Espero que apreciem a generosidade dela, e gostaria que expressassem sua gratidão ao dizer, juntas e em voz alta, “Obrigada, Sara!”.

A sala toda se levantou de uma vez, como na manhã da qual Sara se lembrava tão bem.

– Obrigada, Sara! – disseram, e Lottie chegou a pular.

Sara pareceu bastante tímida por um momento. Em seguida, ela fez uma reverência – e foi uma reverência muito bonita.

– Obrigada – falou – por virem à minha festa.

– Muito bonito, Sara – aprovou a srta. Minchin. – É assim que uma princesa de verdade se comporta quando é aplaudida pelo povo. Lavínia – continuou, sarcástica –, o barulho que você fez se aproximou extremamente de um bufar. Se estiver com inveja de sua colega, peço que expresse tal sentimento de modo mais adequado para uma dama. Agora, deixarei que vocês se divirtam.

No instante em que ela saiu da sala, o domínio que sua presença sempre exercia sobre elas se quebrou. A porta mal se fechara, e todos os assentos já estavam vazios. As meninas saíram das cadeiras aos pulos ou tropeços; as mais velhas sequer demoraram para se levantar. Todas correram até as caixas. Sara se debruçou sobre uma delas com expressão de deleite.

– Esta contém livros, já sei – falou.

As meninas menores murmuraram em pesar, e Ermengarde pareceu chocada.

– Seu pai também manda livros de presente de aniversário? – indagou. – Ai, ele é pior que o meu. Não abra, Sara.

– Eu gosto – disse Sara, rindo, antes de se virar para a caixa maior.

Quando pegou a Última Boneca, era tão magnífica que as crianças soltaram gemidos de prazer e alegria, e até se afastaram para admirá-la, arrebatadas e sem fôlego.

– Ela é quase do tamanho da Lottie – suspirou alguém.

Lottie bateu palmas e dançou, rindo.

– Ela está vestida para o teatro – disse Lavínia. – A capa tem forro de arminho.

– Ah – exclamou Ermengarde, se aproximando –, ela está

segurando um binóculo de ópera, azul e dourado!

– Aqui está a mala dela – disse Sara. – Vamos abrir e ver suas roupas.

Ela se sentou no chão e girou a chave. As meninas se aglomeraram ao seu redor, comemorando, conforme ela tirava peça por peça. Nunca aquela sala de aula vira tamanho alvoroço. Havia golas de renda, lenços e meias de seda; uma caixa de joias contendo um colar e uma tiara que pareciam feitos de diamantes de verdade; um casaco comprido de pele, com luvas, vestidos de baile, de passeio e de visita; chapéus, vestidos de chá e leques. Até Lavínia e Jessie esqueceram que eram muito adultas para brincar de boneca, e soltaram exclamações de puro deleite, pegando coisas para admirá-las.

– Imaginem... – disse Sara, parada perto da mesa, colocando um enorme chapéu de veludo preto na dona de todos aqueles esplendores, que sorria, impassível. – Imaginem que ela entende a fala humana e sente orgulho de ser tão admirada.

– Você vive imaginando coisas – disse Lavínia, com ar de superioridade.

– Sei que sim – respondeu Sara, sem se abalar. – Eu gosto. É tão gostoso imaginar. É parecido com ser uma fada. Qualquer coisa que se imagine com esforço o bastante parece verdade.

– É ótimo mesmo imaginar, se você tem de tudo – disse Lavínia. – Você conseguiria imaginar e brincar de faz de conta se fosse miserável e vivesse no sótão?

Sara parou de arrumar as plumas de avestruz da Última Boneca, com expressão pensativa.

– Acredito que conseguiria – falou. – Se fosse miserável, teria que fingir e fazer de conta o tempo todo. Mas talvez não fosse fácil.

Mais tarde, Sara acabaria pensando com frequência na estranha coincidência de a srta. Amélia ter entrado na sala justamente quando ela tinha acabado de falar aquilo, bem naquele instante.

– Sara – disse –, o advogado do seu pai, sr. Barrow, está aqui para conversar com a srta. Minchin. Como eles precisam se reunir sozinhos e o lanche está disposto na sala dela, é melhor vocês irem comer agora, para que minha irmã possa fazer a reunião nesta

sala.

Qualquer que fosse a hora, ninguém negaria um lanche, e muitos pares de olhos brilharam. A srta. Amélia organizou a procissão com decoro e, finalmente, com Sara a seu lado, a conduziu para a outra sala, deixando a Última Boneca sentada em uma cadeira, as roupas luxuosas espalhadas a seu redor, vestidos e casacos pendurados nos espaldares e pilhas de anáguas rendadas largadas nos assentos.

Becky, que não participaria do lanche, permitiu-se a indiscrição de demorar-se mais um momento, para admirar aquela beleza; e era mesmo uma indiscrição.

– Volte ao trabalho, Becky – disse a srta. Amélia.

Contudo ela se demorara, pegando, com reverência, luvas e depois um casaco. Enquanto Becky admirava as roupas, com adoração nos olhos, ouviu a srta. Minchin à porta e, consumida pelo pavor de ser acusada de tomar liberdade demais, correu para se encolher sob a mesa, escondendo-se por trás da toalha.

A srta. Minchin entrou na sala acompanhada por um homenzinho baixo, seco e de feições duras, com aparência bastante perturbada. A própria srta. Minchin tinha aparência perturbada, e olhou para o homenzinho seco com uma expressão irritada e confusa.

Ela sentou-se com dignidade rígida e apontou uma cadeira.

– Por favor, sente-se, sr. Barrow.

O sr. Barrow não se sentou imediatamente. A atenção dele foi atraída pela Última Boneca e tudo que a cercava. Ele ajeitou os óculos e observou os objetos, em desaprovação nervosa. A Última Boneca em si não pareceu se importar. Ela simplesmente manteve-se empertigada, olhando de volta, indiferente.

– Cem libras – comentou o sr. Barrow, sucinto. – Só materiais caros, encomendados com uma modista de Paris. Como esse jovem esbanjava dinheiro!

A srta. Minchin sentiu-se ofendida. Aquele comentário parecia uma ofensa a seu melhor cliente, e era liberdade demais. Nem advogados podiam tomar tais liberdades.

– Perdão, sr. Barrow – disse ela duramente. – Não compreendo.

– Presentes de aniversário – disse o sr. Barrow, no mesmo tom de crítica – para uma criança de onze anos! Que extravagância louca.

A srta. Minchin se empertigou, ainda mais rígida.

– O capitão Crewe é um homem afortunado – disse ela. – Só as minas de diamante...

O sr. Barrow se virou para ela abruptamente.

– Minas de diamante! – exclamou. – Elas não existem! Nunca existiram!

A srta. Minchin chegou a se levantar da cadeira.

– O quê?! – gritou. – Como assim?

– Pelo menos – respondeu o sr. Barrow, com considerável irritação –, teria sido muito melhor se nunca tivessem existido.

– As minas de diamante? – indagou a srta. Minchin, segurando-se no espaldar da cadeira, sentindo que um sonho esplêndido se esvaía da memória.

– Minas de diamante levam à bancarrota com mais frequência do que à riqueza – disse o sr. Barrow. – Se um homem estiver nas mãos de um amigo muito querido e não for propriamente um bom empreendedor, é melhor que passe longe das minas de diamante ou de ouro do amigo, ou de qualquer outra mina em que amigos queridos queiram investimentos. O finado capitão Crewe...

– O finado capitão Crewe?! – bradou a srta. Minchin, o interrompendo com um arquejo. – Finado?! O senhor não veio me dizer que o capitão Crewe...

– Faleceu, senhora – respondeu o sr. Barrow, bruscamente. – Morreu de uma combinação de febre tropical e problemas nos negócios. A febre talvez não o tivesse matado se ele não tivesse enlouquecido por causa dos problemas nos negócios, e os problemas nos negócios talvez não tivessem sido seu fim se a febre não tivesse ajudado. O capitão Crewe está morto!

A srta. Minchin se largou de volta na cadeira. As palavras que ele dissera a encheram de medo.

– Quais eram os problemas de negócios? – perguntou. – Quais eram?

– Minas de diamante – respondeu o sr. Barrow –, amigos

queridos... e falência.

A srta. Minchin perdeu o fôlego.

– Falência! – arfou.

– Perdeu até o último centavo. O moço tinha dinheiro demais. O amigo querido estava enlouquecido com essa história de mina de diamante. Investiu todo o próprio dinheiro, e o do capitão Crewe também. Até que o amigo fugiu... e o capitão Crewe já tinha sido tomado pela febre quando recebeu a notícia. O choque foi demais. Ele morreu em delírio, divagando sobre a filhinha... e não deixou um centavo.

Finalmente a srta. Minchin entendeu, e nunca antes recebera um choque daqueles. Sua pupila modelo, sua cliente favorita, arrancada do internato de um só golpe. Ela sentia-se ultrajada e roubada, e culpava igualmente o capitão Crewe, Sara e o sr. Barrow.

– Quer dizer – vociferou ela – que ele não deixou *nada*! Que Sara não terá fortuna alguma! Que a menina é uma indigente! Que ela foi largada em minhas mãos, uma pequena plebeia, em vez de uma herdeira?

O sr. Barrow era um negociante implacável, e considerou adequado esclarecer, sem delongas, sua abstenção de responsabilidade.

– Ela é, sem dúvida, indigente – respondeu. – E também foi, sem dúvida, largada em suas mãos, senhora, pois não há parente algum no mundo, em nosso conhecimento.

A srta. Minchin avançou. Parecia que ela ia abrir a porta e sair correndo da sala, pronta para interromper as festividades alegres e ruidosas do lanche.

– Que coisa monstruosa! – falou. – Ela está agora mesmo em minha sala, vestindo organza de seda e anáguas de renda, dando uma festa às minhas custas.

– É mesmo às suas custas, senhora, se for uma festa – disse o sr. Barrow calmamente. – A Barrow & Skipworth não se responsabilizará por nada. Nunca a fortuna de um homem se acabou tão completamente. O capitão Crewe faleceu sem pagar nossa última conta, e era das grandes.

A srta. Minchin deu as costas à porta, cada vez mais

indignada. Era pior do que qualquer pessoa sonharia.

– Foi isso que me aconteceu! – gritou. – Eu sempre confiei tanto nos pagamentos dele que gastei valores absurdos com a menina. Paguei a conta daquela boneca ridícula, do enxoval fantástico ridículo. A menina devia ter tudo que desejasse. Ela tem uma carruagem, um pônei, uma criada, e paguei por tudo do meu bolso desde a chegada do último cheque.

O sr. Barrow evidentemente não planejava ficar ali escutando as lamúrias da srta. Minchin depois de esclarecer a posição de seu escritório e relatar os fatos simples. Ele não sentia nenhuma empatia especial por diretoras furiosas de internatos.

– Melhor não pagar mais nada, senhora – sugeriu ele –, a não ser que deseje dar presentes para a mocinha. Ninguém precisa lembrá-la de que ela não tem nem uma moedinha de bronze em sua posse.

– Mas o que devo fazer? – perguntou a srta. Minchin, sentindo que era inteiramente dever dele resolver a situação. – O que devo fazer?

– Não há o que fazer – disse o sr. Barrow, dobrando os óculos e os guardando no bolso. – O capitão Crewe está morto. A menina foi largada, indigente. Ninguém é responsável por ela, além da senhora.

– Não sou responsável por ela, me recuso a ser!

A srta. Minchin ficou lívida de ira.

O sr. Barrow se dirigiu à saída.

– Não tenho nada com isso, senhora – disse ele, desinteressado. – A Barrow & Skipworth se abstém da responsabilidade. Sinto muito por isso ter acontecido, claro.

– Se o senhor acha que vai largar a menina comigo, está redondamente enganado – falou a srta. Minchin, sem fôlego. – Fui roubada e traída; vou jogá-la na rua!

Se ela não estivesse tão furiosa, seria discreta e não diria tanto. Ela se via presa ao fardo de uma menina de criação extravagante da qual sempre se ressentira, e perdeu todo o controle.

O sr. Barrow seguiu na direção da porta, sem se deixar perturbar.

– Eu não faria isso, senhora – comentou –, pois não seria de bom tom. É uma história desagradável para a reputação do estabelecimento. Pupila abandonada, sem dinheiro e sem amigos.

Ele era um profissional astuto, e sabia do que falava. Também sabia que a srta. Minchin era profissional, e que seria esperta o bastante para ver a verdade. Ela não podia arriscar uma atitude que fosse vista como cruel e fria.

– Melhor mantê-la aqui e aproveitá-la – acrescentou ele. – É uma menina inteligente, imagino. A senhora pode fazer bom uso dela quando crescer.

– Vou fazer bom uso dela antes que cresça! – exclamou a srta. Minchin.

– Sem dúvida, senhora – disse o sr. Barrow, com um sorrisinho sinistro. – Sem dúvida. Bom dia!

Ele se despediu com um aceno reverente e saiu, e é preciso admitir que a srta. Minchin passou alguns minutos de pé, olhando feio para a porta. O que ele havia dito era verdade. Ela sabia. Ela não teria recompensa alguma. Sua pupila modelo desaparecera, deixando em seu lugar uma mera menina indigente e solitária. O dinheiro que ela própria adiantara se perdera e nunca seria recuperado.

Ali, sem ar de tanta injúria, chegou aos seus ouvidos uma erupção de vozes alegres de sua própria sala sagrada, que oferecera para o banquete. Pelo menos aquilo podia ser interrompido.

Contudo, quando ela se aproximou, a porta foi aberta pela srta. Amélia, que, vendo o rosto furioso e transtornado da irmã, deu um passo para trás, assustada.

– O que houve? – indagou.

A voz da srta. Minchin era quase exaltada ao dizer:

– Cadê a Sara Crewe?

A srta. Amélia ficou confusa.

– Sara?! – gaguejou. – Ora, ela está com as meninas na sua sala, claro.

– Ela por acaso tem algum vestido preto naquele enxoval suntuoso? – perguntou a srta. Minchin com ironia amarga.

– Um vestido preto? – gaguejou a srta. Amélia. – Preto?

– Ela tem vestidos de tudo quanto é cor. Tem algum preto?

A srta. Amélia ficou lívida.

– Não... si... sim! – declarou. – Mas está muito curto. Só tem um, de veludo preto, e ela já cresceu.

– Vá mandá-la tirar aquela organza de seda cor-de-rosa absurda e vestir o preto, mesmo que esteja curto. Acabou-se a elegância!

A srta. Amélia começou a remexer as mãos rechonchudas e chorar.

– Ah, irmã! – disse, fungando. – Ah, irmã! O que pode ter ocorrido?

A srta. Minchin não poupou palavras.

– O capitão Crewe faleceu – falou. – Morreu sem um centavo. Aquela menina mimada, dengosa e fresca foi largada, pobre, em minhas mãos.

A srta. Amélia se jogou, pesada, na cadeira mais próxima.

– Gastei centenas de libras em besteiras para ela. E nunca vou recuperar um centavo. Acabe com aquela festa ridícula. Vá obrigá-la a trocar de vestido, imediatamente.

– Eu? – ofegou a srta. Amélia. – P-preciso fazer isso agora?

– Neste instante! – veio a resposta furiosa. – Pare de me olhar com essa cara de pateta. Vá!

A pobre srta. Amélia estava acostumada a ser chamada de pateta. Ela sabia, na verdade, que era mesmo uma pateta, e que muitas coisas desagradáveis sobravam para as patetas. Era um pouco constrangedor adentrar uma sala cheia de crianças felizes e contar para a dona da festa que ela de repente tornara-se indigente e precisava subir para pôr um vestido preto velho que já não lhe cabia mais. Contudo, precisava ser feito. Evidentemente não era a hora de fazer perguntas.

Ela esfregou os olhos com o lenço até estarem bem vermelhos. Em seguida, se levantou e saiu da sala sem ousar dizer mais uma palavra. Quando sua irmã mais velha estava com a expressão e o tom daquele momento, o mais sábio era obedecer às ordens, sem comentários. A srta. Minchin atravessou a sala. Ela começou a

falar sozinha, sem notar que o fazia. Durante o ano anterior, a história das minas de diamantes sugerira todo tipo de possibilidades a ela. Até proprietárias de internatos podem fazer fortuna em ações, com a ajuda de donos de minas. Contudo, em vez de esperar ganhos, ela se via obrigada a repensar as perdas.

– Princesa Sara, isso mesmo! A menina foi mimada como se já fosse rainha.

Ela estava passando pela mesinha de canto, furiosa, ao falar, e, de repente, se assustou ao ouvir um suspiro alto e soluçado que saiu debaixo da toalha.

– O que foi isso! – exclamou, com raiva.

O suspiro alto e soluçado se repetiu e, parando de andar, ela levantou a beirada da toalha de mesa.

– Como OUSA! – exclamou. – Como ousa! Saia daí imediatamente!

A pobre Becky saiu engatinhando, a touca caída de lado, o rosto vermelho de choro reprimido.

– Perdão, se... sou eu, senhora – explicou. – Sei que não devia, mas estava olhando para a boneca, senhora... e fiquei com medo quando a senhora entrou... e entrei debaixo da mesa.

– Você esteve aí, escutando, o tempo todo – disse a srta. Minchin.

– Não, senhora – protestou Becky, fazendo reverências incessantes. – Não estava escutando... achei que pudesse sair sem a senhora ver, mas não consegui, precisei ficar. Mas não escutei, senhora... nunca faria isso. Só não deu para não ouvir.

De repente, foi quase como se tivesse perdido todo o medo da mulher terrível à sua frente. Ela irrompeu em lágrimas.

– Ah, por favor, senhora... – disse ela. – Claro que receberei uma advertência, senhora... Mas sinto muito pela pobre srta. Sara... Sinto tanto!

– Saia já! – ordenou a srta. Minchin.

Becky fez mais uma reverência, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

– Claro, senhora, vou sair, senhora – falou, trêmula. – Mas, ah, só queria perguntar: a srta. Sara... ela foi uma mocinha tão rica, e

foi cuidada com tanto esmero. O que vai fazer agora, senhora, sem criada? Se... se, por favor, posso cuidar dela, depois de acabar as panelas? Serei bem rápida... se puder cuidar dela agora que ela está pobre. Ah – exclamou, voltando a chorar –, coitadinha da srta. Sara, senhora... chamavam ela de princesa.

Se era possível, ela fez a srta. Minchin sentir ainda mais raiva. Que até a mais reles criada se colocasse ao lado daquela menina – a qual, e ela notava agora, com muita clareza, nunca gostara – era demais. Ela chegou a bater o pé.

– Não, de jeito nenhum – falou. – Ela cuidará de si própria, e de outras pessoas, também. Saia daqui neste instante, ou será despejada.

Becky cobriu a cabeça com o avental e fugiu. Ela saiu correndo da sala e desceu para a cozinha, onde se sentou entre as panelas e chorou como se fosse morrer do coração.

– É exatamente como aquelas histórias – gemeu. – As pobres princesinhas largadas no mundo.

A srta. Minchin nunca estivera tão dura e imóvel quanto no momento em que Sara foi vê-la, algumas horas depois, em resposta à mensagem que mandara.

Mesmo então, já parecia a Sara que a festa de aniversário tinha sido um mero sonho, ou algo que acontecera muitos anos antes, e na vida de uma menina muito diferente.

Todo sinal da comemoração fora jogado fora; o azevinho fora removido das paredes da sala de aula, e as mesas e bancos devolvidos ao lugar. A sala da srta. Minchin estava como antes – todos os rastros do banquete tinham sido limpos, e a srta. Minchin voltara à roupa de costume. As alunas tinham recebido ordens de tirar os vestidos de festa, e após se trocarem, todas tinham voltado à sala de aula, onde se agrupavam, cochichando e conversando animadas.

– Mande Sara vir à minha sala – dissera a srta. Minchin à irmã.
– E explique, claramente, que não vou tolerar choro nem escândalos desagradáveis.

– Irmã – respondera a srta. Amélia –, ela é a criança mais estranha que já vi. Na verdade, ela não fez escândalo nenhum. Lembra que ela não reagiu quando o capitão Crewe voltou para a

Índia? Quando contei o que tinha ocorrido, ela ficou imóvel e me olhou em silêncio. Arregalou os olhos e ficou lívida. Quando acabei, ela ainda me olhou por alguns segundos, até que o queixo começou a tremer, e ela deu meia-volta e saiu correndo da sala, subindo para o quarto. Várias das outras meninas começaram a chorar, mas ela não pareceu ouvi-las ou se atentar a nada além do que eu dizia. Foi muito estranho não receber resposta, afinal, quando damos uma notícia repentina ou estranha, esperamos que as pessoas digam *alguma* coisa, o que quer que seja.

Ninguém além de Sara nunca soube o que ocorrera em seu quarto depois que ela subira e trancara a porta. Na verdade, ela mal lembrava o que fizera, além de andar em círculos, repetindo sem parar, em uma voz que não parecia lhe pertencer:

– Meu papai morreu! Meu papai morreu!

Finalmente, ela parara na frente de Emily, que a observava da cadeira, e gritou, desesperada:

– Emily! Você ouviu? Ouviu que o papai morreu? Ele morreu na Índia... a milhares de quilômetros daqui.

Quando ela entrou na sala da srta. Minchin para responder ao chamado, seu rosto estava pálido e seus olhos, avermelhados. Sua boca estava firme, como se não quisesse revelar o que sofrera e ainda sofria. Ela não lembrava nem um pouco a menina borboleta cor-de-rosa que voara de um tesouro a outro na sala de aula decorada. Em vez disso, era uma figurinha estranha, desolada e quase grotesca.

Sem a ajuda de Mariette, vestira a roupa preta de veludo. O vestido estava curto e apertado, e as pernas esguias se mostravam compridas e magras, reveladas sob a pequena saia. Como não encontrara fita preta, o cabelo curto, grosso e escuro caía solto no rosto, contrastando com sua palidez. Ela abraçava Emily com força, e a boneca estava vestida de preto também.

– Largue essa boneca – disse a srta. Minchin. – Por que a trouxe para cá?

– Não – respondeu Sara. – Não vou largá-la. Ela é tudo que tenho. Foi presente do meu pai.

Ela sempre deixava a srta. Minchin secretamente desconfortável, e foi o que fez ali. Ela não falava com grosseria,

mas com uma firmeza fria com a qual a srta. Minchin achava difícil tratar – talvez por saber que estava fazendo algo desumano e impiedoso.

– Você não terá tempo para bonecas no futuro – falou a srta. Minchin. – Terá que trabalhar, se aprimorar e se fazer útil.

Sara manteve o olhar estranho e arregalado concentrado nela e não falou uma palavra.

– Tudo agora será diferente – continuou a srta. Minchin. – Suponho que a srta. Amélia tenha lhe explicado a situação.

– Explicou – respondeu Sara. – Meu pai morreu. Ele não me deixou dinheiro. Estou muito pobre.

– Você é uma indigente – disse a srta. Minchin, o temperamento se enfurecendo ao lembrar o que aquilo significava. – Parece que não tem família, nem lar, nem ninguém para cuidar de você.

Por um momento, o rostinho pálido e magro se contorceu, mas Sara não disse nada.

– Que cara é essa? – perguntou a srta. Minchin, ríspida. – É tão burra que não me entendeu? Estou dizendo que você está totalmente só no mundo, e não tem ninguém para cuidar de você, a não ser que eu escolha mantê-la aqui por caridade.

– Entendi – respondeu Sara, em voz baixa, e fez o som de engolir alguma coisa que subira à sua garganta. – Entendi.

– Aquela boneca – exclamou a srta. Minchin, apontando para o esplêndido presente de aniversário colocado em uma cadeira –, aquela boneca ridícula, com todas as suas coisas extravagantes e absurdas... eu paguei a conta!

Sara virou o rosto para a cadeira.

– A Última Boneca – falou. – A Última Boneca.

Sua voz fraca e triste tinha um tom estranho.

– Última Boneca, mesmo! – disse a srta. Minchin. – E é minha, não sua. Tudo que você tem é meu.

– Por favor, fique com ela, então – disse Sara. – Não a quero.

Se Sara tivesse chorado e soluçado, apavorada, talvez a srta. Minchin tivesse até tido mais paciência. Ela era uma mulher que gostava de dominar e sentir poder, mas, olhando para o rostinho

pálido e inabalável de Sara e ouvindo sua vizinha orgulhosa, ela sentia como se toda sua autoridade estivesse dirigida ao nada.

– Não se faça de importante – falou. – A hora dessas coisas já passou. Você não é mais princesa nenhuma. Sua carruagem e seu pônei serão mandados embora, e sua criada, demitida. Você vestirá suas roupas mais velhas e simples, pois as roupas extravagantes não são mais adequadas a seu posto. Você é como Becky, e deve trabalhar para viver.

Para sua surpresa, um leve brilho surgiu nos olhos da menina, como um sinal de alívio.

– Posso trabalhar? – perguntou ela. – Se puder trabalhar, não será tão grave. O que posso fazer?

– Pode fazer o que mandarem – veio a resposta. – Você é uma menina esperta e aprende fácil. Se for útil, posso deixá-la continuar aqui. Você fala francês bem, e pode me ajudar com as crianças menores.

– Posso? – exclamou Sara. – Ah, por favor! Sei que posso ensiná-las. Gosto delas, e elas gostam de mim.

– Pare com essa besteira de gostaram de você – disse a srta. Minchin. – Você precisará fazer mais do que ensinar às crianças. Precisarás cuidar de afazeres e ajudar na cozinha, assim como na sala de aula. Se não me agradar, será mandada embora. Lembre-se disso. Agora, vá.

Sara ficou mais um momento parada, olhando para ela. Em sua alma jovem, estava pensando coisas profundas e estranhas. Finalmente, se virou para sair da sala.

– Pare! – disse a srta. Minchin. – Não pretende me agradecer?

Sara parou, e todos os pensamentos profundos e estranhos subiram ao seu peito.

– Por quê? – perguntou.

– Pela minha bondade – respondeu a srta. Minchin. – Pela minha generosidade em oferecer a você um lar.

Sara avançou dois ou três passos. Seu peito magro subiu e desceu, e ela falou com uma voz estranha e feroz, nada infantil.

– Você não é boa – falou. – Não é generosa, e este não é um lar.

Ela se virou e saiu da sala antes que a srta. Minchin pudesse

impedi-la ou fazer qualquer coisa além de olhar para a porta, petrificada de raiva.

Ela subiu as escadas devagar, mas ofegante, abraçada com força a Emily.

– Queria que ela falasse – murmurou. – Se ela falasse... se ela falasse!

Ela planejava ir ao seu quarto, se deitar na pele de tigre, com o rosto enfiado na cabeça do felino, e olhar para a lareira e pensar, pensar e pensar. Contudo, logo antes de chegar ao patamar, a srta. Amélia saiu pela porta, a trancou e ficou parada na sua frente, nervosa e constrangida. A verdade era que ela sentia, secretamente, vergonha de cumprir as ordens que havia recebido.

– Você... você não pode mais entrar aqui – falou.

– Não posso entrar? – exclamou Sara, dando um passo para trás.

– Não é mais seu quarto – respondeu a srta. Amélia, corando um pouco.

De repente, Sara entendeu. Ela compreendeu que era o início da mudança mencionada pela srta. Minchin.

– Onde fica meu quarto? – perguntou, com enorme esperança de que a voz não tremesse.

– Você deverá dormir no sótão, junto a Becky.

Sara sabia onde ficava. Becky já havia contado. Ela se virou e subiu dois lances de escada. A última era estreita, coberta por faixas gastas de carpete velho. Ela sentia que estava indo embora, abandonando o mundo em que aquela outra menina, que não parecia mais ser ela, vivera. A menina de vestido velho, curto e justo que subia as escadas para o sótão era uma criatura inteiramente diferente.

Quando chegou à porta do sótão e a abriu, seu coração bateu assustado. Ela fechou a porta, a trancou e se encostou.

Era mesmo outro mundo. O cômodo tinha um teto inclinado e fora caiado. A pintura estava encardida e descascada em alguns lugares. Havia uma grelha enferrujada, um velho estrado de cama de ferro, e uma cama dura coberta por uma manta desbotada. Alguns móveis, gastos demais para serem usados lá embaixo,

tinham sido mandados para lá. Sob a claraboia do telhado, que só revelava um traço de céu feio e cinzento, encontrava-se um escabelo vermelho, velho e puído. Sara caminhou até ele e se sentou. Ela raramente chorava. Ela não chorou. Deitou Emily em seu colo, grudou seu rosto no dela e a abraçou, e ficou ali, a pequena cabeça de cabelos pretos encostada no tecido preto, sem dizer uma palavra, sem fazer um som.

Enquanto estava sentada em silêncio, veio uma batidinha suave na porta – tão baixa e modesta que, inicialmente, ela não ouviu, e só percebeu quando a porta foi timidamente aberta e um pobre rosto choroso apareceu. Era o rosto de Becky, que passara horas chorando furtivamente e esfregando os olhos com o avental, o que deixou sua aparência realmente estranha.

– Ah, senhorita – sussurrou ela. – Posso... A senhorita me permite... Só entrar?

Sara ergueu o rosto e olhou para ela. Tentou abrir um sorriso, mas não conseguiu. De repente – por causa da tristeza carinhosa dos olhos marejados de Becky –, seu rosto pareceu mesmo o de uma criança imatura para a própria idade. Ela estendeu a mão e soltou um soluço.

– Ah, Becky – falou. – Eu disse que éramos iguais... só duas meninas... duas meninas, simplesmente. Vê como é verdade? Não há diferença agora. Não sou mais princesa.

Becky correu até ela, pegou sua mão e a levou ao peito em um abraço, se ajoelhando ao seu lado e soluçando de amor e dor.

– Sim, senhorita, é sim – exclamou, as palavras entrecortadas. – O que quer que aconteça com você... qualquer coisa que seja... será uma princesa, do mesmo jeito... e nada vai poder fazer você ficar diferente.

No sótão

Sara nunca esqueceu a primeira noite passada no sótão. No seu decorrer, ela viveu uma dor profunda e nada infantil, sobre a qual nunca falou para ninguém. Ninguém teria entendido. De fato, foi até bom que, acordada no escuro, sua cabeça se distraísse obrigatoriamente, vez ou outra, pela estranheza dos arredores. Talvez fosse bom ser lembrada, pelo pequeno corpo, de coisas materiais. Não fosse isso, a angústia de sua mente talvez tivesse sido demais para uma criança aguentar. Mas, na realidade, no decorrer da noite, ela mal notou ter um corpo, ou lembrou qualquer coisa além do principal.

– Meu papai morreu! – sussurrava baixinho. – Meu papai morreu!

Só depois de muito tempo ela notou que a cama era tão dura que ela precisava se revirar sem parar para descansar, que a escuridão era mais intensa do que qualquer outra que já vira, e que o vento zunia entre as chaminés do telhado como um animal que uivava alto. Havia também algo pior: certos ruídos de passinhos arrastados, arranhões e guinchos atrás das paredes e dos rodapés. Ela sabia o que eram, pois Becky os descrevera. Eram ratos e camundongos, brigando ou brincando. Vez ou outra ela até escutou patinhas com garras afiadas correndo pelo chão e, dias depois, em que começou a lembrar, recordou que, ao ouvi-los, sentou na cama sobressaltada e tremendo, e ao voltar a deitar, cobriu a cabeça com a manta.

A mudança em sua vida não foi gradual, mas repentina.

– Ela precisa começar logo com o que vem pela frente – disse a

srta. Minchin à srta. Amélia. – Ela precisa saber logo o que esperar.

Mariette foi embora na manhã seguinte. O vislumbre que Sara teve de sua antiga sala, ao passar pela porta aberta, mostrou que tudo mudara. Os seus ornamentos e luxos tinham sido removidos, e uma cama fora colocada no canto, transformando sua salinha em um quarto para uma nova aluna.

Quando ela desceu para tomar café, viu que seu lugar, ao lado da srta. Minchin, fora ocupado por Lavínia, e a srta. Minchin se dirigiu a ela com frieza.

– Você vai começar o novo trabalho, Sara – falou –, sentada à mesa menor, com as crianças pequenas. Você deve mantê-las quietas e fazê-las se comportar, sem desperdiçar comida. Você deveria ter descido mais cedo. Lottie já derrubou o chá.

Aquele foi só o começo e, dia após dia, as tarefas foram se somando. Ela ensinava francês às meninas mais novas e acompanhava suas outras aulas, e esse era o menor de seus trabalhos. Descobriu-se que ela era útil em inúmeras situações. Podia ser mandada para resolver coisas na rua a qualquer hora, em qualquer clima. Podia fazer coisas que outras pessoas esqueciam. A cozinheira e as faxineiras seguiram o tom ditado pela srta. Minchin, e gostavam de dar ordens para a “mocinha” que fora tão mimada por tanto tempo. Elas não eram criadas da melhor classe, e não tinham nem bons modos, nem bom temperamento, então era frequentemente conveniente ter alguém à mão para servir de bode expiatório.

Durante os primeiros dois meses, Sara acreditou que sua disposição para fazer tudo da melhor forma possível, e se manter quieta sob censura, poderia tranquilizar aqueles que a exploravam. Em seu coraçãozinho orgulhoso ela queria que vissem que ela estava tentando merecer seu sustento, em vez de aceitar esmola. Contudo, chegou certo ponto em que ela notou que ninguém se tranquilizara; quanto mais disposta ela se mostrava para fazer o que mandavam, mais agressivas e controladoras as faxineiras descuidadas se tornavam, e mais as cozinheiras tendiam a repreendê-la e culpá-la.

Se Sara fosse mais velha, a srta. Minchin a teria mandado dar aulas para as alunas mais velhas, demitindo uma tutora; contudo,

enquanto ela ainda fosse criança, com aparência de criança, era mais útil como uma espécie de secretária e empregada doméstica. Um garoto de recados comum não seria tão esperto e confiável. Sara sabia dar conta de tarefas difíceis e mensagens complicadas. Ela até podia pagar contas, e também era capaz de espanar bem um cômodo e arrumar os móveis.

As aulas dela ficaram para trás. Ela não aprendia nada de novo, e só depois de dias longos e cheios, correndo de um lado para o outro sob todas as ordens, tinha permissão relutante para ir à sala de aula vazia, com uma pilha de livros velhos, para estudar sozinha, à noite.

– Se eu não me lembrar do que aprendi, talvez esqueça tudo – disse para si mesma. – Sou praticamente uma criada qualquer, e se for uma criada que não sabe nada, serei como a pobre Becky. Não sei se chegaria *mesmo* a esquecer, ou a mudar o modo de falar e não saber nem que Henrique VIII teve seis esposas.

Uma das coisas mais curiosas em sua nova existência era a mudança de sua posição entre as alunas. Em vez de ser uma espécie de pequena aristocrata entre elas, não parecia nem pertencer ao mesmo grupo. Era mantida tão ocupada no trabalho que mal tinha a oportunidade de conversar com as outras meninas, e não podia deixar de notar que a srta. Minchin preferia que ela vivesse separada das alunas.

– Não quero que ela crie intimidade e converse com as outras garotas – disse a mulher. – Meninas adoram uma lamentação, e se ela começar a contar historinhas românticas, se tornará uma mocinha maltratada, e os pais terão a impressão errada. É melhor que ela viva separadamente, de modo adequado às suas circunstâncias. Estou oferecendo-lhe um lar, e já é mais do que ela tem direito de exigir de mim.

Sara não esperava muito, e era orgulhosa demais para tentar continuar íntima de garotas que nitidamente sentiam-se inseguras e constrangidas em relação a ela. O fato era que as pupilas da srta. Minchin eram um grupo de jovens tolas e sem graça. Elas estavam acostumadas à vida rica e confortável e, conforme os vestidos de Sara ficavam mais curtos, puídos e estranhos, e tornava-se fato conhecido que ela calçava sapatos furados e era mandada para fazer compras que carregava pelas

ruas em uma cesta quando a cozinheira precisava de comida urgentemente, sentiam que, ao falar com ela, se dirigiam a uma mera criada.

– E pensar que ela era a menina das minas de diamante – comentou Lavínia. – Ela está com uma cara e tanto. E mais estranha do que nunca. Nunca gostei muito dela, mas não aguento aquele jeito que ela agora tem de olhar para as pessoas sem falar, como se as estivesse inquirindo.

– E estou – disse Sara, imediatamente, ao ouvir aquilo. – É por isso que olho para algumas pessoas. Gosto de saber sobre elas. Penso nelas depois.

A verdade era que ela se poupava de chateação várias vezes ao ficar de olho em Lavínia, que estava sempre prestes a causar prejuízo, e que teria demonstrado bastante prazer em causá-lo para a antiga pupila modelo.

Sara, por sua vez, nunca fazia bagunça, nem interferia com ninguém. Ela trabalhava arduamente; percorria as ruas molhadas, carregando pacotes e cestas; se esforçava contra a desatenção infantil nas aulas de francês das mais novas; e quando ficou com a aparência mais abandonada e maltrapilha, recebeu ordens de fazer as refeições no subsolo. Ela era tratada como se não fosse problema de ninguém, e seu coração foi ficando orgulhoso e dolorido, mas ela nunca disse a ninguém o que sentia.

– Soldados não reclamam – dizia, entre os dentes pequenos e apertados. – Não vou reclamar. Vou fingir que estou na guerra.

Contudo, havia horas em que seu coração infantil quase teria cedido de solidão, não fosse por três pessoas.

A primeira, deve-se reconhecer, era a própria Becky. Durante aquela primeira noite no sótão, Sara sentira um vago conforto por saber que, do outro lado da parede na qual ratos corriam e guinchavam, estava outra jovem criatura humana. No decorrer das noites, a sensação de conforto cresceu. Elas tinham pouca oportunidade de conversar durante o dia. Cada uma tinha suas tarefas a cumprir, e qualquer tentativa de conversa seria vista como tendência preguiçosa e perda de tempo.

– Não se incomode, senhorita – cochichou Becky na primeira manhã –, se eu não falar nada de educado. Alguém brigaria com a

gente se eu falasse. Eu quero dizer “por favor” e “obrigada” e “licença”, mas não posso perder o tempo de dizer.

Contudo, antes do amanhecer, ela entrava no quarto de Sara, abotoava seu vestido e a ajudava no que fosse preciso antes de descer para acender o fogão da cozinha. E ao cair da noite, Sara sempre ouvia a batida modesta na porta, significando que sua camareira estava pronta para ajudá-la de novo, se necessário. Na primeira semana de luto, Sara sentia-se estupefata demais para falar, então algum tempo se passou sem que elas se vissem muito ou se visitassem. O coração de Becky lhe dizia que era melhor que pessoas fossem deixadas em paz durante o sofrimento.

A segunda do trio de conforto era Ermengarde, mas aconteceram coisas estranhas antes que Ermengarde encontrasse seu lugar.

Quando a cabeça de Sara pareceu acordar para a vida a seu redor, ela reparou que esquecera que Ermengarde existia. As duas sempre foram amigas, mas Sara se sentia anos mais velha. Era inegável que Ermengarde era tão parva quanto afetuosa. Ela se agarrava a Sara de modo simples e desamparado; levava as tarefas da escola para pedir ajuda; ouvia todas as suas palavras e implorava por histórias. Contudo, ela não tinha nada para dizer em troca, e odiava livros de todo tipo. Na verdade, não era uma pessoa da qual alguém se lembraria em meio à turbulência de grandes problemas, e Sara a esqueceu.

Fora ainda mais fácil esquecê-la porque ela tinha sido levada para casa, repentinamente, por algumas semanas. Quando voltou, ela não viu Sara por um ou dois dias, e, quando a viu pela primeira vez, a encontrou descendo um corredor carregada de roupas que precisavam ser levadas para o conserto. A própria Sara fora ensinada a consertá-las. Ela estava pálida e diferente, usando um vestido estranho e pequeno, curto a ponto de mostrar muito das pernas magras, vestidas em meias-calças pretas.

Ermengarde era devagar demais para entender uma situação daquelas. Ela não sabia o que dizer. Sabia o que tinha acontecido, mas nunca imaginara que Sara poderia ficar daquele jeito – tão estranha, pobre, quase uma criada. O fato a entristeceu muito, e ela só conseguiu soltar uma gargalhada curta e histérica e exclamar, sem propósito e quase sem sentido:

– Ah, Sara, é você?

– Sou – respondeu Sara, e de repente um pensamento estranho passou por sua mente e a fez corar.

Ela carregava a pilha de roupas nos braços, com o queixo apoiado no alto, para manter tudo equilibrado. Algo naquele olhar direto fez Ermengarde perder o fio da meada de novo. Era como se Sara tivesse se transformado em um novo tipo de menina, que ela nunca conhecera. Talvez fosse porque ela de repente se tornara pobre e precisava costurar e trabalhar como Becky.

– Ah – gaguejou. – Como... como vai?

– Não sei – respondeu Sara. – E você?

– Eu... eu vou bem – disse Ermengarde, tomada por vergonha.

Finalmente, de modo espasmódico, lhe ocorreu algo mais íntimo a dizer.

– Você... você está muito infeliz? – perguntou rapidamente.

Sara cometeu, então, uma injustiça. Bem naquele momento, seu coração partido inchou e ela sentiu que qualquer pessoa burra assim deveria se afastar dela.

– O que acha? – perguntou. – Acha que estou feliz?

Assim, saiu a passos largos, sem dizer mais uma palavra.

Ao longo do tempo, ela notou que se sua dor não a tivesse feito esquecer de algumas coisas, teria sabido que Ermengarde, pobre coitada, não era culpada por seus modos desajeitados e despreparados. Ela sempre fora desajeitada e, quanto mais sentia, mais burra tendia a se mostrar.

Contudo, o pensamento repentino que lhe ocorrera a deixara muito sensível.

Ela é como as outras, pensou. Não quer falar comigo. Sabe que ninguém quer.

Portanto, por várias semanas, ergueu-se uma barreira entre elas. Quando se encontravam, por acaso, Sara desviava o olhar, e Ermengarde sentia-se constrangida e confusa demais para falar. Às vezes, acenavam ao passar, mas, em outras, nem mesmo se cumprimentavam.

Se ela prefere não falar comigo, pensou Sara, melhor eu sair do caminho. A srta. Minchin facilita isso.

A srta. Minchin facilitou tanto que, no fim, elas mal se viam. Naquela época, se notou que Ermengarde estava mais burra do que nunca, além de desatenta e infeliz. Ela sentava-se à beira da janela, encolhida, e olhava para fora em silêncio. Uma vez, Jessie, que passava por ali, parou e a olhou, curiosa.

– Por que está chorando, Ermengarde? – perguntou.

– Não estou – respondeu Ermengarde, a voz incerta e abafada.

– Está, sim – disse Jessie. – Acabou de escorrer uma lágrima enorme do seu nariz. E lá vem outra.

– Bom – disse Ermengarde –, estou muito triste, e ninguém precisa se meter.

Ela virou as costas gorduchas, pegou o lenço e escondeu o rosto nele.

Naquela noite, quando Sara subiu ao sótão, chegou ainda mais tarde do que de costume. Fora obrigada a trabalhar até depois das pupilas se recolherem aos quartos, e ainda seguira para a sala de aula solitária, para estudar. Quando chegou ao topo da escada, se surpreendeu ao ver uma luz escapando por baixo da porta do sótão.

Ninguém vem aqui além de mim, mas alguém acendeu uma vela, pensou, rapidamente.

Alguém de fato acendera uma vela, que não ardia no castiçal da cozinha que ela deveria usar, mas em um dos castiçais dos quartos das alunas. E esse alguém estava sentado no escabelo puído, vestindo uma camisola e um xale vermelho. Era Ermengarde.

– Ermengarde! – exclamou Sara, tão surpresa que quase se assustou. – Você vai se meter em problemas.

Ermengarde se levantou do escabelo, desajeitada. Ela percorreu o sótão arrastando os pés, calçados em pantufas grandes demais. Os olhos e o nariz estavam rosados de tanto chorar.

– Eu sei... se for pega – falou. – Mas não ligo... não ligo nem um pouco. Ah, Sara, por favor, me diga. Qual é o problema? Por que você não gosta mais de mim?

Algo na voz dela fez o nó conhecido apertar a garganta de Sara.

Era tão carinhoso e simples, tão semelhante à antiga Ermengarde, a mesma que havia perguntado se ela queria ser sua “melhor amiga”. Parecia que ela não queria indicar o que dera a impressão de indicar naquelas últimas semanas.

– Gosto de você, sim – respondeu Sara. – Eu achei... sabe, tudo agora está diferente. Achei que você... estivesse diferente.

Ermengarde arregalou os olhos marejados.

– Ora, foi você que ficou diferente! – exclamou. – Você não queria falar comigo. Eu não sabia o que fazer. Você que estava diferente quando voltei.

Sara refletiu por um momento, e notou que cometera um erro.

– Estou *mesmo* diferente – explicou –, mas não do modo que você espera. A srta. Minchin não quer que eu fale com as meninas. A maioria delas não quer falar comigo. Achei que... talvez... você não quisesse. Então tentei me afastar.

– Ah, Sara!

Ermengarde quase uivou, de censura e choque. Após mais um olhar, elas correram para se abraçar. A cabecinha de Sara passou alguns minutos encostada no ombro coberto pelo xale vermelho. Ao achar que Ermengarde a tinha abandonado, ela se sentira horivelmente solitária.

Depois, elas se sentaram juntas no chão, Sara abraçada aos joelhos, Ermengarde enroscada no xale. Ermengarde olhou com amor para a carinha estranha e de olhos arregalados.

– Não estava mais aguentando – falou. – Ouso dizer que você viveria sem mim, Sara, mas eu não viveria sem você. Quase *morri*. Então, hoje, chorando debaixo das cobertas, pensei em vir até aqui e implorar para sermos amigas de novo.

– Você é melhor do que eu – disse Sara. – Fui orgulhosa demais para tentar fazer amigos. Viu, agora que chegaram os desafios, eles mostraram que não sou uma boa menina. Era o que eu temia. Talvez – falou, franzindo a testa em expressão sábia – tenham acontecido comigo por isso.

– Não vejo vantagem nenhuma nisso – disse Ermengarde, resoluta.

– Nem eu... para ser sincera – confessou Sara, francamente. –

Mas acho que pode haver um lado bom, mesmo que não vejamos. Pode – falou, com dúvida – haver algo de bom na srta. Minchin.

Ermengarde olhou ao redor do sótão com curiosidade, um tanto tímida.

– Sara, você acha que aguenta morar aqui?

Sara também olhou ao redor.

– Se eu fizer de conta que é bem diferente, aguento – respondeu. – Ou se fizer de conta que é um cenário de história.

Ela falava lentamente. Sua imaginação começava a trabalhar. Não andava funcionando desde que aquelas turbulências tinham começado. Ela sentia que a imaginação fora atordoada também.

– Outras pessoas já viveram em lugares piores. Pense no conde de Monte Cristo nas masmorras do Château d’If. E pense nas pessoas na Bastilha!

– A Bastilha – sussurrou Ermengarde, observando-a com fascínio.

Ela lembrava as histórias da Revolução Francesa que Sara conseguira fixar em sua memória graças às narrativas dramáticas. Só Sara conseguiria aquilo.

Um brilho conhecido subiu aos olhos de Sara.

– Isso – disse ela, abraçando os joelhos –, vai ser um bom faz de conta. Sou prisioneira da Bastilha. Estou aqui há anos, anos e anos, e todos me esqueceram. A srta. Minchin é a carcereira... E Becky... – continuou, mais uma luz se somando ao brilho no olhar. – Becky é a prisioneira da cela ao lado.

Ela se virou para Ermengarde, com a cara da Sara de antigamente.

– Vou fazer de conta – declarou – e será um enorme conforto.

Ermengarde ficou ao mesmo tempo extasiada e encantada.

– E você vai me contar como é? – perguntou. – Posso vir até aqui de noite, quando for seguro, e ouvir o que você inventou durante o dia? Vai parecer que somos mais “melhores amigas” do que nunca.

– Sim – respondeu Sara, assentindo. – A adversidade desafia as pessoas, e a minha desafiou você, provando como você é boa.

Melquisedec

A terceira pessoa no trio era Lottie. Ela era uma coisinha pequena e não sabia o significado de adversidade, então ficou extremamente chocada com a alteração que viu na jovem mãe adotiva. Ouvira rumores de que coisas estranhas tinham acontecido com Sara, mas não entendia por que ela estava tão diferente – por que usava um vestido preto velho e só ia à sala dar aula, em vez de sentar-se no lugar de honra e aprender também. Houvera muitos cochichos entre as pequenas quando elas descobriram que Sara não morava mais nos aposentos onde Emily passara tanto tempo sentada. A principal dificuldade de Lottie era que Sara dizia muito pouco quando ela fazia perguntas. Aos sete anos, mistérios devem se tornar muito claros para que se possa entendê-los.

– Você agora é muito pobre, Sara? – perguntara, confidencialmente, na primeira manhã em que sua amiga se encarregara da turma de francês. – É pobre como uma pedinte? – insistiu, apertando a mão magra com a sua, gorducha, e abrindo olhos arregalados e marejados. – Não quero que você seja pobre como uma pedinte.

Ela parecia prestes a chorar, e Sara se apressou em consolá-la.

– Pedintes não têm onde morar – disse, corajosa. – Eu tenho onde morar.

– Onde você mora? – insistiu Lottie. – A menina nova dorme no seu quarto, e não é mais tão bonito.

– Moro em outro quarto – disse Sara.

– É bonito? Quero ir visitar.

– A gente não pode conversar – disse Sara. – A srta. Minchin está de olho. Ela vai ficar chateada comigo por deixar você cochichar.

Sara já tinha descoberto que seria criticada e responsabilizada por tudo que fosse possível. Se as crianças não prestassem atenção, se falassem, se ficassem inquietas, ela seria repreendida.

Lottie, contudo, era uma pessoinha determinada. Se Sara não queria contar onde morava, ela descobriria de outro modo. Ela conversou com as pequenas companheiras, ficou perto das meninas mais velhas e escutou as fofocas. A partir de certas informações que elas tinham soltado distraidamente, ela seguiu, em certo fim de tarde, em uma viagem de descoberta, subindo escadas cuja existência desconhecia, até chegar ao sótão. Ali, encontrou duas portas vizinhas e, ao abrir a primeira, viu sua querida Sara sobre uma mesa velha, olhando pela janela.

– Sara! – exclamou, chocada. – Mamãe Sara!

Ela estava chocada, porque o sótão era vazio e sujo, e parecia distante demais do mundo. Suas perninhas curtas sentiam que tinham subido centenas de degraus.

Sara se virou ao som de sua voz. Foi sua vez de ficar em choque. O que aconteceria se Lottie comesse a chorar e alguém escutasse? As duas estariam perdidas. Ela desceu da mesa em um pulo e correu até a menina.

– Não chore, nem faça barulho – implorou. – Se fizer, receberei uma bronca, e passei o dia todo sendo repreendida. Não... não é um quarto tão ruim, Lottie.

– Não é? – suspirou Lottie, olhando ao redor e mordendo o lábio.

Ela ainda era uma menina mimada, mas gostava da mãe adotiva o bastante para se esforçar e se controlar em seu nome. Além disso, era bastante possível que, de alguma forma, qualquer lugar em que Sara morasse acabasse sendo bom.

– Por que não, Sara? – quase cochichou.

Sara a abraçou apertado e tentou rir. Havia certo conforto no calor do corpinho rechonchudo e infantil. Ela tivera um dia difícil e observava as janelas com olhos ardidos.

– Dá para ver todo tipo de coisa que não vemos lá de baixo –

falou.

– Que tipo de coisa? – perguntou Lottie, com aquela curiosidade que Sara sempre despertava, até nas meninas maiores.

– Chaminés, bem pertinho, com fumaça subindo em espirais até os céus e nuvens, pardais pulando e conversando como se fossem gente, e outras janelinhas de sótão, onde cabeças podem aparecer a qualquer minuto, nos fazendo imaginar a quem pertencem. E tudo parece tão alto... como se fosse outro mundo.

– Ah, deixe eu ver! – exclamou Lottie. – Levante-me!

Sara a levantou, e elas subiram na mesa velha juntas, apoiando-se no peitoril da janela reta do telhado, e olharam para fora.

Quem nunca fez isso não imagina o mundo diferente que elas viram. As telhas se estendiam para os dois lados, descendo inclinadas até as calhas. Os pardais, sentindo-se em casa, cantarolavam e pulavam de um lado para o outro, sem medo. Dois deles se empoleiraram na chaminé mais próxima e brigaram até um bicar o outro e sair voando. A janela do sótão ao lado da delas estava trancada, porque a casa ao lado estava vazia.

– Queria que alguém morasse ali – disse Sara. – É tão perto que, se tivesse uma menininha no sótão, poderíamos conversar e entrar pela janela uma da outra para uma visita, se não sentíssemos medo de cair.

O céu parecia tão mais perto do que da rua, que Lottie ficou encantada. Da janela do sótão, entre as chaminés, as coisas que aconteciam no mundo abaixo pareciam quase irreais. Mal dava para acreditar na existência da srta. Minchin, da srta. Amélia e da sala de aula, e as rodas girando na praça pareciam ruídos de outra existência.

– Ah, Sara! – exclamou Lottie, abraçada à guardiã. – Gostei desse sótão... gostei, mesmo! É melhor que lá embaixo!

– Olhe para aquele pardal – cochichou Sara. – Queria ter algumas migalhas para oferecer.

– Eu tenho! – disse Lottie, com um gritinho. – Tenho um pedaço de pãozinho no meu bolso; comprei ontem com minhas moedas, e guardei um pouco.

Quando elas jogaram algumas migalhas, o pardal pulou e voou para longe, para outra chaminé adjacente. Ele evidentemente não estava acostumado com intimidades no sótão, e migalhas inesperadas o assustaram. Contudo, como Lottie ficou imóvel e Sara gorjeou baixinho, quase como se fosse também um pardal, ele viu que o que o assustara representava hospitalidade, na verdade. Ele inclinou a cabeça e, do seu lugar na chaminé, observou as migalhas com olhar cintilante. Lottie mal conseguia se conter.

– Ele vem? Ele vem? – cochichou.

– Pelo olhar, parece que sim – cochichou Sara de volta. – Ele está pensando, considerando se terá coragem. Vai, sim! Eba, lá vem ele!

Ele desceu voando e foi aos pulinhos até as migalhas, mas parou a meros centímetros de distância, virando a cabeça de lado de novo, como se refletisse sobre as chances de Sara e Lottie serem gatos enormes prestes a atacá-lo. Finalmente, seu coração decidiu que elas eram mais simpáticas do que pareciam, e ele pulou cada vez mais perto, investiu contra a maior migalha com uma bicada relâmpago, e a carregou para o outro lado da chaminé.

– Agora ele sabe – disse Sara. – E virá pegar o resto.

Ele voltou mesmo, e até levou um amigo, e o amigo se foi e trouxe um parente, e fizeram uma refeição caprichada, ao redor da qual piaram, cantarolaram e exclamaram, parando de vez em quando para virar a cabeça de lado e examinar Lottie e Sara. Lottie ficou em tal êxtase que chegou a esquecer sua primeira impressão ruim do sótão. Na verdade, quando foi tirada da mesa e levada de volta aos assuntos da terra, por assim dizer, Sara foi capaz de apontar muitas das belezas do cômodo, das quais nem ela própria teria suspeitado.

– É tão pequeno e tão acima de tudo – falou – que é quase um ninho de árvore. O telhado inclinado é muito engraçado. Viu, mal dá para ficar de pé nessa ponta; e, quando chega a manhã, posso me deitar na cama e olhar para o céu por aquela janela do telhado. É como um quadradinho de luz. Se o sol vai brilhar, nuvenzinhas rosadas flutuam ali, e sinto que poderia tocá-las. E, se chove, as gotas batucam e tamborilam como se dissessem coisas boas. Finalmente, no caso de estrelas, dá para deitar e contar quantas

aparecem no quadrado. São muitas. E olhe para aquela gradezinha pequena e enferrujada no canto. Se fosse polida e se acendesse a lareira, imagine como seria gostoso. Viu só? É mesmo um quartinho lindo.

Ela estava andando pelo espaço pequeno, de mãos dadas com Lottie, fazendo gestos e descrevendo todas as belezas que se fazia enxergar. Conseguiu fazer Lottie enxergá-las também. Lottie sempre acreditava nos retratos que Sara descrevia.

– Veja – falou –, daria para colocar no chão um tapete indiano azul, grosso e macio; e naquele cantinho, um sofá macio e pequeno, com almofadas nas quais se enroscar; bem ali, uma estante cheia de livros para alcançar com facilidade; e um tapete de pele na frente da lareira, além de tapeçarias na parede, para disfarçar a pintura, e quadros. Teriam de ser quadros pequenos, mas poderiam ser bonitos; e poderia ter uma luminária com uma cúpula cor-de-rosa escuro; além de uma mesa de centro, com coisinhas para o chá; uma chaleira grande de cobre no fogo; e a cama poderia ser bem diferente. Poderia ser macia, coberta com uma linda manta de seda. Poderia ser linda. E talvez pudéssemos chamar os pardais até sermos tão amigas deles que eles viriam bicar a janela, pedindo para entrar.

– Ah, Sara! – exclamou Lottie. – Eu gostaria de morar aqui!

Quando Sara a persuadiu a descer de novo e então se despediu, voltou para o sótão, parou no meio do cômodo e olhou ao redor. O feitiço da imaginação com Lottie se esvaíra. A cama era dura, coberta com uma manta puída. A parede caiada revelava partes descascadas, o chão era frio e descoberto, a grelha, quebrada e enferrujada, e o escabelo gasto, pendendo para o lado devido à perna quebrada, era o único assento no quarto. Ela se sentou nele por alguns minutos, apoiando a cabeça nas mãos. O mero fato de Lottie ter aparecido e ido embora tornara tudo um pouco pior, assim como talvez um prisioneiro se sinta – um pouco mais desolado depois de uma visita chegar e partir, deixando-o para trás.

– É um lugar solitário – falou. – Às vezes, é o lugar mais solitário do mundo.

Ela estava sentada assim quando sua atenção foi atraída por um barulhinho próximo. Ergueu a cabeça para ver de onde vinha

e, se fosse uma menina medrosa, teria largado o assento gasto com grande pressa. Um rato enorme estava se levantando, apoiado só nas patas traseiras, farejando o ar com interesse. Algumas das migalhas de Lottie tinham caído no chão e o cheiro o atraía da toca.

Ele era tão estranho, tão semelhante a um duende ou gnomo de bigodes cinzentos, que Sara ficou fascinada. Ele a olhou com seus olhos brilhantes, como se fizesse uma pergunta. Sua dúvida era tão evidente que um daqueles pensamentos infantis estranhos lhe veio à mente.

– Deve ser difícil ser um rato – refletiu. – Ninguém gosta de você. As pessoas pulam, saem correndo, gritam “Ah, que rato horrendo!”. Não gostaria que as pessoas gritassem, pulassem e dissessem “Ah, que Sara horrenda!” assim que me vissem. Nem que armassem arapucas para mim, fingindo ser jantar. É muito diferente de ser um pardal. Mas ninguém perguntou a um rato se ele queria ser rato ao ser feito. Ninguém perguntou: “Não prefere ser um pardal?”

Ela estava tão imóvel que o rato começou a criar coragem. Ele sentia muito medo dela, mas talvez tivesse um coração, como o pardal, para avisar que ela não era uma ameaça. Ele estava muito faminto. Tinha uma esposa e uma enorme família vivendo na parede, e fazia muitos dias que estavam passando por um tremendo azar. Ele deixara os filhos chorando amargamente, e sentia que se arriscaria muito pelas migalhas, então, com cuidado, voltou as patinhas ao chão.

– Venha – disse Sara. – Não é armadilha nenhuma. Pode comer, coitadinho! Os prisioneiros da Bastilha faziam amizade com ratos. Imagino que eu possa fazer amizade com você.

Como os animais entendem essas coisas, eu não sei, mas é certo que entendem. Talvez exista uma língua que não use palavras, e que tudo no mundo compreenda. Talvez haja almas escondidas em tudo, que sempre saibam falar, sem emitir som algum, com outras almas. Qualquer que seja a razão, o rato soube, daquele momento em diante, que estava em segurança, mesmo sendo um rato. Ele sabia que aquela jovem humana sentada no escabelo vermelho não pularia para assustá-lo com barulhos altos e desvairados, nem jogaria objetos pesados contra ele, que, se não

caíssem e o esmagassem, o mandariam mancando e rastejando de volta à sua toca. Ele era mesmo um rato muito bondoso, que não fazia mal algum. Quando se erguera nas partes traseiras e farejara o ar, os olhos brilhantes atentos à Sara, esperava que ela entendesse isso, e não comesse a odiá-lo como inimigo. Quando a coisa misteriosa que fala sem palavras disse a ele que ela não o faria, ele foi devagar até as migalhas e começou a comê-las. Ao fazê-lo, olhava vez ou outra para Sara, assim como os pardais haviam feito, e sua expressão inspirava tanta compaixão que a comoveu.

Ela ficou sentada, vendo-o comer, sem fazer movimento algum. Uma migalha era muito maior que as outras – na verdade, mal seria chamada de migalha. Era evidente que ele queria muito aquele pedaço, mas tinha caído muito próximo ao escabelo e ele ainda estava tímido.

Acredito que ele queria carregar esse pedaço para a família na parede, pensou Sara. Se eu não me mexer nadinha, talvez ele venha buscá-lo.

Ela mal se permitiu respirar, de tão profundamente interessada. O rato rastejou para um pouco mais perto e comeu mais algumas migalhas, então parou e farejou delicadamente, olhando de relance para a ocupante do escabelo; finalmente, avançou contra o pedacinho de pão com ousadia repentina muito semelhante à do pardal e, no instante em que o pegou, fugiu de volta para a parede, se enfiou em uma rachadura do rodapé, e desapareceu.

– Sabia que ele queria levar para os filhos – disse Sara. – Acredito que possa fazer amizade com ele.

Pouco mais de uma semana depois, em uma das raras noites em que Ermengarde considerava seguro escapar para o sótão, quando ela bateu na porta com as pontas dos dedos, Sara levou dois ou três minutos para atender. Havia, na verdade, tal silêncio no quarto que, a princípio, Ermengarde acreditou que a amiga adormecera. Até que, para sua surpresa, ouviu ela soltar uma gargalhada contida e baixa e falar com alguém como o persuadisse.

– Pronto! – ouviu a amiga falar. – Pegue e vá para casa, Melquisedec! Volte para sua esposa!

Quase imediatamente, Sara abriu a porta. Ao fazê-lo, encontrou Ermengarde parada na soleira, de olhos arregalados.

– Com... com *quem* você está falando, Sara? – ofegou.

Sara a chamou com cuidado, mas parecia que algo a agradava e divertia.

– Você precisa prometer não sentir medo... nem gritar sequer um pouquinho, ou não poderei lhe contar – respondeu Sara.

Ermengarde sentiu a vontade de gritar na mesma hora, mas conseguiu se conter. Ela olhou ao redor do sótão e não viu ninguém. Contudo, Sara certamente estava falando com alguém. Ela pensou em fantasmas.

– É... é algo que vai me amedrontar? – perguntou timidamente.

– Algumas pessoas os temem – disse Sara. – Eu também, a princípio... mas não mais.

– Era... um fantasma? – perguntou Ermengarde, trêmula.

– Não – disse Sara, rindo. – Era meu rato.

Ermengarde deu um pulo e caiu no meio da cama encardida. Ela enfiou os pés debaixo da camisola e do xale vermelho. Não gritou, mas soltou um suspiro assustado.

– Ah! Ah! – exclamou baixinho. – Um rato! Um rato!

– Achei mesmo que você fosse se assustar – disse Sara. – Mas não precisa. Estou adestrando ele. Ele me conhece e vem quando chamo. Está com medo demais para vê-lo?

A verdade era que, com o passar dos dias, com a ajuda de restos trazidos da cozinha, sua amizade curiosa se desenvolvera e ela gradualmente foi se esquecendo de que a criatura tímida com quem tinha se familiarizado era um mero rato.

A princípio, Ermengarde ficou alarmada demais para fazer qualquer coisa além de se encolher na cama, ajoelhada, mas ver a expressão serena de Sara e ouvir a história da primeira aparição de Melquisedec começou a atizar sua curiosidade, e ela se curvou sobre a beirada da cama e viu Sara se ajoelhar perto do buraco no rodapé.

– Ele... ele não vai correr e pular na cama, né? – perguntou.

– Não – disse Sara. – Ele é tão educado quanto nós. É igualzinho

a uma pessoa. Agora veja!

Ela começou a fazer um barulhinho baixo de assobio, tão quieto e suplicante que só seria escutado em silêncio total. Ela o fez várias vezes, parecendo inteiramente absorta no ato. Ermengarde achou que, às vezes, parecia que ela estava fazendo um feitiço. Finalmente, claramente em resposta, uma cabecinha de olhos luminosos e bigodes cinzentos surgiu do buraco. Sara tinha algumas migalhas na mão. Ela as largou e Melquisedec se aproximou para comê-las. Um pedaço restante de tamanho maior ele pegou e carregou, do modo mais ordeiro possível, de volta para casa.

– Viu – disse Sara –, aquele pedaço é para a esposa e os filhos. Ele é muito bonzinho. Só come os pedacinhos. Depois que ele volta, sempre ouço a família dele guinchar de alegria. São três tipos de guincho: um das crianças, um da sra. Melquisedec, e um do próprio Melquisedec.

Ermengarde começou a rir.

– Ah, Sara! – exclamou. – Você É estranha... mas é legal.

– Sei que sou estranha – admitiu Sara, alegre –, e tento ser legal.

Ela esfregou a testa com a mãozinha marrom e um olhar confuso e tenro lhe ocorreu.

– O papai sempre ria de mim – falou –, mas eu gostava. Ele me achava estranha, mas gostava que eu inventasse coisas. Eu... eu não consigo deixar de inventar coisas. Se parasse, não sei como viveria.

Ela parou de falar e olhou ao redor do sótão.

– Sei que não conseguiria viver aqui – acrescentou, em voz baixa.

Ermengarde ficou interessada, como de costume.

– Quando você fala das coisas – disse –, elas parecem de verdade. Você fala de Melquisedec como se fosse uma pessoa.

– Ele É uma pessoa – disse Sara. – Sente fome e medo, como nós; e é casado e tem filhos. Como sabemos que ele não pensa, como nós? Os olhos dele parecem de uma pessoa. Foi por isso que dei um nome a ele.

Ela se sentou no chão em sua posição preferida, abraçando os joelhos.

– Além disso – continuou –, ele é um rato da Bastilha, enviado para ser meu amigo. Sempre arranjo alguns pedaços de pão que a cozinheira jogou fora, e é mais do que o bastante para sustentá-lo.

– Já é a Bastilha? – perguntou Ermengarde, animada. – Você sempre finge que é a Bastilha?

– Quase sempre – respondeu Sara. – Às vezes tento fingir que é outro tipo de lugar, mas a Bastilha costuma ser mais fácil... ainda mais no frio.

No mesmo momento, Ermengarde quase caiu da cama em um pulo, de tão assustada por um barulho que ouviu. Era como duas batidas distintas na parede.

– O que foi isso? – exclamou.

Sara se levantou do chão e respondeu, dramática:

– É a prisioneira na cela ao lado.

– Becky! – exclamou Ermengarde, fascinada.

– Isso – disse Sara. – Ouça; duas batidas significam “Prisioneira, está aí?”.

Sara bateu três vezes na parede, em resposta.

– Isso significa “Sim, estou aqui, e está tudo bem”.

Quatro batidas vieram do lado de Becky.

– Isso significa – explicou Sara – “Então, companheira sofredora, dormiremos em paz. Boa noite”.

Ermengarde sorriu de deleite.

– Ah, Sara! – cochichou, alegre. – É como uma história.

– É uma história – disse Sara. – Tudo é uma história. Você é uma história... eu sou uma história. A srta. Minchin é uma história.

Assim, ela se sentou e falou até Ermengarde esquecer que também era uma espécie de prisioneira fugitiva, e precisar ser lembrada de que não poderia passar a noite toda na Bastilha, e que deveria descer silenciosamente de novo e voltar à sua cama deserta.

O senhor indiano

Era perigoso para Ermengarde e Lottie fazerem visitas ao sótão. Elas nunca podiam ter certeza de quando Sara estaria lá, e não tinham como saber se a srta. Amélia decidiria fazer uma visita de inspeção aos quartos depois das alunas irem dormir. Portanto, as visitas eram raras, e Sara vivia uma vida estranha e solitária. Era ainda mais solitária quando estava nos andares de baixo do que no sótão. Ela não tinha com quem conversar e quando era mandada para cuidar de afazeres fora da escola e andava pelas ruas, uma figurinha desamparada carregando uma cesta ou um embrulho, tentando segurar o chapéu mesmo com o vento à toda, e sentindo a água encharcar os sapatos em dias de chuva, sentia que a multidão apressada ao seu redor tornava sua solidão ainda maior. Enquanto era a princesa Sara, carregada pelas ruas em sua carruagem, ou caminhando acompanhada por Mariette, seu rostinho alegre e animado e seus casacos e chapéus pitorescos faziam com que muita gente a observasse. Uma menininha feliz e bem cuidada naturalmente atrai a atenção. Crianças desgrehadas e malvestidas não eram raras nem bonitas o bastante para que as pessoas se voltassem para elas e sorrissem. Ninguém mais olhava para Sara, nem parecia vê-la quando ela apertava o passo pelas calçadas lotadas. Ela começara a crescer muito rápido e, como só vestia as roupas mais simples que restavam de seu guarda-roupa, sabia que sua aparência era mesmo muito estranha. Todas as suas peças valiosas tinham sido descartadas, e esperava-se que ela usasse o restante enquanto ainda conseguisse vestir. Às vezes, quando passava por uma vitrine espelhada, quase ria abertamente ao vislumbrar seu

reflexo, e às vezes corava, mordida o lábio e dava-se as costas.

À noite, quando passava por casas de janelas acesas, olhava para os quartos aquecidos e se divertia ao imaginar coisas sobre as pessoas que via sentadas à lareira ou à mesa. Sempre a interessara vislumbrar os cômodos antes de fecharem as janelas. Havia várias famílias na praça em que a srta. Minchin morava, com quem ela se tornara bem familiarizada, a seu próprio modo. A que mais gostava era a que chamava de Família Grande. Não porque os membros da família fossem grandes – pois, na verdade, não eram, na maioria –, mas porque eram muitos. A Família Grande tinha oito crianças, uma mãe corpulenta e corada, um pai corpulento e corado, uma avó corpulenta e corada e uma quantidade de criados. Os oito filhos estavam sempre saindo para passear, a pé ou de carrinho, com as babás, ou de carruagem com a mãe, ou correndo até à porta à noite para receber o pai, dar-lhe um beijo, dançar ao redor dele e tirar o seu casaco para revirar os bolsos em busca de presentes, ou ainda se aglomerando perto das janelas do quarto, olhando para fora, se empurrando e rindo – enfim, estavam sempre fazendo coisas agradáveis e adequadas aos gostos de uma família grande. Sara gostava muito deles, e os batizara com nomes literários – nomes bem românticos. Ela os chamava de família Montmorency quando não os chamava de Família Grande. A bebê gorducha e pálida com touca de renda era Ethelberta Beauchamp Montmorency; a outra bebê, Violet Cholmondeley Montmorency; o menininho que começara a andar com suas perninhas tão roliças era Sydney Cecil Vivian Montmorency; e depois vinham Lilian Evangeline Maud Marion, Rosalind Gladys, Guy Clarence, Veronica Eustacia e Claude Harold Hector.

Certa noite, algo muito engraçado aconteceu; mas, talvez, em certo sentido, não tenha sido nada engraçado.

Vários dos Montmorency nitidamente iam a uma festa infantil e enquanto Sara estava passando pela porta, eles cruzaram a calçada para entrar na carruagem que os aguardava. Veronica Eustacia e Rosalind Gladys, em vestidos de renda branca e lindas faixas, tinham acabado de entrar, e Guy Clarence, de cinco anos, as seguia. Ele era um menino tão bonito, com bochechas tão coradas, olhos tão azuis, e uma cabecinha redonda tão linda e coberta de cachinhos, que ao vê-lo Sara esqueceu-se

completamente da cesta e da capa puída que vestia; na verdade, esqueceu-se de tudo além da vontade de observá-lo por um momento. Portanto, ela parou e olhou.

Era perto do Natal, e a Família Grande andava ouvindo muitas histórias sobre crianças pobres, sem pai nem mãe para lhe darem presentes e levá-las ao teatrinho, crianças que viviam, na verdade, com frio, malvestidas e famintas. Nas histórias, pessoas bondosas – às vezes menininhos e meninhas de bom coração – invariavelmente viam as crianças pobres e davam a elas dinheiro ou presentes caros, ou as levavam para deliciosos jantares em casa. Guy Clarence fora levado às lágrimas naquela mesma tarde pela leitura de uma história desse tipo, e desejava ardentemente encontrar uma criança pobre e dar a ela uma certa moeda de seis centavos que possuía, e desse modo cuidar da vida dela. Seis centavos inteiros, na convicção dele, representavam riqueza para todo o sempre. Descendo pela passadeira vermelha disposta na calçada para conduzi-lo da porta à carruagem, ele trazia a moeda em questão no bolso de suas calças de marinheiro curtinhas e assim que Rosalind Gladys entrou no veículo e pulou no assento para quicar na almofada, o garoto viu Sara na calçada molhada, usando seu vestido e seu chapéu puídos, carregando a cesta velha no braço, e olhando para ele, faminta.

Ele achou que os olhos dela demonstravam fome porque, talvez, não tivesse nada para comer há muito tempo. Ele não sabia que tal aparência era da fome pela vida calorosa e alegre de sua casa e de seu rosto corado, e que ela desejava, faminta, abraçá-lo e beijá-lo. Ele só sabia que ela tinha olhos grandes, um rosto fino, pernas magras, uma cesta simples e roupas pobres. Portanto, ele enfiou a mão no bolso, encontrou a moeda e se aproximou dela, benévolo.

– Aqui, pobrezinha – falou. – Eis seis centavos. É um presente.

Sara se assustou e, de repente, notou que estava igualzinha às crianças pobres que vira, em seus melhores dias, esperando na calçada para vê-la descer da carruagem. E ela lhes dera muitas moedas, na época. Ela corou e empalideceu e, por um segundo, sentiu que não podia aceitar aquela querida moedinha.

– Ah, não! – falou. – Ah, não, obrigada. Não posso aceitar!

Sua voz era tão diferente da voz habitual de uma criança de

rua, e seus modos tão semelhantes aos de uma menina bem-criada, que Veronica Eustacia (cujo nome verdadeiro era Janet) e Rosalind Gladys (que na verdade se chamava Nora) se esticaram para escutar.

Guy Clarence, contudo, não seria interrompido em sua benevolência. Ele enfiou a moedinha na mão de Sara.

– Sim, você deve aceitar, pobrezinha! – insistiu, robustamente.
– Pode comprar comida. São seis centavos inteiros!

Havia algo tão honesto e gentil no rosto dele, e parecia que ele ficaria tão profundamente decepcionado se ela não aceitasse, que Sara soube que não poderia recusar. Tamanho orgulho seria uma crueldade. Portanto, ela guardou o orgulho no bolso, ainda que seu rosto ardesse.

– Obrigada – falou. – Você é um menininho muito, muito gentil.

Quando ele entrou correndo na carruagem, alegre, ela se foi, tentando sorrir, mesmo ofegando e com os olhos brilhando e enevoados. Ela sabia que sua aparência era estranha e descuidada, mas, até então, não soubera que poderia ser vista como indigente.

Quando a Família Grande se foi, as crianças lá dentro conversaram com interesse animado.

– Ah, Donald – exclamou Janet, alarmada, usando o nome de verdade de Guy Clarence –, por que ofereceu àquela menininha sua moeda? Tenho certeza de que ela não é pedinte! – Ela não falou como pedinte! – disse Nora. – E não tinha cara de pedinte!

– Além disso, ela não pediu – disse Janet. – Temi que ela ficasse com raiva de você. Sabe, as pessoas ficam com raiva por serem tratadas como pedintes, se não forem pedintes.

– Ela não ficou com raiva – disse Donald, um tanto desanimado, mas ainda firme. – Ela riu um pouco, e disse que eu era um menininho muito, muito gentil. E sou mesmo! – insistiu. – Eram meus únicos seis centavos.

Janet e Nora se entreolharam.

– Uma menina pedinte nunca diria isso – decidiu Janet. – Ela teria dito “Muito obrigada, senhorzinho, muito obrigada, meu senhor”, e talvez feito uma reverência.

Sara não soube nada daquele fato, mas, daquele dia em diante, a Família Grande ficou tão profundamente interessada nela quanto ela, neles. Rostos apareciam à janela do quarto quando ela passava, e muitas discussões sobre quem ela seria ocorriam ao redor da lareira.

– Ela é uma espécie de criada no internato – disse Janet. – Acho que não pertence a ninguém. Acho que é órfã. Mas não é pedinte, por mais descuidada que pareça.

Dali em diante, ela foi chamada por eles de “A-menininha-que-não-é-pedinte”, o que era, claro, um nome bastante longo, e que às vezes ficava engraçado na voz das crianças menores, quando tentavam dizê-lo muito rápido.

Sara conseguiu fazer um furo na moeda e a pendurou no pescoço com um pedacinho gasto de fita. O carinho dela pela Família Grande cresceu; aliás, na verdade, seu carinho por tudo que poderia amar crescia. Ela passou a gostar cada vez mais de Becky, e esperava ansiosamente pelas duas manhãs por semana em que ia à sala de aula para ensinar francês às meninas mais novas. Suas pequenas alunas a amavam, e competiam entre si pelo privilégio de sentar-se ao lado dela e dar-lhe as mãozinhas. Sentilas abraçadas a ela alimentava seu coração faminto. Ela fez tamanha amizade com os pardais que quando subia na mesa, passava a cabeça e os ombros pela janela do sótão e cantarolava, quase imediatamente ouvia um farfalhar de asas e pios em resposta, e com uma pequena revoada os passarinhos encardidos da cidade surgiam e pousavam nas telhas para conversar com ela e se deleitar com as migalhas que ela espalhava. Tornara-se tão íntima de Melquisedec que, em algumas vezes, ele até levava a sra. Melquisedec junto e, em outras, um ou dois filhos. Ela falava com ele e, de alguma forma, ele parecia entender.

Crescera em sua mente uma sensação bastante estranha quanto a Emily, que sempre ficava sentada, olhando para tudo. Surgiu em um de seus momentos de grande solidão. Ela gostaria de acreditar, ou fingir acreditar, que Emily a compreendia e sentia compaixão. Não gostava de admitir para si mesma que sua única companheira não sentia nem ouvia nada. Às vezes, a colocava em uma cadeira e sentava-se na frente dela, no escabelo, a encarando e fazendo de conta até seus próprios olhos se arregalarem por algo

que se assemelhava ao medo – especialmente à noite, quando tudo ficava silencioso, quando o único ruído no sótão eram os passinhos e guinchos ocasionais da família de Melquisedec na parede. Um de seus “faz de conta” era que Emily era uma espécie de bruxa boa que a protegia. Às vezes, depois de olhar para ela até chegar ao grau mais alto de imaginação, Sara fazia perguntas e quase sentia que Emily respondia. Mas ela nunca respondia.

– Quanto a responder – disse Sara, tentando se consolar –, eu não respondo muito. Aliás, nunca respondo, se puder evitar. Quando uma pessoa me insulta, não há nada melhor do que não dizer nenhuma palavra, só olhar para ela e pensar. A srta. Minchin fica lívida de raiva quando faço isso, e a srta. Amélia fica assustada, assim como as meninas. Quando não nos deixamos levar pelas emoções, as pessoas sabem que somos mais fortes do que elas, porque temos força para conter nossa raiva, coisa que elas não têm, então elas dizem coisas estúpidas das quais se arrependem depois. Não há nada tão forte quanto a raiva, exceto aquilo que permite contê-la... isso é mais forte. É bom não responder aos inimigos. Eu quase nunca respondo. Talvez Emily seja parecida comigo e vá além. Talvez ela prefira nem responder aos amigos. Ela guarda tudo no peito.

Contudo, por mais que tentasse se satisfazer com esses argumentos, não era fácil. Quando, depois de um dia longo e difícil, em que ela era mandada de um lado para o outro, às vezes para o vento frio e chuvoso da rua, e chegava molhada e faminta, e era mandada para a rua de novo, pois ninguém queria lembrar que ela era uma simples criança, e que suas pernas magras estariam cansadas e seu corpinho, gelado; quando só recebia palavras ríspidas e olhares frios de desprezo como agradecimento; quando a cozinheira era vulgar e insolente; quando a srta. Minchin estava em seu pior humor, e quando via as garotas rindo entre si de seu descuido – nesses dias, nem sempre era capaz de confortar seu coração magoado, humilhado e solitário com a imaginação, enquanto Emily simplesmente ficava empertigada na cadeira velha, olhando para ela.

Em uma dessas noites, quando chegou ao sótão gelada e faminta, com uma tempestade furiosa em seu peito, o olhar de Emily lhe pareceu tão vazio, suas pernas e braços de serragem tão

inexpressivos, que Sara perdeu todo o controle. Ela não tinha ninguém além de Emily, ninguém no mundo. E ali estava ela.

– Vou morrer logo – disse, inicialmente.

Emily simplesmente a olhou.

– Não aguento mais – disse a pobre menina, tremendo. – Sei que vou morrer. Estou com frio, molhada, morrendo de fome. Andei mil quilômetros hoje e não fizeram nada além de me repreender, desde o amanhecer. E por não ter encontrado a última coisa que a cozinheira me mandou comprar, não me deram jantar. Uns homens riram de mim porque meus sapatos velhos me fizeram escorregar na lama. Agora estou coberta de lama. E eles riram. Está me ouvindo?

Ela encarou os olhos de vidro e o rosto complacente e, de repente, uma espécie de fúria magoada a tomou. Sara ergueu a mãozinha raivosa e derrubou Emily da cadeira, explodindo em soluços exaltados – logo ela, que nunca chorava.

– Você é só uma boneca! – gritou. – Só uma boneca... boneca... boneca! Não pensa em nada. É recheada de serragem. Nunca teve coração. Nada pode fazer você sentir. Você é uma BONECA!

Emily acabou deitada no chão, com as pernas vergonhosamente jogadas por cima da cabeça, e a ponta do nariz amassada; mas ficou calma, até digna. Sara escondeu o rosto nos braços. Os ratos na parede começaram a brigar, se morder, guinchar e correr. Melquisedec estava dando uma bronca em alguém da família.

Os soluços de Sara foram se aquietando. Aquele rompante lhe era tão pouco característico que ela ficou surpresa. Depois de um tempo, ergueu o rosto e olhou para Emily, que parecia estar olhando para ela por um ângulo de lado e, de alguma forma, com uma espécie de compaixão nos olhos vidrados. Sara se abaixou para pegá-la. O remorso a dominou. Ela até sorriu discretamente para si mesma.

– Você não escolheu ser boneca – disse, com um suspiro resignado –, assim como Lavínia e Jessie não escolheram não ter inteligência nenhuma. Não somos todas feitas do mesmo modo. Talvez você seja melhor assim, com serragem.

Ela beijou a boneca, ajeitou as roupas e a endireitou na

cadeira.

Sara desejava muito que alguém ocupasse a casa vazia ao lado. Ela desejava isso por causa da janela do sótão, tão próxima à dela. Parecia-lhe que seria bom vê-la aberta um dia, com alguém passando a cabeça e os ombros pela abertura.

Se a cabeça parecesse simpática, pensou, eu poderia dizer um ‘Bom-dia!’, e todo tipo de coisa poderia acontecer. Mas, claro, é provável que ninguém more ali, a não ser que sejam criados.

Certa manhã, ao virar a esquina da praça depois de ir à mercearia, ao açougue e à padaria, ela viu, para sua enorme alegria, que durante sua ausência bastante prolongada um furgão cheio de móveis estava parado em frente à casa, cujas portas estavam escancaradas, e homens entravam e saíam, sem paletó, carregando embrulhos pesados e móveis.

– Foi ocupada! – disse ela. – Foi mesmo ocupada! Ah, espero que uma cabeça simpática apareça na janela do sótão!

Ela quase quis se juntar ao grupo de desocupados que pararam na calçada para ver a mudança. Imaginava que, se visse os móveis, poderia adivinhar alguma coisa sobre os donos.

As mesas e cadeiras da srta. Minchin são iguaizinhas a ela, pensou. Lembro que pensei isso no minuto em que a vi, mesmo sendo tão pequena. Falei para o papai depois, e ele riu e concordou. Tenho certeza de que a Família Grande tem poltronas e sofás enormes e confortáveis, e vejo que o papel de parede vermelho e florido é igualzinho a eles. É caloroso, alegre, bondoso e feliz.

Mandaram Sara comprar salsinha com o verdureiro mais tarde e, quando ela subiu os degraus do subsolo, seu coração deu um pulo de reconhecimento. Vários dos móveis tinham sido tirados do furgão e dispostos na calçada. Havia uma mesa linda de madeira de teca elaboradamente esculpida, algumas cadeiras, e um biombo coberto de ricos bordados orientais. Ver aqueles móveis causou nela uma sensação estranha de saudade. Ela vira tantas coisas parecidas na Índia! Uma das coisas que a srta. Minchin havia tirado dela era uma mesa esculpida de teca que ela ganhara do pai.

– São coisas lindas – disse – e parecem pertencer a uma boa pessoa. Tudo me parece bem grandioso. Imagino que seja uma

família rica.

Os furgões com móveis passaram o dia indo e voltando para serem descarregados. Várias vezes, por coincidência, Sara teve a oportunidade de ver a mudança ser levada para a casa. Tornou-se evidente que ela estava certa ao supor que os recém-chegados eram pessoas abastadas. Todos os móveis eram valiosos e lindos, e muitos vinham do Oriente. Belíssimos tapetes, tapeçarias e ornamentos foram tirados dos furgões, assim como vários quadros e livros o bastante para uma biblioteca. Entre outras coisas, havia um espetacular Buda em um altar esplêndido.

Alguém da família deve ter estado na Índia, pensou Sara. Acostumaram-se com as coisas indianas e gostam delas. Eu fico feliz. Vou sentir como se fôssemos amigos, mesmo que a cabeça nunca apareça na janela do sótão.

Quando estava levando o leite da noite para a cozinheira (pois não havia mesmo nenhum trabalho que não lhe fosse delegado), ela viu algo que tornou a situação mais interessante do que nunca. O belo e corado pai da Família Grande cruzou a praça tranquilamente e subiu as escadas da casa vizinha. Ele subiu parecendo sentir-se perfeitamente em casa, como se esperasse subir e descer aquelas escadas muito mais vezes no futuro. Ele demorou-se bastante lá dentro e várias vezes saiu para dar ordens aos carregadores, como se tivesse tal direito. Era bastante certo que ele tinha algum vínculo íntimo com os recém-chegados e os representava de alguma forma.

Se os novos moradores tiverem filhos, especulou Sara, os filhos da Família Grande certamente virão brincar com eles, e talvez subam ao sótão para se divertir.

À noite, depois do trabalho, Becky foi visitar sua colega prisioneira e levar notícias.

– É um cavalheiro indiano que vem morar ao lado, senhorita – disse. – Não sei se ele é um cavalheiro negro ou não, mas é indiano. É muito rico, e está doente, e o cavalheiro da Família Grande é advogado dele. Ele teve muitos problemas e ficou doente e ruim da cabeça. Ele é idólatra, senhorita. É herege e se curva para madeira e pedra. Vi um ídolo ser carregado para ele adorar. Alguém devia mandar um folheto cristão para ele. Dá para comprar folheto por um centavo.

Sara riu um pouco.

– Não imagino que ele seja idólatra – disse. – Algumas pessoas só gostam das estátuas porque são interessantes. Meu pai tinha uma linda, e não a idolatrava.

Becky, contudo, preferia acreditar que o novo vizinho era “herege”. Parecia-lhe muito mais romântico do que se ele fosse simplesmente um homem comum que ia à igreja com sua bíblia. Elas se sentaram e falaram noite adentro sobre como ele seria, como seria a esposa dele, se ele fosse casado, e como seriam seus filhos, se eles tivessem filhos. Sara viu que, intimamente, Becky não conseguia deixar de esperar avidamente que fossem todos negros, e usassem turbantes e, acima de tudo, que (como o pai) as crianças fossem todas “hereges”.

– Nunca fui vizinha de herege nenhum, senhorita – disse ela. – Gostaria de ver como são os modos deles.

Só depois de várias semanas sua curiosidade foi satisfeita, quando foi revelado que o novo morador não tinha esposa, nem filhos. Ele era um homem solitário sem família alguma, e era evidente que tinha a saúde prejudicada e a mente infeliz.

Uma carruagem chegou um dia e parou diante da casa. Quando o laçao desceu e abriu a porta, o pai da Família Grande foi o primeiro a sair. Depois dele, desceu uma enfermeira uniformizada, e dois criados desceram as escadas da casa. Eles vieram ajudar ao senhor, que ao descer da carruagem, se mostrou um homem de rosto abatido e perturbado, o corpo esquelético embrulhado em peles. Ele foi carregado escada acima e o pai da Família Grande o acompanhou, com expressão muito ansiosa. Pouco depois, chegou a carruagem de um médico, e o médico entrou – claramente para cuidar dele.

– Tem um homem muito amarelo na casa ao lado, Sara – cochichou Lottie, mais tarde, na aula de francês. – Você acha que ele é chinês? Na aula de geografia dizem que os chineses são amarelos.

– Não, ele não é chinês – cochichou Sara –, ele está muito doente. Continue o exercício, Lottie. “Non, monsieur. Je n’ai pas le canif de mon oncle⁴.”

E foi esse o início da história do senhor indiano.

4 “Não, senhor. Não estou com o canivete de meu tio”, em francês.

Ram Dass

Havia belos poentes na praça, às vezes. Contudo, só era possível vê-los em parte, por entre as chaminés e os telhados. Da janela da cozinha, não se via nada, e só se adivinhava que ocorriam porque os tijolos ganhavam um tom mais quente e o céu ficava rosado ou amarelado por um tempo, ou talvez se vislumbrasse um brilho ardente atingir um pedaço de vidro. Havia, contudo, um lugar de onde era possível ver todo o esplendor: montes de nuvens avermelhadas e douradas ao oeste; ou as púrpuras, delineadas com brilho estonteante; ou as mais finas e flutuantes, tingidas de cor-de-rosa e parecendo pombas rosadas correndo pelo azul apressadas, como se ao vento. O lugar onde era possível ver tudo aquilo e, ao mesmo tempo, respirar o ar mais puro, era, claro, a janela do sótão. Quando o quadrado de repente começava a brilhar com um ar encantado, lindo, apesar das árvores e das grades cobertas por fuligem, Sara sabia que algo ocorria nos céus; e, quando era possível sair da cozinha sem que dessem por sua falta ou a chamassem de volta, ela invariavelmente escapava, subia os lances de escada e, trepando na mesa velha, esticava a cabeça e o corpo o máximo que podia pela janela. Ao fazê-lo, sempre inspirava profundamente e olhava ao seu redor. Antes, a sensação era de que o céu e o mundo eram dela. Mais ninguém olhava pelos outros sótãos. Normalmente, as claraboias ficavam fechadas; mas, mesmo se abertas para arejar, ninguém parecia se aproximar. Ali ficava Sara, às vezes virando o rosto para o azul que lhe parecia tão amigável e próximo – como um lindo teto abobadado –, às vezes voltada para o oeste e todas as coisas maravilhosas que lá ocorriam: as nuvens derretendo ou se

esgarçando ou aguardando tranquilamente para serem transformadas em tons de cor-de-rosa ou carmesim ou branco como a neve ou púrpura ou cinza como uma pombinha. Às vezes, formavam ilhas ou cadeias de montanhas ao redor de lagos de azul-turquesa profundo, âmbar líquido, ou quartzo verde; às vezes, saliências escuras se erguiam em mares estranhos e perdidos; às vezes, faixas estreitas de terras maravilhosas se juntavam a outras terras diferentes. Havia lugares onde se parecia possível correr, escalar e subir para esperar o que viria a seguir – até, talvez, quando tudo se dissipasse, sair flutuando. Pelo menos era o que parecia a Sara, e nada nunca lhe fora tão belo quanto o que via de pé na mesa, o corpo metade para fora da claraboia, os pardais piando na suavidade do poente sobre as telhas. Os pardais sempre lhe pareciam piar com uma espécie de suavidade contida quando tais maravilhas ocorriam.

Um pôr do sol daqueles ocorreu alguns dias após a chegada do senhor indiano a sua nova casa; e como, por sorte, o trabalho da tarde acabara na cozinha e ninguém a mandara ir a lugar nenhum nem cuidar de nada, Sara achou mais fácil do que de costume escapar e ir ao sótão.

Ela subiu na mesa e olhou para fora. Era um momento maravilhoso. Havia ondas de ouro derretido cobrindo o oeste, como se uma maré gloriosa se derramasse sobre o mundo. Uma luz amarela profunda e rica preenchia o ar; em contraste, os pássaros sobrevoando as casas ficavam bem pretos.

– É um poente esplêndido – disse Sara, baixinho, para si. – Quase sinto medo... como se algo estranho fosse acontecer. Os esplêndidos sempre me dão essa sensação.

De repente, ela virou o rosto, porque ouviu um som a poucos metros dali. Era um som estranho, como um guincho trêmulo baixinho e peculiar. Vinha da janela do sótão vizinho. Alguém viera olhar o pôr do sol, como ela. Uma cabeça e a parte de um corpo emergiram da claraboia, mas não a cabeça e o corpo de uma menininha ou de uma faxineira; era a forma pitoresca, vestida em branco, e a cabeça de pele escura, olhos brilhantes e turbante branco de um criado indiano – um lashkar, pensou Sara –, e o som que ela ouvira vinha de um macaquinho aninhado em seus braços como se benquistou, que tagarelava abraçado a seu peito.

Quando Sara o olhou, ele a olhou. A primeira coisa em que ela pensou foi que aquele rosto escuro lhe parecia triste e saudoso. Ela sentiu uma certeza absoluta de que ele fora ver o sol porque o via tão raramente na Inglaterra e sentia falta. Ela o olhou, interessada, por um segundo, e sorriu através das telhas. Ela aprendera que um sorriso, mesmo de um desconhecido, podia ser muito reconfortante.

O sorriso dela evidentemente o agradou. A expressão toda dele se alterou e ele mostrou dentes tão brancos e reluzentes ao sorrir que era como se uma luz se acendesse em seu rosto escuro. O olhar amigável de Sara era sempre eficiente para quem se sentia triste ou cansado.

Talvez tenha sido ao cumprimentá-la que ele soltou o macaco. Era um macaco travesso e sempre pronto para aventuras, e provavelmente ver a menininha o tenha agitado. Ele se soltou de repente, pulou nas telhas, as percorreu ruidosamente e pulou no ombro de Sara e, dali, para dentro do seu quarto no sótão. Ela riu, alegre, mas sabia que ele deveria ser devolvido ao dono – se o *lashkar* fosse seu dono – e se perguntou como fazê-lo. Será que ele a deixaria pegá-lo, ou seria desobediente e se recusaria a ser pego, ou ainda fugiria pelos telhados e se perderia? Não seria nada bom. Talvez ele pertencesse ao senhor indiano e o pobre homem gostasse dele.

Ela se virou para o *lashkar*, feliz por ainda se lembrar de um pouco do hindi que aprendera quando morava com o pai. Ela podia fazer o homem entendê-la. Assim, falou com ele na língua que ele sabia.

– Ele vai me deixar pegá-lo? – perguntou.

Ela nunca vira mais surpresa e alegria do que as expressas no rosto do homem quando ela falou em sua língua. A verdade era que o pobre homem sentira que seus deuses haviam interferido, e que aquela pequena voz descia do próprio céu. Imediatamente, Sara viu que ele fora acostumado a crianças europeias. Ele derramou uma torrente de agradecimentos respeitosos. Ele era gratíssimo a *Missee Sahib*. O macaco era mansinho e não morderia; mas, infelizmente, era difícil de pegar e fugiria de um lado para o outro, como um raio. Era desobediente, mas não endiabrado. Ram Dass o conhecia como seu próprio filho e, às

vezes, o macaco obedecia a Ram Dass, mas nem sempre. Se Missee Sahib permitisse, Ram Dass atravessaria o telhado até o quarto, entraria pela janela e recuperaria o animalzinho ingrato. Contudo, ele evidentemente temia que Sara acreditasse que isso seria tomar liberdade demais, e que talvez não o permitisse ir.

Sara permitiu imediatamente.

– Você consegue atravessar? – perguntou.

– Em um momento – respondeu ele.

– Então venha. Ele está voando de um lado para o outro, como se assustado.

Ram Dass saiu pela própria janela e caminhou até a dela com leveza e firmeza, como se tivesse passado a vida andando em telhados. Ele entrou pela claraboia e pulou no chão sem fazer barulho. Então, voltou-se para Sara e a saudou novamente. O macaco o viu e soltou um gritinho. Ram Dass rapidamente tomou a precaução de fechar a claraboia, e saiu em sua busca. Não foi uma perseguição demorada. O macaco a prolongou por alguns minutos, nitidamente por diversão, mas acabou pulando ruidosamente no ombro de Ram Dass, e se agarrou a seu pescoço com um bracinho magrelo esquisito, tagarelando.

Ram Dass agradeceu a Sara profusamente. Ela viu que seus olhos ágeis tinham analisado o estado maltrapilho do quarto, mas ele se dirigia a ela como se falasse com a filhinha de um rajá, e fingiu não ter notado nada. Ele só ficou ali mais alguns momentos após pegar o macaco, e os momentos foram dedicados a mais medidas de profunda gratidão em troca da bondade dela. Aquele bichinho endiabrado, disse ele, acariciando o macaco, não era, na verdade, tão endiabrado como parecia, e seu mestre, que adoecera, às vezes o achava divertido. Ele teria ficado ainda mais triste se seu bichinho de estimação tivesse fugido e se perdido. Por fim, ele a cumprimentou com mais um *salaam* e saiu pela claraboia, voltando pelas telhas com tanta agilidade quanto o próprio macaco demonstrara.

Quando ele se foi, Sara parou no meio do sótão e pensou nas muitas coisas que seu rosto e seus modos tinham trazido de volta. Ver suas roupas típicas e a profunda reverência em seus modos atitou todas as suas antigas memórias. Parecia-lhe estranho

lembrar que, poucos anos antes, ela – a criada que a cozinheira insultara uma hora antes – vivia cercada por pessoas que a tratavam como Ram Dass a tratara; que faziam salaams quando ela passava, cujas testas quase tocavam o chão quando ela se dirigia a eles, que eram seus criados. Era uma espécie de sonho. Tudo acabara, e não poderia voltar. Certamente lhe parecia que não haveria um modo de ocorrer qualquer mudança. Ela sabia o que a srta. Minchin planejava para seu futuro. Enquanto ela ainda fosse jovem demais para ser usada como professora, seria usada como menina de recados e criada, e ainda deveria se lembrar do que aprendera e, de algum modo misterioso, aprender mais. A maior parte das noites ela tinha que passar estudando e, em vários intervalos indefinidos, ela era examinada e sabia que seria fortemente censurada se não tivesse avançado como esperado. A verdade era que a srta. Minchin sabia que ela era tão ávida para aprender que não precisava de professores. Era só dar-lhe livros que ela os devoraria e acabaria sabendo todos de cor. Ela poderia tornar-se uma professora de confiança em alguns anos. Era o que aconteceria: quando fosse mais velha, deveria se matar de trabalhar na sala de aula, assim como se matava de trabalhar no resto da casa; teriam que dar a ela roupas mais respeitáveis, mas certamente seriam simples, feias e lhe dariam a aparência de criada. Era tudo que ela poderia esperar, e Sara passou vários minutos parada, pensando nisso.

Finalmente, veio-lhe um pensamento que fez seu rosto corar e seus olhos se iluminarem. Ela endireitou o corpinho magro e levantou a cabeça.

– Venha o que vier – falou –, uma coisa não pode mudar. Se eu sou uma princesa esfarrapada, posso ser uma princesa por dentro. Seria fácil ser uma princesa vestida em ouro, mas é um triunfo muito maior continuar a ser uma princesa o tempo todo, sem que ninguém saiba. Como Maria Antonieta, quando foi presa, destituída de seu trono, e só tinha seu vestido preto, o cabelo branco, e era insultada, chamada de Viúva Capeto. Ela foi muito mais majestosa então do que quando era alegre e tudo era grandiosíssimo. Gosto mais dela assim. Aquelas multidões furiosas não a assustaram. Ela era mais forte do que eles, mesmo quando cortaram sua cabeça.

Não era um pensamento novo, mas bem antigo. Aquilo a consolava em muitos dias amargos, e a fazia andar pela casa com uma expressão em seu rosto que a srta. Minchin não decifrava, e que era uma fonte de grande irritação, pois parecia que a menina vivia mentalmente de um modo que a mantinha acima do resto do mundo. Era como se mal ouvisse as coisas rudes e ácidas ditas sobre ela; ou, se ouvisse, não lhes desse a menor atenção. Às vezes, no meio de um discurso ríspido e autoritário, a srta. Minchin notava que o olhar impassível e maduro se fixava nela com o ar de um sorriso orgulhoso. Naqueles momentos, ela não sabia o que Sara dizia para si mesma:

Você não sabe que está falando com uma princesa e que, se eu quisesse, poderia acenar e condená-la à execução. Só a poupo porque sou uma princesa, e você é uma coisa velha, pobre, burra, cruel e vulgar, que não sabe ser melhor que isso.

Aquilo a interessava e divertia mais do que qualquer coisa; e, por mais estranho e inusitado que fosse, a reconfortava, o que lhe fazia bem. Enquanto estivesse tomada por esse pensamento, não havia como ela se tornar grosseira e maliciosa em razão da grosseria e da malícia daqueles ao seu redor.

Princesas devem ser educadas, pensava.

Assim, quando os criados, seguindo o tom da patroa, eram insolentes e lhe davam ordens, ela mantinha a cabeça erguida e os respondia com cortesia peculiar, o que costumava fazer com que eles a encarassem.

– Essa menina é mais cheia de ares do que se viesse do palácio de Buckingham – dizia a cozinheira, às vezes rindo. – Perco a paciência com ela sempre, mas ela nunca esquece os bons modos. “Por favor, cozinheira”, “Pode me fazer a gentileza, cozinheira”, “Perdão, cozinheira”, “Licença, cozinheira”. Ela fala assim na cozinha como se não fosse nada.

Na manhã seguinte ao encontro com Ram Dass e o macaco, Sara estava na sala de aula com as pequenas alunas. Tendo acabado de ensiná-las a lição, ela estava arrumando os livros de exercício de francês e pensando, enquanto isso, nas várias coisas que figuras reais disfarçadas tiveram de fazer: Alfredo, o Grande, por exemplo, queimando os bolos e levando tapas na orelha da esposa do vaqueiro. Que medo a mulher não deve ter sentido ao

descobrir o que fizera! Se a srta. Minchin descobrisse que ela – Sara, cujos dedos estavam quase furando as botas – era uma princesa, uma princesa de verdade! Seu olhar era exatamente o que a srta. Minchin mais detestava. Ela não o aceitava; estava próxima dela e tão furiosa que realmente avançou e estapeou suas orelhas, exatamente como a esposa do vaqueiro havia feito com o Rei Alfredo. Sara levou um susto. Ela acordou do sonho devido ao choque e, recuperando o fôlego, ficou um segundo parada. Finalmente, sem saber o que faria, soltou uma gargalhada.

– Do que está rindo, sua criança descarada e sem-vergonha? – indagou a srta. Minchin.

Sara levou alguns segundos para se recompor o bastante para se lembrar de que era uma princesa. O rosto dela estava vermelho e ardendo dos tapas.

– Eu estava pensando – respondeu.

– Peça perdão imediatamente – disse a srta. Minchin.

Sara hesitou um segundo para responder.

– Pedirei perdão pela gargalhada, se foi rude – disse, então –, mas não pedirei perdão por pensar.

– No que estava pensando? – perguntou a srta. Minchin. – Como ousa pensar? No que pensou?

Jessie riu, e ela e Lavínia se cutucaram ao mesmo tempo. Todas as garotas ergueram o rosto dos livros para escutar. Na verdade, sempre as interessava um pouco quando a srta. Minchin atacava Sara. Sara sempre dizia alguma coisa estranha e nunca demonstrava medo algum. Ela não estava nem um pouco assustada ali, apesar das orelhas surradas estarem escarlates e os olhos cintilando como estrelas.

– Eu estava pensando – respondeu, orgulhosa e educada – que a senhorita não sabe o que fez.

– Que não sei o que fiz? – retrucou a srta. Minchin, com um arquejo.

– Isso – disse Sara. – E pensei no que aconteceria se eu fosse uma princesa e a senhorita surrasse minhas orelhas, no que eu faria. E pensei que, se eu fosse uma princesa, a senhorita nunca ousaria fazer isso, não importa o que eu dissesse ou fizesse. E pensei em como a senhorita ficaria surpresa e apavorada se de

repente descobrisse...

Ela imaginara o futuro tão claramente que falou de modo a causar impacto até na srta. Minchin. Por um momento, quase pareceu à sua mente estreita e sem criatividade que havia poder de verdade por trás daquele ousadia franca.

– O quê? – indagou. – Descobrisse o quê?

– Que eu sou mesmo uma princesa – disse Sara – e posso fazer qualquer coisa... tudo que quiser.

Todos os pares de olhos da sala se arregalaram até o limite. Lavínia se curvou sobre a mesa para olhar.

– Vá para o seu quarto – gritou a srta. Minchin, sem ar – imediatamente! Saia da sala! Atenção aos seus estudos, mocinhas!

Sara fez uma reverência.

– Perdão por rir, caso tenha sido rude – disse, e saiu da sala, deixando a srta. Minchin se debatendo de raiva e as garotas cochichando sobre os livros.

– Vocês viram? Viram como ela estava estranha? – falou Jessie.
– Não me surpreenderia se ela fosse mesmo alguma coisa. Imaginem só!

O outro lado da parede

Quando se mora em uma casa geminada, é interessante pensar no que está sendo feito e dito do outro lado da parede. Sara gostava de se divertir ao tentar imaginar as coisas escondidas pela parede que dividia o Internato Seleta da casa do senhor indiano. Ela sabia que a sala de aula era vizinha do escritório do senhor indiano, e esperava que a parede fosse espessa o suficiente para que o barulho que às vezes ocorria após o horário das aulas não o incomodasse.

– Estou gostando bastante dele – disse a Ermengarde. – Não gostaria que ele fosse incomodado. Eu o adotei como amigo. Podemos fazer isso com pessoas com quem nunca sequer falamos. Podemos só observá-las, pensar nelas e sentir pena delas, até que nos pareçam quase parentes. Às vezes, fico muito ansiosa quando vejo o doutor visitá-lo duas vezes no mesmo dia.

– Tenho pouquíssimos parentes – disse Ermengarde, reflexiva – e acho ótimo. Não gosto dos que tenho. Minhas duas tias vivem dizendo “Minha nossa, Ermengarde! Você está muito gorda. Não devia comer doce”, e meu tio vive me perguntando “Quando Eduardo Terceiro ascendeu ao trono?” e “Quem morreu por excesso de lampreias?”.

Sara riu.

– Gente com quem nunca falamos não podem fazer tais perguntas – disse –, e tenho certeza que o senhor indiano não as faria, mesmo se vocês fossem íntimos. Gosto muito dele.

Ela gostava da Família Grande porque pareciam felizes; mas gostava do senhor indiano porque parecia infeliz. Ele

evidentemente não se recuperara inteiramente de alguma doença muito grave. Na cozinha – onde, claro, as criadas, por meios misteriosos, sabiam de tudo – havia muita discussão sobre o caso. Ele não era de fato um senhor indiano, mas um senhor inglês que tinha morado na Índia. Ele enfrentara grandes infortúnios que durante um certo tempo colocaram sua fortuna em tal perigo que ele se acreditara arruinado e desgraçado para sempre. O choque havia sido tão grande que ele quase morrera de meningite, e desde então sua saúde fora destruída, apesar da fortuna ter mudado e de ter recuperado todas as suas posses. As dificuldades dele estiveram ligadas a minas.

– E minas de diamante! – disse a cozinheira. – Nenhum dinheiro meu irá parar em mina nenhuma... muito menos de diamante – disse, olhando para Sara de soslaio. – Todos sabemos como ELAS são.

Ele sentiu o que meu papai sentiu, pensou Sara. Adoeceu como meu papai adoeceu; mas não morreu.

Então o coração dela sentiu-se ainda mais próximo dele do que antes. Quando ela era mandada à rua à noite, às vezes sentia-se feliz, pois havia sempre a chance de que as cortinas da casa vizinha ainda não estivessem fechadas, permitindo que ela olhasse para a sala aquecida e visse seu amigo adotado. Quando não havia ninguém por perto, ela às vezes parava e, segurando-se à grade de ferro, desejava boa-noite, como se ele pudesse ouvi-la.

– Talvez você sinta, mesmo sem ouvir – era o que acreditava. – Talvez bons pensamentos cheguem às pessoas de algum modo, mesmo através de janelas, portas e paredes. Talvez você se sinta um pouco aquecido e reconfortado, e não saiba a razão, enquanto eu estou parada aqui no frio, esperando que você fique bem e feliz novamente. Sinto muitíssimo por você – sussurrava, em voz baixa e intensa. – Gostaria que tivesse uma “Senhorinha” para fazer carinho em você, como eu fazia quando meu papai tinha dor de cabeça. Coitado, gostaria eu mesma de ser sua “Senhorinha”. Boa noite, boa noite. Deus o abençoe!

Ela ia embora, sentindo-se também mais aquecida e reconfortada. Sua compaixão era tão forte que tinha a impressão de que devia alcançá-lo de alguma forma, enquanto ele estava sentado na poltrona diante da lareira, quase sempre em um

roupão enorme, e quase sempre apoiando a testa na mão, olhando desamparado para o fogo. Ele parecia a Sara um homem que ainda tinha problemas mentais, além dos problemas do passado.

– Ele sempre parece estar pensando em alguma coisa que lhe causa dor *agora* – dizia para si mesma –, mas recuperou o próprio dinheiro e se recuperará da febre com o tempo, então não deveria ficar assim. Eu me pergunto se há mais algum problema.

Se houvesse outro problema – um problema que nem mesmo as criadas soubessem –, ela estava certa de que o pai da Família Grande sabia, aquele a quem chamava de sr. Montmorency. O sr. Montmorency sempre ia visitá-lo, e a sra. Montmorency e os pequenos Montmorency também, apesar de irem com menos frequência. Ele parecia especialmente carinhoso com as duas meninas mais velhas – Janet e Nora, aquelas que ficaram alarmadas quando o irmãozinho Donald dera a Sara sua moeda. Ele tinha, na verdade, um lugar muito especial no coração para todas as crianças, e especialmente para meninas. Janet e Nora gostavam tanto dele quanto ele gostava delas, e ansiavam pelas tardes em que podiam atravessar a praça e visitá-lo educadamente. Eram visitas extremamente comedidas, pois ele estava doente.

– Ele é um pobre coitado – dizia Janet – e diz que nós o alegamos. Tentamos alegrá-lo bem silenciosamente.

Janet era a primogênita, e mantinha os irmãos mais novos em ordem. Era ela quem decidia quando era adequado pedir ao senhor indiano para contar histórias sobre a Índia, e quem percebia quando ele estava cansado e era hora de ir embora em silêncio e chamar Ram Dass para cuidar dele. Eles gostavam muito de Ram Dass. Ele poderia contar-lhes uma variedade de histórias, se soubesse falar inglês, além de hindi. O nome do senhor indiano era sr. Carrisford, e Janet contou ao sr. Carrisford sobre o encontro com a-menininha-que-não-era-pedinte. Ele demonstrou enorme interesse, ainda mais quando ouviu de Ram Dass a aventura do macaco no telhado. Ram Dass descreveu para ele muito claramente o sótão e seu estado precário – o chão exposto e o gesso rachado, a lareira vazia e enferrujada, e a cama dura e estreita.

– Carmichael – disse ele para o pai da Família Grande, após

ouvir tal descrição –, eu me pergunto quantos sótãos nesta praça são como aquele, e quantas menininhas criadas, pobres coitadas, dormem em camas assim, enquanto eu me reviro em meus travesseiros de plumas, carregado e perturbado por uma riqueza que, em sua maior parte... não é minha.

– Meu caro amigo – respondeu o sr. Carmichael, alegre –, quanto mais rápido parar de se atormentar, melhor será para você. Mesmo se possuísse toda a riqueza das Índias, não poderia consertar todos os desconfortos do mundo, e, se começasse a reformar todos os sótãos da praça, ainda restariam os sótãos de todas as outras praças e ruas para arrumar. E aí está você!

O sr. Carrisford sentou-se e roeu as unhas, olhando para as brasas incandescentes na lareira.

– Você supõe... – disse lentamente, após uma pausa – ...supõe que seja possível que outra criança, a criança na qual nunca paro de pensar, creio, possa... tenha a possibilidade de estar na mesma condição da pobrezinha ao lado?

O sr. Carmichael o olhou, desconfortável. Ele sabia que a pior coisa que o homem podia fazer, para sua razão e saúde, era começar a pensar daquele jeito em particular sobre aquele assunto em particular.

– Se a criança na escola da Madame Pascal em Paris era a que você buscava – respondeu, conciliador –, ela parece estar aos cuidados de pessoas que podem sustentá-la. Eles a adotaram porque ela havia sido a companheira preferida da filhinha deles, que faleceu. Não tinham outros filhos, e Madame Pascal disse que eles eram russos muito abastados.

– E aquela mulher horrível não sabia para onde a tinham levado! – exclamou o sr. Carrisford.

O sr. Carmichael deu de ombros.

– Ela é uma francesa astuta e sábia, e ficou evidentemente feliz por livrar-se da criança com tanto conforto após a morte do pai deixá-la sem cuidado algum. Mulheres como ela não se preocupam com o futuro das crianças que se tornam fardos. Os pais adotivos aparentemente desapareceram sem rastro.

– Mas você diz “se” a criança for a que eu buscava. “Se”. Não tem certeza. Havia diferença no nome.

– Madame Pascal pronunciou Carew em vez de Crewe, mas pode ser mera questão de pronúncia. As circunstâncias eram curiosamente semelhantes. Um oficial inglês na Índia deixara a filha, órfã de mãe, na escola. Ele morrera repentinamente após perder a fortuna.

O sr. Carmichael hesitou por um momento, como se uma nova ideia lhe ocorresse.

– Tem certeza que a menina foi deixada em uma escola em Paris? – perguntou. – Tem certeza que era Paris?

– Meu caro amigo – irrompeu Carrisford, com amargura inquieta –, não tenho certeza de nada. Nunca vi a menina, nem a mãe. Ralph Crewe e eu éramos muito ligados quando meninos, mas não nos víamos desde a época da escola até nos encontrarmos na Índia. Eu estava absorto pela promessa magnífica das minas. Ele também se deixou absorver. Era tudo tão enorme e reluzente que perdemos a cabeça. Quando nos encontramos, mal falamos de outras coisas. Só sei que a criança foi enviada para estudar em algum outro lugar. Eu sequer me lembro, agora, como soube disso.

Ele estava começando a se agitar. Sempre se agitava quando o cérebro, ainda fraco, era atizado por lembranças das catástrofes passadas.

O sr. Carmichael o observou, ansioso. Era necessário fazer algumas perguntas, mas deveriam ser feitas com cuidado e calma.

– Mas você tinha algum motivo para acreditar que a escola era em Paris?

– Sim – veio a resposta –, pois a mãe dela era francesa e eu soube que ela desejava que a filha fosse educada em Paris. Então pareceu provável que ela estivesse lá.

– Sim – concordou o sr. Carmichael –, parece mais do que provável.

O senhor indiano se inclinou para a frente e bateu na mesa com uma mão gasta e comprida.

– Carmichael – disse –, eu preciso encontrá-la. Se ela estiver viva, está em algum lugar. Se não tiver amigos, nem sustento, é culpa minha. Como se espera que um homem retome a vivacidade com isso em mente? Essa mudança de sorte repentina nas minas concretizou nossos sonhos mais fantásticos, e a pobre filha do

Crewe pode estar mendigando na rua!

– Não, não – disse Carmichael. – Tente se acalmar. Console-se com o fato de que, quando encontrá-la, tem uma fortuna a lhe oferecer.

– Por que não fui homem o bastante para manter-me firme quando as coisas pareceram sombrias? – gemeu Carrisford, em tristeza insistente. – Deveria ter me mantido firme sendo responsável pelo dinheiro de outras pessoas, além do meu. O coitado do Crewe investira no esquema todo seu dinheiro, até o último centavo. Ele confiou em mim... ele me *amava*. E morreu acreditando que eu o arruinara... eu... Tom Carrisford, que joguei críquete com ele em Eton. Que vilão ele deve ter me considerado!

– Não se censure com tanto amargor.

– Não me censuro porque o empreendimento ameaçou fracassar... me censuro por ter sido covarde. Fugi como um golpista e ladrão, porque não pude encarar meu melhor amigo e contar que tinha arruinado a ele e a sua filha.

O pai bondoso da Família Grande levou a mão ao ombro do amigo em um gesto de consolo.

– Você fugiu porque sua cabeça cedeu sob o peso da tortura mental – falou. – Você já estava praticamente delirante. Se não tivesse, teria se mantido firme e lutado. Você estava no hospital, preso à cama, desvairado de febre pela meningite, dois dias depois de partir. Lembre-se disso.

Carrisford apoiou a testa nas mãos.

– Deus amado! Sim – disse –, enlouqueci de pavor e horror. Não dormia havia semanas. Na noite em que saí de casa, aos tropeços, o ar parecia repleto de coisas horrendas que me mordiam e desprezavam.

– Isso já é explicação o bastante – disse o sr. Carmichael. – Como um homem febril poderia fazer julgamentos sãos?!

Carrisford sacudiu a cabeça abaixada.

– E quando retomei a consciência, o pobre Crewe estava morto... e enterrado. E eu não lembrava de nada. Não me lembrei da criança por meses a fio. Mesmo quando comecei a recordar de sua existência, tudo parecia envolto em névoas.

Ele parou por um momento e coçou a testa.

– Às vezes é como me sinto, mesmo agora, quando tento lembrar. Certamente devo alguma vez ter ouvido Crewe falar da escola à qual a mandou. Não acha?

– Ele pode não ter falado com certeza. Você nem parece ter ouvido o nome dela.

– Ele a chamava por um apelido engraçado que inventara. A chamava de “Senhorinha”. Mas as minas malditas arrancaram tudo de nossa cabeça. Não falávamos de mais nada. Se ele chegou a falar da escola, esqueci... esqueci. E agora nunca mais lembrarei.

– Ora, ora – disse Carmichael. – Ainda vamos encontrá-la. Continuaremos a procurar pelos russos bondosos de Madame Pascal. Ela parecia ter uma vaga ideia de que eles viviam em Moscou. Consideraremos essa pista. Vamos a Moscou.

– Se eu pudesse viajar, iria com você – disse Carrisford –, mas só posso ficar aqui sentado, enroscado em peles, olhando para o fogo. E quando olho, tenho a impressão de ver nas chamas o rosto jovem e alegre de Crewe, que me olha de volta. Ele parece me perguntar algo. Às vezes sonho com ele à noite, e ele sempre fica diante de mim e faz a mesma pergunta. Sabe o que ele diz, Carmichael?

O sr. Carmichael respondeu em voz bem baixa:

– Não sei.

– Ele sempre diz: “Tom, meu caro... Tom... Cadê minha Senhorinha?”.

Carrisford pegou a mão de Carmichael e a apertou.

– Preciso responder para ele... preciso! – disse. – Ajude-me a encontrá-la. Ajude-me.

Do outro lado da parede, Sara estava sentada em seu sótão, conversando com Melquisedec, que aparecera para o jantar.

– Hoje foi difícil ser princesa, Melquisedec – disse ela. – Tem sido mais difícil do que de costume. Pior quando o tempo vai ficando frio e as ruas, encharcadas. Quando passei por Lavínia no corredor e ela riu da minha saia enlameada, pensei no que dizer imediatamente, e só me interrompi bem a tempo. Não podemos zombar de gente assim, não se formos princesas. É preciso morder

a língua e se conter. Mordi minha língua. Foi uma tarde fria, Melquisedec. E é uma noite fria.

De repente, ela apoiou nos braços a cabeça de cabelos pretos, como fazia quando estava sozinha.

– Ah, papai – sussurrou –, parece que faz tanto tempo que fui sua Senhorinha!

Foi isso que aconteceu naquele dia, em cada lado da parede.

Parte da plebe

O inverno foi miserável. Havia dias em que Sara se arrastava pela neve ao sair na rua; e dias piores, quando a neve derretia e se misturava à terra, formando um lamaçal; outros ainda em que o nevoeiro se tornava tão espesso que os postes da rua passavam o dia acesos e Londres ficava como naquela tarde, tantos anos antes, em que o táxi percorrera as avenidas com Sara encolhida no banco, encostada no ombro do pai. Naqueles dias, as janelas da casa da Família Grande sempre lhe pareciam maravilhosamente aconchegantes e atraentes, e o escritório do senhor indiano brilhava de calor e cores vivas. O sótão, contudo, era indescritivelmente funesto. Não havia mais crepúsculos ou amanheceres a admirar, e mal apareciam estrelas, na impressão de Sara. As nuvens baixas cobriam a claraboia, cinzentas ou da cor da lama, ou ainda derramando chuva pesada. Às quatro da tarde, mesmo quando não havia névoa, a luz do dia chegava ao fim. Se fosse necessário subir ao sótão por qualquer motivo, Sara era obrigada a acender uma vela. As mulheres da cozinha ficavam deprimidas e, conseqüentemente, mais mal-humoradas do que de costume. Becky era explorada como se fosse uma escrava.

– Se não fosse por você, senhorita – disse gravemente para Sara certa noite, quando estavam no sótão –, se não fosse por você, pela Bastilha, e por ser a prisioneira na cela ao lado, eu morreria. Parece verdade, né? A patroa fica cada dia mais parecida com uma carcereira. Dá para ver aquelas chavonas que você disse que ela carrega. A cozinheira é como uma guardinha. Conte mais, por favor, senhorita... conte sobre a passagem subterrânea que cavamos nas paredes.

– Vou contar uma história que nos aqueça – disse Sara, trêmula. – Pegue a manta e se embrulhe, e eu farei o mesmo, aí nos encolheremos juntas na cama e eu contarei sobre a floresta tropical onde morava o macaco do senhor indiano. Quando o vejo sentado na mesa próxima à janela, olhando para a rua com aquela expressão melancólica, sempre tenho certeza de que está pensando na floresta tropical onde se balançava nos coqueiros pelo rabo. Eu me pergunto quem o capturou, e se ele deixou para trás uma família que dependia dele para pegar cocos.

– Aquece mais, mesmo, senhorita – disse Becky agradecida –, mas, de certa forma, até a Bastilha esquenta quando você conta.

– É porque faz você pensar em outra coisa – disse Sara, se enroscando na manta até deixar só seu rostinho de fora. – Já notei. O que precisamos fazer com a cabeça, quando o corpo estiver sofrendo, é pensar em outra coisa.

– Você sabe fazer isso, senhorita? – hesitou Becky, observando com olhos de admiração.

Sara franziu a testa por um momento.

– Às vezes, sim, às vezes, não – disse, firme. – Mas, quando consigo, fico bem. E acredito que a gente possa conseguir sempre... se treinarmos bastante. Tenho treinado muito ultimamente, e está começando a ficar mais fácil do que antes. Quando as coisas ficam horríveis, horríveis mesmo, penso com toda minha força que sou uma princesa. Digo: “Sou uma princesa, uma princesa das fadas, e, por ser uma fada, nada pode me machucar nem me deixar desconfortável”. Você nem imagina como ajuda a esquecer – falou, rindo.

Ela tinha muitas oportunidades de pensar em outras coisas, e muitas oportunidades de provar para si mesma que era mesmo uma princesa. Contudo, um dos testes mais difíceis pelo qual passou chegou em certo dia terrível, que, mais tarde, ela pensaria que nunca sumiria totalmente da memória, mesmo com o passar dos anos.

Chovia sem parar havia muitos dias; as ruas estavam geladas, escorregadias e cheias de névoa fria e lúgubre; tinha lama para todo lado, a lama grudenta de Londres e, além de tudo, a mortalha de garoa e bruma. Claro que havia inúmeras tarefas longas e

exaustivas a fazer – sempre havia, naqueles dias – e Sara era mandada para a rua sem parar, até as roupas puídas ficarem encharcadas. As penas absurdamente velhas em seu chapéu desgastado estavam mais sujas do que nunca, e seus sapatos gastos, tão molhados que não cabia mais água. Acrescido a isso, ela fora privada de jantar, porque a srta. Minchin escolhera puni-la. Ela estava com tanto frio, fome e cansaço que seu rosto tomou uma expressão tensa e, vez ou outra, pessoas bondosas que passavam na rua a olhavam com pena repentina. Contudo, ela não sabia disso. Ela se apressou, tentando fazer sua cabeça pensar em outra coisa. Era mesmo muito necessário. O jeito era “fingir” e “fazer de conta” com toda a força que lhe restava. No entanto, naquele dia estava mais difícil do que jamais fora e, uma ou duas vezes, ela acreditou acabar sentindo mais frio e fome, em vez de menos. Ainda assim, ela perseverou obstinadamente, e, com a água lamacenta entrando pelos sapatos furados e o vento tentando arrancar sua jaqueta fina, ela falava sozinha ao caminhar, mesmo sem ser em voz alta e sem mexer a boca.

Imagine que eu estivesse de roupas secas, pensou. Imagine que estivesse com bons sapatos, um casaco comprido e grosso, meias de lã e um grande guarda-chuva. E imagine... imagine... que bem ao chegar perto da padaria onde vendem pães quentes, eu encontrasse uma moeda de seis centavos... que não tem dono. Imagine que, depois de encontrar, eu entrasse na loja, comprasse seis dos pães mais quentes e os comesse de uma vez, sem parar.

Algumas coisas muito estranhas acontecem às vezes no mundo.

O que aconteceu com Sara certamente foi estranho. Ela atravessou a rua enquanto falava sozinha. A lama estava horrenda – ela quase precisou nadar. Foi abrindo caminho com todo o cuidado possível, mas não tinha salvação; contudo, ao abrir caminho, precisava olhar para os pés e para a lama e, ao olhar para baixo, bem ao chegar à calçada, viu algo brilhando na sarjeta. Era uma moeda de prata, uma moedinha pisada por muitos pés, mas com vida suficiente ainda para brilhar um pouco. Não chegava aos seis centavos, mas era quase: uma moeda de quatro centavos.

Em um segundo, a moeda estava em sua mão fria, vermelha e azul.

– Ah – suspirou –, é verdade! É verdade!

Em seguida, acredite se quiser, ela olhou para o estabelecimento bem à sua frente. Era uma padaria, e uma mulher alegre, robusta e maternal de rosto corado dispunha na vitrine uma bandeja de pãezinhos quentes, vindos direto do forno: pãezinhos grandes, rechonchudos e brilhantes, com passas.

Sara quase sentiu-se tonta por um segundo, devido ao choque, aos pães e ao aroma delicioso que escapava da janela do porão da padaria.

Ela sabia que não devia hesitar em usar a moeda. Nitidamente estivera largada na lama por muito tempo, e o dono se perdera completamente no fluxo de pedestres que se aglomeravam e se empurravam ao longo do dia.

– Mas vou perguntar à padeira se ela perdeu alguma coisa – murmurou, fraca.

Assim, atravessou a calçada e pisou no degrau. E, ao fazê-lo, viu algo que a fez hesitar.

Era uma figurinha ainda mais miserável do que ela – pouco mais de um amontoado de trapos, dos quais escapavam pezinhos vermelhos, descalços e enlameados, só porque os trapos com que sua dona tentava cobri-los não tinham tamanho o bastante. Acima dos trapos surgia uma cabeça com cabelos emaranhados e um rosto sujo com olhos grandes, fundos e famintos.

Sara sabia que eram olhos famintos no segundo em que os viu, e sentiu uma súbita compaixão.

– Esta – murmurou, com um suspiro – é parte da plebe... e sente mais fome do que eu.

A criança – “parte da plebe” – olhou para Sara e se encolheu um pouco para o lado, dando espaço para ela passar. Estava habituada a dar licença para todo mundo. Sabia que se um policial a visse, diria para ela “circular”.

Sara apertou a moedinha e hesitou por alguns segundos. Por fim, falou com ela.

– Você está com fome? – perguntou.

A criança mexeu um pouco mais o corpo e os trapos.

– Tô. – falou, rouca. – Tô, sim.

– Você jantou? – perguntou Sara.

– Nada de jantar – disse, mais rouca, e se remexendo mais. – Nem café... nem almoço. Nadica.

– Desde quando? – perguntou Sara.

– Sei lá. Não arranjei nada hoje, nada. Pedi e pedi.

Só de olhar para ela, Sara sentia-se faminta e tonta. Contudo, aqueles pensamentos esquisitos se reviravam em seu cérebro, e ela falava sozinha, por mais enjoada que estivesse.

Se eu sou uma princesa..., pensava. Se sou uma princesa... quando elas ficavam pobres e eram expulsas de casa... sempre dividiam... com a plebe... se encontrassem alguém mais pobre e faminto. Sempre dividiam. Cada pão custa um centavo. Se fossem seis centavos, eu comeria seis. Não vai bastar para nenhuma de nós. Mas será melhor do que nada.

– Um minuto – disse à criança pedinte.

Ela entrou na padaria. Estava quente e o cheiro era delicioso. A mulher estava prestes a colocar mais pães na janela.

– Com sua licença – disse Sara –, a senhora perdeu quatro centavos? Uma moeda de prata?

Ela mostrou a moedinha.

A mulher olhou para a moeda e, em seguida, para Sara – para seu rostinho intenso e suas roupas esfarrapadas, que um dia tinham sido elegantes.

– Por Deus, não – respondeu. – Você encontrou?

– Isso – disse Sara. – Na sarjeta.

– Fique com ela, então – disse a mulher. – Deve estar aí a semana toda, e só Deus sabe quem a perdeu. Você não tem como saber.

– Eu sei – disse Sara –, mas achei melhor perguntar à senhora.

– Não é todo mundo que perguntaria – disse a mulher, ao mesmo tempo curiosa, interessada e bondosa. – Quer comprar alguma coisa? – acrescentou, vendo Sara olhar para os pães.

– Quatro pãezinhos, por favor – disse Sara. – Aqueles que custam um centavo.

A mulher foi à vitrine e colocou os pães em um saco de papel.

Sara notou que ela separou seis.

– Quatro, por favor – explicou Sara. – Só tenho quatro centavos.

– Botei mais dois para arredondar – disse a mulher, com sua expressão bondosa. – Imagino que você possa comê-los depois. Não está com fome?

Os olhos de Sara se enevoaram.

– Sim – respondeu –, estou com muita fome, e fico muito agradecida pela bondade da senhora.

“E”, ia acrescentar, “tem uma criança lá fora com mais fome do que eu”. Contudo, no mesmo instante, dois ou três fregueses entraram de uma vez, todos apressados, então ela só conseguiu agradecer mais uma vez e sair.

A menina pedinte ainda estava encolhida no canto do degrau. A aparência dela era apavorante, vestida com seus trapos molhados e imundos. Ela estava olhando para a frente com uma expressão abobada de sofrimento, e Sara a viu esfregar de repente a mão áspera e suja nos olhos, afastando lágrimas que pareciam tê-la surpreendido, forçando caminho pelas pálpebras. Ela murmurava sozinha.

Sara abriu o saco de papel e tirou um dos pãezinhos, que já tinham aquecido um pouco suas mãos frias.

– Olha – disse, entregando o pão no colo esfarrapado –, está bom e quentinho. Coma, e não sentirá mais tanta fome.

A criança se assustou e a olhou, como se uma sorte tão incrível e repentina a amedrontasse; finalmente, pegou o pão e começou a enfiá-lo na boca em grandes bocados ferozes.

– Minha nossa! Nossa! – disse, rouca, em puro deleite. – Minha nossa!

Sara pegou mais três pãezinhos e os entregou. O som daquela voz rouca e faminta era terrível.

Ela está com mais fome do que eu, pensou. Está esfomeada. Mas sua mão tremeu ao baixar o quarto pão. Eu não estou tão faminta, pensou, e entregou o quinto.

A menininha esfomeada e selvagem de Londres ainda pegava e devorava os pães quando Sara se afastou. Ela estava faminta

demais para agradecer, mesmo se tivesse sido educada – e não fora. Era só um animalzinho perdido e coitado.

– Adeus – disse Sara.

Quando chegou ao outro lado da rua, olhou para trás. A criança segurava um pão em cada mão e parara no meio da mordida para observá-la. Sara a cumprimentou com um aceno de cabeça e a criança, depois de encará-la por mais um tempo, com um olhar demorado e curioso, sacudiu a cabecinha desgrenhada em resposta e, até Sara sumir de vista, ela não deu mais nenhuma mordida, nem mesmo engoliu o que mordera.

Naquele mesmo momento, a padeira olhou pela vitrine.

– Ora, quem diria! – exclamou. – Aquela menina deu os pães para uma criança de rua! Não porque não os quisesse, hein? Ora, ela parecia bem faminta. Eu gostaria de saber por que ela fez isso.

Por alguns minutos, refletiu sobre o assunto, parada atrás da vitrine. Finalmente, a curiosidade a dominou. Ela foi até a porta e falou com a menina pedinte.

– Quem deu a você esses pãezinhos? – perguntou.

A criança apontou com a cabeça para a silhueta de Sara ao longe.

– O que ela falou? – perguntou a mulher.

– Perguntou se eu tava com fome – respondeu a voz rouca.

– E o que você disse?

– Que tava, sim.

– Aí ela entrou, comprou os pães e deu a você, foi isso?

A menina assentiu.

– Quantos?

– Cinco.

A mulher refletiu.

– Ficou com um só – murmurou. – E teria conseguido comer os seis, dava para ver nos olhos dela.

Ela viu a pequena silhueta suja e molhada se afastar, e sentiu uma inquietação em sua mente normalmente confortável, mais do que sentira em muitos dias de vida.

– Queria que ela não tivesse ido embora tão rápido – falou. –

Deveria ter dado a ela uma dúzia.

Em seguida, ela se voltou para a criança.

– Ainda está com fome? – perguntou.

– Estou sempre com fome – veio a resposta –, mas já tá melhor.

– Entre – disse a mulher, abrindo a porta da padaria.

A criança se levantou e entrou, arrastando os pés. Ser convidada a um lugar quente e cheio de pães era uma maravilha. Ela não sabia o que ia acontecer. Nem se importava.

– Vá se aquecer – disse a mulher, apontando para uma lareira na salinha dos fundos. – E, olhe, quando estiver com fome, pode vir aqui pedir pão. Pode deixar que eu lhe darei, em nome daquela menina.

Sara encontrou certo conforto no pão restante. De qualquer forma, estava bem quentinho, e era melhor do que nada. No caminho, ela foi pegando pedacinhos e comendo devagar, para durarem mais tempo.

– Imagine que seja um pão mágico – disse –, e cada pedaço equivale a uma refeição inteira. Eu estaria estufada de tanto comer agora.

Já era noite quando ela chegou à praça onde ficava o Internato Seletto. As luzes das casas estavam todas acesas. As cortinas ainda não tinham sido fechadas nas janelas da sala onde quase sempre vislumbrava a Família Grande. Frequentemente, àquela hora, ela via o “sr. Montmorency” sentado em uma grande poltrona, cercado por um pequeno enxame que falava, ria e sentava-se nos braços da poltrona, no colo dele ou encostado nele. Naquela noite, o enxame o cercava, mas ele não estava sentado. Ao contrário, havia muita animação acontecendo. Era evidente que uma viagem estava para acontecer, e que era o sr. Montmorency quem viajaria. Uma carruagem aguardava na frente da casa, e uma enorme mala fora amarrada nela. As crianças estavam dançando de um lado para o outro, tagarelando e abraçando o pai. A mãe, bela e corada, encontrava-se ao lado dele, como se estivesse lhe fazendo as últimas recomendações. Sara parou por um momento, para vê-lo pegar os filhos menores no colo para um beijo, e curvar-se para beijar os mais velhos também.

Será que ele vai ficar muito tempo fora?, pensou. A maleta é bem grande. Ah, nossa, como sentirão saudades! Eu mesma sentirei saudades, mesmo que ele não saiba sequer que eu existo.

Quando a porta se abriu, ela se afastou – lembrando-se da moedinha –, mas viu o viajante sair e parar contra o fundo do corredor quente e iluminado, ainda cercado pelas crianças mais velhas.

– Moscou vai estar coberta de neve? – perguntou a menininha Janet. – Vai ter gelo para todo lado?

– Você vai andar de drosky? – exclamou outra. – Vai ver o Czar?

– Vou escrever contando tudo – respondeu ele, rindo. – E mandarei fotos de camponeses e de outras coisas. Corram para casa. A noite está úmida e horrível. Preferiria ficar com vocês a ir a Moscou. Boa noite! Boa noite, meus patinhos! Deus os abençoe!

Assim, ele correu degraus abaixo e entrou na carruagem.

– Se encontrar a menininha, mande beijos! – exclamou Guy Clarence, quicando no capacho.

Em seguida, eles entraram e fecharam a porta.

– Você viu – disse Janet para Nora, voltando à sala – a menininha-que-não-é-pedinte passar? Ela parecia toda molhada e com frio, e vi ela virar a cabeça para olhar para nós. A mamãe disse que as roupas dela sempre parecem ter sido doadas por alguém muito rico, que só se desfez das peças porque estavam muito esfarrapadas. As pessoas da escola sempre a mandam fazer tarefas na rua nos dias e nas noites mais horríveis.

Sara atravessou a praça na direção do prédio da srta. Minchin, sentindo-se tonta e trêmula.

Queria saber quem é essa tal de menininha, pensou. Essa menininha que ele vai procurar.

Assim, ela desceu os degraus para o subsolo, arrastando a cesta e a achando muito pesada, enquanto o pai da Família Grande ia com pressa à estação ferroviária para pegar um trem que o levaria a Moscou, onde deveria fazer o possível para procurar a filha perdida do capitão Crewe.

O que Melquisedec ouviu e viu

Naquela mesma tarde, enquanto Sara estava na rua, uma coisa estranha ocorreu no sótão. Só Melquisedec viu e ouviu; e ficou tão chocado e confuso que voltou correndo para sua toca e se escondeu lá, tremendo e tiritando enquanto espreitava, furtivamente e cheio de cuidado, o que acontecia.

O sótão ficara muito parado o dia todo após Sara sair de manhã. A imobilidade só fora interrompida pelo tamborilar da chuva nas telhas e na claraboia. Melquisedec, na verdade, achava tudo um tédio; e quando a chuva parou de cair e reinou o silêncio perfeito, ele decidiu sair e observar o ambiente, apesar de sua experiência indicar que Sara só voltaria bem mais tarde. Ele estivera passeando e farejando e tinha acabado de encontrar uma migalha totalmente inesperada e inexplicável que sobrara da última refeição, quando sua atenção foi atraída pelo barulho no telhado. Ele parou e escutou com o coração palpitante. O som indicava que algo se movia no telhado. Aproximou-se da claraboia... chegou à claraboia. A claraboia misteriosamente se abriu. Um rosto escuro olhou para o sótão; e outro rosto se somou a ele, ambos olhando com sinais de cuidado e interesse. Dois homens estavam lá fora, no telhado, fazendo preparações silenciosas para entrar pela própria claraboia. Um era Ram Dass, e o outro, um jovem que trabalhava como secretário do senhor indiano; mas, claro, Melquisedec não sabia de nada disso. Ele só sabia que os homens estavam invadindo o silêncio e a privacidade do sótão; e quando o de pele escura desceu pela abertura com tanta leveza e destreza que não fez o menor barulho, Melquisedec deu

meia-volta e fugiu apressado para a toca. Ele estava morto de medo. Deixara de ser tímido com Sara, e sabia que ela só jogaria migalhas para ele e nunca faria um ruído além do assobio baixo, suave e atraente; a proximidade de homens desconhecidos, contudo, era perigosa. Ele se apertou bem junto à entrada de seu lar, conseguindo espreitar pela rachadura com um olho assustado e arregalado. Quanto ele entendeu da conversa que ouviu, não sei de jeito algum identificar; mas, mesmo se entendesse tudo, provavelmente continuaria muito confuso.

O secretário, jovem e de pele clara, entrou pela claraboia do mesmo jeito silencioso de Ram Dass, e vislumbrou por um instante o rabo de Melquisedec.

– Aquilo era um rato? – perguntou a Ram Dass, em cochicho.

– Era um rato, sim, Sahib – respondeu Ram Dass, também cochichando. – Tem muitos ratos nas paredes.

– Eca! – exclamou o jovem. – Que surpresa a menina não morrer de medo deles...

Ram Dass fez um gesto com as mãos e também sorriu, respeitoso. Estava naquele lugar como tradutor íntimo de Sara, apesar de só ter falado com ela uma vez.

– A menina é amiguinha de todas as coisas, Sahib – respondeu. – Ela não é como as outras crianças. Eu a vejo quando ela não me vê. Deslizo pelas telhas e olho por ela muitas noites, para ver se ela está segura. Eu a observo pela janela sem que ela saiba que estou por perto. Ela sobe naquela mesa e olha para cima como se o céu falasse com ela. Os pardais vêm quando ela chega. O rato, ela alimenta e amansa, em sua solidão. A pobre escrava da casa vem buscar conforto nela. Há uma menininha que vem vê-la em segredo, e uma mais velha que a idolatra e a ouviria falar para sempre, se pudesse. Isso eu vi quando me esgueirei pelo telhado. Pela senhora da casa, uma mulher cruel, ela é tratada como pária; mas tem o porte de uma herdeira de sangue nobre!

– Você parece saber muito sobre ela – disse o secretário.

– Sei a vida dela de todos os dias – respondeu Ram Dass. – Quando ela sai, quando chega; sua tristeza e suas pobres alegrias; seu frio e sua fome. Sei quando ela fica sozinha até de madrugada, estudando seus livros; sei quando suas amigas secretas vêm para

vê-la e ela fica mais feliz, como crianças ficam, mesmo em meio à pobreza, porque então elas podem rir e conversar aos sussurros. Se ela adoecesse, eu saberia, e viria cuidar dela se possível.

– Você tem certeza de que ninguém vem aqui além dela, e que ela não aparecerá para nos surpreender? Ela se assustaria se nos encontrasse aqui, e o plano de Sahib Carrisford seria atrapalhado.

Ram Dass foi até a porta em silêncio e escutou.

– Ninguém sobe aqui além dela, Sahib – disse. – Ela saiu com a cesta e pode ficar muitas horas fora. Se eu ficar aqui, escutarei qualquer passo antes de chegar ao último lance de escadas.

O secretário pegou um lápis e um bloco do bolso da camisa.

– Fique de ouvidos atentos – falou, e começou a caminhar devagar e de leve pelo quatinho miserável, fazendo rápidas anotações no bloco enquanto observava os arredores.

Primeiro, foi à cama estreita. Apertou o colchão com a mão e soltou uma exclamação.

– Duro como pedra – disse. – Isso deverá ser alterado quando ela estiver fora, um dia desses. Podemos fazer um trajeto especial para trazê-lo. Não poderá ser feito hoje.

Ele ergueu a coberta e examinou o único travesseiro fino.

– Manta puída e gasta, edredom fino, lençol esfarrapado e remendado – falou. – Que cama para uma criança dormir... e em uma casa que se considera respeitável! Não se acende fogo naquela lareira há dias – acrescentou, olhando para a lareira enferrujada.

– Nunca vi aceso – disse Ram Dass. – A senhora da casa não é de se lembrar que alguém além dela sente frio.

O secretário fazia anotações rápidas no bloco. Ele ergueu o rosto ao arrancar a folha e guardá-la no bolso.

– É um jeito estranho de fazer isso – disse. – Quem planejou?

Ram Dass fez uma reverência de desculpas modesta.

– É verdade que a primeira ideia foi minha, Sahib – falou –, apesar de ser um mero devaneio. Sinto carinho por essa criança; somos ambos solitários. É hábito dela contar suas visões para as amigas secretas. Em uma noite de tristeza, eu me sentei perto da claraboia aberta e escutei. A visão que ela relatou descrevia como seria este quarto miserável se tivesse conforto. Ela parecia vê-lo ao

falar, e foi ficando cada vez mais calorosa e alegre. Então ela chegou a essa ideia; e, no dia seguinte, quando o Sahib estava doente e triste, contei-lhe a história para distraí-lo. Parecia-me um sonho, mas agradou ao Sahib. Ouvir as histórias da criança o entreteve. Ele ficou interessado nela, fez perguntas. Finalmente, começou a se divertir ao pensar em realizar as visões dela.

– Você acha que pode fazer isso enquanto ela dorme? E se ela acordar... – sugeriu o secretário, e ficou evidente que, qualquer que fosse o plano em questão, o tinha atraído e agradado, como acontecera com o Sahib Carrisford.

– Eu me desloco como se tivesse pés de veludo – disse Ram Dass –, e crianças dormem profundamente, mesmo se infelizes. Eu poderia ter entrado neste quarto muitas vezes, na calada da noite, sem que ela nem se revirasse no travesseiro. Se o outro responsável me passar as coisas pela janela, consigo dispor tudo, sem que ela se mexa. Quando despertar, ela acreditará ter sido visitada por um mago.

Ele sorriu como se seu peito se aquecesse sob as vestes brancas, e o secretário sorriu de volta.

– Será como uma história das Mil e Uma Noites – falou. – Só poderia ser planejada por alguém do Oriente, que não pertence ao nevoeiro londrino.

Eles não se demoraram muito, para grande alívio de Melquisedec, que, provavelmente sem compreender a conversa, sentiu que os movimentos e sussurros eram perigosos. O jovem secretário pareceu se interessar por tudo. Fez anotações sobre o chão, a lareira, o escabelo quebrado, a mesa velha, as paredes – que ele tocou de novo e de novo, parecendo muito satisfeito ao encontrar uma variedade de pregos velhos que tinham sido enfiados em cantos diversos.

– Dá para pendurar coisas neles – falou.

Ram Dass abriu um sorriso misterioso.

– Ontem, quando ela saiu – falou –, entrei aqui, trazendo comigo pregos pequenos e afiados que podem ser enfiados na parede sem a ajuda de um martelo. Instalei vários pelo gesso, onde poderiam ser úteis. Estão prontos.

O secretário do senhor indiano parou de andar e olhou ao

redor, guardando o bloco de volta no bolso.

– Acho que já fiz anotações suficientes, podemos ir embora – falou. – O Sahib Carrisford tem um coração caloroso. É uma grande lástima que ele não tenha encontrado a menina perdida.

– Se a encontrasse, sua força lhe seria restaurada – disse Ram Dass. – O Deus dele talvez ainda o conduza a ela.

Assim eles saíram pela claraboia, com o mesmo silêncio com que tinham entrado. Após ter certeza de que eles tinham ido embora, Melquisedec ficou enormemente aliviado e, alguns minutos depois, sentiu segurança o bastante para emergir da toca de novo e farejar pelo local, na esperança de que até seres humanos preocupantes como aqueles tivessem a chance de carregar migalhas nos bolsos e deixar cair uma ou outra.

A Magia

Quando Sara passou pela casa vizinha, viu Ram Dass fechando as cortinas e também vislumbrou a sala.

“Faz tanto tempo que não vejo um lugar bonito por dentro”, lhe ocorreu.

Havia o fogo vivo de costume ardendo na lareira, e o senhor indiano sentado à frente. Ele apoiava a cabeça na mão, com aparência solitária e infeliz como nunca.

– Coitado! – disse Sara. – Eu me pergunto o que estará imaginando.

O que ele “imaginava” naquele momento era o seguinte:

Imagine, pensou. Imagine, mesmo que Carmichael encontre as pessoas em Moscou, que a menininha que buscaram na escola de Madame Pascal em Paris não seja a que procuramos. Imagine que ela seja uma criança totalmente diferente. Quais serão meus próximos passos?

Quando Sara entrou em casa, encontrou a srta. Minchin, que descera para ralhar com a cozinheira.

– Por onde estava perdendo tempo? – questionou. – Faz horas que você saiu.

– Estava tão molhado e lamacento – respondeu Sara – que andar foi difícil, porque meus sapatos estão muito ruins e deslizam com facilidade.

– Chega de desculpas – disse a srta. Minchin – e de mentiras.

Sara se dirigiu à cozinheira, que recebera uma bronca severa e, portanto, encontrava-se em um humor detestável. Ela ficou

aliviadíssima por encontrar alguém em quem descontar a raiva, e Sara foi conveniente, como de costume.

– Por que não passou a noite fora? – perguntou, irritada.

Sara deixou as compras na mesa.

– Eis as compras – falou.

A cozinheira as olhou, resmungando. Estava mesmo com um humor do cão.

– Posso comer alguma coisa? – perguntou Sara, fraca.

– Já acabou o jantar – veio a resposta. – Era para eu deixar um prato quentinho para você?

Sara ficou em silêncio por um segundo.

– Não comi nada – disse em seguida, a voz bem baixa.

Ela falou baixo por medo de tremer.

– Tem pão na despensa – disse a cozinheira. – É tudo que vai encontrar a essa hora.

Sara foi atrás do pão. Estava velho, duro e seco. A cozinheira estava com um humor cruel demais para oferecer algum acompanhamento para o pão. Era sempre seguro e fácil descontar o rancor em Sara. Na verdade, era difícil para a menina subir os três lances compridos de escada que levavam ao sótão. Ela costumava achá-los longos e íngremes quando cansada, mas, naquela noite, parecia que nunca chegaria ao alto. Foi obrigada a parar e descansar várias vezes. Quando chegou ao patamar, ficou feliz em ver o brilho da luz escapando por sob a porta. Significava que Ermengarde conseguira subir para visitá-la. Havia certo conforto nisso. Era melhor do que entrar sozinha no quarto e encontrá-lo solitário e desolado. A mera presença de Ermengarde, rechonchuda e confortável, enroscada em seu xale vermelho, a aqueceria um pouco.

Sim, ali estava Ermengarde quando ela abriu a porta. Encontrava-se sentada no meio da cama, ajoelhada. Nunca se tornara íntima de Melquisedec e da família, por mais que os achasse fascinantes. Quando estava sozinha no sótão, sempre preferia ficar sentada na cama até Sara chegar. Na verdade, naquela ocasião havia ficado bastante nervosa, pois Melquisedec aparecera, tinha farejado bastante e chegou a fazê-la soltar um

gritinho contido, levantando-as patas traseiras e, olhando para ela, farejando o ar atentamente.

– Ah, Sara! – exclamou ela. – Que bom que você chegou. Melqui farejou tanto. Tentei convencê-lo a voltar para a toca, mas ele demorou muito. Gosto dele, sabe, mas me assusto quando ele me fareja. Você acha que ele *pularia*?

– Não – respondeu Sara.

Ermengarde engatinhou na cama, se aproximando para olhar para ela.

– Você parece *mesmo* cansada, Sara – disse –, está bem pálida.

– Estou cansada – disse Sara, se largando no escabelo torto. – Ah, aí está Melquisedec, coitadinho. Ele veio pedir o jantar.

Melquisedec saíra da toca como se estivesse à escuta, aguardando seus passos. Sara tinha certeza de que ele sabia identificar. Ele avançou com uma expressão de afeto e expectativa quando Sara enfiou a mão no bolso e o virou do avesso, sacudindo a cabeça.

– Peço mil perdões – disse. – Não me restou uma migalha sequer. Vá para casa, Melquisedec, e diga à sua esposa que não havia nada nos meus bolsos. Esqueci porque a cozinheira e a srta. Minchin estavam furiosas.

Melquisedec pareceu entender. Ele voltou para a toca, se não contente, ao menos resignado.

– Eu não esperava vê-la hoje, Ermie – disse Sara.

Ermengarde se abraçou no xale vermelho.

– A srta. Amélia foi passar a noite na casa da tia idosa – explicou. – Ninguém mais vem verificar se estamos no quarto. Posso ficar aqui até de manhã, se quiser.

Ela apontou para a mesa sob a claraboia. Sara não olhara para lá desde que chegara. Havia uma quantidade de livros empilhada ali. O gesto de Ermengarde foi de desânimo.

– O papai me mandou mais livros, Sara – falou. – Aí estão.

Sara olhou ao seu redor e se levantou imediatamente. Correu até a mesa e, pegando o exemplar de cima, o folheou rapidamente. Por um momento, esqueceu seus desconfortos.

– Ah – exclamou –, que lindo! A história da revolução francesa,

de Carlyle. Eu queria tanto ler esse!

– Eu não queria – disse Ermengarde. – E o papai vai ficar muito chateado se eu não ler. Ele espera que eu saiba tudo quando voltar para casa nas férias. O que eu faço?

Sara parou de folhear o livro e olhou para a amiga com um rubor animado no rosto.

– Olha só – disse –, se você me emprestar os livros, eu vou ler... e contar tudo a você depois... e contar para você lembrar, também.

– Ah, minha nossa! – exclamou Ermengarde. – Acha que consegue?

– Sei que sim – respondeu Sara. – As crianças menores sempre lembram do que conto.

– Sara – disse Ermengarde, o rosto redondo reluzindo de esperança –, se fizer isso e me fizer lembrar, eu... eu darei a você qualquer coisa.

– Não quero qualquer coisa – disse Sara. – Quero seus livros... é o que quero!

Ela arregalou os olhos, o peito ofegante.

– Fique com eles, então – disse Ermengarde. – Eu queria desejá-los... mas não desejo. Não sou inteligente, mas meu pai é, e acha que eu deveria ser.

Sara começou a abrir um livro atrás do outro.

– O que vai contar ao seu pai? – perguntou, uma pontada de dúvida surgindo em sua mente.

– Ah, ele não precisa saber – respondeu Ermengarde. – Ele vai achar que li.

Sara abaixou o livro e sacudiu a cabeça, devagar.

– Isso é como mentir – disse. – E mentiras... bom, veja, não só são maldade... como são vulgares. Às vezes – continuou, reflexiva –, achei que talvez pudesse fazer alguma maldade... como me enfurecer e matar a srta. Minchin, sabe, quando ela me maltrata... mas não conseguiria ser vulgar. Por que você não conta ao seu pai que eu li?

– Ele quer que eu leia – disse Ermengarde, um pouco desencorajada pela mudança de situação.

– Ele quer que você saiba o que eles contêm – disse Sara. – E se

eu lhe contar de um jeito fácil, que vai ajudá-la a se lembrar, acho que ele gostaria.

– Ele vai gostar de me ver aprender qualquer coisa de *qualquer* jeito – disse Ermengarde, triste. – Você também gostaria, se fosse meu pai.

– Não é culpa sua... – começou Sara.

Ela se conteve e se interrompeu repentinamente. Estivera prestes a dizer “Não é culpa sua você ser burra”.

– O quê? – perguntou Ermengarde.

– Você não aprender com rapidez. – Sara se corrigiu. – Se não consegue, não consegue. Se eu consigo... bom, eu consigo, simples assim.

Ela sempre sentia muito carinho por Ermengarde, e tentava não demonstrar demais a diferença entre ser capaz de aprender tudo de uma vez, e de não ser capaz de aprender nada, nunca. Olhando para o rosto redondo, um de seus pensamentos sábios e antiquados lhe ocorreu.

– Talvez – falou – saber aprender coisas rapidamente não seja tudo. Bondade vale muito mais para outras pessoas. Se a srta. Minchin soubesse tudo que há na terra e fosse como é hoje, ainda seria um ser detestável, odiada por todos. Muitas pessoas inteligentes fizeram coisas ruins e foram más. Veja só Robespierre...

Ela parou de falar, examinando a expressão de Ermengarde, que começava a demonstrar confusão.

– Você não lembra? – perguntou. – Faz pouco tempo que lhe contei sobre ele. Imagino que tenha esquecido.

– Bom, eu não me lembro de *tudo* – admitiu Ermengarde.

– Bom, espere um minuto – disse Sara –, que vou tirar a roupa molhada, me enroscar na manta e lhe contar tudo de novo.

Ela tirou o casaco e o chapéu, os pendurou em um prego na parede, e trocou os sapatos úmidos por pantufas velhas. Por fim, pulou na cama e, puxando a manta sobre os ombros, sentou-se abraçando os joelhos.

– Agora, me escute – disse.

Ela mergulhou nos relatos sangrentos da Revolução Francesa,

e contou tantas histórias que Ermengarde arregalou os olhos de susto e prendeu a respiração. Contudo, apesar de apavorada, havia uma emoção prazerosa em escutar, e ela provavelmente não esqueceria Robespierre de novo, nem teria dúvidas sobre a Princesa de Lamballe.

– Você sabia que cravaram uma estaca na cabeça dela e dançaram ao redor? – explicou Sara. – Ela tinha lindos cabelos loiros e esvoaçantes e, quando penso nela, nunca vejo a cabeça presa ao corpo, só na estaca, cercada por gente furiosa dançando e uivando.

Elas combinaram que o sr. St. John seria comunicado sobre o plano feito, e que os livros deveriam, por enquanto, permanecer no sótão.

– Agora vamos mudar de assunto – disse Sara. – Como vão as aulas de francês?

– Muito melhores desde a última visita, quando você me explicou as conjugações. A srta. Minchin não entendeu como fiz meus exercícios tão bem naquele dia.

Sara riu um pouco e abraçou os joelhos.

– Ela não entende por que Lottie está fazendo adições tão boas – disse –, mas é porque ela também vem até aqui escondida, e eu a ajudo. O sótão seria bem agradável... se não fosse tão horrível – continuou, olhando ao redor do quarto e gargalhando de novo. – É um bom lugar para o faz de conta.

A verdade era que Ermengarde não sabia nada do lado às vezes insuportável da vida no sótão, nem tinha uma imaginação suficientemente vívida para especular como seria. Nas raras ocasiões em que visitava o quarto de Sara, só via o lado que se tornava empolgante pelos “faz de conta” e pelas histórias contadas. Era como se as visitas fossem feitas a um personagem de aventuras; e apesar de Sara às vezes estar bem pálida, e não se podia negar que emagrecera muito, seu espírito orgulhoso não admitira reclamações. Ela nunca confessara que, às vezes, ficava enlouquecida de fome, como naquela noite. Estava crescendo rápido, e andava e corria tanto que manteria seu apetite mesmo se tivesse acesso a refeições abundantes, regulares e muito mais nutritivas do que a comida insossa e inferior arranjada nos

horários irregulares que se encaixavam à conveniência da cozinha. Ela estava se acostumando a uma sensação torturante no seu estômago jovem.

– Imagino que soldados se sintam assim quando se encontram em uma marcha longa e exaustiva – dizia muito para si mesma.

Ela gostava do conceito de “marcha longa e exaustiva”; fazia com que ela se sentisse como um soldado também. Além disso, tinha uma dedicação peculiar a servir de anfitriã no sótão.

– Se eu morasse em um castelo – argumentava – e Ermengarde fosse a dama de outro castelo, e viesse me ver, acompanhada por cavaleiros, valetes e vassalos e flâmulas esvoaçantes, quando eu ouvisse as trombetas soarem na ponte levadiça, iria recebê-la, espalharia banquetes pelo salão e convocaria menestréis para cantar, atuar e relatar romances. Quando ela vem ao sótão, não posso servir banquetes, mas posso contar histórias e não permitir que ela saiba das coisas desagradáveis. Ouso dizer que pobres castelãs tinham que fazer o mesmo na época da fome, quando suas terras eram saqueadas.

Ela era uma pequena castelã orgulhosa e corajosa, e oferecia com generosidade a única hospitalidade que tinha para dar: seus sonhos, suas visões e as imaginações que lhe serviam de alegria e conforto.

Portanto, sentadas juntas, Ermengarde não sabia que ela estava faminta e tonta, e que enquanto falava, vez ou outra se perguntava se a fome a permitiria dormir quando fosse deixada a sós. Ela sentia que nunca antes estivera tão faminta.

– Queria ser magra como você, Sara – disse Ermengarde, repentinamente. – Acho que você está ainda mais magra do que era. Seus olhos estão tão grandes, e olha esses ossos pontudos no cotovelo.

Sara puxou a manga, que se embolara, para cobrir o cotovelo.

– Sempre fui uma menina magra – disse ela, orgulhosa – e sempre tive olhos verdes grandes.

– Eu amo seus olhos estranhos – disse Ermengarde, observando-os com admiração afetuosa. – Sempre parecem ver muito longe. Eu os amo, e amo que sejam verdes, apesar de normalmente parecerem pretos.

– São olhos de gato – riu Sara –, mas não enxergo no escuro com eles. Tentei, mas não consegui... queria conseguir.

Foi naquele minuto que algo ocorreu na claraboia sem que elas vissem. Se qualquer uma das duas tivesse, por acaso, se virado para olhar, teria se assustado com o rosto de pele escura que espreitou cuidadosamente o quarto e desapareceu quase tão depressa e silenciosamente quanto surgira. Não tão silenciosamente assim, contudo. Sara, que tinha ouvidos aguçados, de repente se virou um pouco, voltando-se para o telhado.

– Não pareceu Melquisedec – disse. – Não era um arranhão como o dele.

– Quê? – disse Ermengarde, meio assustada.

– Não ouviu nada? – perguntou Sara.

– Nã... não – disse Ermengarde, hesitante. – Você ouviu?

– Talvez não – disse Sara –, mas achei ter ouvido. Parecia que tinha alguma coisa nas telhas... se arrastando suavemente.

– O que seria? – perguntou Ermengarde. – Seriam... ladrões?

– Não – começou Sara, alegre –, não tem nada para roubar...

Ela se interrompeu no meio da frase. As duas ouviram o barulho que a deteve. Não era nas telhas, mas nas escadas mais abaixo, e era a voz furiosa da srta. Minchin. Sara pulou da cama e apagou a vela.

– Ela está brigando com a Becky – sussurrou Sara, parada no escuro. – Está fazendo ela chorar.

– Será que ela vai vir aqui? – cochichou Ermengarde de volta, em pânico.

– Não. Vai achar que estou dormindo. Não se mexa.

Era muito raro a srta. Minchin subir o último lance de escadas. Sara só se lembrava de tê-la visto fazer aquilo uma vez. Contudo, ela soava furiosa o bastante para subir pelo menos parte do caminho, e parecia que empurrava Becky à sua frente.

– Sua menina sem vergonha e desonesta! – a ouviram gritar. – A cozinheira me disse que deu falta de várias coisas.

– Não fui eu, dona – disse Becky, soluçando. – Mesmo com fome, não fui eu... nunca!

– Você merece ser presa – disse a srta. Minchin. – Furto e roubo! Metade de uma torta de carne!

– Não fui eu – chorou Becky. – Eu teria comido uma inteirinha, mas não cheguei nem perto.

A srta. Minchin estava ficando sem fôlego, pela raiva e por subir as escadas. A torta de carne havia sido preparada para sua ceia especial. Ela estapeou as orelhas de Becky.

– Não minta – disse. – Vá para o seu quarto agora mesmo.

Sara e Ermengarde ouviram o tapa e, depois, Becky correr escada acima com os sapatos gastos, chegando ao sótão. Ouviram a porta se fechar, e ela se jogar na cama.

– Eu podia ter comido até duas – a ouviram chorar no travesseiro. – E nunca dei uma mordidinha. Foi a cozinheira que deu para o policial dela.

Sara ficou de pé no meio do quarto, no escuro. Ela apertava os dentes e abria e fechava furiosamente as mãos esticadas. Mal conseguia ficar parada, mas não ousou se mexer até a srta. Minchin descer as escadas e tudo ficar em silêncio.

– Que mulher má e cruel! – exclamou. – A cozinheira rouba as coisas e diz que foi a Becky. Não foi ela! Não foi! Ela às vezes tem tanta fome que come restos da lixeira!

Ela apertou o rosto com as mãos e irrompeu em soluços arrebatados, e Ermengarde, ouvindo o som tão raro, ficou intimidada. Sara estava chorando! Sara, a indomável! Parecia indicar algo novo, um humor que ela não conhecia. Imagine... imagine... uma nova possibilidade assustadora se apresentou subitamente à sua pequena mente lenta e bondosa. Ela saiu da cama no escuro e se dirigiu à mesa onde estava a vela. Acendeu um fósforo e a vela a seguir. Quando o fez, se aproximou e olhou para Sara, com seu novo pensamento tornando-se um medo certo em seus olhos.

– Sara – disse ela, em uma voz tímida, quase apavorada –, você... você... você nunca me disse... não quero ser rude, mas... você passa fome?

Foi demais para aquele momento. A barreira se rompeu. Sara ergueu o rosto das mãos.

– Passo – disse, de um jeito novo, passional. – Passo, sim. Estou

tão faminta agora que podia devorá-la. E só piora ao ouvir a coitada da Becky. Ela passa mais fome do que eu.

Ermengarde suspirou.

– Ah, ah! – exclamou, lamuriosa. – E eu nunca soube!

– Eu não queria que soubesse – disse Sara. – Faria com que eu me sentisse uma indigente. Sei que pareço indigente.

– Não, não... não parece! – interrompeu Ermengarde. – Suas roupas são um pouco estranhas... mas você não parece indigente. Não tem cara de indigente.

– Uma vez, um garotinho me deu uma moeda por caridade – disse Sara, com uma gargalhada curta a contragosto. – Aqui está – falou, mostrando a fita fina no pescoço. – Ele não teria me dado a moedinha de Natal se eu não parecesse precisar dela.

De algum modo, ver a querida moedinha fez bem para as duas. Elas riram um pouco, mesmo que ainda tivessem lágrimas nos olhos.

– Quem era ele? – perguntou Ermengarde, olhando para a moeda como se não fosse uma moedinha simples de prata, de seis centavos.

– Era um menininho fofo, a caminho de uma festa – disse Sara. – Era da Família Grande, o pequenininho de pernas redondas, que eu chamo de Guy Clarence. Imagino que o quarto dele estivesse transbordando de presentes de Natal, bolos e doces, e ele viu que eu não tinha nada.

Ermengarde deu um pulinho para trás. A última frase ajudara sua mente perturbada a lembrar-se de algo e lhe trouxera inspiração repentina.

– Ah, Sara! – exclamou. – Que boba eu fui por não pensar nisso!

– No quê?

– Uma coisa esplêndida! – disse Ermengarde, apressada pela empolgação. – Hoje à tarde, minha tia mais simpática me mandou uma caixa. Está cheia de delícias. Nem mexi, de tanta sobremesa que comi no jantar, e de tanta preocupação com os livros do papai – continuou, começando a embolar as palavras. – Tem bolo, e tortinhas de carne, e tortas de geleia, e pãezinhos, e laranjas, e suco de groselha, e figos e chocolate. Vou voltar ao meu quarto

para buscar neste minuto, para a gente comer.

Sara quase caiu. Quando se está tonta de fome, a mera menção de comida pode ter efeitos curiosos. Ela agarrou o braço de Ermengarde.

– Você acha que... você consegue? – exclamou.

– Sei que consigo – respondeu Ermengarde.

Ela correu até a porta, a abriu devagar, passou a cabeça para fora, no escuro, e escutou. Finalmente, voltou para Sara.

– As luzes estão apagadas – falou. – Está todo mundo na cama. Posso me esgueirar... discretamente... e ninguém vai saber.

Foi uma ideia tão prazerosa que elas se deram as mãos e uma luz repentina tomou os olhos de Sara.

– Ermie! – disse ela. – Vamos fazer de conta! Fazer de conta que é uma festa! E, ah, que tal convidar a prisioneira na cela vizinha?

– Isso! Isso! Vamos bater na parede agora. A carcereira não escutará.

Sara foi até a parede, através da qual ouvia a pobre Becky chorando baixinho. Ela bateu quatro vezes.

– Isso significa “Venha pela passagem secreta subterrânea”, explicou, “eu tenho algo a comunicar”.

Cinco batidinhas rápidas soaram em resposta.

– Ela está vindo – disse Sara.

Quase imediatamente, a porta do sótão se abriu e Becky surgiu. Os olhos dela estavam vermelhos e a touca, caindo, e, ao ver Ermengarde, ela começou a esfregar o rosto, nervosa, com o avental.

– Não se incomode comigo, Becky! – exclamou Ermengarde.

– A srta. Ermengarde a convidou – disse Sara – pois vai trazer uma caixa de delícias para nós.

A touca de Becky caiu quase completamente, de tanta empolgação em seu movimento.

– Para comer, senhorita? – perguntou. – Delícias de comer?

– Sim – respondeu Sara –, e vamos fazer de conta que é uma festa.

– E você vai comer o quanto quiser – interveio Ermengarde. –

Vou neste minuto!

Ela estava com tanta pressa ao sair do sótão, na ponta dos pés, que derrubou o xale e não reparou. Ninguém o viu por um minuto ou dois. Becky estava emocionada demais pela sorte que lhe acontecera.

– Ah, senhorita! Ah, senhorita! – ofegou. – Sei que foi você que pediu para ela me convidar. Eu... eu quero chorar só de pensar.

Becky se aproximou de Sara, para olhar para ela com adoração.

Nos olhos famintos de Sara, contudo, a velha luz começara a brilhar e transformar o mundo ao seu redor. Ali no sótão, com a noite fria lá fora, com a tarde nas ruas imundas recém-terminada, com a memória ainda presente da expressão esfaimada horrível no rosto da menina pedinte, aquela coisa simples e alegre ocorrera como pura magia.

Ela ficou sem ar.

– De alguma forma, algo sempre acontece – exclamou –, logo antes das coisas chegarem ao seu pior. É como se fosse magia. Se ao menos eu sempre pudesse me lembrar disso. O pior de tudo nunca *chega* a acontecer.

Ela sacudiu Becky um pouco, alegre.

– Não, não! Não chore! – disse. – Temos que nos apressar para arrumar a mesa.

– Arrumar a mesa, senhorita? – disse Becky, olhando ao redor.
– Com o que arrumaremos?

Sara também olhou ao redor do sótão.

– Não parece mesmo haver muito – respondeu, com uma leve gargalhada.

Naquele momento, ela viu algo e correu para pegá-lo. Era o xale vermelho de Ermengarde, caído no chão.

– Eis o xale – disse. – Sei que ela não se incomodará. Vai servir para uma linda toalha de mesa vermelha.

Elas puxaram a velha mesa e a cobriram com o xale. Vermelho é uma cor maravilhosamente agradável e confortável. Fez o cômodo parecer imediatamente mais arrumado.

– Como ficaria lindo um tapete vermelho no chão! – exclamou

Sara. – Vamos fingir que temos um!

O olhar dela percorreu o assoalho com admiração repentina. O tapete já se encontrava ali.

– Como é grosso e macio! – falou, com a leve gargalhada que Becky já sabia interpretar.

Sara levantou e abaixou o pé de novo, delicadamente, como se sentisse algo ali.

– Sim, senhorita – respondeu Becky, observando-a com fascínio sério.

Ela sempre levava tudo bem a sério.

– E agora? – perguntou Sara, parando de se mexer e cobrindo os olhos com as mãos. – Algo virá se eu pensar e esperar um pouco... – falou, em uma voz suave de expectativa. – A magia me dirá.

Uma de suas fantasias preferidas era que “lá fora”, como chamava, pensamentos esperavam que as pessoas os convocassem. Becky a vira esperar, parada, muitas vezes antes, e sabia que em alguns segundos descobriria um rosto iluminado às gargalhadas.

Em um momento, foi o que fez.

– Pronto! – exclamou. – Veio! Agora eu sei! Tenho que olhar as coisas no velho baú de quando eu era princesa.

Ela correu até o canto e se ajoelhou. O baú não fora colocado no sótão para ela, mas porque não havia outro lugar para ele. Nada restava ali além de lixo, mas ela sabia que arranjaría alguma coisa. A magia sempre dava um jeito, de uma forma ou de outra.

Em um canto estava um embrulho de aparência tão insignificante que poderia ser ignorado e, quando ela o encontrara, tinha guardado como relíquia. Continha uma dúzia de lencinhos brancos. Ela os pegou, alegremente, e correu até a mesa. Começou a arrumá-los na toalha vermelha, dando tapinhas e ajustando as bordas curvadas de renda fina para fora, a magia fazendo seu efeito no movimento.

– São pratos – disse. – São pratos dourados. E esses são guardanapos finamente bordados. Foram feitos por freiras em conventos espanhóis.

– Foram mesmo, senhorita? – suspirou Becky, elevada até a alma pela informação.

– Temos que fazer de conta – disse Sara. – Se nos esforçarmos, vamos vê-los.

– Sim, senhorita – disse Becky, e, quando Sara voltou ao baú, ela se dedicou a atingir o tal fim tão desejado.

Sara se voltou de repente e a encontrou parada perto da mesa, com uma aparência bem estranha. Becky fechara os olhos e retorcia o rosto em convulsões esquisitas, as mãos apertadas com força ao lado do corpo. Ela parecia estar tentando erguer um peso enorme.

– O que houve, Becky? – perguntou Sara. – O que está fazendo? Becky abriu os olhos, assustada.

– Eu estava fazendo de conta, senhorita – respondeu, um pouco tímida. – Tentando ver como você. Quase consegui – falou, com um sorriso de esperança –, mas precisa ser muito forte.

– Talvez, se você não estiver habituada – disse Sara, amigável –, mas você nem sabe como é fácil quando fazemos com frequência. Eu não tentaria com tanta força, no começo. Virá para você depois de um tempo. Vou só lhe dizer o que são as coisas. Olhe aqui.

Ela segurava um chapéu de verão antigo, que pegara no fundo do baú. Havia uma guirlanda de flores nele, que ela tirou.

– São flores para o banquete – declarou, grandiosa. – Enchem o ar de perfume. Tem uma caneca na pia, Becky. Ah... e traga a saboneteira para decorar o centro da mesa.

Becky pegou os objetos e os entregou com reverência.

– E agora, o que são? – perguntou. – Eu diria que é tudo feito de barro... mas sei que não é.

– Esta é uma jarra esculpida – disse Sara, arranjando os fios da guirlanda ao redor da caneca. – E isto aqui – falou, se curvando com ternura sobre a saboneteira e a cobrindo de rosas – é puro alabastro incrustado com pedras preciosas.

Ela tocou os objetos suavemente, um sorriso alegre em seu rosto, que lhe dava a aparência de uma criatura de sonho.

– Nossa, como é lindo! – sussurrou Becky.

– Se ao menos tivéssemos um pratinho para os bombons... –

murmurou Sara. – Pronto! – exclamou, voltando ao baú. – Lembro que acabei de ver alguma coisa.

Era só um monte de lã embrulhada em papel de seda vermelho e branco, mas o papel logo foi retorcido na forma de pratinhos, combinando com as flores restantes para decorar o castiçal que iluminaria o banquete. Só a magia poderia fazer daquilo mais que uma mesa velha com um xale vermelho, coberta de lixo de um baú trancado. Mas Sara se afastou e a admirou, vendo maravilhas; e Becky, depois de admirar, deleitada, falou, sem fôlego:

– Isso aqui – sugeriu, olhando ao redor do sótão – ainda é a Bastilha? Ou virou outra coisa?

– Ah, sim! Sim! – disse Sara. – Outra coisa bem diferente. É um salão de banquetes!

– Minha nossa, senhorita! – exclamou Becky. – Um sabão de banquetas!

Ela virou-se para ver o esplendor dos arredores, fascinada e aturdida.

– Um salão de banquetes – corrigiu Sara. – Uma sala ampla onde acontecem jantares. Tem teto abobadado, e galeria de menestréis, e uma chaminé enorme cheia de lenha de carvalho em chamas, iluminada com velas acesas por todo lado.

– Minha nossa, senhorita Sara! – suspirou Becky de novo.

De repente a porta se abriu e Ermengarde entrou, cambaleando sob o peso da cesta. Ela se sobressaltou, com uma exclamação alegre. Chegar do frio e do escuro de fora e se deparar com uma mesa festiva totalmente inesperada, coberta de vermelho, decorada com guardanapos brancos, e adornada com flores, dava a sensação de que as preparações eram mesmo brilhantes.

– Ah, Sara! – disse ela. – Você é a menina mais esperta que já vi.

– Não ficou bonito? – disse Sara. – São coisas do meu velho baú. Pedi à minha magia, e ela me disse para ver.

– Mas, ah, senhorita – interveio Becky –, espere até ela explicar o que é tudo! Não é só... ah, senhorita, por favor, conte para ela – suplicou para Sara.

Então Sara contou e, porque a magia a ajudou, quase a fez ver

tudo: as travessas de ouro, a abóbada, a lenha em chamas, as velas de cera reluzentes. Conforme as coisas foram sendo tiradas da cesta – os bolos glaceados, as frutas, os bombons e o suco –, o banquete tornou-se mesmo esplêndido.

– Como uma festa de verdade! – exclamou Ermengarde.

– Como o banquete de uma rainha – suspirou Becky.

Ermengarde teve uma ideia brilhante e repentina.

– Vamos fazer o seguinte, Sara – falou. – Faça de conta que é uma princesa e que este é um banquete real.

– Mas é seu banquete – disse Sara –, você deve ser a princesa, e nós seremos suas damas de companhia.

– Ah, não posso – disse Ermengarde. – Sou gorda demais, e não sei o que fazer. Você deve ser a princesa.

– Bom, se você quiser – disse Sara.

De repente, ela teve outra ideia e correu até a lareira enferrujada.

– Tem muito papel e lixo enfiado aqui! – exclamou. – Se acendermos, conseguiremos que uma chama forte se mantenha por alguns minutos, e sentiremos que é uma lareira de verdade.

Ela acendeu um fósforo e o jogou ali, causando um brilho forte que iluminou o cômodo.

– Quando acabar de queimar – disse Sara –, vamos esquecer que não é de verdade.

Ela parou diante do brilho bruxuleante e sorriu.

– Não parece de verdade? – perguntou. – Agora vamos começar a festa.

Ela seguiu até a mesa e fez um gesto gracioso para Ermengarde e Becky. Estava em meio a um sonho.

– Venham, belas damas – disse, em sua voz onírica alegre –, e sentem-se à mesa do banquete. Meu nobre pai, o rei, que está ausente, em uma longa viagem, ordenou que eu oferecesse a vocês este repasto – continuou, e virou a cabeça de leve para outro canto da sala. – Ah, ó, aqui, menestrelis! Comecem a tocar suas violas da gamba e seus fagotes. Princesas – explicou rapidamente para Ermengarde e Becky – sempre chamavam menestrelis para tocar em seus banquetes. Finjam que há uma galeria de menestrelis lá no

canto. Agora, comecemos.

Elas mal tiveram tempo de pegar pedaços de bolo, e nenhuma teve tempo de fazer mais do que isso, antes das três pularem de pé, virando o rosto lívido para a porta... escutando... escutando.

Alguém subia a escada. Não havia como se enganar. As três reconheceram os passos furiosos que se aproximavam e souberam que o fim de tudo chegara.

– É... é a patroa! – grasnou Becky, e largou o pedaço de bolo no chão.

– Sim – disse Sara, arregalando olhos chocados no rostinho branco. – A srta. Minchin nos descobriu.

A srta. Minchin escancarou a porta com uma pancada. Ela também estava lívida, mas era de fúria. Olhou dos rostos assustados para a mesa do banquete, e da mesa para as últimas labaredas do papel queimado na lareira.

– Tenho suspeitado de algo deste tipo – exclamou –, mas nem sonhei com tamanha ousadia. Lavínia falou a verdade.

Elas souberam, então, que fora Lavínia quem, de algum modo, adivinhara seu segredo e as traíra. A srta. Minchin andou até Becky e a estapeou uma segunda vez.

– Sua criatura desaforada! – gritou. – Irá embora desta casa amanhã mesmo!

Sara ficou imóvel, os olhos cada vez mais arregalados e a pele, mais pálida. Ermengarde irrompeu em lágrimas.

– Ah, não a mande embora – soluçou. – Minha tia mandou essa cesta. Estávamos... só... fazendo uma festa.

– Entendo – disse a srta. Minchin, com a voz cruel. – Com a princesa Sara à cabeceira.

Ela se voltou, feroz, para Sara.

– É sua culpa, eu sei – declarou. – Ermengarde nunca teria pensado numa coisa dessas. Você decorou a mesa, imagino... com esse lixo.

A srta. Minchin bateu o pé para Becky.

– Vá para o seu sótão! – ordenou, e Becky saiu correndo, o rosto escondido no avental, os ombros tremendo.

Então foi a vez de Sara de novo.

– Cuidarei de você amanhã. Você não terá café, nem almoço, nem jantar!

– Já não almocei nem jantei hoje, srta. Minchin – disse Sara, com a voz fraca.

– Melhor ainda. Terá algo de que se lembrar. Não fique aí parada. Guarde tudo de volta na cesta.

Ela mesma começou a tirar as comidas da mesa e guardá-las na cesta, e viu os novos livros de Ermengarde.

– E você – disse para Ermengarde – trouxe seus lindos livros novos para este sótão imundo. Leve-os de volta e vá se deitar. Você vai passar o dia no seu quarto, amanhã, e escreverei para seu pai. O que ELE diria se soubesse onde você está hoje?

A srta. Minchin viu algo no olhar grave e fixo de Sara naquele momento, que a fez voltar-se para ela com ferocidade.

– O que está havendo? – exigiu saber. – Por que me olha desse jeito?

– Eu estava pensando – respondeu Sara, como respondera naquele dia notável na sala de aula.

– Pensando no quê?

Foi muito semelhante à cena da sala de aula. Não havia atrevimento nos modos de Sara, só tristeza e quietude.

– Eu estava pensando – disse, baixinho – no que meu papai diria se soubesse onde estou hoje.

A srta. Minchin se enfureceu, assim como se enfurecera antes, e sua raiva se expressou, como antes, de modo descontrolado. Ela se jogou contra Sara e a sacudiu.

– Sua criança insolente e incontrolável! – gritou. – Como ousa! Como ousa!

Ela pegou os livros, arremessou o resto do banquete na cesta em uma pilha bagunçada, jogou tudo nos braços de Ermengarde e a empurrou na direção da porta.

– Vou deixá-la pensando – disse. – Vá já se deitar.

Assim, ela fechou a porta atrás de si e da pobre e cambaleante Ermengarde, e deixou Sara sozinha.

O sonho chegara mesmo ao fim. A última labareda morreu no papel da lareira, deixando só carvão preto; a mesa estava nua, os

pratos de ouro, os guardanapos lindamente bordados e os buquês transformados de volta em velhos lenços, pedaços de papel vermelho e branco, e flores artificiais descartadas, tudo espalhado pelo chão; os menestréis na galeria tinham escapado, e as violas de gamba e os fagotes, se aquietado. Emily estava sentada de costas para a parede, olhando com firmeza. Sara a viu e foi pegá-la com mãos trêmulas.

– Não sobrou banquete nenhum, Emily – disse. – E princesa alguma. Não restou nada além das prisioneiras da Bastilha.

Assim, ela se sentou e escondeu o rosto.

O que teria acontecido se, naquele instante, ela não tivesse se escondido, e tivesse, em vez disso, olhado para a claraboia no momento errado, não sei; talvez o final deste capítulo fosse bem diferente, porque, se ela tivesse olhado para a claraboia, certamente teria se assustado com o que veria. Pois teria visto exatamente o mesmo rosto encostado no vidro, observando-a, como havia feito no começo da noite, quando ela conversava com Ermengarde.

Contudo, ela não olhou. Ficou sentada com a cabecinha de cabelos pretos abaixada nos braços por um bom tempo. Sempre se sentava daquele jeito quando tentava suportar algo em silêncio. Finalmente, se levantou e se dirigiu à cama, devagar.

– Não posso fingir mais nada... acordada – falou. – Não adiantaria tentar. Se eu for dormir, talvez um sonho venha e finja por mim.

De repente, ela sentiu-se tão cansada, talvez pela fome, que se sentou na beirada da cama, bem fraca.

– Imagine um fogo claro na lareira, com várias pequenas chamas dançantes – murmurou. – Imagine uma poltrona confortável diante dele... e imagine uma mesinha ao lado, com um pouquinho de jantar... jantar quente. E imagine... – continuou, puxando a coberta fina para cobri-la. – Imagine que esta cama é linda e macia, com cobertores de flanela e travesseiros grandes de pluma. Imagine... imagine...

O cansaço lhe fez bem, pois ela fechou os olhos e adormeceu imediatamente.

Ela não sabia por quanto tempo dormiria, mas estava cansada

o bastante para dormir profunda e longamente... e tão serenamente que não se perturbaria com nada, nem mesmo com os guinchos e passinhos de toda a família de Melquisedec, se todos os seus filhos e filhas tivessem decidido sair da toca para brincar, correr e brigar.

Quando acordou, foi repentinamente, e ela não sabia de nada em específico que a tivesse despertado. A verdade, contudo, era que um som a trouxera à consciência – um som de verdade, o clique da claraboia se fechando depois de uma silhueta branca e esguia se esgueirar por ela e se agachar baixinho nas telhas, próxima o bastante para ver o que acontecia no sótão, mas não para ser vista.

A princípio, ela não abriu os olhos. Sentia-se muito sonolenta e, estranhamente, muito quente e confortável. Estava tão quente e confortável, na verdade, que não acreditou estar totalmente desperta. Ela nunca se sentiria tão aquecida e aconchegada assim se não fosse uma maravilhosa ilusão.

– Que sonho gostoso! – murmurou. – Estou tão quentinha. Eu... não... quero... acordar.

Claro que era um sonho. Ela sentia que deliciosos lençóis e mantas quentes a cobriam. Dava para sentir as cobertas e, quando esticou a mão, sentiu algo que se assemelhava exatamente a um edredom acetinado. Ela não podia acordar daquela delícia, precisava ficar imóvel, para durar bastante.

Contudo, não conseguiu; mesmo com os olhos bem fechados, não conseguiu. Algo a forçava a acordar, algo no quarto. Era a sensação da luz, e um som... o som de uma lareira acesa e crepitante.

– Ah, estou acordando – lamentou-se. – Não dá... não consigo.

Ela abriu os olhos, a contragosto. E sorriu – pois o que viu, nunca antes vira no sótão, e sabia que nunca deveria ver.

– Ah, eu não acordei – sussurrou, ousando se apoiar no cotovelo e olhar ao redor. – Ainda estou sonhando.

Ela sabia que devia ser um sonho, pois, acordada, tais coisas não podiam... não podiam existir.

Não é de surpreender que ela estivesse certa de não ter voltado à terra. Eis o que ela viu. Na lareira, havia um fogo claro e

crepitante; na grelha, uma chaleirinha de latão, fervendo e assobiando; espalhado no chão, um tapete carmesim, grosso e quente; diante da lareira, uma cadeira de armar, com almofadas; ao lado da cadeira, uma mesinha de armar, coberta por uma toalha branca, sobre a qual estavam dispostos pequenos pratos cobertos, uma xícara, um pires, e um bule; na cama, novas mantas quentes e um edredom acetinado; ao pé da cama, um roupão de seda acolchoado, um par de pantufas fofas, e alguns livros. O quarto de seu sonho parecia transformado em um conto de fadas, inundado por uma luz quente, pois uma luminária clara encontrava-se na mesa, coberta por um abajur rosado.

Ela se endireitou, apoiada no cotovelo, e começou a ofegar.

– Não está... derretendo – suspirou. – Ah, nunca tive um sonho assim.

Ela mal ousava se mexer; mas, finalmente, afastou as cobertas e pisou no chão com um sorriso arrebatado.

– Estou sonhando... estou levantando – ouviu sua voz dizer; e, ao se erguer no meio de tudo, virou-se devagar de um lado ao outro. – Estou sonhando que continua... verdade! Estou sonhando que a sensação é de verdade. É um feitiço... ou fui enfeitiçada. Só acho que estou vendo isso tudo – continuou, e suas palavras tornaram-se mais apressadas. – Se puder continuar pensando – exclamou –, tudo bem! Não me importo!

Ela ficou mais um momento ofegante, e voltou a exclamar.

– Ah, não é verdade! Não pode ser verdade! Mas, ah, como parece verdade!

O fogo ardente a atraíu, e ela se ajoelhou e esticou a mão, chegando tão perto que o calor a fez se afastar.

– Se eu só sonhasse com o fogo, não seria tão quente – declarou.

Ela ficou de pé em um pulo, tocou a mesa, os pratos, o tapete; foi à cama e tocou as cobertas. Pegou o roupão macio e estofado e o agarrou ao peito de repente, levando-o ao seu rosto.

– É quente. E macio! – quase soluçou. – É verdade. Tem que ser!

Ela se cobriu com o roupão e calçou as pantufas.

– Elas também são de verdade. É tudo verdade! – exclamou. – Eu não... não estou sonhando!

Correu até os livros, quase aos tropeços, e abriu o que estava em cima da pilha. Havia algo escrito na folha de rosto – só algumas palavras: “Para a garotinha do sótão. De um amigo.”

Ao ver a dedicatória – e que coisa estranha de se fazer –, ela apoiou o rosto na página e irrompeu em lágrimas.

– Não sei quem – falou –, mas alguém se preocupa um pouco comigo. Tenho um amigo.

Ela pegou a vela, saiu do quarto e foi ao de Becky, parando ao pé da cama dela.

– Becky, Becky! – sussurrou, o mais alto que ousou. – Acorde!

Quando Becky acordou e sentou-se abruptamente, com uma expressão de choque, o rosto ainda sujo de lágrimas, ao seu lado encontrava-se uma figurinha vestindo um roupão luxuoso de seda vermelha. O rosto que viu era maravilhoso e reluzente. A princesa Sara, bem como ela lembrava, encontrava-se ao pé de sua cama, com uma vela em mãos.

– Venha – disse ela. – Ah, Becky, venha!

Becky estava muito assustada para falar. Ela simplesmente se levantou e a seguiu, com a boca e os olhos abertos, sem dizer uma palavra.

Quando elas entraram, Sara fechou a porta devagar e a trouxe ao calor e ao brilho das coisas que faziam sua cabeça se agitar e seus sentidos famintos se desvanecerem.

– É verdade! É verdade! – exclamou. – Já mexi em tudo. É tão real quanto a gente. A magia veio e agiu, Becky, enquanto dormíamos... a magia que não deixa o pior chegar a acontecer, nunca.

A visita

Imagine, se puder, como foi o resto da noite. Como elas se agacharam junto ao fogo, que ardia e crepitava e se exibia na lareirinha. Como destamparam os pratos e descobriram ali uma sopa saborosa, quente e nutritiva, o que, por si só já era uma refeição, além de sanduíches, torradas e bolinhos o bastante para as duas. A caneca da pia foi usada como xícara para Becky, e o chá era tão delicioso que não foi necessário fingir que era qualquer coisa além de chá. Elas ficaram aquecidas, alimentadas e felizes e, como era típico de Sara, ao descobrir que sua sorte estranha era verdadeira, ela se entregou completamente ao seu aproveitamento. Ela vivera uma vida tão cheia de imaginação que era igualmente disposta a aceitar todas as maravilhas que ocorressem, quase parando, em curto prazo, de achá-las chocantes.

– Não sei de ninguém que possa ter feito isso – disse ela –, mas alguém fez. E aqui estamos, sentadas diante do fogo... e... e... é verdade! E quem quer que seja... quem quer que tenha sido... tenho um amigo, Becky... alguém é meu amigo.

Era inegável que, sentadas diante da lareira acesa e se alimentando de boa comida, nutritiva e saborosa, elas sentiram uma espécie de assombro arrebatador, e se entreolharam com um quê de dúvida.

– Você acha... – hesitou Becky, em sussurro. – Você acha que pode sumir, senhorita? Não é melhor sermos rápidas?

Ela enfiou o sanduíche na boca, apressada. Se fosse só um sonho, os modos podiam ser deixados de lado.

– Não, não vai sumir – disse Sara. – Estou comendo este bolinho, e sinto seu gosto. Em sonhos, nunca conseguimos comer nada de verdade. Só pensamos que vamos comer. Além disso, não paro de me beliscar, e ainda encostei em um pedaço de carvão quente, de propósito.

O conforto sonolento que afinal as dominou foi divino. Era o sossego de uma infância feliz e bem alimentada, e elas se esbaldaram diante da luz das chamas até Sara se ver virada para a cama transformada.

Havia até cobertas o bastante para dividir com Becky. O sofá estreito no sótão ao lado foi mais confortável, naquela noite, do que sua ocupante jamais sonhara.

Ao sair do quarto, Becky se virou na soleira e admirou o lugar, com um olhar devorador.

– Se não estiver aqui de manhã, senhorita – disse –, esteve hoje à noite, e não esquecerei.

Ela olhou para cada coisa específica, como se quisesse guardar tudo na memória.

– O fogo estava ali – falou, apontando com o dedo –, a mesa na frente; e a luminária ali, com a luz avermelhada; e a manta de cetim na cama, e o tapete quentinho no chão, e tudo lindo; e – continuou, fazendo uma pausa para levar uma mão à barriga com ternura – *Tinha* sopa e sanduíche e bolinho... tinha *mesmo*.

Com pelo menos aquela convicção de realidade, ela se foi.

Através da agência misteriosa que funciona em escolas e entre a criadagem, pela manhã já se sabia que Sara Crewe estava em terrível desgraça, que Ermengarde estava de castigo, e que Becky teria sido mandada porta afora antes do café, se não fosse o caso de uma criada como ela não poder ser dispensada tão facilmente. O resto das funcionárias sabia que ela só havia ficado porque a srta. Minchin não encontraria com facilidade outra criatura tão desamparada e humilde a ponto de trabalhar como se fosse uma escrava por tão poucos xelins semanais. As meninas mais velhas da escola sabiam que se a srta. Minchin não mandasse Sara embora, seria por motivos práticos também.

– Ela está crescendo tão rápido e aprendendo tanto, parece – disse Jessie para Lavínia –, que em breve cuidará das turmas, e a

srta. Minchin sabe que trabalhará de graça. Foi bem feito da sua parte, Lavvy, dedurá-la por se divertir no sótão. Como você descobriu?

– Arranquei da Lottie. Ela é uma bebezona, nem notou o que me contava. Não foi nada feito contar para a srta. Minchin. Foi meu dever – falou, arrogante. – Ela estava sendo traiçoeira. E é ridículo que ela se faça de grandiosa, e seja tão mimada, vivendo em frangalhos.

– O que elas estavam fazendo quando a srta. Minchin as pegou?

– Fingindo alguma besteira. Ermengarde levava a cesta para compartilhar com Sara e Becky. Ela nunca nos convida para compartilhar nada. Não que eu me importe, mas é vulgar compartilhar com criadas no sótão. É impressionante que a srta. Minchin não tenha expulsado Sara... mesmo a querendo como professora.

– Se ela fosse expulsa, aonde iria? – perguntou Jessie, com um pouco de ansiedade.

– E como vou saber? – retrucou Lavínia, irritada. – Ela vai estar com uma cara bem estranha quando chegar na sala hoje, imagino... depois do que aconteceu. Ela não comeu ontem, e não vai poder comer hoje.

Jessie era menos cruel do que boba. Ela pegou o livro abruptamente.

– Bom, eu acho isso horrendo – declarou. – Não é direito matá-la de fome.

Quando Sara chegou à cozinha naquela manhã, a cozinheira lhe dirigiu um olhar torto, assim como as faxineiras, mas Sara passou por elas, apressada. Na verdade, ela dormira um pouco mais do que devia, assim como Becky; portanto, as duas não tiveram tempo de se encontrar, e desceram com pressa.

Sara entrou na copa. Becky estava esfregando violentamente uma chaleira, e chegava a gorgolejar uma musiquinha. Ela ergueu o rosto com uma expressão extremamente alegre.

– Estava lá quando acordei, senhorita... o cobertor – sussurrou, animada. – Tão real quanto ontem.

– O meu também – disse Sara. – Está tudo lá... tudo. Enquanto

eu me arrumava, comi um pouco do que sobrou.

– Ah, minha nossa! Ah, minha nossa! – exclamou Becky, em uma espécie de gemido de arrebatamento, e se curvou sobre a chaleira bem a tempo, quando a cozinheira chegou.

A srta. Minchin esperava ver Sara, quando aparecesse na sala de aula, exatamente como Lavínia esperara. Para ela, Sara sempre fora um quebra-cabeça irritante, porque a severidade nunca a fazia chorar ou demonstrar medo. Quando levava bronca, Sara ficava parada e escutava educadamente, com expressão séria; quando era castigada, fazia as tarefas a mais ou ficava sem refeição, e não reclamava nem se rebelava externamente. O fato de nunca dar respostas insolentes parecia à srta. Minchin uma espécie de insolência em si. Contudo, após a fome do dia anterior, a cena violenta da noite e a perspectiva de mais um dia sem comer, ela certamente estaria destruída. Seria mesmo bem estranho se ela não descesse com a cara lívida, os olhos vermelhos e uma expressão triste e humilde.

A srta. Minchin a viu pela primeira vez ao entrar na sala de aula para ouvir a turminha de francês recitar as lições e conduzir os exercícios. E ela chegou com passos saltitantes, o rosto corado, e um sorriso puxando os cantos da boca. Foi a coisa mais surpreendente que a srta. Minchin já vira. Deu-lhe um choque e tanto. Do que aquela menina era feita? O que significava aquilo? Ela a chamou à sua mesa imediatamente.

– Você não parece notar que está em desgraça – falou. – Ficou totalmente caalejada?

A verdade é que, quando se é criança – ou mesmo adulta – e se foi bem alimentada, se dormiu muito, em uma cama macia e confortável, se adormeceu em meio a um conto de fadas e ao acordar descobriu que era verdade, é impossível sentir-se infeliz ou até demonstrar infelicidade; e não se consegue, mesmo tentando, afastar o brilho de alegria dos olhos. A srta. Minchin quase perdeu as palavras diante do olhar de Sara quando deu sua resposta perfeitamente respeitosa.

– Peço perdão, srta. Minchin. Sei que estou em desgraça.

– Faça o favor de não esquecer e não dar a impressão de que lhe veio fortuna. É impertinente. E lembre-se de que hoje não comerá.

– Sim, srta. Minchin – respondeu Sara.

Ao virar-se, seu coração deu um pulo com a lembrança do dia anterior. *Se a magia não tivesse me salvado bem a tempo, pensou, como teria sido horrível!*

– Ela não pode estar tão faminta – sussurrou Lavínia. – Olhe para ela. Talvez esteja fazendo de conta que teve um bom desjejum – zombou, com uma gargalhada de desdém.

– Ela é diferente das outras pessoas – disse Jessie, observando Sara na sala. – Às vezes tenho um certo medo dela.

– Que ridículo! – exclamou Lavínia.

O dia todo, havia luz no rosto de Sara, e cor em suas bochechas. As criadas a olhavam confusas e cochichavam entre si, e os olhos pequenos e azuis da srta. Amélia demonstravam perplexidade. O que podia significar aquela aparência tão audaciosa de bem-estar, sob tremendo desgosto, ela não entendia. Era, contudo, bem de acordo com os modos obstinados e peculiares de Sara. Ela provavelmente se determinara a aguentar a situação com coragem.

Uma coisa Sara decidira, ao refletir: as maravilhas que lhe ocorreram deveriam ser mantidas em segredo, se possível. Se a srta. Minchin decidisse subir ao sótão novamente, claro que seria descoberta, mas não parecia que ela faria isso tão cedo, a não ser que fosse motivada por desconfiança. Ermengarde e Lottie seriam vigiadas de forma tão rígida que não ousariam escapar da cama novamente. Ermengarde podia ouvir a história, na confiança de que faria segredo. Se Lottie descobrisse, também poderia lhe pedir segredo. Talvez a magia em si ajudasse a esconder seus encantos.

“Mas, o que quer que aconteça”, repetiu Sara para si mesma, o dia todo, “o que quer que aconteça, em algum lugar do mundo há uma pessoa divina e boa que é minha amiga... minha amiga. Mesmo se eu nunca souber quem é, se nunca puder agradecê-lo, nunca me sentirei mais tão sozinha. Ah, a magia me fez bem!”.

Se havia uma possibilidade de o clima ser ainda pior do que no dia anterior, foi o que aconteceu naquele dia – mais úmido, mais lamacento, mais frio. Havia mais tarefas a fazer, a cozinheira estava mais irritada e, sabendo que Sara encontrava-se em desgraça, foi mais cruel. Mas o que importava tudo isso se a magia

se provou amiga? O jantar da noite anterior dera força a Sara, ela sabia que dormiria bem e aquecida e, apesar de, naturalmente, começar a sentir fome antes do entardecer, sentia que aguentaria até o café da manhã seguinte, quando, certamente, voltaria a ser alimentada. Já era bem tarde quando lhe permitiram subir. Ela recebera ordens de ir à sala de aula estudar até às dez horas e, interessada nos livros, ficara lá até mais tarde.

Quando chegou ao último patamar e deteve-se diante da porta do sótão, seu coração acelerou.

– Claro que tudo pode ter sido levado embora – sussurrou, tentando criar coragem. – Pode ter sido só um empréstimo naquela noite horrível. Mas foi emprestado... Aconteceu. Foi verdade.

Ela empurrou a porta e entrou. Lá dentro, soltou um leve suspiro, fechou a porta e se recostou nela, olhando de um lado para o outro.

A magia estivera lá de novo. Estivera mesmo, e fizera mais do que antes. A lareira estava acesa em lindas chamas que dançavam ainda mais alegremente. Uma variedade de novas coisas tinha sido levada ao sótão, mudando sua aparência de tal forma que, se ela não tivesse superado a dúvida, teria esfregado os olhos. Na mesinha, um novo jantar fora disposto – dessa vez com copos e pratos para Becky, também; um tecido bordado colorido, pesado e diferente cobria a cornija velha, sobre a qual tinham sido dispostos alguns ornamentos. Todas as coisas parcas e feias que podiam ser cobertas com adornos tinham sido disfarçadas e embelezadas. Alguns materiais peculiares de cores vivas tinham sido presos à parede com pregos finos e pontudos – tão pontudos que podiam ser enfiados na madeira e no gesso sem a ajuda de martelo. Alguns leques coloridos estavam expostos, e havia várias almofadas grandes, com tamanho e enchimento o bastante para serem usadas como assento. Uma caixa de madeira fora coberta por um tapete e algumas almofadas, dando-lhe ares de sofá.

Sara se afastou lentamente da porta e simplesmente sentou-se para admirar e admirar.

– É exatamente como um conto de fadas – disse ela. – Não há a menor diferença. Sinto que poderia desejar qualquer coisa, diamantes ou sacos de ouro, que apareceria! Nem ISSO seria mais

estranho. É este meu sótão? Sou a mesma Sara com frio, esfarrapada e encharcada? E pensar que eu fingia e fingia e desejava que fadas existissem! A única coisa que sempre quis foi ver um conto de fadas acontecer. Estou vivendo em um conto de fadas. Sinto que talvez eu mesma seja uma fada, capaz de transformar as coisas em outras coisas quaisquer.

Ela se levantou e bateu na parede para chamar a prisioneira na cela vizinha, e a prisioneira veio.

Quando Becky entrou, quase caiu ao chão. Por alguns segundos, chegou a perder o fôlego.

– Minha nossa! – suspirou. – Minha nossa, senhorita!

– Viu? – disse Sara.

Naquela noite, Becky sentou-se em uma almofada no tapete diante da lareira e usou sua própria xícara e seu próprio prato.

Quando Sara foi se deitar, ela descobriu que tinha um novo colchão grosso, e travesseiros recheados de pena. O colchão e o travesseiro antigos tinham sido levados à cama de Becky e, por consequência, com tais novidades, Becky recebera um conforto até então desconhecido.

– De onde vem isso tudo? – perguntou Becky, uma vez. – Meu Deus, quem faz isso, senhorita?

– Nem vamos perguntar – disse Sara. – Se não fosse pela vontade de dizer “Ah, obrigada”, eu preferiria não saber. Torna tudo mais belo.

A partir daquele momento, a vida se tornou cada dia mais maravilhosa. O conto de fadas continuou. Quase todo dia aparecia algo novo. Algum novo conforto ou ornamento surgia toda vez que Sara abria a porta à noite, até que, em pouco tempo, o sótão se tornara um quatinho lindo, cheio de todo tipo de coisa peculiar e luxuosa. As paredes feias foram aos poucos inteiramente cobertas de quadros e tapeçarias, móveis engenhosos de armar surgiram, uma prateleira foi pendurada, repleta de livros, e novos confortos e conveniências apareceram um a um, até não restar nada a desejar. Quando Sara descia de manhã, os restos do jantar ficavam na mesa; e, quando voltava ao sótão à noite, tudo tinha sido removido pelo mago, e substituído por outra deliciosa refeição. Como sempre, a srta. Minchin era áspera e ofensiva, a srta.

Amélia, rabugenta, e as criadas, vulgares e rudes. Sara devia sair para seus afazeres em qualquer tipo de clima, recebia broncas e era mandada aqui e acolá; mal podia falar com Ermengarde e Lottie; Lavínia ria de suas roupas cada vez mais maltrapilhas; e as outras garotas a encaravam com curiosidade quando ela aparecia na sala de aula. Mas do que importava, quando ela vivia aquela história maravilhosa e misteriosa? Era mais romântica e incrível do que qualquer coisa que inventara para confortar sua pequena alma faminta e se salvar do desespero. Às vezes, quando era repreendida, ela mal conseguia se impedir de sorrir.

Se ao menos você soubesse!, pensava. Se ao menos soubesse!

O conforto e a felicidade que vivia a tornaram mais forte, e ela sempre podia esperá-los. Se voltasse para casa molhada, cansada e faminta, sabia que em breve seria aquecida e alimentada, assim que subisse as escadas. Durante os dias mais duros, podia se ocupar com pensamentos alegres sobre o que veria ao abrir a porta do sótão, e imaginar que novas delícias tinham sido preparadas para ela. Em pouco tempo, foi ficando menos magra. A cor voltou às faces, e seus olhos não pareciam mais desproporcionalmente grandes.

– Sara Crewe está com aparência maravilhosa – comentou a srta. Minchin, em desaprovação, para a irmã.

– Está – respondeu a pobre e tola srta. Amélia. – Ela certamente está engordando. Antes, parecia uma rolinha esfomeada.

– Esfomeada! – exclamou a srta. Minchin, com raiva. – Não havia motivo para parecer esfomeada. Ela sempre teve muito a comer!

– Cla... claro – concordou a srta. Amélia, submissa, surpresa ao notar que, como de costume, dissera a coisa errada.

– Há algo de muito desagradável em ver esse tipo de coisa em uma menina da idade dela – disse a srta. Minchin, de forma vaga e altiva.

– Que... que tipo de coisa? – ousou perguntar a srta. Amélia.

– Eu quase chamaria de afronta – respondeu a srta. Minchin, irritada porque sabia que o que a ressentia não era afronta nenhuma, mas não identificava que outra palavra desagradável usar. – O espírito e a força de qualquer outra criança teriam sido

inteiramente humilhados e quebrantados por... pelas mudanças às quais ela teve que se submeter. Mas, juro, ela parece tão pouco submissa quanto se... quanto se fosse uma princesa.

– Lembra – interveio a imprudente srta. Amélia – o que ela disse a você naquele dia, na sala, sobre o que você faria se descobrisse que ela era...

– Não, não lembro. Não fale besteiras – disse a srta. Minchin, apesar de lembrar muito bem.

Naturalmente, até Becky estava começando a ficar mais rechonchuda e menos assustada. Ela não podia se conter. Afinal, também fazia parte do conto de fadas. Tinha dois colchões, dois travesseiros, muitas cobertas e, toda noite, um jantar quente e um lugar nas almofadas diante da lareira. A Bastilha se desfizera e não existiam mais prisioneiras. Duas crianças confortáveis sentavam-se em meio a delícias. Às vezes, Sara lia em voz alta algumas passagens dos livros, às vezes estudava sozinha, às vezes sentava-se para olhar o fogo e tentar imaginar quem poderia ser seu amigo, desejando dizer a ele algumas coisas de seu coração.

Até que outra coisa maravilhosa aconteceu. Um homem veio à porta e deixou vários embrulhos. Todos estavam endereçados com letras grandes: “Para a menininha no sótão da direita”.

A própria Sara foi mandada para abrir a porta e receber as encomendas. Ela apoiou os dois maiores embrulhos na mesa do saguão e estava olhando para o endereço quando a srta. Minchin desceu a escada e a viu.

– Leve as coisas para a moça à qual pertencem – disse, severa. – Não fique aí olhando.

– Pertencem a mim – respondeu Sara, baixinho.

– A você?! – indagou a srta. Minchin. – Como assim?

– Não sei de onde vieram – disse Sara –, mas estão endereçadas a mim. Eu durmo no sótão da direita. O outro é de Becky.

A srta. Minchin parou ao seu lado e olhou para os embrulhos, com a expressão agitada.

– O que tem aí? – perguntou.

– Não sei – respondeu Sara.

– Abra – ordenou a srta. Minchin.

Sara obedeceu. Quando os pacotes foram desembulhados, a expressão de srta. Minchin tornou-se repentinamente bem estranha. O que ela viu foram roupas bonitas e confortáveis, de vários tipos: sapatos, meias e luvas, e um belo casaco quente. Havia até um bom chapéu e um guarda-chuva. Era coisas boas e caras e, no bolso do casaco, um papel fora pregado, no qual encontravam-se as seguintes palavras: “Para vestir todos os dias. Serão trocadas quando necessário”.

A srta. Minchin mostrou-se alvoroçada. Aquele incidente sugeria coisas sórdidas à sua mente. Será que ela poderia ter cometido um erro, afinal, e que a menina negligenciada tivesse um amigo poderoso, apesar de excêntrico, em algum lugar? Talvez um parente desconhecido, que de repente tivesse identificado seu paradeiro e optado por cuidar dela desse modo misterioso e fantástico? Parentes às vezes eram bem estranhos, especialmente tios ricos, velhos e solteiros, que não queriam a proximidade de crianças. Um homem desse tipo preferiria cuidar do bem-estar de sua jovem parente à distância. Uma pessoa assim, contudo, certamente seria rabugenta e impetuosa o bastante para se ofender com facilidade. Não seria nada agradável se existisse tal homem e ele soubesse a verdade sobre as roupas puídas e esfarrapadas, a comida escassa e o trabalho duro. Ela sentiu-se bem esquisita e insegura, ao olhar para Sara de soslaio.

– Bem – disse, em uma voz que não era usada desde que a menina perdera o pai –, alguém demonstrou muita bondade. Como as coisas foram mandadas, e você receberá novas quando estiverem gastas, é melhor ir vesti-las e se mostrar respeitável. Depois de se vestir, pode descer para a sala de aula. Não precisa sair para mais afazeres hoje.

Meia hora depois, quando a porta da sala de aula se abriu e Sara entrou, a classe inteira se calou.

– Nossa! – exclamou Jessie, cutucando o cotovelo de Lavínia. – Olhe para a princesa Sara!

Todo mundo olhou e Lavínia, ao vê-la, ficou vermelha.

Era mesmo a princesa Sara. Pelo menos, desde a época em que fora princesa, Sara nunca estivera tão alinhada. Não parecia a Sara que tinham visto descer as escadas dos fundos poucas horas antes. Estava usando o tipo de vestido que Lavínia costumava

invejar. Era de uma cor escura e quente, e de fabricação excelente. Seus pés finos estavam como quando Jessie os admirara, e o cabelo, que quando solto pesava ao redor de seu rosto pequeno e estranho e lhe dava a aparência de um pônei, estava amarrado com uma fita.

– Talvez alguém tenha deixado uma fortuna para ela – cochichou Jessie. – Sempre achei que alguma coisa fosse acontecer. Ela é tão estranha.

– Talvez as tais minas de diamante tenham ressurgido de repente – disse Lavínia, sarcástica. – Não a adule olhando para ela desse jeito, sua boba.

– Sara – interrompeu a voz grave da srta. Minchin –, venha sentar-se aqui.

Enquanto toda a sala a encarava, se acotovelando, sem fazer o menor esforço para esconder a curiosidade agitada, Sara foi a seu antigo lugar de honra, e se curvou sobre os livros.

Naquela noite, depois de subir para o quarto e de jantar com Becky, ela passou um bom tempo sentada, olhando, séria, para o fogo.

– Está inventando alguma coisa na sua cabeça, senhorita? – perguntou Becky, com suavidade respeitosa.

Quando Sara ficava sentada em silêncio, olhando para o carvão com expressão sonhadora, em geral significava que estava criando uma nova história. Contudo, não era o caso, e ela sacudiu a cabeça.

– Não – respondeu. – Estou pensando no que fazer.

Becky esperou, ainda respeitosa. Ela era tomada por algo que se assemelhava à veneração diante de tudo que Sara fazia e dizia.

– Não consigo parar de pensar no meu amigo – explicou Sara. – Se ele quiser se manter em segredo, seria grosseria tentar descobrir quem é. Mas quero muito que ele saiba quanta gratidão eu sinto, e como ele me fez feliz. Qualquer pessoa bondosa quer saber quando fez outras pessoas felizes. Isso é mais importante do que o agradecimento. Eu queria... Queria mesmo...

Ela se interrompeu porque seu olhar, no mesmo instante, recaiu em algo na mesa do canto. Era algo que encontrara no quarto ao subir para dormir, dois dias antes. Era um estojozinho,

contendo papel, envelopes, canetas e tinta.

– Ah – exclamou –, por que não pensei nisso antes?

Ela se levantou, andou até o canto e trouxe o estojo para perto da lareira.

– Posso escrever para ele – disse, alegre – e deixar o bilhete na mesa. Assim, talvez a pessoa que busca as coisas leve o bilhete também. Não vou pedir nada. Ele não se incomodará com um agradecimento, tenho certeza.

Assim, ela escreveu um bilhete. Dizia o seguinte:

Espero que o senhor não considere grosseria que eu escreva este bilhete, sendo que o senhor escolheu se manter em segredo. Por favor, acredite que não desejo ser grosseira, nem descobrir nada; só quero agradecer por sua bondade para comigo – sua bondade tão divina – e por tornar tudo um conto de fadas. Estou gratíssima, e muito feliz, assim como Becky. Becky está tão grata como eu – é tudo igualmente lindo e maravilhoso para ela e para mim. Antes, éramos tão solitárias, sentíamos tanto frio e tanta fome, e agora – ah, só pense no que fez por nós! Por favor, me permita estas palavras. Parece que preciso dizê-las. OBRIGADA! OBRIGADA! OBRIGADA!

A menininha no sótão.

Na manhã seguinte, ela deixou o bilhete na mesinha e, à noite, viu que havia sido levado com as outras coisas; assim, ela sabia que o Mago o receberia, e ficou feliz por saber. Estava lendo um dos novos livros para Becky pouco antes de irem deitar, quando a atenção foi atraída por um barulho na claraboia. Quando ergueu o rosto, viu que Becky também ouvira o som e virara a cabeça para espiar e escutar, um pouco nervosa.

– Tem alguma coisa ali – cochichou.

– Tem – disse Sara, devagar. – Parece... um gato... tentando entrar.

Ela se levantou da cadeira e andou até a claraboia. Era um barulhinho estranho que ouvia, como um arranhado suave. De repente, se lembrou de uma coisa e riu. Lembrou-se de um

pequeno intruso peculiar que já fora parar no sótão. Ela o vira naquela mesma tarde, sentado, desconsolado, na mesa diante da janela na casa do senhor indiano.

– Imagine só – sussurrou, alegre e animada –, imagine se for o macaco que fugiu de novo. Ah, tomara que seja!

Ela subiu na cadeira, abriu a claraboia com muito cuidado e olhou para fora. Nevava o dia todo e na neve, bem perto dela, estava uma figurinha minúscula, agachada e trêmula, cujo rostinho preto se enrugou ao vê-la, em uma expressão comovente.

– É o macaco! – exclamou. – Ele escapou do sótão do lashkar e viu a luz.

Becky correu até ela.

– Vai deixá-lo entrar, senhorita? – perguntou.

– Vou – respondeu Sara, alegre. – Está muito frio para macacos ficarem lá fora. São animais delicados. Vou chamá-lo.

Ela esticou a mão delicadamente, falando com uma voz mansa, como falava com os pardais e com Melquisedec, como se fosse, ela também, um animalzinho amigável.

– Venha, macaquinho querido – falou. – Não vou machucá-lo.

Ele sabia que ela não o machucaria. Sabia antes mesmo que ela o tocasse com sua patinha macia e carinhosa e o puxasse para mais perto. Ele havia sentido o amor humano nas mãos magras e marrons de Ram Dass, e sentiu o mesmo nas dela. Ele a deixou puxá-lo pela claraboia e, quando acabou em seu colo, se aninhou contra seu peito e a olhou.

– Lindo macaquinho! Que lindo macaquinho! – cantarolou ela, dando beijinhos na testa engraçada. – Ah, como eu amo animaizinhos.

Ele ficou evidentemente feliz de se aproximar do fogo e, quando ela se sentou, com ele no colo, ele olhou dela para Becky, com uma mistura de interesse e apreciação.

– Ele é feinho, não é, senhorita? – disse Becky.

– Ele parece um bebê muito feio – riu Sara. – Perdão, macaquinho, mas que bom que você não é um bebê. Sua mãe não conseguiria se orgulhar de você, e ninguém ousaria compará-lo com parente algum. Ah, como gosto de você!

Ela se recostou na cadeira e refletiu.

– Talvez ele fique triste por ser tão feio – falou – e pense nisso sempre. Será que ele *pensa*? Macaquinho, querido, você pensa?

O macaco só levantou uma patinha e coçou a cabeça.

– O que vai fazer com ele? – perguntou Becky.

– Vou deixá-lo dormir comigo, e levá-lo de volta ao senhor indiano amanhã. Fico triste por ter que devolvê-lo, macaquinho, mas você precisa ir. Você deve amar especialmente sua própria família, e não sou sua parente de verdade.

Quando ela foi se deitar, fez para ele um ninho a seus pés, onde ele se enroscou e dormiu, como um bebê muito feliz com sua moradia.

“É a menina!”

Na tarde seguinte, três membros da Família Grande encontravam-se sentados na biblioteca do senhor indiano, se esforçando ao máximo para alegrá-lo. Tinham recebido permissão para visitá-lo, pois ele os convidara, especialmente. Fazia tempo que ele vivia em estado de suspense e, naquele dia, aguardava muito ansiosamente por um certo evento. O evento era o retorno do sr. Carmichael, de Moscou. A estadia dele lá fora prolongada, semana a semana. Demorou até conseguir rastrear a família que procurava. Ao sentir, finalmente, certeza que a encontrara, fora à casa deles e recebera a informação de que estavam ausentes, viajando. Como seus esforços para segui-los foram em vão, ele decidira permanecer em Moscou até que voltassem. O sr. Carrisford sentava-se na cadeira de balanço e Janet, no chão ao seu lado. Ele gostava muito de Janet. Nora sentara-se em um escabelo, e Donald, na cabeça de tigre que decorava o tapete feito da pele do animal. Deve-se admitir que ele galopava no tigre com bastante entusiasmo.

– Não faça tanto barulho, Donald – disse Janet. – Quando se vem alegrar uma pessoa adoentada, não se alegra na voz mais barulhenta. Talvez ele esteja fazendo barulho demais, sr. Carrisford? – perguntou, voltando-se para o senhor indiano.

Ele só lhe deu um tapinha no ombro.

– Não, não está – respondeu. – Isso me ajuda a pensar menos.

– Vou ficar quieto – gritou Donald. – Vamos ficar quietos que nem ratinhos.

– Ratinhos não fazem esse barulho – disse Janet.

Donald usou o lenço de rédea e quicou na cabeça do tigre.

– Muitos ratos talvez façam – disse alegremente. – Mil ratos, talvez.

– Acho que nem mesmo cinquenta mil ratos fizessem isso – disse Janet, severa –, e temos que ficar quietos como um só.

O sr. Carrisford riu e lhe deu mais um tapinha no ombro.

– O papai não vai demorar – disse ela. – Podemos falar da menininha perdida?

– Não acho que consigo falar de muita coisa agora – respondeu o senhor indiano, franzindo a testa com expressão cansada.

– Gostamos tanto dela – disse Nora. – Nós a chamamos de princesa não-fada.

– Por quê? – perguntou o senhor indiano, já que a imaginação da Família Grande sempre o ajudava a esquecer das coisas um pouco.

Foi Janet quem respondeu.

– Porque, apesar de não ser exatamente uma fada, será tão rica quando for encontrada que se tornará a princesa de um conto de fadas. No começo, a gente a chamava de princesa fada, mas não se encaixava bem.

– É verdade – disse Nora – que o papai dela deu todo o dinheiro para um amigo investir em uma mina com diamantes, e o amigo achou que tinha perdido tudo e fugiu porque sentiu que era ladrão?

– Mas não era, na verdade, sabe – disse Janet, rapidamente.

O senhor indiano pegou logo a mão dela.

– Não, não era.

– Sinto muita pena do amigo – disse Janet. – Não consigo me conter. Ele não fez de propósito, e deve tê-lo devastado. Tenho certeza de que o devastaria.

– Você é uma mocinha muito compreensiva, Janet – disse o senhor indiano, segurando a mão dela.

– Você contou para o sr. Carrisford – gritou Donald de novo – sobre a-menininha-que-não-é-pedinte? Contou que ela tem roupas novas? Talvez tenha sido encontrada por alguém quando estava perdida.

– Um táxi! – exclamou Janet. – Está parando na frente da porta. É o papai!

Todos correram para a janela.

– É o papai, sim – proclamou Donald. – Mas não tem menininha nenhuma.

Os três fugiram da sala, incontidos, correndo aos tropeços até o saguão. Era sempre assim que recebiam o pai. Dava para ouvi-los pular para cima e para baixo, bater palmas e receber beijos no colo.

O sr. Carrisford fez um esforço para se levantar, mas afundou novamente.

– Não adianta – disse. – Que desastre eu sou!

A voz do sr. Carmichael se aproximou da porta.

– Não, crianças – disse ele –, vocês podem entrar depois que eu conversar com o sr. Carrisford. Vão brincar com Ram Dass.

A porta se abriu e ele entrou. Estava mais corado do que nunca, e trazia com ele uma atmosfera de frescor e saúde; mas seu olhar era decepcionado e ansioso ao encontrar a expressão questionadora e ansiosa do outro homem, mesmo antes de se cumprimentarem com um aperto de mãos.

– Quais são as notícias? – perguntou o sr. Carrisford. – A menina adotada pelos russos?

– Não é a menina que procuramos – foi a resposta do sr. Carmichael. – Ela é muito mais nova do que a filha do capitão Crewe e se chama Emily Carew. Eu a vi e falei com ela. Os russos puderam me dar todos os detalhes.

Como o senhor indiano parecia exausto e miserável! A mão dele se soltou da do sr. Carmichael.

– Então a busca deve começar novamente – disse. – É o que resta. Por favor, sente-se.

O sr. Carmichael sentou-se. De alguma forma, ele desenvolvera aos poucos um carinho pelo homem infeliz. Ele próprio era tão saudável e feliz, tão cercado de alegria e amor, que a desolação e a doença lhe pareciam coisas insuportáveis e de dar dó. Se houvesse o som de uma só voz aguda e animada naquela casa, já seria muito menos melancólica. E que aquele homem fosse

obrigado a carregar em seu peito a certeza de que enganara e desertara uma criança não era um fato fácil de encarar.

– Ora, ora – disse, em sua voz alegre –, ainda vamos encontrá-la.

– Devemos começar imediatamente. Não vamos perder tempo – disse o sr. Carrisford, ansioso. – Tem alguma sugestão a fazer? Qualquer que seja?

O sr. Carmichael sentia-se agitado, e se levantou para andar em círculos pela sala, com uma expressão pensativa, apesar de incerta.

– Bem, talvez – disse. – Não sei do que valerá. O fato é que me ocorreu uma ideia enquanto eu refletia sobre o assunto no trem, vindo de Dover.

– O que é? Se ela estiver viva, estará em algum lugar.

– Sim, em *algum* lugar. Procuramos pelas escolas de Paris. Vamos esquecer Paris e começar em Londres. Foi essa minha ideia... procurar em Londres.

– Há muitas escolas em Londres – disse o sr. Carrisford, antes de se sobressaltar de leve, tomado por uma lembrança. – Por sinal, há uma escola bem ao lado.

– Então é por onde começaremos. Não podemos começar mais perto do que isso.

– Não – disse Carrisford. – Há uma menina lá que me interessa, mas ela não é aluna. E é uma criaturinha melancólica e sombria, muito diferente do pobre Crewe.

Talvez a magia estivesse em ação novamente naquele mesmo momento, a linda magia. Parecia mesmo ser o caso. O que mais levaria Ram Dass à sala, na hora exata em que o senhor falava, com um *salaam* respeitoso, mas também com um toque mal contido de animação em seus olhos escuros e alertas?

– Sahib – disse ele –, a menina veio... a menina da qual sahib sentiu dó. Ela traz de volta o macaco que novamente fugiu para seu sótão. Pedi que ela ficasse. Imaginei que o sahib talvez gostasse de vê-la e falar com ela.

– Quem é ela? – perguntou o sr. Carmichael.

– Só Deus sabe – respondeu o sr. Carrisford. – É a menina de

que falei. Uma criadinha na escola.

Ele fez um gesto para Ram Dass, chamando-o.

– Sim, gostaria de vê-la – falou. – Vá buscá-la.

Em seguida, voltou-se para o sr. Carmichael.

– Enquanto você estava longe – explicou –, eu me senti desesperado. Os dias eram muito longos e escuros. Ram Dass me contou sobre o infortúnio dessa menina e, juntos, inventamos um plano romântico para ajudá-la. Suponho que tenha sido infantil de nossa parte, mas me deu algo para planejar e pensar. Sem a ajuda de um oriental ágil, de passos suaves, como Ram Dass, contudo, não poderia ter sido feito.

Em seguida, Sara entrou no aposento. Ela trazia nos braços o macaco que, evidentemente, não queria largá-la. Ele se agarrava a ela, tagarelando, e a animação interessante de encontrar-se na sala do senhor indiano fez Sara corar.

– Seu macaco fugiu de novo – disse ela, em sua bela voz. – Ele veio à minha claraboia ontem à noite, e eu o acolhi, pois ele estava com frio. Eu o teria trazido de volta antes, se não fosse tão tarde. Sei que o senhor está doente, e poderia não querer ser incomodado.

O olhar fundo do senhor indiano se demorou nela com interesse curioso.

– Foi muito cuidadoso da sua parte – disse ele.

Sara olhou para Ram Dass, que aguardava junto à porta.

– Devo entregá-lo ao lashkar? – perguntou.

– Como você sabe que ele é lashkar – disse o senhor indiano, sorrindo um pouco.

– Ah, eu conheço lashkares – disse Sara, entregando o macaco relutante. – Nasci na Índia.

O senhor indiano se empertigou tão repentinamente, com uma expressão tão alterada, que, por um momento, ela se assustou.

– Você nasceu na Índia?! – indagou admirado. – Venha cá.

Ele estendeu a mão.

Sara se aproximou e ofereceu sua própria mão, pois ele parecia querer segurá-la. Ela ficou ali, parada, encontrando o olhar dele

com o seu, verde acinzentado. Algo parecia incomodá-lo.

– Você mora aqui ao lado? – perguntou.

– Sim, no internato da srta. Minchin.

– Mas não é uma das alunas?

Um sorriso estranho percorreu o rosto de Sara. Ela hesitou por um instante.

– Creio não saber exatamente o *que* eu sou – respondeu.

– Por que não?

– Antes, fui uma aluna, e moradora, mas agora...

– Você foi aluna! E agora o que é?

O sorrisinho triste e estranho voltou ao rosto de Sara.

– Durmo no sótão, junto da criada – disse ela. – Cuido de afazeres da cozinha... faço tudo que ela manda. E dou aula para as mais novas.

– Faça as perguntas a ela, Carmichael – disse o sr. Carrisford, afundando na cadeira como se tivesse perdido as forças. – Pergunte, não consigo mais.

O alto e bondoso pai da Família Grande sabia como questionar crianças. Sara notou quanta prática ele tinha quando ele se dirigiu a ela em sua voz bondosa e encorajadora.

– Como assim, “antes”, menina? – perguntou.

– Quando fui trazida pelo meu papai.

– E onde está seu pai?

– Ele faleceu – disse Sara, bem baixo. – Perdeu todo o dinheiro e não restou nada para mim. Não havia ninguém para cuidar de mim, ou para pagar a srta. Minchin.

– Carmichael! – gritou o senhor indiano. – Carmichael!

– Não devemos assustá-la – disse o sr. Carmichael, em aparte, em uma voz rápida e baixa. – Então você foi mandada ao sótão – acrescentou, mais alto, para Sara –, e feita de criada. Foi isso, não foi?

– Não havia ninguém para cuidar de mim – disse Sara. – Não havia dinheiro. Não pertenco a ninguém.

– Como seu pai perdeu o dinheiro? – interrompeu o senhor indiano, sem fôlego.

– Ele próprio não perdeu – respondeu Sara, a cada momento mais confusa. – Ele tinha um amigo de quem gostava muito... ele gostava muito dele. Foi o amigo que levou o dinheiro. Ele confiou demais no amigo.

A respiração do senhor indiano tornou-se mais ofegante.

– O amigo talvez não *quisesse* causar mal – falou. – Pode ter sido um mero engano.

Sara não sabia quão impiedosa soava sua voz jovem e baixa ao responder. Se soubesse, certamente teria tentado suavizá-la para o senhor indiano.

– O sofrimento para o meu papai foi igual – disse. – E o matou.

– Como se chamava seu pai? – perguntou o senhor indiano. – Conte-me.

– Ele se chamava Ralph Crewe – respondeu Sara, assustada. – Capitão Crewe. Ele morreu na Índia.

O rosto abatido se contraiu, e Ram Dass correu para acudir o senhor.

– Carmichael – ofegou o senhor –, é a menina... é a menina!

Por um momento, Sara achou que ele fosse morrer. Ram Dass serviu gotas de um frasco e levou a seus lábios. Sara ficou por perto, tremendo, e olhou confusa para o sr. Carmichael.

– Que menina eu sou? – perguntou, hesitante.

– Ele era o amigo do seu pai – respondeu o sr. Carmichael. – Não se assuste. Faz dois anos que a procuramos.

Sara levou a mão à testa, e sua boca tremeu. Ela falou como se sonhasse.

– E eu estava com a srta. Minchin esse tempo todo – sussurrou. – Bem do outro lado da parede.

“Tentei não ser”

Foi a bela e aconchegante sra. Carmichael quem explicou tudo. Ela foi chamada imediatamente, e atravessou a praça para abraçar Sara em seu colo caloroso e esclarecer tudo que ocorrera. A empolgação da descoberta totalmente inesperada fora momentaneamente quase forte demais para a condição frágil do sr. Carrisford.

– Juro – disse ele, fraco, para o sr. Carmichael, quando foi sugerido que a menina fosse levada a outro cômodo – que não quero perdê-la de vista.

– Cuidarei dela – disse Janet – e a mamãe chegará em poucos minutos.

Foi Janet, então, quem a conduziu.

– Estamos tão felizes por encontrá-la – disse ela. – Você nem sabe como estamos felizes por encontrá-la.

Donald ficou parado, com as mãos nos bolsos, e olhou para Sara com olhar reflexivo e de autocensura.

– Se eu tivesse perguntado seu nome ao lhe dar minha moedinha – disse ele –, você teria me dito que se chamava Sara Crewe, e teria sido encontrada em um minuto.

Foi então que a sra. Carmichael chegou. Ela parecia muito comovida e prontamente abraçou e beijou Sara.

– Você parece apavorada, pobrezinha – disse ela. – E não é nenhuma surpresa.

Sara só conseguia pensar em uma coisa.

– Foi ele... – disse, olhando de relance para a porta fechada da

biblioteca. – Foi ele o amigo cruel? Ah, por favor, me diga!

A sra. Carmichael estava chorando ao beijá-la de novo. Ela sentia que devia beijá-la tanto porque a menina passara tanto tempo sem um beijo.

– Ele não foi cruel, querida – respondeu. – Ele não perdeu realmente o dinheiro do seu pai. Só achou que tinha perdido e, porque o amava tanto, seu luto o adoeceu. Assim, ele passou um bom tempo ruim da cabeça. Ele quase morreu de febre e o seu pai faleceu muito antes que ele começasse a se recuperar.

– Ele não sabia onde me encontrar – murmurou Sara. – E eu estava tão perto.

Ela não parecia conseguir esquecer que estivera tão perto.

– Ele acreditava que você tinha sido mandada para uma escola francesa – explicou a sra. Carmichael. – E foi desviado por pistas falsas constantemente. Ele a procurou por todo lado. Quando a viu passar, tão triste e negligenciada, nem sonhou que você era a pobre filha do amigo; mas, por você também ser uma menininha, ele sentiu pena e quis fazê-la feliz. Por isso pediu para Ram Dass entrar pela sua claraboia e tentar deixá-la mais confortável.

Sara deu um pulo de alegria e toda sua expressão mudou.

– Foi Ram Dass quem levou as coisas! – exclamou. – Foi ele quem mandou Ram Dass? Ele fez o sonho virar realidade?

– Sim, querida, sim! Ele é bondoso e generoso, e sentiu muita pena de você, da pobrezinha e perdida Sara Crewe.

A porta da biblioteca se abriu e apareceu o sr. Carmichael, chamando Sara com um gesto.

– O sr. Carrisford já melhorou e quer que você venha vê-lo.

Sara não se demorou. Quando o senhor indiano a olhou, ao entrar, ele viu que seu rosto estava iluminado.

Ela se aproximou e parou diante da cadeira, as mãos cruzadas contra o peito.

– Você me mandou as coisas – disse, com uma voz emocionada e alegre –, aquelas coisas lindas, lindas! VOCÊ as mandou!

– Sim, querida, mandei – respondeu.

Ele estava fraco, abatido devido à longa doença e aos problemas, mas a olhou com a expressão que ela se lembrava de

ver no rosto do pai: o olhar amoroso e acolhedor. Aquilo a fez se ajoelhar ao lado dele, como fazia com o pai, quando eram os amigos mais amados do mundo.

– Então é você o meu amigo – disse –, é você o meu amigo!

Assim, ela tocou o rosto na mão magra dele e a beijou, de novo e de novo.

– O homem voltará a ser quem era em três semanas – disse o sr. Carmichael à esposa, em aparte. – Olhe para o rosto dele.

Era verdade que ele estava mudado. Ali estava a “Senhorinha”, e ele já tinha novas coisas nas quais pensar e planejar. Em primeiro lugar, havia a srta. Minchin. Era preciso se reunir com ela e informá-la das mudanças ocorridas na fortuna da pupila.

Ela não voltaria de forma alguma ao internato. Nisso, o senhor indiano estava decidido. Ela deveria ficar onde estava, e o sr. Carmichael iria ver a srta. Minchin.

– Estou feliz por não precisar voltar – disse Sara. – Ela sentirá muita raiva. Ela não gosta de mim; mas talvez seja minha culpa, pois não gosto dela.

Contudo, estranhamente, a srta. Minchin fez com que não fosse necessária a visita do sr. Carmichael, pois ela própria foi em busca da pupila. Queria a ajuda de Sara para alguma coisa e, ao perguntar por ela, soube algo chocante. Uma das criadas a vira sair pela escada dos fundos, carregando algo no colo, e também a vira adentrar a casa vizinha.

– Como assim! – exclamou a srta. Minchin à srta. Amélia.

– Não sei, não sei mesmo, irmã – respondeu a srta. Amélia. – A não ser que eles tenham ficado amigos, pois ele morou na Índia.

– Seria mesmo a cara dela, se impor a ele e tentar ganhar sua piedade de alguma forma impertinente – disse a srta. Minchin. – Ela deve estar naquela casa já faz duas horas. Não permitirei tamanha presunção. Vou investigar o ocorrido e me desculpar pela intrusão.

Sara estava sentada em um escabelo ao lado do sr. Carrisford, ouvindo uma das muitas coisas que ele sentia necessidade de tentar explicar, quando Ram Dass anunciou a chegada da visita.

Sara se levantou involuntariamente, lívida; mas o sr.

Carrisford notou que ela se manteve quieta, sem mostrar sinal algum de pavor infantil.

A srta. Minchin adentrou a sala com modos severos e dignos. Ela estava bem vestida, de modo adequado, e era educada, apesar de rígida.

– Peço perdão por incomodá-lo, sr. Carrisford – declarou –, mas lhe devo explicações. Sou a srta. Minchin, proprietária do Internato seleta para jovens moças, no prédio vizinho.

O senhor indiano a olhou por um momento, analisando-a silenciosamente. Ele era um homem de temperamento forte, e não queria perder o controle.

– Então é você a srta. Minchin? – perguntou.

– Sou, sim, senhor.

– Neste caso – respondeu o senhor indiano –, chegou na hora certa. Meu advogado, o sr. Carmichael, estava prestes a ir visitá-la.

O sr. Carmichael fez uma leve reverência, e a srta. Minchin olhou dele para o sr. Carrisford, chocada.

– Seu advogado! – falou. – Não entendo. Vim aqui por questão de dever. Descobri que o senhor foi incomodado pelo atrevimento de uma das minhas pupilas... uma aluna de caridade. Vim explicar que ela veio sem meu conhecimento.

Em seguida, virou-se para Sara.

– Vá imediatamente para casa – ordenou, indignada. – Você será severamente castigada. Vá imediatamente.

O senhor indiano puxou Sara para mais perto e lhe deu um tapinha na mão.

– Ela não vai.

A srta. Minchin sentiu que estava perdendo o senso.

– Não vai!? – repetiu.

– Não – disse o sr. Carrisford. – Ela não vai para casa... se você ousa chamar assim o lugar em que ela mora. A partir de agora, ela vai morar comigo.

A srta. Minchin deu um passo para trás, indignada e chocada.

– Com o senhor! Com o senhor! Como assim?

– Explique, por favor, a situação, Carmichael – disse o senhor

indiano –, e acabe com isso o mais rápido possível.

Em seguida, ele pediu para Sara sentar-se de novo e segurou suas mãos, como seu pai também fazia.

O sr. Carmichael explicou, então, com as maneiras calmas, firmes e equilibradas de um homem que conhecia o assunto e todo seu significado legal, o que a srta. Minchin, como empreendedora, entendia, e não gostava.

– O Sr. Carrisford, minha senhora – disse –, foi amigo íntimo do falecido capitão Crewe. Eles foram sócios em certos investimentos de grande porte. A fortuna que o capitão Crewe supôs ter perdido foi recuperada, e agora encontra-se em posse do sr. Carrisford.

– A fortuna! – exclamou a srta. Minchin, ficando verdadeiramente lívida. – A fortuna de Sara!

– Será a fortuna de Sara – respondeu o sr. Carmichael, com frieza. – É a fortuna de Sara agora, na verdade. Certos acontecimentos a multiplicaram enormemente. As minas de diamante deram resultado.

– As minas de diamante! – ofegou a srta. Minchin.

Se aquilo era verdade, nada tão horrível lhe acontecera, em sua perspectiva, desde seu nascimento.

– As minas de diamante – repetiu o sr. Carmichael, incapaz de conter um sorriso astuto, e nada digno de um advogado. – Não existem muitas princesas, srta. Minchin, mais ricas do que será sua pequena pupila de caridade, Sara Crewe. O sr. Carrisford a busca há quase dois anos; ele acabou de encontrá-la e irá mantê-la.

Depois disso, ele pediu para a srta. Minchin sentar-se e explicou a situação completa, entrando nos detalhes necessários para deixar claro que o futuro de Sara estava garantido, e que o que parecera se perder fora recuperado e multiplicado dez vezes; além do mais, que a menina agora tinha, na pessoa do sr. Carrisford, um tutor responsável e amigo.

A srta. Minchin não era uma mulher inteligente e, em sua agitação, foi tola o bastante para fazer um esforço desesperado para retomar o que claramente perdera por sua própria tolice.

– Ele a encontrou sob meus cuidados – protestou. – Fiz de tudo por ela. Se não fosse por mim, ela teria morrido de fome nas ruas.

Foi então que o senhor indiano perdeu a compostura.

– Se tivesse passado fome nas ruas – disse ele –, talvez tivesse passado fome com mais conforto do que no seu sótão.

– O capitão Crewe a deixou sob meus cuidados – argumentou a srta. Minchin. – Ela deve voltar até atingir a maioridade. Pode voltar a viver como antes. Precisa completar sua educação. A lei julgará a meu favor.

– Ora, ora, srta. Minchin – interveio o sr. Carmichael –, a lei não fará nada disso. Se Sara desejar voltar com a senhora, ousou dizer que o sr. Carrisford não recusará. Mas a decisão é de Sara.

– Então – disse a srta. Minchin –, apelo a Sara. Talvez eu não a tenha mimado – disse, sem jeito, para a menina –, mas você sabe que seu pai estava feliz com seu progresso. E... hm... sempre gostei de você.

Sara dirigiu à srta. Minchin o olhar calmo e límpido que ela sempre detestara naqueles olhos verdes acinzentados.

– Gostava, srta. Minchin? – perguntou. – Eu não sabia.

A srta. Minchin ficou vermelha e se levantou.

– Você deveria saber – disse ela –, mas crianças, infelizmente, nunca sabem o que é melhor para elas. Amélia e eu sempre dissemos que você era a aluna mais inteligente da escola. Não cumprirá o dever para com seu pobre pai e voltará para casa comigo?

Sara deu um passo à frente e parou. Ela pensou no dia em que soube que não tinha mais ninguém, sob o risco de ser jogada às ruas; pensou nas horas frias e famintas passadas com Emily e Melquisedec no sótão. E olhou para a srta. Minchin de frente.

– Você sabe por que não irei com você, srta. Minchin – disse ela –, sabe muito bem.

Um rubor violento tomou o rosto duro e furioso da srta. Minchin.

– Você nunca mais verá suas companheiras – começou. – Farei com que Ermengarde e Lottie sejam mantidas afastadas...

O sr. Carmichael a interrompeu com firme educação.

– Perdão – disse ele –, mas ela verá quem quiser ver. Os pais das colegas da srta. Crewe certamente não recusarão seu convite de

visitá-la na casa do seu tutor. O sr. Carrisford cuidará disso.

É preciso dizer que a srta. Minchin até se encolheu. Aquilo era pior do que o tio solteiro excêntrico que poderia ter um temperamento alterado e se ofender facilmente com o tratamento da sobrinha. Uma mulher de imaginação sórdida poderia facilmente imaginar que a maioria das pessoas não recusaria que suas filhas fossem amigas de jovens herdeiras de minas de diamante. E se o sr. Carrisford optasse por contar a certos clientes sobre a infelicidade de Sara Crewe, muitas coisas desagradáveis poderiam acontecer.

– Você não está se responsabilizando por uma menina fácil – disse ela para o senhor indiano, ao virar-se para ir embora –, como descobrirá em breve. A menina não é nem sincera, nem grata. Imagino – disse, se dirigindo a Sara – que agora se sinta uma princesa de novo.

Sara olhou para baixo e corou um pouco, porque achou que sua fantasia preferida não seria facilmente entendida por desconhecidos, por mais bondosos que fossem.

– Eu... tentei não ser mais nada – respondeu, em voz baixa. – Mesmo no pior do frio e da fome... tentei não ser.

– Agora não será necessário tentar – disse a srta. Minchin, ácida, quando Ram Dass fez um *salaam* à sua saída.

Ela voltou para casa, indo direto para sua sala, e chamou a srta. Amélia imediatamente. Passaram o resto da tarde trancadas, e deve-se admitir que a srta. Amélia aguentou mais de quinze minutos desagradáveis. Ela verteu muitas lágrimas, e secou muito os olhos. Um de seus comentários equivocados quase fez a irmã arrancar-lhe a cabeça, mas o resultado foi pouco usual.

– Não sou tão inteligente quanto você, irmã – disse ela –, e sempre temo dizer coisas que possam enfurecê-la. Talvez, se eu não fosse tão tímida, seria melhor para a escola e para nós duas. Devo dizer que muitas vezes pensei que seria melhor se você fosse menos severa com Sara Crewe, e cuidasse para que ela vivesse mais confortavelmente, com roupas melhores. Eu sei que ela trabalhou demais para uma menina daquela idade, e sei que ela era mal alimentada...

– Como ousa dizer uma coisa dessas! – exclamou a srta.

Minchin.

– Não sei como ousou – respondeu a srta. Amélia, com uma espécie de coragem impensada –, mas, agora que comecei, é melhor terminar, aconteça o que acontecer. A menina era inteligente e boa... e teria retribuído qualquer bondade que você tivesse demonstrado. Mas você não demonstrou nenhuma. O fato é que ela era esperta demais para você, e você sempre a detestou por isso. Ela nos enxergava perfeitamente...

– Amélia! – bradou a irmã enfurecida, parecendo prestes a estapeá-la e arrancar sua touca, como fazia sempre com Becky.

Contudo, a decepção da srta. Amélia a tornara histérica o bastante para não se importar com as consequências.

– Ela enxergava! Enxergava, sim! – gritou. – Ela nos enxergava perfeitamente. Viu que você é uma mulher superficial, de coração duro, e que eu sou uma tola fraca, e que nós duas somos vulgares e cruéis o bastante para nos arrastar de joelhos pelo dinheiro dela e tratá-la mal quando a fortuna lhe foi tomada... mesmo que ela se comportasse como uma princesinha, apesar de ser indigente. Foi mesmo! Foi! Como uma princesinha!

A histeria a dominou, e a pobre mulher começou a gargalhar e chorar ao mesmo tempo, balançando para a frente e para trás.

– E agora você a perdeu – vociferou, desesperada – e outra escola vai ganhar todo o dinheiro dela. E se ela for como qualquer outra criança, vai contar como foi tratada, e todas as nossas pupilas serão tiradas de nós, e acabaremos falidas. E é bem feito para nós; mas ainda mais bem feito para você do que para mim, pois você é uma mulher dura, Maria Minchin, uma mulher dura, egoísta e superficial!

Ela corria o risco de fazer tanto estardalhaço com os engasgos e murmúrios histéricos que a irmã foi obrigada a administrar saís para acalmá-la, em vez de extravasar sua indignação e audácia.

Daquele dia em diante, vale mencionar, a srta. Minchin começou a demonstrar certa admiração pela irmã, que, apesar da aparência tola, nitidamente não era tão tola quanto aparentava, e podia, portanto, falar verdades que talvez as pessoas não quisessem ouvir.

Naquela noite, quando as pupilas se aninharam junto à lareira

da sala, como era de costume antes de se recolherem, Ermengarde chegou com uma carta em mãos e uma expressão estranha em seu rosto redondo. Era estranha pois, apesar de demonstrar empolgação e deleite, se combinava a uma surpresa adequada ao choque que recebera.

– O que foi? – gritaram duas ou três vozes ao mesmo tempo.

– Tem a ver com a briga que está acontecendo? – perguntou Lavínia, animada. – A briga foi tanta na sala da srta. Minchin que a srta. Amélia teve um ataque histérico e precisou ir se deitar.

Ermengarde respondeu devagar, como se atordoada.

– Recebi uma carta de Sara – disse, estendendo a carta para mostrar como era longa.

– De Sara! – exclamaram todas as vozes.

– Cadê ela? – quase gritou Jessie.

– Na casa ao lado – disse Ermengarde –, com o senhor indiano.

– Onde? Onde? Ela foi mandada embora? A srta. Minchin sabe? Foi por isso a briga? Por que ela escreveu? Conte! Conte!

Foi um completo estardalhaço, e Lottie começou a chorar em súplica.

Ermengarde respondeu lentamente, como se estivesse meio orgulhada no que, no momento, parecia a coisa mais importante e significativa.

– As minas de diamante existiam – disse, firme –, existiam!

Bocas abertas e olhos arregalados a admiraram.

– Eram de verdade – continuou. – Foi tudo um engano. Aconteceu alguma coisa por um tempo, e o sr. Carrisford achou que tivessem falido...

– Quem é o sr. Carrisford? – gritou Jessie.

– O senhor indiano. O capitão Crewe também achou... e morreu. E o sr. Carrisford teve febre e fugiu, e ELE também quase morreu. E não sabia onde estava Sara. E acabou que havia milhões e milhões de diamantes nas minas, e metade pertence à Sara, e já pertenciam a ela quando ela morava no sótão, com nenhum amigo além de Melquisedec, e recebendo ordens da cozinha. E o sr. Carrisford encontrou ela hoje, e a levou para casa, e ela nunca mais vai voltar, e vai ser mais princesa do que nunca, cento e

cinquenta mil vezes mais. E vou visitá-la amanhã à tarde. Pronto!

Nem a própria srta. Minchin conseguiria conter o estardalhaço que se seguiu; e mesmo ouvindo o barulho, sequer tentou. Ela não tinha humor para encarar nada além do que encarava no quarto, onde a srta. Amélia chorava na cama. Sabia que a notícia tinha adentrado suas paredes de modo misterioso, e que todas as criadas e crianças iriam para a cama falando naquilo.

Então, até quase a madrugada, todo o internato, notando, de alguma forma, que as regras tinham sido deixadas de lado, se aglomerou ao redor de Ermengarde na sala e a ouviram ler e reler a carta contendo a história, tão maravilhosa quanto qualquer uma das que Sara teria inventado, e que tinha o charme incrível de ter acontecido com a própria Sara e com o misterioso senhor indiano da casa bem ao lado.

Becky, que também ouviu, conseguiu subir para o sótão mais cedo. Ela queria fugir das pessoas e olhar uma última vez para o quartinho mágico. Não sabia o que aconteceria com ele. Provavelmente não seria deixado para a srta. Minchin. Seria levado embora, e o sótão voltaria a ser parco e vazio. Por mais feliz que estivesse por Sara, subiu o último lance de escadas com um nó na garganta e o olhar embaçado por lágrimas. Não haveria fogo naquela noite, nem luminária rosada; nem jantar, nem a princesa sentada à lareira, lendo ou contando histórias... nem a princesa!

Ela engoliu um soluço ao empurrar a porta do sótão, e irrompeu em um choro baixo.

A luminária iluminava o quarto, o fogo estava aceso, o jantar a aguardava; e Ram Dass encontrava-se ali, sorrindo para seu rosto surpreso.

– Missee sahib lembrou – disse ele. – Ela contou tudo ao sahib. Queria que você soubesse da boa fortuna que lhe acometeu. Veja a carta na bandeja. Foi ela quem escreveu. Ela não deseja que você vá dormir infeliz. O sahib ordenou que você venha vê-lo amanhã. Você será dama de companhia da missee sahib. Hoje, levarei essas coisas de volta pelo telhado.

Tendo dito isso com um sorriso alegre, ele fez um pequeno salaam e saiu pela claraboia, com movimentos ágeis e silenciosos que mostraram a Becky a facilidade com que tinha feito aquilo

antes.

Nunca antes reinara tanta alegria no quarto das crianças da Família Grande. Nunca antes tinham sonhado com tanto prazer quanto o que tiveram ao conhecer intimamente a-menininha-que-não-era-pedinte. O mero fato de seus sofrimentos e aventuras a tornavam um bem inestimável. Todo mundo queria ouvir, de novo e de novo, o que acontecera com ela. Quando se está sentado perto de uma lareira quente em uma sala grande e iluminada, é uma delícia ouvir sobre o frio que faz no sótão. Deve-se admitir que o sótão causou certo prazer, e seu frio e escassez tornaram-se insignificantes quando Melquisedec foi mencionado, e ouviu-se sobre os pardais e as coisas que se via ao subir na mesa e passar a cabeça e os ombros pela claraboia.

Claro que o que mais fez sucesso foi a história do banquete e do sonho que virou realidade. Sara a contou pela primeira vez no dia em que foi encontrada. Vários membros da Família Grande foram tomar chá com ela e, sentados ou enroscados no tapete diante da lareira, ela contou a história a seu próprio modo, e o senhor indiano ouviu e a observou. Quando acabou, ela olhou para ele e levou sua mão a seu joelho.

– Essa foi minha parte – disse. – Agora que tal contar sua parte, tio Tom?

Ele pedira para ela sempre chamá-lo de “tio Tom”.

– Ainda não sei sua parte – insistiu –, e deve ser linda.

Então ele contou que, ao vê-lo sentado sozinho, doente, entediado e irritadiço, Ram Dass tentara distraí-lo, descrevendo os passantes, e havia uma menina que passava mais do que

qualquer um; ele começara a se interessar por ela – talvez por estar pensando muito na menininha, e talvez porque Ram Dass tivesse contado a visita ao sótão em busca do macaco. Ele descrevera a aparência triste, e o porte da menina, que não parecia ser da classe tratada como servil. Pouco a pouco, Ram Dass fora fazendo descobertas sobre sua vida miserável. Ele descobrira como era fácil subir os poucos metros de telhado até a claraboia, e esse fato foi o início de tudo que se seguiu.

– Sahib – dissera, um dia –, posso atravessar as telhas e acender a lareira para a menina quando ela estiver trabalhando. Quando voltar, molhada e com frio, e encontrá-la em chamas, acreditará que foi obra de um mago.

A ideia era tão criativa que o rosto triste do sr. Carrisford se iluminara em um sorriso, e Ram Dass fora tão arrebatado que elaborara e explicara ao senhor como seria simples fazer mais uma quantidade de coisas. Ele mostrara um prazer infantil na criatividade, e as preparações para o plano tinham preenchido com interesse vários dias que, normalmente, teriam se arrastado, exaustivos. Na noite do banquete frustrado, Ram Dass fizera guarda, com todos os pacotes prontos no próprio sótão; e a pessoa que o ajudaria aguardara com ele, também interessado na estranha aventura. Ram Dass permanecera deitado nas telhas, espiando pela claraboia, quando o banquete chegara à conclusão desastrosa; ele confirmara a profundidade do sono exausto de Sara; e assim, com uma lamparina baixa, adentrara o quarto, enquanto seu parceiro ficava lá fora, lhe passando as coisas. Quando Sara se remexia, por menos que fosse, Ram Dass fechava a lamparina e deitava grudado ao chão. Essas coisas curiosas e muitas outras, as crianças descobriram ao fazer mil perguntas.

– Estou tão feliz – disse Sara. – tão feliz por ser você o meu amigo!

Nunca houvera amigos como aqueles dois. De alguma forma, pareciam se adequar um ao outro perfeitamente. O senhor indiano nunca tivera uma companhia da qual gostasse tanto quanto a de Sara. Em um mês, ele se tornara, como o sr. Carmichael profetizara, um novo homem. Estava sempre interessado e se divertindo, e começou a encontrar prazer de fato na posse da fortuna cujo fardo imaginava detestar. Havia tantas

coisas encantadoras a planejar para Sara. Eles costumavam brincar entre si de que ele era um mago, e era seu prazer inventar coisas para surpreendê-la. Ela encontrava lindas flores novas crescendo no quarto, presentinhos curiosos escondidos sob o travesseiro, e certa vez, quando estavam sentados juntos, à noite, ouviram uma pata pesada arranhar a porta, e quando Sara foi ver do que se tratava, encontrou um enorme cachorro – um esplêndido borzoi russo –, usando uma bela coleira prateada e dourada, com a inscrição: “Sou Boris. Sirvo à princesa Sara”.

Não havia nada que o senhor indiano amasse mais do que as lembranças da princesinha em farrapos. As tardes em que a Família Grande, ou Ermengarde e Lottie, se juntavam para se divertir eram muito deliciosas. Mas as horas em que Sara e o senhor indiano ficavam juntos para ler ou conversar tinham também seu próprio encanto. Durante esse tempo, muitas coisas interessantes ocorreram.

Certa noite, o sr. Carrisford, erguendo o olhar do livro, notou que sua companheira não se mexia fazia um bom tempo, e só olhava para o fogo.

– No que está pensando, Sara? – perguntou.

Sara olhou para ele, com o rosto bem corado.

– Eu estava pensando – disse. – Estava me lembrando daquele dia faminto, e da criança que vi.

– Mas foram muitos dias famintos – disse o senhor indiano, com um tom de tristeza. – Qual dia foi?

– Esqueci de lhe contar – disse Sara. – Foi no dia em que o sonho se realizou.

Assim, ela contou a história da padaria, da moeda que encontrara na lama, e da criança com mais fome do que ela. Contou de modo simples, com economia de palavras, mas mesmo assim o senhor indiano sentiu necessidade de esconder os olhos com a mão e olhar para o tapete.

– E estava pensando em uma espécie de plano – disse ela, quando acabou. – Pensei que gostaria de fazer alguma coisa.

– O quê? – perguntou o sr. Carrisford, em voz baixa. – Você pode fazer o que quiser, princesa.

– Eu estava pensando... – hesitou Sara. – Sabe, você disse que

tenho tanto dinheiro... Estava pensando se poderia ir visitar a padreira e dizer que se alguma criança faminta, especialmente nesses dias tenebrosos, sentar-se na soleira, ou olhar pela vitrine, ela deveria chamá-la e alimentá-la, e me enviar a conta. Posso fazer isso?

– Você o fará amanhã de manhã – disse o senhor indiano.

– Obrigada – disse Sara. – Entenda, eu sei como é sentir fome, e é muito difícil quando não dá nem para fingir algo diferente.

– Sim, sim, querida – disse o senhor indiano. – Sim, sim, deve ser. Tente esquecer. Venha sentar-se no escabelo perto de mim, e lembre-se só que é uma princesa.

– Sim – disse Sara, sorrindo –, e posso dar pães e doces ao povo.

Assim, ela foi sentar-se no escabelo, e o senhor indiano (ele às vezes também gostava que ela o chamasse assim) trouxe sua cabecinha de cabelos escuros para o colo e lhe fez cafuné.

Na manhã seguinte, a srta. Minchin, olhando pela janela, presenciou uma cena que lhe causou grande desgosto. A carruagem do senhor indiano, com seus cavalos altos, parou diante da porta da casa vizinha, e seu dono e uma figurinha, aquecida em peles macias e ricas, desceram os degraus para entrar. A figurinha era conhecida, e lembrava a srta. Minchin de tempos passados. Seguia-se de outra, igualmente conhecida, cuja imagem a irritou. Era Becky, que, no papel de uma dama de companhia alegre, sempre acompanhava sua jovem senhora à carruagem, carregando pacotes e pertences. Becky já estava com o rosto rosado e redondo.

Um pouco depois, a carruagem parou diante da porta da padaria, e seus ocupantes saíram, estranhamente, bem quando a padreira colocava uma bandeja de pãezinhos quentes na vitrine.

Quando Sara adentrou a loja, a mulher se virou e, deixando os pães, foi para trás do balcão. Por um momento, olhou para Sara com muita concentração, até seu rosto bondoso se iluminar.

– Sei que me lembro da senhorita – disse ela –, mas...

– Sim – disse Sara –, a senhora uma vez me deu seis pães por quatro centavos, e...

– E você deu cinco deles para uma criança de rua – interrompeu a mulher. – Sempre me lembro disso. A princípio,

não entendi.

Ela se virou para o senhor indiano e se dirigiu a ele:

– Perdão, senhor, mas não são muitos jovens que notam rostos famintos de tal forma, e desde então penso muito nisso. Desculpe pela insolência, senhorita – continuou, para Sara –, mas você está mais corada e... bem, melhor do que naquele... naquele...

– Estou melhor, obrigada – disse Sara. – E... muito mais feliz... e vim pedir-lhe um favor.

– A mim, senhorita!? – exclamou a padeira, com um sorriso alegre. – Ora, Deus lhe abençoe! Claro, senhorita. O que posso fazer?

Assim, Sara, encostada no balcão, fez sua pequena proposta que relacionava dias horríveis, crianças famintas e pãezinhos.

A mulher a observou, escutando com expressão surpresa.

– Ora, Deus a abençoe! – repetiu ao terminar de ouvir tudo. – Será um prazer. Sou uma mulher trabalhadora e não tenho como fazer muito sozinha, e há sinais de dificuldade para todo lado, mas, permita-me dizer, devo confessar que dei muitos pães desde aquela tarde chuvosa, só pensando na senhorita... e em como estava encharcada e fria, e parecia faminta, e ainda assim deu seus pães quentes como se fosse uma princesa.

O senhor indiano sorriu, sem notar, e Sara sorriu um pouco, também, lembrando-se do que dissera para si mesma ao deixar os pães no colo esfarrapado da criança faminta.

– Ela parecia tão faminta – disse. – Ainda mais faminta do que eu.

– Estava mesmo – disse a mulher. – Ela me contou muitas vezes desde então, que estava sentada ali ao relento, sentindo um lobo devorar suas pobres entranhas.

– Ah, você a viu outras vezes? – indagou Sara. – Sabe onde ela está?

– Sei, sim – respondeu a mulher, com um sorriso mais bondoso do que nunca. – Ora, ela está nos fundos, senhorita, e está lá faz um mês. E vai virar uma menina decente e competente, e me ajuda tanto aqui e na cozinha que você mal acreditaria, sabendo como viveu.

Ela seguiu para a porta da sala dos fundos, falando, e no minuto seguinte uma menina saiu, acompanhando-a atrás do balcão. Era mesmo a menina de rua, limpa e com roupas novas, parecendo não sentir fome há algum tempo. Ela era tímida, mas tinha um rosto bonito, não parecia mais perdida, e a expressão feroz sumira de seus olhos. Ela reconheceu Sara no mesmo instante, e se empertigou para olhar para ela como se nunca fosse parar de olhar.

– Veja – disse a mulher –, eu pedi para ela vir quando sentisse fome e disse que, quando viesse, eu podia lhe dar alguns trabalhinhos. Ela se mostrou disposta, e comecei a gostar dela. No fim, dei um trabalho e uma casa para ela, e ela me ajuda, é comportada e é a menina mais grata do mundo. Ela se chama Anne. Não tem outro nome.

As meninas se entreolharam por alguns minutos; por fim, Sara tirou a mão da luva, a esticou acima do balcão, Anne a segurou, e elas se encararam, olhos nos olhos.

– Fico muito feliz – disse Sara. – E acabei de pensar numa coisa. Talvez a sra. Brown permita que você dê os pães e doces às crianças. Talvez você queira fazê-lo, pois sabe como é sentir fome.

– Sim, senhorita – disse a menina.

E, de alguma forma, Sara sentiu que a compreendia profundamente, apesar de ter dito tão pouco, e só ter ficado ali parada, vendo-a sair da loja com o senhor indiano, entrar na carruagem e partir.



Compartilhando propósitos e conectando pessoas

Visite nosso site e fique por dentro dos nossos lançamentos:

www.gruponovoseculo.com.br



facebook/novoseculoeditora



@novoseculoeditora



@NovoSeculo



novo século editora



gruponovoseculo



.com.br